



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - ICH

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA-PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO (PPGHIS)

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA CULTURAL

LINHA DE PESQUISA - IDENTIDADES, TRADIÇÕES, PROCESSOS.

**-UM COTIDIANO PARTILHADO-
-ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DE BENZEDEIROS
E RAIZEIROS-**

(Remanescente de Quilombo de Santana da Caatinga - MG/1999-2.007)



Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria T. Negrão de Mello

Giselda Shirley da Silva

Giselda Shirley da Silva

**-UM COTIDIANO PARTILHADO -
-ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DE BENZEDEIROS E
RAIZEIROS-
(Remanescente de Quilombo de Santana da Caatinga - MG/1999-2.007)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História - PPGHIS- da Universidade de Brasília - UnB como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História. Sob a orientação da Professora Dra. Maria T. Ferraz Negrão de Mello.

JOÃO PINHEIRO, 2007
Universidade de Brasília-UnB

**-UM COTIDIANO PARTILHADO -
-ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DE BENZEDEIROS E
RAIZEIROS-
(Remanescente de Quilombo de Santana da Caatinga - MG/1999-2007)**

Giselda Shirley da Silva

BANCA EXAMINADORA

**PROF^a.Dr^a. Maria T. Negrão De Mello - UnB.
PROF. Dr.Victor Hugo Veppo Burgardt - UnB
PROF^a.DR^a. Nancy Aléssio Magalhães - UnB**

SUPLENTE

PROF^a.Dr^a. Eleonora Zicari Costa De Brito

A meus filhos,
Murilo Henrique, Higor Filipe e César Augusto,
Vocês são luz na minha vida, fontes de inspiração.

A Vandair que me impulsiona a seguir sempre adiante
e por partilhar comigo todos os momentos.

A meus pais que exerceram papel
Fundamental na minha vida.

A meus irmãos que sempre me incentivaram.
Aos moradores de Santana da Caatinga.

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. [...] A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda a sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda a sua intensidade.

Agnes Heller

AGRADECIMENTOS

Ser orientanda da professora Dr^a. Tereza Negrão F. De Mello consiste em um privilégio imenso. Suas leituras sempre cuidadosas, sua orientação precisa, clara e pontual, as longas reuniões de orientação em sua residência e seu interesse pela pesquisa, foram de grande relevância para a escrita desta dissertação. Sua grandeza intelectual e grande conhecimento enriqueceram minha investigação, ponderou sobre pontos importantes de reflexão, auxiliando-me em todos os aspectos possíveis. Como “filha intelectual” desta grande mestra, venho a agradecer o privilégio de todos os méritos desta dissertação.

Aos professores, Dr.Victor Hugo Veppo Burgardt e Prof^a.dr^a. Nancy Aléssio Magalhães, agradeço pela honrosa contribuição através das colocações apresentadas no momento da Qualificação, que foram fundamentais para que eu pudesse repensar alguns pontos deste estudo. As sábias colocações e reflexões demonstraram o olhar atento e o saber grandioso de pessoas que sabem aliar conhecimento, humildade e amor a História.

Agradeço a todos os professores a que tive o prazer de ser aluna ao cumprir os créditos na Linha de História Cultural na UnB. Participar dos Seminários e partilhar dos debates acadêmicos foi sumamente importante para esta trajetória. Saliento as contribuições dos professores Nancy Aléssio Magalhães, Márcia Kuyumjian, Jaime Almeida, Eleonora Zicari, Selma Pantoja, Cléria Botelho da Costa os quais foram professores das disciplinas nas quais participei. À Professora Cléria que me aceitou como aluna especial antes de ter ingressado no mestrado, pelo apoio e incentivo, minha gratidão.

Ao querido Vandeir, meu companheiro... Não tenho palavras para expressar tamanha gratidão pelo apoio e auxílio. Por não me deixar desistir, quando eu pensava não ser capaz, impulsionando-me a seguir sempre adiante, pela partilha das leituras e colocações tão sábias e pontuais nos diálogos acadêmicos, nas idas e vindas a Brasília, à Santana da Caatinga e no auxílio a essa pesquisa. Enfim, poderia enumerar centenas de motivos e falar... falar... Ainda assim, não conseguiria expressar valorosa contribuição. Partilho com você os méritos desta pesquisa.

À Maria Célia, amiga fiel, eu tenho muito a agradecer. Pela força, empréstimos de livros, orientações, leituras dos meus escritos e muitas outras manifestações de amizade e carinho.

É impossível não mencionar também, as valiosíssimas contribuições dos moradores de Santana da Caatinga que compartilharam comigo de suas lembranças e esquecimentos, narraram suas histórias, acolheram-me sempre com simpatia e generosidade.

Aos meus pais que cuidaram dos meus filhos e auxiliaram-me em todos os aspectos possíveis, minha gratidão!

À Secretária da Educação do Estado de Minas Gerais, pelo deferimento ao pedido de afastamento de minhas funções no cargo de professora para concluir o mestrado.

À Divina Pereira Morais, Diretora da Escola Estadual Frei Dionísio II, educandário onde leciono, agradeço pela compreensão e ajuda.

Ao Murilo Henrique, por ter me auxiliado de diversas formas neste período de ausência do lar. Ao César Augusto, Higor Filipe e Murilo Henrique, filhos amados, eu agradeço por compreenderem minhas ausências e pelas palavras de carinho durante toda essa caminhada.

À direção da Faculdade Cidade de João Pinheiro - FCJP meus agradecimentos pelo apoio e compreensão durante essa jornada de estudos.

À Cíntia, pela ajuda e apoio.

Agradecer não é tarefa fácil, pois corremos o risco de esquecer nomes e contribuições valiosas, por isso a todos aqueles que me ajudaram de uma forma ou de outra, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

A comunidade remanescente quilombola de SANTANA DA CAATINGA é cenarizada no período balizado nos anos 1999-2007. Tem-se como objeto o cotidiano dos atores sociais que a animam e, como objetivo, observar práticas e representações que ali afloram. À luz de referenciais buscados na História Cultural e tendo como suporte empírico fontes plurais que incluem entrevistas com narradores do lugar e documentação obtida em arquivos, o objeto foi construído de modo a sondar sentidos sobre memória, questões identitárias, embates cotidianos e o representacional que atravessa tais vetores. Um olhar mais detido direciona-se para as práticas dos benzedores e raizeiros. O argumento norteador, aliás, assentou-se na convicção de que a lida entre fontes e referenciais desvelaria um cotidiano pleno de permanências, reelaborações, táticas e embates, sobretudo no caso das práticas dos benzedores e raizeiros.

PALAVRAS-CHAVE: Remanescente quilombo, Identidade, Cotidiano, Benzedores, Raizeiros.

ABSTRACT

The remaining quilombo (in colonial Brasil, a community organized by fugitive slaves) - community of SANTANA da CAATINGA has its scene in the period baptized in the years 1999-2007. It aims the social actors' routine that entertains it and it also aims to the observation of practices and representations that happen there. Based on references searched in the Cultural History and having plural empiric sources supports including interviews with locals and documents taken from files, the object was built to find out evidences of memory, identity, daily issues, and the representacional that cross such vectors. A closer view directs to the practices of the healers and herb doctors. The guiding argument, in fact, based on the conviction that the mix between the references and the sources would show a daily full of permanences, reelaborations, tactics and questionings, specially in case of the sorcerers and the herb doctors' practices.

Keywords: Remaining quilombo, Identity, Daily, Healers and Herb doctors.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1- O OBJETO E SEU LUGAR - A CENOGRAFIA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA- 33	
1.1 - A diáspora negra e a formação de quilombos -----	33
1.2 - As comunidades remanescentes a partir da Constituição de 1988 -----	40
1.3 - Santana da Caatinga em perspectiva histórica. -----	48
1.4-A questão do território -----	68
1.5- A Identidade quilombola -----	76
2- PRÁTICAS CULTURAIS, COTIDIANO E RELIGIOSIDADE -----	94
2.1 - Modalizações do cotidiano: A lida com a terra, trabalho, festas, religiosidade ---- -----	99
2.2 - Manifestações religiosas dos moradores da Santana da Caatinga -----	111
3- BENZEDORES E RAIZEIROS: SABERES E FAZERES PARTILHADOS NA COMUNIDADE DE SANTANA DA CAATINGA -----	121
3.1 -A lida com o par saúde X doença -----	121
3.2 - Saberes partilhados: a utilização de raízes e ervas -----	125
3.3 - A arte de benzer -----	137
3.4 - A arte de benzer em perspectiva histórica -----	138
3.5 - Saúde x doença: uma modalização do cotidiano em Santana da Caatinga -----	147
3.6 - A arte benzer e o papel dos benzedores -----	154
3.7- Experiências e identidades - intervenção da igreja -----	159
CONCLUSÃO -----	174
FONTES BIBLIOGRÁFICAS -----	177

INTRODUÇÃO

*Sonhar é viver. Viver sonhando? Quem sabe...
Quando, não formos mais capazes de sonhar,
tenho certeza: Não mais estaremos vivendo,
mas, fingindo um viver.*

(Daniel Xerez Barroso)

Nossa vida é repleta de sonhos, aspirações que se sucedem e, de certa forma, guiam nosso caminhar. Debruço sobre os primeiros passos em direção ao sonho de “ir além dos limites de minha cidade” (João Pinheiro), ampliando minha visão de mundo. Procurei dar os passos para além do que minha vida cotidiana do interior podia oferecer.¹

O noroeste mineiro² inclui-se entre os rincões brasileiros que ainda preserva muito da cultura popular, principalmente dos costumes rurais, das tradições religiosas, da oralidade. Por

¹ Em 2.003, a admissão como aluna especial na disciplina “História, memória e Cultura” ministrada pela professora Cléria Botelho da Costa foi uma iniciativa sumamente importante nessa caminhada. Providencialmente, foi um seminário cujo programa, alude a questões da oralidade e da memória, sendo ambas, ferramentas importantes para meu trabalho. Embalada pelo espírito acadêmico, decidi tentar a seleção de mestrado nesta Universidade propondo estudar “*O significado cultural das benzeções para as benzedoras da Comunidade de Remanescentes de quilombos de Santana da Caatinga no município de João Pinheiro - MG*”. No processo seletivo do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília -UnB, do ano de 2.005, consegui a aprovação. Havia melhorado a discussão e o amadurecido em relação ao objeto. Foi naquela ocasião que, muito embora a Professora Tereza Negrão não estivesse oferecendo vagas, a professora Nancy Aléssio Magalhães ponderou que, como a Professora Tereza faz parte da Linha de Pesquisa: *Identidades, tradições e processos* e trabalha com o cotidiano e fenômenos urbanos, não só metrópoles, mas, grupos adjacentes, poderia orientar-me nessa pesquisa e ela, gentilmente, aceitou-me. Ao longo desse processo, cumpro com cinco seminários. Prossegui os contatos com a professora, orientando-me em relação aos textos que mais proximamente dizem respeito à minha proposta, a lida com o cotidiano, cidade, representações e tantos outros que possibilitaram essa reflexão e subsidiaram a elaboração desta dissertação. Estava resolvido que a principal base empírica deste estudo seriam as fontes orais. Assim, fiz muitas visitas à comunidade de Santana da Caatinga. Realizei e transcrevi várias entrevistas realizadas com os moradores de Santana da Caatinga. Realizei o levantamento de fontes escritas. O fato de trabalhar no Arquivo Municipal onde há documentos desde 1.911, possibilitou-me a coleta de dados acerca da localidade, tais como impostos sobre indústrias e profissões, diários de classe, fichas individuais, relatórios. Fiz várias incursões ao arquivo do Judiciário da Comarca de João Pinheiro, ao cartório de registros, onde analisei apontamentos de casamento, nascimento, terras, processos crime, inventários, arrolamentos, enfim, tudo que referisse à comunidade investigada. As fontes iconográficas, principalmente as fotografias, são importantes nesta pesquisa. Muitas delas do arquivo dos nossos narradores, outras, expostas na Casa da Cultura de Santana da Caatinga, bem como, o acervo pessoal com registros que ia realizando nas visitas a essa comunidade, buscando “ver” o lugar, os atores que o animam, seu cotidiano, alguns rituais de benzedura, bem como os santos de devoção a quem as benzedoras rogam na hora dos rituais.

² O Noroeste de Minas constitui-se em uma enorme vastidão territorial que engloba 19 municípios correspondendo a duas vezes o tamanho da Suíça. Possui aproximadamente 340.000 habitantes. A região noroeste divide-se em 2 micros regiões. **Micro-Região Paracatu:** Brasilândia de Minas, Guarda-Mor, João Pinheiro, Lagamar, Lagoa Grande, São Gonçalo do Abaeté, Varjão de Minas, Vazante. **Micro-Região Unaí:** Arinos, Bonfinópolis de Minas, Buritis, Cabeceira Grande, Dom Bosco, Formoso, Natalândia, Uruana de Minas. Esta é uma das maiores bacias leiteiras do Estado e possui um dos maiores rebanho bovino. O povoamento desta região deu-se em decorrência da

ser uma região constituída por 19 municípios, ocupando um território de 63.202,43 km², cerca de 10% da área total de Minas Gerais, distante dos grandes centros urbanos, constitui-se em um local com uma população rala e cidades pequenas.

Nesta região do sertão do noroeste mineiro, no município de João Pinheiro, recortei o **Plano de Observação desta pesquisa: Santana da Caatinga**³.

Em Santana da Caatinga, popularmente conhecida como Caatinga, uma comunidade de Remanescentes de Quilombo⁴, tive como **objetivo** investigar representações e práticas que afloram no cotidiano desses remanescentes, principalmente, no viés específico dos benzedores e raizeiros.

Meu **objeto de estudo**, portanto, é um olhar sobre o cotidiano dessa comunidade buscando perceber suas práticas e representações, lançando um olhar mais detido no conhecimento divinatório por parte de benzedores e raizeiros, na arte de benzer e a utilização de raízes e ervas.

Buscando perceber os sentidos possíveis e visando tecer os fios dessa história, recorro a Guimarães Rosa quando diz que “*Contar é muito difícil. Não pelos anos que se já passaram.*”

mineração e da criação de gado e até pouco tempo era considerada um enorme vazio territorial. Devido a distancia entre os municípios e da capital do Estado, esta região teve que se adaptar e procurar alternativas para o desenvolvimento. Apresenta diversidades regionais e culturais e mantém ainda muito da cultura do sertanejo, descrito por Guimarães Rosa em suas obras.

³ A Comunidade de remanescentes de Quilombo de Santana da Caatinga está localizada no município de João Pinheiro, noroeste do estado de Minas Gerais. Esta é uma das comunidades mais antigas do município. Pertencia até 1.911 a Paracatu do Príncipe, cidade mineradora do período colonial, passando a ser um distrito do município de João Pinheiro com a emancipação política deste. Foi reconhecida como tal pela Fundação Cultural Palmares no ano de 2.004. Está registrada no livro de cadastro geral n°. 001, registro 094, f.98, nos termos do decreto supra mencionado e da portaria interna da FCP, N°006 de 1° de março de 1.994, publicada no diário oficial da união n° 43 no dia 04 de março de 2.004,1, f 07, conforme certidão de auto-reconhecimento fornecido pelo presidente da Fundação Cultural Palmares. É um pequeno lugarejo onde quase toda a população é de cor negra, ou mulata. É uma comunidade pobre, onde muitos são analfabetos e a maioria possui poucos anos de escolaridade, principalmente em decorrência de ser oferecida na escola da localidade somente os quatro anos iniciais do Ensino Fundamental. Sendo a carência no aspecto educacional um dos fatores que mais contribui para a diáspora de muitos negros da comunidade em busca de escola para os filhos e trabalho. Esta cenarização acerca de Santana de Caatinga é apenas um sobrevôo sobre a comunidade em seus aspectos gerais, sendo que serão analisados mais detalhadamente nos capítulos a seguir

⁴ O Congresso Nacional decreta o Estatuto da Igualdade Racial e em seu capítulo V artigo 30 dispõe que: Consideram-se Remanescentes das comunidades dos quilombos, para fins desta lei, os grupos portadores de identidade étnica de preponderância negra, encontráveis em todo o território nacional, identificáveis segundo categorias de auto-definição dos agentes sociais em jogo. São terras ocupadas pelos remanescentes das comunidades dos quilombos todas as terras utilizadas para garantia de sua reprodução social, econômica, cultural e ambiental. (Estatuto de Igualdade Racial-Senador Paulo Paim, 2003, p 16-17).

Mas pela astúcia que tem certas coisas passadas - de fazer balancê, de se remexerem dos lugares”.

Santana da Caatinga situa-se em meio ao sertão mineiro, distando 125 quilômetros da cidade de João Pinheiro, sede do município com o mesmo nome. Sua extensão territorial é de 2.200 hectares. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística, a localidade possui uma população de 202 pessoas entre homens, mulheres e crianças, totalizando 98 homens e 104 mulheres, sendo em sua maioria, velhos e crianças. A maior parte dos moradores da comunidade são unidos por laços consangüíneos ou de compadrio⁵. Localiza-se na confluência de dois rios importantes da região, o rio Caatinga e o Paracatu⁶.

Santana da Caatinga data do século XVIII, sendo uma das povoações mais antigas do interior do sertão mineiro⁷. Em 2.004, conseguiu a titularização⁸ de “Comunidade de Remanescente de Quilombo” pela Fundação Cultural Palmares, o que vai dar outra visibilidade a essa localidade que por décadas ficou à margem, em um canto do município de João Pinheiro, cujos moradores parecem ter esquecido o quanto ela foi importante para o município no início de sua história. Apesar de Santana da Caatinga ter sido reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como remanescentes de quilombos, suas terras ainda não foram demarcadas.

⁵ Assim o definiu VAINFAS (2.000). Tornou-se a forma corrente de se referir ao estabelecimento de parentesco espiritual entre compadres, no momento do batismo cristão. Padrinho e madrinha tornam-se catolicismo, pais espirituais do batizando, estabelecendo parentesco espiritual com os pais carnis. Mas a utilização histórica do rito transcende o significado religioso. Além de significar o que serve de padrinho a um menino, também significa estar em boa amizade. Comadre, por sua vez, era indicada para nomear a parteira, além da relação dos pais com a madrinha. Apesar de o termo existir como referência às testemunhas do matrimônio, entre noivos e testemunhas do casamento não havia parentesco espiritual.

⁶ O rio Paracatu é um dos importantes afluentes do Rio São Francisco. Já foi navegado até os anos de 1.950, de sua barra, no São Francisco até o Porto Buriti, algumas léguas abaixo do Porto da Caatinga, em Santana da Caatinga. É muito procurado por pescadores pela variedade de peixe e pela qualidade.

⁷ De acordo com narrativas orais, o desenvolvimento de Santana da Caatinga baseou-se na prática como um entreposto comercial com o interior desse município, na lida com a terra e criação de animais, principalmente a pecuária, uma das principais fontes de renda da região. O cotidiano dos moradores de Santana da Caatinga restringe-se à economia de subsistência e organização familiar, com passagem do patrimônio cultural e religioso, de uma geração para outra, mantendo vivos os costumes, hábitos e tradições transmitidos pela via da oralidade.

⁸ A Fundação Cultural Palmares, órgão do Ministério da Cultura deverá garantir a expedição do título de reconhecimento de domínio, assistência jurídica, em todos os graus para a defesa de posse da terra das comunidades quilombolas. Prestará assessoramento aos órgãos de Defensoria Pública quando estes órgãos representarem em juízo os interesses dessa comunidade. Essa titularização (se individual ou coletiva) significa o reconhecimento da comunidade como descendentes dos antigos quilombos.



Fig. nº. 1: Neste mapa, temos o município de João Pinheiro inserido na microrregião do Paracatu, pertencente à mesorregião do Noroeste de Minas.

Fonte: wikipedia.org/wiki/imagemminasgerais-municip-joaopinheiro. sgv



Fig. nº 2: Visualizamos a localização geográfica do município de João Pinheiro sendo um de seus distritos, a Comunidade de Remanescentes de Santana da Caatinga. Este é o maior município em extensão territorial de Minas Gerais, medindo 14.551 Km². Divide-se na cidade sede do município e os distritos de Caatinga, Cana Brava, Veredas, Santa Luzia da Serra, Olhos D'água do Oeste, Luizlandia do Oeste. Município de origem: Paracatu.

Fonte: wikipedia.org/wiki/imagemminasgerais-municip-joaopinheiro. sgv

O desejo de realizar a presente pesquisa pode ser explicado por dois fatores: primeiro a observação da existência de possíveis lacunas na historiografia mineira, no que diz respeito ao noroeste e as comunidades remanescentes desta região⁹ e outro o meu interesse pelas práticas de benzedura e medicina popular praticadas nos sertões de Minas.

⁹ Existem hoje 17 comunidades catalogadas como remanescente de quilombo no noroeste mineiro. Algumas delas já conseguiram sua titularização, como Santana da Caatinga, outras ainda não. Baseando-me nos estudos do professor Anjos relato os municípios e as suas comunidades catalogadas nessa região: Brasilândia de Minas (Porto Antônia), João Pinheiro (Santana da Caatinga), Vazante (Bagres, Pamplona, Salobo, Veredas, Bainha e Cabeludo), Arinos

Benzeções é um tema que sempre despertou meu interesse e instigou-me muito. Presenciei, desde pequena, a realização de benzimentos feitos por meu avô materno, o Senhor “Zé do Lico” e essas práticas sempre me inquietaram. Na sua sabedoria de homem simples e com pouca escolaridade, possuía o “*dom da cura*”, o que fazia com que fosse sempre procurado pelas pessoas da vizinhança para serem bentas. Cresci vendo essas práticas e aquilo me inquietava.¹⁰ A opção por estender olhares às raizeiras deu-se em decorrência de ter percebido no desenrolar da pesquisa, a estreita ligação entre a benzedura e a utilização de ervas nessa medicina marcada pela generosidade e saber fazer, considerando que alguns males são curados somente com a oração e a fé, em outros casos necessita-se de orações atreladas ao uso de algumas ervas. Em alguns casos, somente os remédios são indicados por esses profissionais do saber, tais como: garrafadas, emplastos, chás e outras formas de utilização das plantas com fins medicinais.

Percebi a existência das práticas de benzimento e utilização dos remédios caseiros entre os remanescentes de Santana da Caatinga¹¹ quando conheci esta localidade por ocasião da realização de uma pesquisa¹² em 2003. Durante a realização dessa pesquisa percebi a ligação desses remanescentes com práticas ligadas ao sobrenatural, os conhecimentos que possuíam acerca das orações praticadas no cotidiano e os elementos da própria cultura que compartilhavam para enfrentar as dificuldades da vida.

(Morrinhos), Formoso (Família Costa Barbosa) Paracatu (Machadinho, São Domingos, Comunidade dos Amores, Comunidade da Lagoa, Cercado, Família dos Amaro, Pontal.) Cf. : (ANJOS, 2.006, p. 203-204·).

¹⁰ Interessei-me em tentar compreender melhor essa ligação com o sobrenatural, que por meio de gestos e palavras algumas pessoas conseguem proporcionar o bem-estar físico daquelas pessoas que as procuram. Morando em João Pinheiro, presenciei minha mãe levando meus irmãos às vizinhas que sabiam benzer, gesto que acabei repetindo com meus filhos quando pequenos. Portanto, o meu olhar em momento algum pode ser considerado isento de todas essas nuances de subjetividade.

¹¹ Ao utilizar o termo remanescente (s) nesta dissertação, ancore-me no documento já citado, emitido em 2.004 pela Fundação Cultural Palmares que reconheceu esta comunidade como remanescente de quilombo, emitindo-lhe o respectivo título.

¹² Na ocasião eu já trabalhava no Arquivo Municipal da cidade de João Pinheiro e estava concluindo um curso de especialização em História do Brasil na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MINAS). Como o trabalho de conclusão de curso, havia apresentado como proposta de pesquisa, conhecer a História do Município de João Pinheiro. O principal objetivo com aquela pesquisa realizada em 2003 era conhecer o processo histórico deste município e, não há como falar na história de João Pinheiro sem mencionar a importância que teve Santana da Caatinga neste processo, em um tempo que toda essa região constituía-se em um espaço com pouquíssima relação com os centros mais desenvolvidos. A falta de estradas, transportes, meios de comunicação, dentre outras dificuldades encontradas, dificultavam o acesso dos moradores da região com outras mais desenvolvidas. Objetivava com esta pesquisa que teve como uma das principais fontes, tecer uma narrativa acerca do tema, possibilitando aos meus conterrâneos conhecer um pouco mais da nossa história. Partindo da visão de que é de suma importância para o processo identitário, o conhecimento da história local.

Durante aquela pesquisa que realizada em Santana da Caatinga, percebi a rala produção historiográfica acerca da região noroeste do estado de Minas Gerais, principalmente das comunidades remanescentes de quilombos. Pensava na exclusão social e esquecimento histórico dos negros, particularmente os catinguenses. Surgia então, a idéia de problematizar e buscar compreender um pouco das representações, de sua história, saberes e práticas cotidianas. Conhecer é o passo principal para se preservar, fortalecer laços identitários. Desdobra-se assim, dos objetivos que nortearam este trabalho, a intenção de compartilhar o resultado desta pesquisa com estes remanescentes¹³, pois alguns estudos muitas vezes são feitos no âmbito acadêmico e não são partilhados com os atores sociais da comunidade observada, os quais narraram suas experiências e memórias.

Muitos questionamentos surgiram ao pensar nesta comunidade e nas representações destes acerca do seu cotidiano. Como é este lugar e como vivem os atores que o animam? Como eles se vêem? Como eles próprios se representam? Que representações as pessoas do lugar e o outro constroem a respeito do cotidiano desta comunidade? Em que condições históricas eles veiculam essas representações? Como se dá a transmissão/recepção das práticas culturais ligadas à manutenção da saúde? De que forma a intervenção da Igreja no combate às práticas da benzeção e das manifestações religiosas desses remanescentes são por eles representadas? O reconhecimento e a titularização¹⁴ de remanescentes torna-se um ponto de inflexão na vida deles, influenciando na sua confirmação identitária? Qual a importância das benzeções e utilização de ervas medicinais no cotidiano deles? Como as pessoas envolvidas nas benzeduras vêem e representam essas práticas? Quando e como se aprende o ofício da benzedura? Que representações essas pessoas que benzem veiculam sobre o par saúde-doença? Em que condições são procuradas? De que forma que as iniciativas externas à comunidade acabam afetando seus costumes? Qual o significado disto no cotidiano deles? Como se relacionam com a própria localidade? Como os saberes são transmitidos das gerações mais velhas para as mais novas?

Muitas dúvidas e questões permearam este estudo, fazendo-me refletir nas palavras da professora Tereza Negrão; “*A inquietação parece ser um atributo daqueles que se dedicam a*

¹³ Sobre este aspecto, aliás, ao serem inteirados da minha intenção de ali realizar uma pesquisa, muitos moradores observaram que gostariam de obter o retorno dos resultados, entendendo inclusive, que, de algum modo, o futuro trabalho poderia ajudá-los nas tantas dificuldades que enfrentam no cotidiano, inclusive acerca da divulgação de sua própria história.

¹⁴ Titularização de área quilombola expedida pela Fundação Cultural Palmares em 2004.

Clio, se entendemos que reverenciá-la significa sentirmo-nos permanentemente mobilizados por seus apelos, na polifonia dos sentidos que a palavra História encerra” (MELLO, 2001, p 40).

Na busca de sentidos possíveis, busquei dialogar com autores que partilham do solo da História Cultural, sendo as inquietações acima mencionadas, os eixos norteadores deste estudo.

Nesta parte introdutória, a intenção foi iluminar a pesquisa com alguns referenciais, fazendo um breve painel, pois no espírito do trabalho, um capítulo teórico quebraria a dinâmica do mesmo.

Essas práticas de benzedura e utilização de ervas medicinais são conhecimentos muito antigos que vão sendo recriados ao longo do tempo e nesta dinâmica constante de transmissão e recepção de saberes que não cessa nunca, há permanências, rupturas e apropriações no cotidiano. Como aponta Certeau (1994) “*o homem inventa o cotidiano graças às artes de fazer, astúcias sutis, táticas de resistência pelas quais se altera os objetos e os códigos, se reapropria do espaço e do uso a seu jeito*”.

Reconheço que fazer uma leitura dessas práticas e representações no cotidiano é um trabalho árduo, levando-se em conta a complexidade da realidade e das ações praticadas, na relação que se estabelecem com o meio, com os seus, e consigo próprio na construção da sua história. À primeira vista parece tarefa fácil, todavia, significa trilhar pelos caminhos da religiosidade, das crenças, dos saberes e práticas acumuladas e ressignificadas ao longo do tempo. Imagens, representações, usos e práticas culturais construídos em torno delas e por meio delas constituem, portanto, uma linha mestra desta pesquisa.

Foi importante considerar as práticas adotadas pela comunidade¹⁵ e as táticas adotadas por eles para vencer as dificuldades na lida cotidiana.

Para Certeau (op.cit, p. 91-106) há diferenças entre táticas e estratégias. No caso desta última, existe o quadro de ações racional de modo que se torna possível a definição do “gesto cartesiano”. O historiador pensa, por exemplo, em estratégias científicas, políticas, militares, ou empresariais. Já a tática, implicaria a astúcia, um movimento que opera no âmbito do campo da resistência, um recurso. Em suma, “a tática é a arte do fraco.” Neste sentido, penso na lida com o par “saúde-doença” e sua inscrição em um cenário atravessado por precariedades. Afinal, trata-se de uma comunidade sem respaldo de qualquer tipo de assistência médica. Assim, desdobrando

¹⁵ Para os catinguenses, comunidade significa local de vivências, experiências, Sentimento de pertencimento, familiaridade.

sentidos, parece plausível pensar nas benzeções como uma prática cultural preservada e também na perspectiva de uma tática de sobrevivência.

É relevante analisar estas práticas e como elas vão se constituindo no seio da sociedade, principalmente a partir da visão de mundo, como interpretam a sua realidade, buscando meios para minimizar as dificuldades cotidianas. Darnton ao pensar sobre as visões de mundo e como o historiador deve considerá-las, diz que “*as visões de mundo não podem ser descritas da mesma maneira que os acontecimentos políticos, mas não são menos reais*”. (DARNTON, 1.986, p. 39)

Ao se pensar sobre visões de mundo não podemos deixar de refletir sobre como esses benzedores e raizeiros vêem o mundo à sua volta, como interpretam sua própria prática e a missão que acreditam serem escolhidos de Deus para exercerem. Portanto, visualizo essas práticas como algo que perpassa pelo viés emissor/receptor. Ou seja, esses saberes adquiridos informalmente através da oralidade só continuam a existir no seio da cultura atual, porque encontra credibilidade por meio das pessoas com os quais convivem e que procuram essas práticas no seu cotidiano, sendo a fé um importante requisito, pois as pessoas procuram pelas benzeções porque elas têm fé.

Busquei destacar nesta pesquisa esse conhecimento empírico e divinatório dessas pessoas que benzem e acreditam serem escolhidas de Deus para receber o dom da cura contribuindo para a manutenção da saúde por meio das suas orações ou através da utilização de raízes e ervas medicinais, eficazes no tratamento de diversos males.

Raizeiros que “são doutores”, mas são “doutores da vida”, “diplomados” pela utilidade prática dos seus saberes na manutenção da saúde, através da utilização de plantas medicinais cultivadas nos quintais, nas portas das casas ou extraídas dos cerrados da redondeza numa integração homem/natureza. Algumas plantas colhidas verdes, outras secas, algumas colhidas ao raiar do dia após o orvalho da noite outras à tarde, antes do anoitecer. Os critérios adotados para a colheita das ervas dependem do tipo de planta ou remédio a ser fabricado, bem como o mal que a pessoa está acometida, sendo estes critérios importantes para garantir a eficácia do tratamento. Estas práticas voltadas para a manutenção da saúde em Santana da Caatinga, são tecidas em uma teia de solidariedade e sentimento de ajuda mútua. “*O próprio ofício da cura e do cuidado com seus membros estava marcado pela solidariedade*” (OLIVEIRA, 1985, p.19). Não há, contudo, como visualizar esses costumes, crenças, saberes e fazeres, sem pensar na história, na forma como esses remanescentes de quilombo a representam.

Entendo a escrita da história como uma construção humana, “*que não há historiador que reproduza o vivido tal qual foi vivido*”. (REIS, 2.002, p. 20) Considero ainda que “*o que fica do passado são os discursos que nele se produziram, juntando se a ele outros discursos que ainda serão produzidos.*” (BRITO, 1.994, p. 190) É preciso olhá-las com olhar desconfiado, não pensando ver ali o passado tal qual ele foi, mas como ele ficou nos discursos deixados pelos atores sociais que o produziram, sendo estes também, filhos do seu tempo. Busca-se compreender as condições e possibilidades em que se deu essa existência, através das pistas, rastros que esses discursos deixaram sobre as ações ali acontecidas, interpretações estas que trazem imbricadas também o olhar de quem lê estas fontes. “*A realidade contida nos documentos não está ali inerte a espera de ser decifrada. Ela é uma construção de significados atribuídos por quem a registrou e por quem interpreta o registro*”. (PIMENTEL, 2.005, p.3)

A crise de paradigmas pelas quais passaram as ciências humanas, sobretudo a História, jogou por terra velhas certezas. O historiador lida em uma área de incertezas, de saberes temporários, conhecimentos que são construídos/reconstruídos no decorrer do tempo. Darnton “*ressalta a impossibilidade de cada um de nós chegarmos a respostas definitivas. As perguntas mudam e a história nunca pára não nos sendo concedidos os limites finais, ou as últimas palavras.*”(DARNTON, op. cit, p. 336) No entanto, o historiador não fala aleatoriamente. Está preso a um referente. “*Nós devemos dispor de evidências para sustentar nossos argumentos, não podemos simplesmente extraí-los de nossas cabeças.*” (Idem, p. 240) Através de sinais, indícios, pistas, fragmentos, o historiador busca compreender um pouco da realidade através do uso do faro, visão, raciocínio, análise, como o caçador habilidoso que usa dos sentidos apurados para conhecer o desconhecido. Para Certeau “*escrever história é gerar o passado, circunscrevê-lo, organizar o material heterogêneo dos fatos para construir no presente uma razão.*” (CERTEAU, op. cit, p. 181).

Com esta pesquisa não visou, portanto “conceituar”, ou deter o conhecimento acerca das benzeduras e das plantas medicinais para a manutenção da saúde, mas visou perceber como essa prática é entendida e representada por seus próprios praticantes em Santana da Caatinga, buscando perceber sentidos possíveis.

Como um dos frutos da crise do modelo epistemológico da história, posso perceber o crescimento da análise historiográfica sob o viés cultural, ampliando seus leques de abordagens,

lançando olhares sobre atores sociais e questões que não eram miradas por uma história que privilegiava grandes nomes e feitos.

Nada relacionado com o mais ínfimo do que é vulgar pode ser estranha a nossa investigação, e menos ainda, escapar a nossa atenção: nada que diga respeito à aqueles que ocupam o lugar mais humilde, embora de modo algum menos importante na distribuição política dos seres humanos. (BRAND apud THOMPSON, 1.998, p. 13).

Essa nova forma de ver e pensar a História possibilita também a ampliação das fontes, permitindo o trabalho com histórias de vida, fontes orais, dentre outras, levando em consideração todas as formas de registros da ação humana.

Buscando compreender as múltiplas formas como os homens e mulheres viveram e pensaram suas vidas, suas práticas e suas sociedades, encontrando alternativas para sua sobrevivência, Darnton confessa que “*acho interessante é descobrir como as pessoas comuns entendem o mundo e desenvolvem estratégias para lidar com as dificuldades que as cercam*”. (DARNTON, op. cit, p.39) Estas análises encontram solo fértil no campo da História Cultural:

o principal objetivo da História Cultural é identificar como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída e pensada e dada a ler”, refletindo que “não é possível entender uma história cultural, desconectada de uma história social, pois as representações são produzidas a partir de papéis sociais.(CHARTIER, 1.990)

Pesavento reflete sobre as contribuições da História Cultural dizendo que “*ela está dando uma nova forma de a História trabalhar a cultura,*” (PESAVENTO, 2004, p.15).

Penso na História como um “*estudo de processos com os quais se constrói um sentido*”. (CHARTIER, 1987, p. 56). Assim, a proposta desta pesquisa foi trabalhar com cultura como produção de sentidos. Ao refletir sobre o tema, precisa-se levar em consideração que cultura é uma noção absolutamente polissêmica. Na polissemia de que se reveste a noção de cultura no presente trabalho, posso dialogar com autores como Stort:

Cultura é o meio pelo qual o indivíduo tem acesso ao mundo exterior e a sociedade em que vive. Ela lhe fornece os elementos da compreensão de uma situação no mundo e na sociedade e também os princípios orientadores para sua conduta e adaptação às diversas situações de vivência. Estes princípios de explicação e de orientação devem formar um sistema integrado e coerente que permita ao indivíduo sentir-se e atuar de modo consistente. (STORT, 1993, p. 26)

Este é um campo fértil para se buscar compreender os indícios e as questões relacionadas às práticas cotidianas que constituem a imensa teia cultural.

Esta pesquisa compreende o período de 1999 a 2007. Entretanto, a própria natureza da pesquisa sugeriu a flexibilização destes marcos e pautou alguns pontos de inflexão. Como se verá no primeiro capítulo deste estudo, procurei fazer uma abordagem que, embora breve, afasta a baliza inicial situando-a nos primórdios da atual comunidade trabalhada.

Quanto ao período de 1999 a 2007, a escolha da baliza inicial deveu-se a vários pontos de inflexão verificados na conjuntura dos anos 90, do século XX. Refiro-me ao combate à religiosidade negra e às benzeções no quilombo pelo Movimento da Renovação Carismática da Igreja Católica.

Posso destacar também como um outro ponto de inflexão nesta pesquisa, o trabalho realizado pelo sociólogo Ribeiro¹⁶ que constatou ser Santana da Caatinga uma comunidade de remanescentes de quilombo, cujo resultado foi compartilhado com a comunidade. No ano 2000, o grupo “Fala Negra de Paracatu” em parceria com a Fundação Cultural Palmares, realiza um trabalho¹⁷ de catalogação das comunidades quilombolas na região do noroeste de Minas Gerais. Com a posse dos dados de Santana da Caatinga, o líder do “Fala Negra” visita essa comunidade, orientando-os acerca do pedido de auto-reconhecimento e os direitos previstos na Constituição para essas comunidades.

Esses fatores vão de certa forma tornar-se um vetor na identidade dos catinguenses, pois desde então, buscaram o reconhecimento como remanescentes quilombolas.

Um dos interesses desta pesquisa foi analisar, a partir deste reconhecimento, o que mudou no cotidiano deles. Como era antes e o agora? Que representações constroem acerca disto? Como

¹⁶ Pesquisador que realizou um estudo sobre a comunidade de Santana da Caatinga - MG em 1999 e apresentou para as lideranças da comunidade o resultado das suas pesquisas, sendo este um dos vetores identitários desses remanescentes. RIBEIRO é Sociólogo, Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1993), doutor em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2002) Atualmente é Professor Adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Rural.

¹⁷ Foram contratados pelo Fala Negra, vários pesquisadores para realizar este trabalho. Utilizaram como recurso metodológico um questionário aplicado aos moradores de localidades com predominância de pessoas de cor negra e com indícios de serem antigos quilombos. Tomaram como parâmetro o modo de vida deles, a religiosidade, as festas, a forma de organizar a economia, a utilização de plantas e ervas na manutenção da saúde, a história repassada de geração em geração, a ligação com a terra, entre outros dados presentes no questionário.

eles expressam a forma como eram e são vistos pelos conterrâneos antes e depois do reconhecimento? Estes são desdobramentos dos argumentos centrais que me interessam nesta pesquisa.

Em virtude disso, busquei direcionar esta pesquisa entre os remanescentes quilombolas procurando compreender as diferentes leituras feitas pelos membros dessa comunidade sobre o seu grau de pertencimento e de ressignificação cultural a partir do momento em que definiram como remanescentes. E então mergulhar nesse cotidiano dinamicamente construído/reconstruído por relações sociais, práticas culturais, dentre outras, verificando como os laços afetivos, religiosos, identitários, sociais, saberes e fazeres como a prática da benzedura e utilização de raízes e ervas mantém viva a identidade e cultura destes atores sociais, desvelando caminhos que fortaleceram e fortalecem o grau de pertencimento destes com sua etnia. Este ponto é fundamental neste estudo

Quanto á definição do primeiro semestre de 2007 como o recorte final desta pesquisa, cabe assinalar que a conduta aqui adotada filia-se à noção de “corpus dinâmico”, sugerida por Serrani. Para esta pesquisadora, “*o momento do corpus não precisa ser o inicial da pesquisa, por outra parte, também a sua finalização pode ser concomitantemente com desenrolar do percurso*”. (SERRANI, 1.993, p.53-67). Muito embora, esta concepção de Serrani se ajuste à conduta de uma analista de discursos, ela vale também, por razões outras para a presente investigação. Melhor explicando-me, o corpus documental foi efetivamente selecionado, mas foi ampliado no “fazer da pesquisa”. Cabe ressaltar, entretanto, o caráter exploratório deste estudo.

Na verdade, na polissemia do que se reveste a própria noção de cultura, constitui um terreno complexo, tanto mais, quando o que se retêm, é o viés que articula cultura e religiosidade. A raiz etimológica da palavra “texto” segundo vários estudiosos remetem à idéia de tecido ou trama. Neste entendimento e dialogando com Muniz Sodré, Oliveira (2001, p. 20-29) enfatiza os nexos da cultura como o simbólico, o real e o identitário.

As colocações de Certeau sobre “espaço e lugar”, levaram-me a leitura do historiador francês. Afinal, para ele, o espaço é “um lugar praticado” e, neste entendimento, permito-me pensar no meu plano de observação como um lugar praticado.

Do mesmo modo, o encontro com Mafessoli foi providencial para a reflexão sobre o cotidiano como espaço de celebração, sociabilidade. (MAFESSOLI, 1984, p.60)

Busquei embasar-me em vários estudiosos do cotidiano e cotidianidade já que se inscreve nessa proposta a encenação cotidiana desta comunidade trabalhada. Assim, além do já citado Mafessoli lembro, entre outros, ZACCUR (2003) cuja perspectiva adotada em relação ao cotidiano sugere pistas para esta dissertação. Zaccur refere-se ao irrepitível das práticas cotidianas atravessado por iterâncias, ou seja, um processo de repetição que se recria. (op cit, p. 180). Ora, na minha pesquisa interessam-me as reelaborações, as ressignificações e incorporações na prática dos benzimentos por entendê-las no âmbito de um processo que não se engessa e, ao mesmo tempo, guardam suas marcas historicamente construídas.

É ainda em Zaccur que encontro uma proposta de trabalho com o cotidiano, uma perspectiva que se aparta da objetividade, de que se reveste uma proposta de trabalho sobre o cotidiano. Nesse trabalhar com o cotidiano, apresento como pressupostos, além do conhecimento, a sensibilidade, a intuição.

Pode-se perceber como a religiosidade é um requisito importante ao se pensar nestes remanescentes.

A religiosidade ainda é hoje muito forte entre as comunidades negras, cito o catolicismo, pelo menos aparentemente, a única religião permitida e praticada. Aparentemente, porque as benzeduras, a prática do curandeirismo, o chamanismo, a puçanga (feitiço), a encomendação leiga das almas também fazem parte de um universo cultural caracterizado pelo sincretismo religioso, traço forte de identidade dessas comunidades, assim como dos mocambeiros. (FUNES, 1996, p.476)

A questão da religiosidade perpassa todo esse estudo. Consultei vários autores que se dedicaram ao simbolismo nas religiões, cujos textos, centrados em práticas da religiosidade afro-brasileira sugeriram pistas para o meu percurso, até por conta da inclusão nesses estudos dos registros do imaginário.

Santana Caatinga já foi outrora mais povoada, em decorrência disto, os atores sociais, possuidores da sabedoria de lidar com plantas para fins medicinais e possuidores do dom de curar, foram muito mais procurados, tempo em que era o principal ponto de entrada e saída de mercadorias do município de João Pinheiro através do transporte fluvial. Nessa época, o fluxo de pessoas era bem maior não havendo nem hospitais ou farmácias no local, sendo as benzedoras, raizeiras e parteiras figuras de vital importância.

No limiar do século XXI, Santana da Caatinga possui apenas um posto de Saúde com atendimento mensal de um clínico. Nos demais dias, fica uma funcionária que iniciou em 2007 o

curso de enfermagem, mas não dispõe de recursos para atender às necessidades da comunidade. Assim, as benzedoras e pessoas que possuem o saber acerca da utilização de plantas para a manutenção da saúde ainda são procuradas com grande fé, por pessoas de diversas idades e com diferentes problemas, buscando o alívio através das orações e das ervas.

A proposta fundamental do presente trabalho se ajusta no axioma de que esta crença é fruto de uma cultura que permeia a classe mais pobre e própria do universo simbólico. Universo marcado pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades médico-religiosas, ligadas ao par saúde X doença.

Podemos perceber que mesmo com os combates às manifestações da religiosidade popular, como no caso em questão a utilização das benzeduras, feitos por instituições religiosas, sejam de ordem pentecostais ou não, como em Santana da Caatinga, pelo Movimento da Renovação Carismática, não conseguem diluir esses saberes e fazeres, pois estas práticas permanecem imbricadas no seio da sociedade. Essas práticas permanecem por serem ligadas a vida, a saúde e a religiosidade desse povo. Pode-se entender a presença e permanência dessas práticas como uma forma de resistência à indiferença, tentativa de manipulação e combate.

Para ser um benzedor, é preciso antes de tudo ter fé e acreditar no poder das rezas, isto é fundamental. Para que essa crença cresça é preciso mergulhar no envolvimento de sua magia e conhecer as práticas que levam a razão desse modo de crer e se tornarem um ato vivo dentro da concepção de cada um, como força de um poder emanado do sobrenatural, transportado para um ritual de homens. Este constitui no argumento central deste trabalho.

Enfatizo que esta proposta é a de fazer uma leitura da comunidade de Santana da Caatinga e as representações que eles constroem a seu respeito. Dessa forma, busco ver a localidade e as práticas culturais como a benzedura e a utilização de ervas medicinais representadas no seu cotidiano como um texto que pode ser dado a ler. Mas, como ler as representações que os do lugar e outros constroem acerca do cotidiano dessa comunidade e destas práticas?

Deixei intencionalmente para o final desta introdução, minhas incursões sobre a memória, por entender sua especial afinidade com uma das fontes primordiais desta pesquisa: as fontes orais.

Mesmo com as dificuldades inerentes ao fato de lidar com conceitos polissêmicos tais como memória e história, é importante a tentativa de definir as noções centrais para o trabalho. A memória é, para alguns, uma faculdade de reter idéias, impressões e conhecimentos adquiridos

anteriormente, é natural do homem, intrínseca a ele. Já a história é uma ciência e método que permite adquirir e transmitir conhecimento, ou seja, depende de uma elaboração humana. Magalhães diz que “*a história constitui-se de memória, constitui-se de experiências comunicáveis, como possibilidade de outras significações, tecidas com o esquecimento e a recordação*” (MAGALHÃES, 2001, p.103). A memória não é algo estático, imutável, mas à medida que relembremos, nós reelaboramos em nossas mentes o passado, enchendo-o de significados.

O que busquei com a documentação oral foi à abordagem do sujeito a partir de sua experiência social e seus símbolos culturais. Nesse sentido, procurei uma integração da perspectiva histórica a partir da história oral, levando em consideração o seu contexto, suas experiências, buscando então, um possível entendimento do universo cultural da pessoa entrevistada.

Ao narrar é preciso lembrar que narrar não é apenas contar, é muito mais que isso. Ao narrar, a pessoa está rememorando suas experiências, organizando, reconstruindo as imagens que ficaram desse tempo que já se foi, trazendo para o presente suas experiências passadas e também esquecendo. Ocupam nesta pesquisa, a narrativa e a oralidade, importantes papéis para a busca do saber. “*Insisto nos termos narrativa e oralidade. Ambas se desenvolveram no tempo, falam no tempo e do tempo, recuperando na própria voz o fluxo circular que a memória abre do presente para o passado e deste para o presente*” (BOSI, 2003, p. 45)

Partindo desta perspectiva, a memória ocupa papel de grande relevância, pois é imprescindível ao falar em história, falar em memória, sendo esta um instrumento valioso para o historiador. BOSI lembra ainda que:

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. (Idem, p. 31)

Ao trabalhar com memória, o historiador lida com imagens do passado que vão se reconstruindo no presente. Mas, memória não é somente aquilo que é lembrado, significa também pensar no esquecimento, pois a memória é seletiva. Ela guarda aquilo que ela acha importante para o ser. O silêncio faz parte da memória. Memória não é somente lembrar, mas também

esquecer. Silenciar. Lembrança e esquecimento. Lembramos do passado não como ele realmente foi, mas como ficou nas nossas lembranças.

Ao falar em memória recorre-se constantemente à identidade, da mesma forma que falar em identidade significa também pensar em memória. Conhecendo a importância da memória e das narrativas orais das pessoas do local para o conhecimento e preservação da história e das práticas culturais em questão, busquei colher as narrativas orais dos remanescentes cruzando-as com teorias, todavia, priorizando a abordagem do narrador a partir de sua experiência social e seus símbolos culturais. Ao selecionar esses narradores que comporiam o quadro de entrevistados, tive o cuidado de selecionar alguns idosos, para observar como seus conhecimentos, saberes, experiências são transmitidos e apropriados pelas gerações mais novas. Bosi ressalta:

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político e etc.) e que existe transmissão de valores, de conteúdos, atitudes, enfim, os constituintes da cultura. (ibidem, p.15)

A influência mútua entre narrador e ouvinte é de suma importância no trabalho com narrativas orais. Uma história de vida é uma riqueza grandiosa, mas ela não é compartilhada com qualquer um, é necessário criar laços de confiabilidade para que alguém compartilhe sua intimidade, por isto, desde as primeiras visitas a essa comunidade para a realização da pesquisa, procurei criar vínculos de amizade e simpatia, visando conquistar a confiança dos narradores de Santana da Caatinga. Nesse sentido, relatou à mesma Bosi:

O principal esteio do meu método de abordagem foi à formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito. (Idem, 1998, p.37).

Busquei trabalhar a leitura das práticas e representações e a utilização das rezas, raízes e ervas no cotidiano a partir do ponto de vista do morador de Santana da Caatinga, chamando-o para o centro da página. Assim, procurei estabelecer um relacionamento agradável com a comunidade desde a primeira visita. À medida que as visitas se tornaram mais frequentes durante

o desenrolar da pesquisa, ampliava-se o prazo do diálogo com os narradores¹⁸. Muitas vezes, a conversa continuava a se estender enquanto serviam um almoço, jantares, cafezinho e biscoitos caseiros, na maioria das vezes feitos no fogão à lenha e servidos com muita simplicidade, mas regado com cordialidade, onde cada um procurava servir o melhor que tinha em suas residências.

A seleção das pessoas entrevistadas foi realizada a partir de critérios para delimitar dois grupos de pessoa, sendo um deles composto por três benzedoras e raizeiras e dois benzedores que ainda praticam o ofício e residem na comunidade.

Um segundo grupo selecionado para a pesquisa foi composto por doze pessoas que se utilizam dessas práticas. Optei por trabalhar neste segundo grupo com uma subdivisão, compondo uma amostragem da população em sexo e faixas etárias diferentes. Selecionei seis mulheres e seis homens divididos igualmente, sendo que o mesmo critério de divisão foi feito para ambos os sexos. Busquei selecionar este grupo entrevistado, pessoas de faixa etária diferentes, mas oriundos do mesmo grupo familiar como pai e filho, mãe e filho, objetivando assim, perceber a força da transmissão oral, como é repassada a história, os saberes e fazeres das gerações mais velhas para gerações mais novas, na tentativa de avaliar o que elas conhecem do grupo, de seus costumes. Assim, analisa Hall:

Na tradição oral a narrativa, tanto a que diz respeito ao passado mais distante quanto ao que se refere ao passado recente foi, e ainda é, importante suporte na educação dos jovens, da conservação e difusão do saber, da transmissão de hábitos. O relato oral sobre o qual se apóia é uma das mais antigas técnicas de elaboração da história oral. (HALL, 2001, p.72).

Trabalhei com núcleos famílias diferentes, apesar de serem todos, na sua grande maioria, unidos por laços consangüíneos ou de compadrios, Como relatou Anderson¹⁹ “aqui, *se você for olhar direitinho... assim parentes distantes, você vai ver que todo mundo aqui na Caatinga é parente... mesmo que seja longe.*”.

Busquei entender como os saberes e fazeres são percebidos, transmitidos, criados/recriados no seio da sociedade. Apesar do foco de pesquisa girar em torno das representações que esses benzedores emitem, lancei olhares também sobre quem recebe a benção, pois há uma interligação

¹⁸ Os narradores acima citados são os moradores de Santana da Caatinga, selecionados previamente para serem entrevistados nesta pesquisa.

¹⁹ É um dos narradores dessa pesquisa, seus ancestrais residiam na comunidade. Ele reside na comunidade, juntamente com sua mãe que é a presidente da Casa da Cultura de lá. Entrevista concedida em sua residência em novembro/2006.

entre esses atores sociais que perpassa pelo viés emissor/receptor. Essas práticas não continuariam a existir senão tivessem receptividade.

Lancei olhares também sobre as lideranças da igreja católica que atuaram e atuam nessa comunidade no decorrer do tempo delimitado na pesquisa, sendo entrevistados no total, três padres. Busquei perceber através das entrevistas com estes padres que representações aparecem nos seus discursos acerca destas práticas e do papel exercido por essas benzedeiras, uma vez que estas são católicas e afirmam haver discursos de movimentos da Igreja que combate estas práticas.

O trabalho com memória e as fontes orais, são assim de grande relevância para a pesquisa. Bosi nos diz que “*A memória é um instrumento poderoso se desejamos constituir a crônica do cotidiano*”. (BOSI, 2003, p.15) Permitem-nos perceber histórias não registradas, vozes silenciadas. Muitas são as riquezas contidas nas memórias das pessoas, muitas das quais morrem sem partilhar seus saberes, experiências, histórias e memórias, por falta muitas vezes de ouvidos dispostos a ouvir... Permite-nos compreender como as pessoas perceberam e representam os fatos passados em suas narrativas, podendo construir uma história onde possam aparecer outros personagens, fatos. Não pretendo com isto, dar a idéia de uma história “mais importante” ou “mais verdadeira” que outra, mas permitir que diferentes narradores contribuam com o relato de suas experiências e vendo-se como construtores da sua comunidade, sua história contribuindo assim para o fortalecimento da identidade individual e coletiva.

Não cabe substituir uma visão por outra, muito menos valorizar e/ou buscar o que seria, pretensamente, a mais verdadeira. O que se trata é democratizar um pouco mais a discussão, é de evocar infinitamente outras vozes, outros saberes, outras imagens, outras histórias. Porém, a mera multiplicação e visibilidade destes suportes e pessoas não garantem esse esforço, porque rememorar e registrar a história significa lidar com seres de carne e osso, que constroem essas experiências, essas relações entre presente, passado e futuro, essas memórias e histórias, como seus protagonistas. Trata-se, então de considerá-los como portadores de direitos sempre renovados, que emergem numa produção incessante de outros sujeitos em luta pela cultura, educação, saúde, moradia, transporte, pela vida. (MAGALHÃES e LITWINCZIK, 2001, p. 9).

Objetivando colher os depoimentos e conhecer mais sobre a religiosidade e práticas culturais dos remanescentes, realizei uma pré-entrevista, falei sobre os objetivos da pesquisa e agendei uma data e horário para a sua realização. Prefiri colher às narrativas no domicílio do narrador onde pude desfrutar de sua hospitalidade e partilhar seu espaço, estabelecendo laços de

amizade e simpatia com os mesmos, procurando assim, minimizar um pouco a relação entrevistado/entrevistador marcada pela diferença.

A técnica adotada para as entrevistas foi história de vida, permitindo que o narrador tivesse liberdade para narrar suas lembranças e falasse daquilo que considerasse importante. Suas lembranças são fontes nas quais busquei beber para perceber parte desse universo cultural riquíssimo e do qual pouco se conhece. Bosi diz que: “*A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado (...) Uma história de vida não é para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu*”. (BOSI, 2003, p. 15 e 69)

O tempo previsto para a realização de cada entrevista foi de aproximadamente duas horas, porém, ao realizar a mesma, esse tempo se diversificou de acordo com a receptividade e conduta dos narradores. Muitas vezes a conversa animada em tom de partilha, a entrevista se estendia para além das duas horas previstas anteriormente na organização do cronograma. Em outros casos, o narrador se cansou durante a fala ou o assunto era curto porque o narrador era de poucas palavras, então a entrevista realizava-se em tempo menor.

Em decorrência das muitas visitas realizadas na localidade, fomos constituindo laços de amizade que estão se fortalecendo com o tempo. Durante a pesquisa, muitas vezes fui convidada a partilhar o almoço na cozinha, sentada às voltas do fogão de lenha, ou tomamos o cafezinho feito na hora, geralmente oferecidos com o que havia de melhor na casa, como o biscoito de queijo quentinho ou o pão sovado que havia sido comprado na cidade, guardado dentro das latas para ocasiões especiais. São momentos ricos, pois além da partilha do café ou almoço, acabamos por ouvir muitos causos, alguns deles gravados, outros não. Alguns contam determinados fatos em confiança ou após o término da entrevista, acompanham até a porta da rua e ainda contariam muito mais se fosse possível ficar e ouvir... Nesse sentido também relatou Bosi:

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos alguns fragmentos. Frequentemente, as mais vivas recordações, afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidencias. Continuando a escutar ouviríamos tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito. (BOSI, 1998, p. 39)

As interrupções só ocorreram quando estritamente necessário, evitei intervir, induzir as respostas, ou emitir juízo de valor. Utilizei gravadores, máquina fotográfica e além das gravações, fazia anotações em cadernos, buscando captar o máximo possível de informações, registrando os gestos, emoções, silêncios, sorrisos. Fui realizando essas anotações durante as falas, procurando captar no máximo cada momento das entrevistas e seus desdobramentos. Busquei interpretá-las levando em conta as diversas facetas do olhar à história das benzedeadas da Santana da Caatinga, bem como, as representações que os catinguenses emitem acerca do seu cotidiano e das práticas de benzeduras e utilização de remédios caseiros.

A história é importante para se conhecer o passado, mas é importante pensar que toda história é o reflexo daquele que a narrou, ou seja, na sua narrativa está a sua maneira de pensar, viver e sentir os fatos, sendo a história contida de muitas verdades. Diante desses novos paradigmas e dessa nova forma de se pensar a história, não procurei constatar a veracidade dos fatos narrados pelos depoentes, pois eles falam do que lembram e como lembram. A narrativa é a representação de como ele concebeu o passado e o representa em suas lembranças. *“A verdade do narrador não nos preocupou, com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da historiografia oficial.”* (BOSI, idem, p. 37).

Apesar de ter privilegiado as fontes orais, as outras fontes foram também igualmente importantes, pois elas se completam, uma não substitui a outra. Busquei compreendê-las cruzando-as e interpretando-as à luz de teorias que inspiram sentidos possíveis. Nesse sentido, busquei fazer a análise das entrevistas à luz de referenciais teóricos. *“Os depoimentos colhidos, por mais ricos que sejam não podem tomar o lugar de uma teoria”.* (BOSI, 2003, p. 49)

Recorri aos livros de registros e apontamentos do antigo cartório de Santana da Caatinga, os dados obtidos pelo antropólogo Dr. Ricardo, documentos e livros de registro do Arquivo Municipal de João Pinheiro, município do qual o Quilombo de Santana da Caatinga é um Distrito. O Jornal “O Catinguense”, folhetos e convites para as festividades da comunidade, dentre outras formas de documentação as quais fazem parte do acervo pessoal de alguns entrevistados.

As fontes iconográficas foram também importantes na pesquisa, possibilitaram conhecer um pouco o cotidiano da comunidade. As imagens não ilustram este trabalho, é o acervo iconográfico uma fonte como as demais. Ao trabalhar com a imagem como fonte de pesquisa, estou buscando estabelecer um diálogo entre o texto escrito e a imagem.

A utilização das imagens no universo da pesquisa muito tem contribuído para se conhecer um pouco sobre as crenças, a cultura, o modo de ser e ver das pessoas em seu tempo, a forma como elas vêem e representam seu mundo. Todavia, ele ressalta e alerta com relação ao uso da iconografia²⁰ no universo da pesquisa, pois se trata de uma fonte como qualquer outra e deve ser vista levando-se em consideração as tradicionais críticas às fontes.

O mundo da iconografia é amplo e engloba muitos e variados tipos de imagens, mas optei por trabalhar com imagens fotográficas, tanto fotografias mais recentes pertencentes ao meu acervo pessoal, registradas durante a pesquisa, mas também imagens mais antigas pertencentes aos arquivos dos moradores da comunidade e outras em exposição permanente na Casa da Cultura de Santana da Caatinga. Estas fotos são importantes para perceber como as pessoas se representavam no seu cotidiano, mas também, como quiseram ser vistas e lembradas²¹.

Busquei analisar nesta coleta de dados, documentos em vídeos com narrativas de moradores, festas e momentos do cotidiano da comunidade as quais foram sendo registradas e fazem parte do acervo da Casa da Cultura de Santana da Caatinga. As imagens dos santos de devoção desses benzedores, tanto em forma de pinturas nos quadros expostos nas paredes das suas casas, como as esculturas dos santos confeccionados em gesso, descansando nas mesinhas ou nos altares fixos das salas desses religiosos que praticam a arte de benzer.

Lancei olhares sobre o universo simbólico utilizado por esses benzedores no momento da benzeção, procurando relacionar os objetos à sua significação no momento do ritual da benzedura. Esses objetos variam de cultura, finalidade. São geralmente objetos que fazem parte da realidade do benzedor, bem como, tem relação com o mal que à pessoa está acometida. Os objetos variam desde um novelo com linha, pano branco, folha verde, sal, garrafa com água, dentre outros, aqui interpretados como parte deste universo simbólico riquíssimo.

²⁰A iconografia é, certamente, uma fonte histórica de grande riqueza. Ela traz embutida as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada. Nesse aspecto ela é uma fonte como qualquer outra e, assim como as demais, tem que ser explorada com muito cuidado. Não são raros os casos em que elas passam a ser tomadas como verdade porque estariam retratando fielmente uma época, um evento, um determinado costume ou certa paisagem. Cf: PAIVA (2.002)

²¹ Temos na produção da imagem um duplo poder, daquele que registrou, delimitou os ângulos, selecionou o cenário, o que deveria ou não ficar na foto, mas temos também o poder de quem foi perpetuado na imagem, como quis ser eternizado ou perpetuar determinado momento, que também não é um ato inocente. Não deve ser ignorada também a forma de ler esta imagem no momento da pesquisa, sendo fonte de pesquisa, perpassa pelos filtros e pela interpretação do pesquisador.

Darnton reflete ainda em relação ao papel do historiador e da necessidade de um rigor metodológico que permeie seu fazer historiográfico e no trabalho com as evidências “... *Nós historiadores, devemos dispor de evidências para sustentar nossos argumentos, não podemos simplesmente extraí-los de nossa cabeça. Nós os extraímos sim, das caixas dos arquivos.*” (DARNTON, op. cit, p.240). Ele alerta acerca da falsa impressão de familiaridade com o passado e diz que “*partirmos da idéia de que o passado pode ser para nós tão estrangeiro quanto nos são os javaneses ou marroquinos.*” (DARNTON, in PALLARES-BURKE, 2000, p.236).

É importante ressaltar nessa parte introdutória que não tenho a ambição de dar a última palavra acerca das benzeduras, utilização de raízes e ervas e a complexidade do universo cultural da comunidade de remanescentes, mas busco perceber que representações os do lugar e o outro constroem acerca dessa comunidade e destas práticas. Saliento que “*a história é necessariamente escrita e reescrita a partir de posições do presente, lugar da problemática da pesquisa e do sujeito que a realiza*” (REIS, 2.002, p. 9), portanto penso como Ribeiro que “*Diferentes olhares podem ser lançados a um mesmo objeto e novas repostas encontradas*”. (RIBEIRO, 1999, p.15)

Nesta caminhada, os Seminários, leituras realizadas, os colóquios com a minha orientadora, o diálogo com a Banca por ocasião da Defesa do Projeto e o contato com esses remanescentes, especialmente os benzedores, contribuíram muito para que eu pudesse pensar / repensar a questão remanescente no Brasil hoje, especialmente no recorte específico das benzeções e utilização de raízes e ervas. Este estudo foi dividido em três capítulos.

Optei por realizar na Introdução um breve painel sobre os referenciais que iluminam essa pesquisa. A intenção em ampliar a Introdução é iluminar o estudo com os referenciais, pois no espírito do trabalho, um capítulo teórico quebraria a dinâmica do mesmo.

No primeiro capítulo, intitulando, “*O objeto e seu lugar - a cenografia em perspectiva histórica -*” busco sinalizar o objeto e seu lugar em perspectiva histórica, o panorama e a cenografia. Procuo refletir acerca do que é ser remanescente e o significado disso na vida dos moradores de Santana da Caatinga, de que forma isso se torna um vetor identitário.

No segundo capítulo; *Cultura, cotidiano e religiosidade popular*; busco realizar um sobrevôo sobre as relações cotidianas desses remanescentes. Procuo por intermédio das muitas narrativas colhidas sobre a comunidade, refletir sobre a dinâmica da cultura, cotidiano e religiosidade. A modalização do cotidiano em forma das suas festas, diversões, lida com a terra e o trabalho, as dificuldades encontradas, as relações que estabelecem com o lugar e com o outro.

Busco visualizar o modo de vida deles, os saberes e fazeres, especialmente no caso da utilização das plantas e dos benzimentos.

No terceiro capítulo, *Benedores e raizeiros: Saberes e fazeres partilhados na comunidade de remanescentes de Santana da Caatinga*, o que se propõe é um estudo sobre as práticas das benzeções e utilização de raízes e ervas. Na realidade ela fica por último porque é o coração do trabalho. Nele, busco visualizar as práticas, como elas ocorrem no cotidiano das pessoas, como o cenário configura nos embates de poder, a interferência religiosa, como os saberes são aprendidos e repassados. Enfim, procuro fazer um sobrevôo mais detido sobre a prática dos benzedores e raizeiros e que representações a elas subjazem.

Nas Considerações Finais, retomo alguns dos aspectos principais da pesquisa realizada, ciente de que, ao final deste percurso, às questões trabalhadas agregam-se outras tantas, seja para a autora, sejam para os receptores.

Nesse momento, dialogo com minha orientadora e tomo por empréstimo as palavras finais de pesquisa por ela realizada: “*ao trabalhar com sentidos possíveis, tive a intenção de partilhar ajustes a um quebra-cabeça [...] tal verificação de tendências aponta também para um horizonte pleno de interrogações.*” (NEGRÃO DE MELLO, 2003, p.31).

CAPÍTULO 1

O OBJETO E SEU LUGAR - A CENOGRAFIA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

Neste capítulo lanço um rápido olhar sobre a escravidão negra no Brasil e algumas formas de resistência, buscando perceber historicamente esta questão. Através de um salto histórico, remeto ao texto Constitucional que garante aos remanescentes dos antigos quilombolas alguns direitos legais, como o título de reconhecimento de domínio para as comunidades quilombolas, o reconhecimento de suas terras, a sua cultura. Procuro observar a cenografia da Comunidade de Santana da Caatinga em perspectiva histórica, bem como, os atores que o animam. Nesta trajetória, visualizo os vetores identitários e de que forma estes influenciam na história e na vivência desses remanescentes, atrelado ao papel exercido pelos benzedores e raizeiros, seus saberes e fazeres. É importante lembrar que *território e identidade estão intimamente relacionados enquanto um estilo de vida, uma forma de ver, fazer e sentir o mundo. Um espaço social próprio, com formas singulares de transmissão de bens materiais e imateriais para a comunidade.* (Programa Brasil Quilombola, 2005, p.10).

1.1- A diáspora negra e a formação de quilombos

O Brasil é a segunda maior nação negra do planeta, diz o professor Rafael Sanzio dos Anjos. (ANJOS, 2.006) Esta realidade não é um simples acaso, mas fruto da diáspora de africanos para estas terras no decorrer da história. A cada ano, uma grande quantidade de africanos era trazida como escravo para o Brasil. Obrigados a executar toda espécie de atividades, os negros e as negras estavam presentes desde o trabalho nos campos, engenhos, nas minas, no trabalho doméstico na casa dos senhores. Os escravos também trabalhavam na agricultura de subsistência, criação de gado, produção do charque, nos ofícios manuais e serviços domésticos. *“Nas cidades, eram eles que se encarregavam do transporte dos objetos de pessoas e constituíam*

a mão-de-obra mais numerosa empregada na construção das casas, pontes, estradas e diversos serviços urbanos.” (ALBUQUERQUE, FRAGA FILHO, 2006, p. 65). Diante desse cenário histórico, pode-se perceber porque “*O Brasil apresenta a maior estatística, ultrapassando a casa dos quatro milhões de seres transportados. A extensão do processo ajuda a entender o surgimento de uma sociedade marcadamente racista.*” (ANJOS, op. cit, p. 25).

A diáspora dos africanos para estas terras,²² negros e negras, muitos deles ainda crianças, eram capturados e vendidos como escravos, arrancados de suas casas, sua família, sua terra, seu povo, eram levados para terras distantes, transportados em navios, em condições subumanas, numa viagem sem volta. Muitos deles morreram na travessia do Atlântico. Os que sobreviveram foram subjugados e escravizados pelos colonizadores²³.

No suporte discursivo da poesia, a reflexão sobre este quadro faz lembrar o inesquecível Castro Alves.

Ontem plena liberdade,
À vontade por poder...
Hoje... com'lo de maldade
Nem são livre para... Morrer...
Prende-os a mesma corrente
-Férrea lúgubre serpente.
Nas roscas da escravidão.
E assim roubados à morte,
Dança e lúgubre coorte,
Ao som do açoite... Irrisão...!

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormindo à toa
Sob as tendas d'amplidão...
Hoje.. O porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo.
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar..
(ALVES, 1997, p. 22 e 23)

²² Sua saga e história, plena de percalços, não escapou a um sem número de estudiosos.

²³ Na verdade, o problema do negro no Brasil foi, é ainda enfocado dentro e fora da academia. Seria desviar-me por demais dos propósitos específicos da dissertação, enveredar para a tentativa de uma listagem de autores / obras sintonizadas com o tema mais amplo e que, certamente, resultaria lacunar. De todo modo, como se verá, alguns destes interlocutores povoam o presente estudo. Desta forma, acho interessante mencionar a iniciativa de MOURA, (1988, p. 11-12) que a Introdução de obra hoje clássica, enumera vários intelectuais cuja produção centra-se na problemática do negro no Brasil.

De fato, não era fácil a vida na Colônia. Subjugação e trabalho. *Os castigos físicos e punições eram aspectos essenciais da escravidão.* (ALBUQUERQUE, FRAGA FILHO, op. cit, p. 68) A pressão que era feita sobre a escravaria provocou muitas formas de resistência por parte dos negros escravizados. Sob a opressão e violência de seus senhores, os escravos buscavam formas de sobrevivência, fuga ou respondiam com violência. “*Mesmo sob a ameaça do chicote, o escravo negociava espaços de autonomia com os senhores ou fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantação, agredia senhores e feitores, rebelava-se individual ou coletivamente*”. (REIS, 1996, p. 9) Realizavam fugas individuais ou coletivas para os espaços de liberdade, conhecidos como “quilombos” onde procuravam recomeçar a vida e desenvolver sua economia, crenças, hábitos religiosos, valores e costumes.

O quilombo aparece, assim, como aquele módulo de resistência mais representativo, (quer pela sua quantidade, quer pela sua continuidade histórica) que existiu. Estabelecia uma fronteira social, cultural e militar contra o sistema que oprimia o escravo, e se constituía numa unidade permanente e mais ou menos estável na proporção em que as forças repressivas agiam menos ou mais ativamente contra ele. Dessa forma, o quilombo é o centro organizacional da quilombagem, embora outros tipos de manifestações de rebeldia também se apresentassem como guerrilhas e diversas outras formas de protestos individuais ou coletivas. Entendemos, portanto, por quilombagem uma constelação de movimentos de protestos de escravos, tendo como centro organizacional o quilombo, do qual partiam ou para ele convergiam e se aliviam as demais formas de rebeldia. (MOURA, 2004, p. 33)

Os quilombos foram muito frequentes na história do Brasil, muito embora tenham existido também em outros territórios. “*Desempenharam um importante papel no complexo tecido social que era o sistema brasileiro da escravidão*”. (RAMOS, in: REIS, 1996, p.165) Estes quilombos variavam de lugar, tamanho e número da população, como também diversificava a forma de organização. De acordo com Vainfas, a expressão *quilombo* teve diversos significados:

A palavra quilombo de origem banto significa acampamento ou fortaleza, termo usado pelos portugueses para designar as povoações construídas pelos escravos fugidos do cativeiro. Em 1757, eram considerados quilombos os grupos acima de seis escravos que estivessem arranchados e fortificados com ânimo de se defenderem. (VAINFAS, 2000, p.494 – 495).

Da mesma forma que a escravidão comportou escravos oriundos de diversos locais do continente africano, pessoas, culturas e localidades diferentes no universo escravista, os quilombos também não eram unidades homogêneas. Nestes espaços de liberdade, forjados a

partir do agrupamento de negros, principalmente fugitivos da exploração e subjugação da escravidão recebiam também pessoas muito diferentes, “*muitos elementos marginalizados pela sociedade escravista independente de sua cor*”. (Idem, p.37)

Se, do ponto de vista étnico, a experiência quilombola no Brasil comportou africanos de diferentes regiões, negros aqui nascidos, índios e, em alguns casos, brancos, é evidente que esta composição racial teria que repercutir nas formas de organização, na cultura e nas estratégias de ocupação do território engendradas por estes grupos. Às novas condições de composição racial, combinaram-se outras variáveis envolvendo o momento de se empreender as ações e as forças políticas e militares contrárias. Isso quer dizer que cada quilombo tem uma experiência particular de formação, em que os mencionados fatores, e outros, foram com certeza avaliada pelos que desejavam se aquilombar. (SANTOS SILVA, 2.000, p.11)

Em uma realidade plural, levando-se em consideração a diversidade de negros e negras de diferentes etnias, propositalmente misturados cotidianamente, é perceptível a associação destes com outros grupos étnicos locais, possibilitando que estes espaços de resistência no Brasil tenham se transformado em um local com uma diversidade étnica e cultural grandiosa. Juntamente com os negros, vieram a sua cultura, religiosidade, saberes e fazeres, os quais foram sendo ressignificados e recriados no decorrer da História.

Além de movimentarem engenhos, fazendas, minas, cidades, plantações, fábricas, cozinhas e salões, os escravos da África e seus descendentes imprimiram marcas próprias sobre vários aspectos da cultura material e espiritual deste país, sua agricultura, culinária, religião, língua, música, artes, arquitetura... (REIS e GOMES, 1996, p.9).

Nestes espaços forçados a partir da organização dos negros fugitivos, a sobrevivência e a invenção do seu espaço constituíam-se em um desafio cotidiano. Precisavam forjar alternativas de sobrevivência aliados às necessidades de se defenderem, mantendo sua segurança e a do grupo. De acordo com o lugar, a realidade de cada grupo, suas experiências e alternativas, criavam diferentes formas de sobrevivência. Entre as principais atividades desenvolvidas nos quilombos, destacados por Guimarães em seu estudo sobre “Mineração, quilombos, em Minas Gerais no século XVIII”, estão à agricultura, mineração, criação de animais, coleta, banditismo, comércio. Guimarães ressalta que:

Em cada uma das diferentes regiões da capitania de Minas Gerais (...) essas várias atividades foram desenvolvidas pelos quilombolas. Isto nos leva a afirmar que, se por um lado, os quilombos são semelhantes, por outro, são diferentes. São semelhantes na medida em que, constituídos por escravos fugidos em sua maior parte, todos eles configuram uma mesma modalidade de expressão da rebeldia escrava. São diferentes já que cada quilombo tem sua época de existência, sua região e seus mecanismos de

sobrevivência, constituindo assim, uma configuração histórico-cultural específica. (GUIMARÃES, in REIS, 2006, p. 143).

Talvez pela luz da complexidade existente em relação aos quilombos, suas vivências, constituição e formas de organização, pode-se compreender a multiplicidade de denominações recebidas pelos integrantes dessas comunidades compostas pelos descendentes dos quilombolas: *terras de preto*, *comunidades negras rurais*, *mucambo*, *quilombos* e tantas outras. Estes espaços encerram experiências individuais de lutas para se constituírem enquanto grupos que, a sua maneira, enfrentaram os poderosos para resistir física e culturalmente. Desde o início da formação desses agrupamentos de negros fugitivos, houve repressão, perseguição, destruição de quilombos e vigilância constante.

O Quilombo de Palmares²⁴ foi o maior na história do Brasil; tornou-se símbolo de resistência negra, representando “desvio do padrão” e de motivo de preocupação enfrentado pelas autoridades do Brasil Colonial. Palmares passou a ocupar, dentro do imaginário de muitos escravos a esperança de se alcançar a sonhada liberdade através de fugas. Esta preocupação também se estendeu a outras regiões, como Minas Gerais, que assume importante papel no espaço geográfico diante das abundantes lavras de ouro e diamante encontradas nessas paragens, fazendo com que a atenção metropolitana portuguesa concentrasse sua atenção nesta região. Porém, junto à cobiça da riqueza, fazia-se necessário o crescimento do comércio de escravos negros que, não se submetendo ao sistema escravista, buscaram alcançar a liberdade fugindo para o interior das matas e cerrados.

Muitos foram os quilombos espalhados pelas terras do interior mineiro, destacando-se o Quilombo de Campo Grande e o de Ambrósio. Compunham-se de um grande número de escravos amotinados, causando assombro e preocupação nas autoridades locais, tornando-se os maiores

²⁴ Localizado em Pernambuco na Serra da Barriga. “A Serra, atualmente tombada pela União, constitui um território particular pelas restrições de acesso, pela visão ampla que oferece em seu mirante, pela existência de águas em sua topografia de costas íngremes. Tudo isso, dificultou sua destruição. Palmares é hoje símbolo de luta do Movimento Negro. Esse núcleo de resistência foi formado em 1605 por negros foragidos e reunia diversos quilombos. Durante quase 100 anos, Palmares sofreu constantes ataques de holandeses e portugueses. Ganga Zumba foi seu último rei, morto pelo sobrinho Zumbi, que liderou uma resistência heróica e acabou com a destruição do quilombo e sua morte em 20 de novembro de 1695, data em que foi escolhida para marcar o Dia Nacional da Consciência Negra.” (ANJOS, op. cit, p. 46).

quilombos das Minas Gerais, dentre outros²⁵ os quais variavam de tamanho, quantidade de pessoas, forma de organização, representando uma importante resistência ao sistema escravista. “A organização dos quilombos era muito variada, dependendo do espaço ocupado, de sua população inicial, da qualidade do terreno em que se instalavam e das possibilidades de defesa contra as agressões das forças escravistas”. (MOURA, 1993, p. 34).

Os quilombos em Minas Gerais não existiram isolados, em geral, os escravos não fugiam para muito longe das comunidades urbanizadas. Na proximidade das zonas de mineração, não havia grandes quilombos (...) mas havia numerosos pequenos quilombos, a maioria sem nome ou identificada por sua localização. Elas funcionavam como ímãs a atrair escravos descontentes. (RAMOS, in: REIS, op. cit, p.165).

No noroeste do Estado de Minas Gerais, vários foram os pequenos agrupamentos de negros fugitivos, principalmente oriundos da mineração e pecuária no sertão. É possível perceber essa realidade quando observamos as comunidades catalogadas hoje como remanescentes, totalizando-se 19 comunidades catalogadas.²⁶ Carlos Magno Guimarães ao estudar sobre os quilombos em Minas Geris, analisa o caso de Paracatu e relata que:

Em 1781, escrevia Antônio José Dias Coelho ao governador informando a inquietação em que se encontravam os moradores locais com relação aos quilombolas, dentre outros motivos porque estes chegavam a passear a noite pela vizinhança do arraial, e entrando dentro cautelosamente, para persuadir à fugida as negras da casa de seus senhores. [...] é fácil crer que dentro do arraial haverá negro que tenha inteligência com os calhombolas, para avisar as espíãs do projeto dos capitães-do-mato e, por isso, quando estes vão, fica frustrada a diligência. (GUIMARÃES, in REIS, op. cit, p. 166-167).

Os quilombos foram duramente perseguidos no decorrer da história, muitos deles destruídos, outros tantos conseguiram sobreviver às perseguições e ao tempo ficando, no entanto, mesmo após a abolição em 1888, à margem da sociedade. São anos de exclusão e marginalização dos negros por parte dos governantes e da sociedade brasileira. Desprovidos de políticas públicas que visassem integrar esses negros à sociedade, viabilizando o acesso à educação, à saúde, ao trabalho, qualificação profissional, e vítimas de um preconceito que se arrasta no decorrer da

²⁵ Dentre os principais quilombos que existiram em Minas Gerais, podemos citar: Quilombo do Bambuí, Quilombo de Andaial, Quilombo de Sapucaí, Quilombo do Careca, Quilombo do Morro de Angola, Quilombo do Parnaíba, Quilombo do Ibituruna. Conf. (MOURA, 1.986, p 39)

²⁶ Porto Antonia (Brasilândia de Minas); Santana da Caatinga (João Pinheiro); Machadinho, São Domingos, Comunidade dos Amores, Comunidade da Lagoa, Cercado, Família dos Amaro, Pontal (Paracatu); Cabeludo, Bagres, Pamplona, Salobo, Veredas, Bainha (Vazante); Família Costa Barbosa, Grande Sertão, São Francisco do Mato Grande (Formoso); Morrinhos (Arinos).Conf: ANJOS (op. cit)

História, esses negros, ainda buscam a valorização da sua cultura, o respeito às suas terras e os seus direitos.

Quando da abolição da escravatura o governo brasileiro não implementou nenhuma política de integração das comunidades remanescentes de quilombos ao processo de desenvolvimento do país. Não lhes foi possibilitado nenhum meio de acesso a propriedade dos fatores de produção de modo a promover a integração destes a sociedade envolvente. Infere-se que este fato contribuiu para que essas comunidades [...] desenvolvessem formas próprias de organização social, produtiva, religiosa e outras formas de manifestações culturais que passaram a funcionar como símbolos característicos da etnicidade que comportam. (Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável, 2005).

É possível observar pelas estatísticas, pela historiografia e até pelas vivências cotidianas, como essa exclusão e marginalização dos negros não é restrita somente aos remanescentes de quilombo, mas aos negros de forma geral que vivem neste país e que, apesar de possuir um discurso de democracia racial, na prática a discriminação, racismo e esquecimento ainda estão presentes no cotidiano. Exclusão, preconceito e desigualdade marcam a caminhada desses negros no mercado de trabalho²⁷, na vivência social, campo educacional e em diversos aspectos da vida e história dos afro-descendentes. *A população brasileira de matriz africana corresponde a 65% da população pobre do país; constitui 70% dos que vivem em extrema pobreza, e 80% dos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS).* (ANJOS, op cit, p.171) Esta realidade marcada pelos números reflete as conseqüências de uma sociedade racista e excludente, que apesar de um dos países mais ricos da América Latina, possui uma assustadora desigualdade na distribuição da renda, sendo os afro-descendentes a etnia que mais engrossa essa fileira de excluídos. Em outras palavras, neste longo percurso “*a maioria da população negra permaneceu nos porões da sociedade sem nenhuma chance de ascender à superfície.*” (COSTA, 1979, p. 228).

Prosseguir nestas breves incursões implicaria lembrar também, não menos importantes, aspectos ideológicos que marcam a questão do negro na vida brasileira. É a mesma autora acima

²⁷ Ubiratan Castro de Araújo (presidente da Fundação Cultural Palmares, 2.004) reflete sobre a questão da inserção da população negra no mercado de trabalho no Brasil e analisa como ela é marcada pela vulnerabilidade que resulta da desigualdade social. “O massacre cotidiano da população negra deve ser analisado sobre duas perspectivas: as perdas acumuladas do passado e as tendências preocupantes do futuro. Olhando para o passado, mesmo antes de constituir-se formalmente um mercado de trabalho, muitos milhões de africanos e seus descendentes já haviam se incorporado ao mundo do trabalho através do mercado de escravos. Ao longo dos 388 anos de vigência da escravidão atuou como fator permanente de desqualificação do trabalho livre exercido por uma população negro-mestiça. Tornou-se mesmo uma regra social que todo trabalho manual desqualificado era trabalho de negro (...) A evidência construída pela escravidão cristalizou-se numa cultura brasileira como representação negativa do negro trabalhador, atuando ainda como fator discriminatório do negro no mercado de trabalho. Torna-se então natural para a maioria dos brasileiros ver negros e negras com menores remunerações, nos piores postos de trabalho e em maioria nas filas de desemprego..” Cf: O Negro no mercado de trabalho (2004).

citada quem reflete sobre uma representação pulsante ainda no tempo presente, consubstanciada no enunciado que alude ao fundamental preconceito entre brasileiros de não serem preconceituosos. Ressonâncias, talvez, de um idílico cenário da democracia racial brasileira, argumento do discurso Freyriano, cuja obra sociológica monumental, não tenho pretensões de analisar ou criticar, limitando-me a lembrar, entretanto, das condições históricas de uma produção que objetivou reafirmar aspectos positivos da miscigenação e a maneira pela qual o intelectual julgou “*terem os brasileiros descoberto o caminho para escapar dos problemas raciais que atormentavam os norte-americanos.*” (COSTA, op. cit, p.227) ²⁸

No item abaixo, entrecruzando temporalidades, o salto histórico me conduz à segunda metade do século XX, de modo a focar a Constituição de 1988 e nela, a questão dos remanescentes dos quilombos.

1.2 - As comunidades remanescentes a partir da constituição de 1988

Os negros vêm se mobilizando em várias frentes nas últimas décadas, pressionados por essa mobilização, alguns políticos (de esquerda, e mais tarde mesmo os de direita), segmentos da Igreja Católica e sindicatos começaram a rever suas convicções sobre o tema racial. (ALBUQUERQUE, Op. Cit, p. 295)

Antes da promulgação da Constituição Brasileira em 05 de outubro de 1.988, alguns dos remanescentes de quilombos já enfrentavam demandas judiciais em alguns Estados do Brasil visando evitar que fazendeiros e empresas conseguissem judicialmente ou pelo uso da força, as terras historicamente ocupadas por seus antepassados. A conquista adquirida através do artigo 68 desta Constituição de 1988 foi para um país como o Brasil, uma conquista importante. No entanto, esta conquista já havia sido saboreada em legislações de países da América, como Jamaica e Colômbia.

Os quilombos remanescentes receberam reconhecimento jurídico somente em 1988, um século pós-abolição, quando a Constituição estabeleceu que, “*aos remanescentes das comunidades de quilombo que estejam ocupando suas terras é reconhecida à propriedade*

²⁸ Emília Viotti da Costa refere-se a uma série de palestras proferida nos Estados Unidos por Gilberto Freyre no ano de 1.947.

definitiva, devendo o Estado emitir-lhe títulos respectivos". Art. 68 do ADCT. *Encerradas as discussões e promulgada a constituição, o desafio passou a ser o de concretizá-la, o de realizar materialmente o que já havia recebido um reconhecimento formal.* (SUNDFELD, 2002, p.18).

A Fundação Cultural Palmares - FCP, vinculada ao Ministério da Cultura, criada a partir da Lei nº. 7668 em seu artigo I reza que ela foi criada *"com a finalidade de promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira."* (Ibdem, p 26) e materializada pelo decreto 418/92²⁹.

Visando cumprir a decisão constitucional, o governo federal assinou em 2003 o decreto 4887 que regulamenta o processo para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e obtenção de títulos das terras ocupadas por remanescentes dos quilombos que se refere o artigo 68 do ADCT. A identificação, titularização, reconhecimento³⁰ e proteção à sua terra e cultura estão entre os grandes desafios enfrentados por essas comunidades.

O processo de reconhecimento de domínio e a conseqüente expedição de título, não esgotam as obrigações do poder público. O Decreto 4887/03, além de definir as competências dos órgãos envolvidos na implementação dessas políticas, defende a criação de um plano de desenvolvimento sustentável para as comunidades. O Etnodesenvolvimentismo passa a ser uma missão dos diferentes ministérios, visando à garantia da reprodução física, social, econômica e cultural das comunidades. (Programa Brasil Quilombola, 2005, p. 15).

Com esta visibilidade constitucional, a própria definição de quilombo precisou ser revista. Ao refletir sobre essa necessidade surgida em decorrência desta lei, reflito sobre a história dos conceitos, pois eles também têm História, podendo modificar-se, sofrendo transformações e significações diferentes de acordo com o tempo e a força dos movimentos sociais. Isso é perceptível ao analisarmos a definição de quilombo. É importante refletir neste trabalho sobre o

²⁹ Art.2º A Fundação Cultural Palmares - FCP poderá atuar em todo o território nacional, diretamente ou mediante convênios ou contrato com Estados, Municípios e entidades públicas ou privadas, cabendo-lhe: I. Promover e apoiar eventos relacionados com seus objetivos, inclusive visando à interação cultural, social, econômica e política do negro no contexto social do país:

II - Promover e apoiar o intercâmbio com outros países e com entidades internacionais, através do Ministério das Relações Exteriores, para realização de pesquisas, estudos e eventos relativos à história da cultura dos povos negros;
III - Realizar a identificação dos remanescentes das comunidades dos quilombos, procederem ao reconhecimento, à delimitação e a demarcação das terras por eles ocupadas e conferir-lhes a correspondente titulação.

³⁰ Para a obtenção do título de remanescente é preciso se auto-definir como quilombola e encaminhar a solicitação de inscrição no cadastro geral de Registro de Auto-definição a Fundação Cultural Palmares, que expede a certidão com a finalidade de promover a cultura negra e suas várias expressões no seio da sociedade brasileira. (SUNDFELD, op.cit, 15)

significado do termo remanescente quilombo, pois o vetor identitário perpassa esta pesquisa como um todo, sendo a conquista do título de “Remanescente quilombo” uma importante configuração na História dos catinguenses e na valorização da sua cultura, saberes e fazeres.

A significação do termo quilombo com base na definição do conselho ultramarino em tempos de escravidão estava relacionada à fuga, local onde tivesse um mínimo de negros agrupados, relativos isolamentos geográficos, tipos de moradia e objetos de consumo. Mas, o que seria um quilombo em fins do século XX, um século pós-abolição? Quem seriam os quilombolas? Como identificá-los? O que pode ser feito para definir quem seriam os remanescentes e possibilitar o acesso aos direitos constitucionais a eles concedidos?

A política de reconhecimento dos "remanescentes das comunidades dos quilombos", expressa na Constituição Brasileira de 1988, introduz um relevante debate para aqueles que se interessam por uma reflexão crítica sobre os limites e as possibilidades de interlocução entre o conhecimento jurídico e o conhecimento antropológico no contexto em que ambos estão voltados à defesa dos grupos sociais que contam com garantias constitucionais. Nesse contexto, o desafio que se apresenta à prática antropológica fundamenta-se em produzir uma problematização das próprias categorias jurídicas que foram concebidas com um caráter genérico.(CHAGAS, 2.007, p.4)

Muitas discussões e debates foram e ainda são feitos acerca do mesmo, principalmente porque agregados à titularização, existem também as questões de demarcação das terras, englobando questões políticas, mas também econômicas.

“O quilombo enquanto categoria histórica detém um significado relevante, localizado no tempo e na atualidade e objeto de uma reinterpretação jurídica quando empregado para legitimar reivindicações pelo território dos ancestrais por parte dos denominados remanescentes de quilombos.” (ACEVEDO, 1998, p.05) Um novo significado para o termo surge a partir dos anos 80, como consequência das mobilizações do movimento negro, de grupos rurais e de institutos de apoio às lutas pelo reconhecimento jurídico das terras de antigas ocupações. *“A comunidade quilombola de Boa Vista no Pará, foi a primeira a receber do governo em 1995, o título de propriedade de terras ocupadas”.* (ALBUQUERQUE, op cit, p. 295).

No sentido contemporâneo, o conceito de quilombo não define os antigos quilombolas, referindo-se aos descendentes dos moradores dos quilombos que significavam originalmente negros fugitivos, mas ganha novo sentido, engloba *“também os que surgiam da ocupação de terras de antigas fazendas escravistas, de terras devolutas, e das doações de terras feitas à ex-escravos.”* (Ibdem, p. 295) Observando a amplidão do termo remanescente de quilombo

observado após a constituição de 1988, observa-se a necessidade de uma conceituação para o mesmo. Assim, o termo remanescente quilombo foi definido pela Associação Brasileira de Antropologia:

O termo remanescente de quilombo, conforme deliberado pela ABA, Associação Brasileira de Antropologia, em encontro realizado nos dias 17 e 18 de outubro de 1994, no Rio de Janeiro, embora tenha um conteúdo Histórico, designa hoje a situação presente dos segmentos negros em diversas regiões e contextos e é utilizado para designar um legado, uma herança cultural e material do que lhe confere uma presença essencial no sentido de ser e pertencer a um lugar e a um grupo específico. (GARCIA, 1995 *apud* STUCCHI *et alli*, 2000, p. 7).

Esta definição possibilita um novo sentido, ligando as questões identitárias e de sentimento de pertencimento a um modo de vida, local e cultura.

O Programa Brasil Quilombola³¹, criado pelo Governo Federal com o objetivo de implementar diretrizes fundamentais da ação governamental, enquanto política de Estado, para áreas de remanescentes, com ênfase na participação da sociedade civil, assim define o termo quilombo, para fins de direitos e reconhecimento.

São territórios de resistência cultural e deles são remanescentes os grupos étnicos raciais que assim se identificam. Com trajetória própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a luta a opressão histórica sofrida, eles se autodeterminam comunidades negras de quilombos, dados os costumes, as tradições e as condições culturais e econômicas específicas que se distinguem de outros setores da coletividade nacional. (Programa Brasil Quilombola, Op.Cit, p. 6).

Com base nesta definição, grande número de comunidades remanescentes estão espalhadas pelo Brasil e já se passaram quase duas décadas após a promulgação da Constituição e ainda não foi feito o arrolamento final dessas comunidades em território brasileiro. *“Daí pensar em um conceito de quilombo mais amplo na atualidade, como um segmento da sociedade brasileira excluído secular e historicamente, que têm direitos e garantias territoriais reconhecidos, porém ignorados”*. (ANJOS, *op cit*, p.75). O autor continua em suas reflexões: *“Calcula-se que no Brasil existam hoje cerca de 2840 comunidades quilombolas”*. (idem)

³¹ Em 2004 foi criado o programa Brasil Quilombola, coordenado pela SEPIR, por meio da subsecretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais, e conta com a participação de órgãos da administração pública federal.

A maior comunidade é a dos kalunga, localizada no Estado de Goiás, abrangendo os municípios de Monte Alegre, Terezinha e Cavalcante. São mil famílias e quatro mil habitantes. Essa comunidade foi titulada em 14 de julho de 2.000 com área de 253.191, 7200 ha. A menor comunidade titulada é a de Água Fria, localizada no Estado do Pará, no município de Oriximiná. Essa comunidade que conta com quinze famílias e sessenta habitantes, foi intitulada em 1996 com uma área de 557,1355 ha. (LIMA, 2005, p.79)

Pode-se observar assim, que o tamanho das comunidades, bem como o número de habitantes em cada comunidade remanescente no Brasil, diferencia-se de acordo com as especificidades e história de cada uma destas localidades.

São muitas as comunidades identificadas como remanescentes que ainda não foram contempladas com sua titularização. “*Os casos mais graves são os das comunidades que não figuram na tela das Instituições oficiais e podem ser tragadas, apesar dos enfrentamentos cotidianos com os poderes das esferas particulares.*” (idem, p. 81)

Minas Gerais, principalmente em decorrência da mineração, recebeu um fluxo grande de escravos e em decorrência disso, pode-se observar a existência de uma quantidade expressiva de comunidades de remanescentes em praticamente todo o estado. Segundo dados do CEDEFES³² *O número de comunidades quilombolas levantados em Minas Gerais (05/06/06) é de 346. Destas comunidades, possui informações sobre 159. O restante (187) sabe-se apenas o município e o nome.* Muitos estudos necessitam serem feitos em relação a essas comunidades, sua história, cultura, saberes e fazeres.

Por questões históricas, os quilombolas não tiveram acesso aos direitos constitucionais. Em geral são pessoas que não sabem ler nem desfrutam de bens e serviços que estruturam esse imenso Brasil. A riqueza desse povo é o conhecimento dos meios básicos de subsistência e o convívio autêntico com seus pares e com a natureza. Este conhecimento nobre e sagrado se manifesta por meio das cantigas, da religião, da comida feita no fogão à lenha. Revela-se no feitio das roupas simples e coloridas, na produção artesanal, na pesca e na caça, no trabalho na roça, nos remédios e chás caseiros. Essas comunidades mantêm ainda tradições e tecnologias que seus antepassados trouxeram da África, como a agricultura a medicina, religião, mineração, as técnicas de arquitetura e construção, o artesanato, a fabricação de utensílios de cerâmica e palha, a linguagem que sobreviveu pelo uso dos dialetos no cotidiano das famílias, a relação sagrada com a terra, a culinária, a importância da vida comunitária. (ANJOS, op. cit, p. 9 e 67).

³² O CEDEFES é uma Organização Não-Governamental, sem fins lucrativos, filantrópica, de caráter científico, cultural e comunitário, de âmbito estadual, com sede e foro na cidade de Contagem, Estado de Minas Gerais, Brasil. Seu objetivo é promover a informação e formação cultural e pedagógica, documentar, arquivar, pesquisar e publicar temas do interesse do povo e dos movimentos sociais. Também faz parte de uma história mais recente do centro uma aproximação maior a temas relativos aos afro-brasileiros.

As conquistas não são alcançadas a passos largos, pois mesmo com alguns avanços obtidos, muito ainda se tem por fazer. *O quilombo contemporâneo não encerra com uma assinatura e um registro no cartório a sua luta contra a opressão* (Ibdem, p.75). Podendo-se observar que o fato de ter este direito previsto no texto Constitucional, não pressupõe sua rápida concretização. Muitas são as perspectivas, mas também são muitas as dificuldades a serem superadas.

No decorrer do ano de 2006, houve inúmeras conquistas referentes à temática quilombola em Minas Gerais. Estas passaram pela aprovação de projetos, inserção de algumas políticas públicas (ligadas à alfabetização e ao atendimento energético), geração de renda, bem como a crescente participação de lideranças quilombolas em discussões (ocorridas em âmbito Estadual e Federal). No entanto, apesar de uma maior sensibilidade do Poder Público para com a questão, pouco tem sido feito, com destaque para o governo estadual. Em comum, as comunidades sofrem em demasia com a ocupação de seus territórios, quer seja por fazendeiros, quer seja por grandes empresas visionadas em construções de hidrelétricas, silvicultura, mineração, etc. O INCRA, órgão responsável pela titulação das terras quilombolas, trabalha de maneira morosa, contribuindo cada vez mais para a marginalização, desânimo e não acesso a direitos legais por essas comunidades. As carências são múltiplas: saneamento básico, transporte, estradas que inviabilizam acesso, educação diferenciada. Estas mudanças demonstram a ampliação da luta das representações quilombolas, bem como a visibilidade gradativa das demandas do seguimento, o que vem desencadeando o aumento da procura por informações e pesquisas referentes à temática. Outra questão de extrema significância foi a ampliação do número de comunidades Quilombolas identificadas (385) em Minas e reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares (180 aproximadamente). Ao longo do ano verificou-se o crescente número de processos encaminhados ao INCRA em prol da titulação do território histórico tradicional quilombola. (CEDEFES, 2006, p. 01)

A questão das comunidades quilombolas no Brasil carece de mais estudos, informações e visibilidade histórica. Um dos pontos fundamentais é o reconhecimento, a autodefinição, a união e a busca do reconhecimento. No entanto, temos que analisar que tudo isto significa muitas vezes, romper com estigmas e preconceitos historicamente construídos. Identificar-se como negro em uma sociedade racista e preconceituosa não é tarefa muito fácil, pois os negros foram “libertos” da corrente da escravidão, mas ficaram “presos” às correntes do preconceito. Isto é perceptível quando na fala de um negro remanescente, ele refere-se a si mesmo como “moreno”, como se implicitamente, tivesse dificuldade em se reconhecer como negro, na concepção de que, “clareando” sua tonalidade de pele, fosse minimizar o preconceito e a discriminação.

Além das questões internas ao próprio reconhecimento, podemos observar que há também os impasses relacionados às questões de terra, delimitação de área e muitos interesses conflitantes. Outro fator que dificulta esse processo de reconhecimento são as desinformações, na maioria das vezes, distantes dos grandes centros, sendo os remanescentes, pessoas com pouca ou desprovidos de escolaridade, carecem muitas vezes de lideranças que os auxiliem nesta jornada. A falta de clareza na política de demarcação, da destinação de recursos e de um cronograma de ações é um dos pontos básicos da ausência de informações sobre os à questão econômica e social, considerando que, a partir do reconhecimento de sua reminiscência quilombola, o direito á territorialidade torna-se um fato, pois se trata de um dos fins desta ação institucional, em cumprimento ao preceito constitucional. (OLIVEIRA, 2006, p. 22)

A comunidade de Santana da Caatinga ³³ obteve seu reconhecimento em setembro de 2004. Apesar de haver ainda muitas dúvidas e limites a serem transpostos por esses remanescentes, como a questão da documentação e titularização das terras, preconceitos e estigmas historicamente construídos³⁴, vítimas de esquecimento político, educacional, social, dentre muitas outras formas de exclusão, após o reconhecimento e titularização como comunidade quilombola, algumas conquistas estão sendo alcançadas.

Esse local proporciona uma riqueza no aspecto histórico-cultural, que se manifesta com maior visibilidade a partir do reconhecimento de sua remanescência quilombola que, por sua vez, possibilitou um processo de modificação político-social, experimentado nos últimos tempos.

O auto-reconhecimento e definição como remanescente faz parte de um procedimento necessário para receber o reconhecimento e titularização expedidos pelos órgãos federais em resposta aos pedidos a eles solicitados. Assim está contido no artigo 7º da Instituição Normativa nº. 16 do INCRA, de 24 de março de 2004. “*A autodefinição será demonstrada através de simples declaração escrita da comunidade interessada ou beneficiária, com dados de ancestralidade negra, trajetória histórica, resistência à opressão, culto e costumes.*”

³³ A área urbana de Santana da Caatinga é um local de grande beleza pelo fato da mesma localizar-se à margem do rio Paracatu e o rio Caatinga, margeando a cidadezinha por dois lados, sendo esses os locais mais privilegiados, onde a maior parte das construções são “ranchos” dos turistas pescadores. Nessas áreas, existem 80 casas residenciais, uma igreja católica; dois bares; um posto de saúde; uma escola; uma Casa da Cultura, um posto telefônico e 03 telefones públicos, dois ranchos para confecção e exposição de peças em argila e outro onde são realizadas as aulas de caratê; uma fábrica de farinha de baru; uma fábrica de farinha de mandioca que foi inaugurada para fins políticos mas está desativada; um campinho de futebol; um cemitério nos fundos da igreja, uma praça. Sua área urbana está dividida na Praça Nicolau Bispo Ramos, e algumas ruas.

³⁴ Considerados por muitos moradores do município de João Pinheiro como “negros preguiçosos e feiticeiros”, os moradores de Caatinga foram deixados à margem pelas autoridades políticas por décadas, perdendo gradativamente as poucas conquistas que haviam sido feitas até a metade do século XX, entre elas, o Cartório de registros de casamentos, os estabelecimentos comerciais que havia quando o porto da Caatinga ainda era importante na região.

O Conselho Comunitário de Santana da Caatinga emitiu em 2004 à Fundação Cultural Palmares o pedido de auto-reconhecimento, solicitando a identificação oficial como remanescentes de quilombo. O pedido foi aceito e a titularização emitida em setembro de 2004.

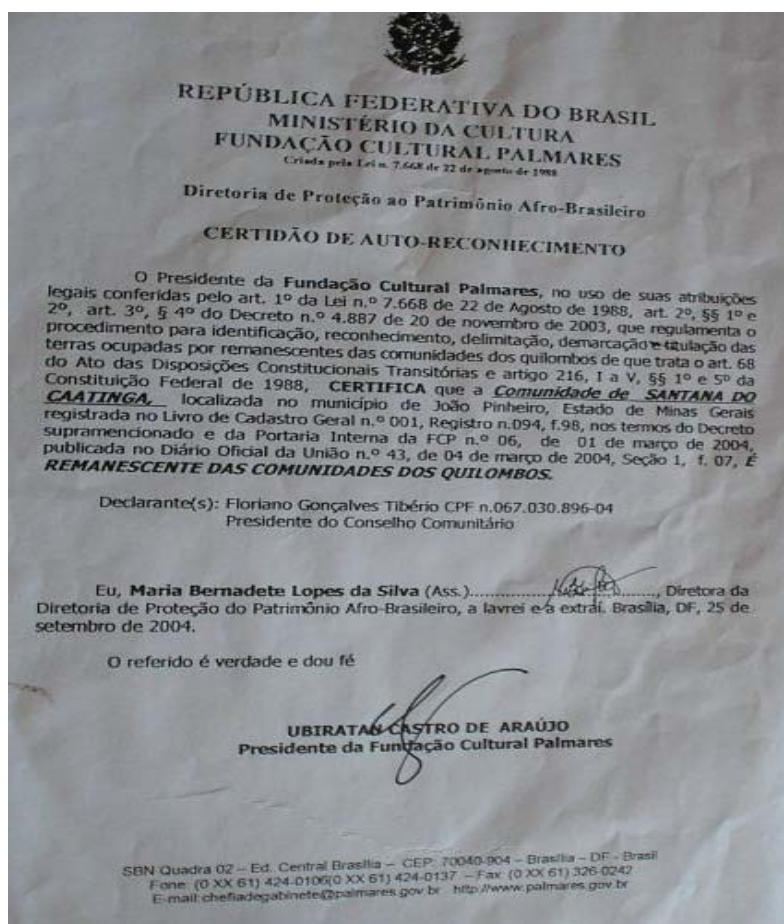


Imagem nº3: Documento de identificação e reconhecimento fornecido pela Fundação Cultural Palmares, em setembro de 2.004, exibido com orgulho na parede da Casa da Cultura da localidade. Fotografia pertencente ao acervo pessoal organizado durante o período da pesquisa

Apesar da herança colonial que confere valores negativos a identidade negra, esta vem, em consequência da organização política, sendo positivamente modificada. O número crescente de comunidades que se autodefinem, solicitando oficialmente o seu reconhecimento como remanescentes de quilombos é uma evidência disso.

O auto-reconhecimento como remanescente de quilombo integra um processo de permanente (re) construção identitária que passa pelo viés cultural, histórico, de território e parentesco.

1.3 - Santana da Caatinga em perspectiva histórica

A história não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbio, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros e esquinas. Isso eu quis fazer minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, essa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida... (FERREIRA GULLAR, *apud*, VIEIRA, 1998).

Pensar na escrita da história como um leque de oportunidades, quando é possível lançar olhares a personagens diferentes, que antes não eram valorizados por uma história factual e repleta de heróis, significa a possibilidade de trazer para o centro da página, negros remanescentes no sertão das gerais e dar-lhes visibilidade histórica, trazendo para o âmbito acadêmico, suas histórias, vivências cotidianas e práticas culturais desses sujeitos, anônimos, pobres, muitos deles analfabetos, esquecidos pelo poder público e pela historiografia oficial.

Ao dedicar um item deste estudo a Santana da Caatinga, minha intenção é a de enfatizar um cenário que, na verdade, atravessa a pesquisa como um todo, pois ali estão os atores que animam esta história. Bem se vê que a narrativa se tece articulando fontes, referenciais e campos historiográficos que convergem para iluminar o objeto amalgamado pela História Cultural. Assim, se desenham no trabalho inflexões do mundo cotidiano, entendendo-as não como uma "outra história", mas antes na esteira dos estudos sintonizados com a idéia de trabalhos com o cotidiano. Para Jesus "*os estudos com os cotidianos [...] expressam o entremeado das relações das redes cotidianas, nos diferentes espaços-tempos vividos pelos sujeitos cotidianos*". (JESUS, 2003, p.163)

As fontes orais foram privilegiadas nesta pesquisa por proporcionarem um contato mais enriquecedor, por ser a história do presente. O uso das imagens possibilitou uma maior interação com o objeto, uma vez que as imagens não transmitem o real, é uma representação, portanto, não podem ser utilizadas apenas como ilustração. Linhares ressalta o objetivo do uso das imagens

visuais e fotográficas como fontes históricas: *“Quando as imagens visuais, dentre elas a fotografia, são utilizadas como fontes de pesquisa histórica, é porque funcionam como mediadoras e não como reflexo de um dado universo sócio-cultural. Integram um sistema de significação que não pode ser reduzido ao nível das crenças formais e conscientes”*. (LINHARES, 2004. p.19)

Pesquisar sobre a história desses negros remanescentes representa contribuir significativamente para o estudo da história local e regional, pois história e memória caminham juntas, sendo estas fundamentais na construção da identidade e da própria preservação da sua história e cultura.

A identidade não é algo inato ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana. (GOMES, 2005, p. 41)

Ao trabalhar historicamente a questão, procurei buscar na oralidade, grande parte do processo de construção/ transmissão/ ressignificação da cultura popular na comunidade de remanescente, através da memória dos seus moradores. Busco nas páginas que se seguem tecer uma narrativa acerca da história desses remanescentes, embasando-me nas narrativas desses quilombolas, buscando observar que representações eles têm da sua história. O que é memorável para eles. O que lembram como lembram... Teço as narrativas baseando-me nas memórias, no entanto, sem perder de vista as palavras de Pesavento:

O indivíduo que rememora amadureceu durante esse intervalo, ele re-elabora o que viveu a partir do tempo transcorrido, no qual absorveu as decorrências da situação outrora experimentada. Aquele que lembra não é mais o que viveu. No seu relato já há reflexão, julgamento, ressignificação do fato rememorado. Ele incorpora não só o relembado no plano da memória pessoal, mas também o que foi preservado ao nível de uma memória social, partilhada, ressignificada, fruto de uma sensação de um trabalho coletivo. (PESAVENTO, 2004, p. 95)

Raras são as informações acerca das “origens” de Santana da Caatinga, localizada no sertão do Estado de Minas Gerais. A existência desta comunidade data desde o século XVIII, quando a mesma já constava na cartografia da província de Minas Gerais.

Não tenho neste estudo a pretensão de “provar” que a localidade foi um agrupamento de escravos fugitivos, nem é este o objetivo desta pesquisa, mas busco perceber a história que estes negros guardam na memória acerca da sua história, da trajetória de seus antepassados, como

esses a representam, qual a sua significação, e como esta história está presente no cotidiano deles, contribuindo para formação da identidade, possibilitando a conquista do seu espaço e da sua cidadania. Assim, as fontes orais são sumamente importantes na pesquisa, dando espaço à fala e ao modo de ser de negros remanescentes. Matos reflete: *Em certo sentido, a história narrativa introduz a questão das vidas sem fama e sem palavra na contemporaneidade* (MATOS, 2001, p. 24).

Por meio da memória e das narrativas orais, busquei subsídio para tecer as narrativas históricas acerca da comunidade, visando cenarizar no seu contexto histórico e perceber como é o cotidiano desses negros, seus saberes e fazeres, sua cultura. Pensando que “as *testemunhas do fato histórico são de uma riqueza insubstituível*” (BOSI, 2003, p.71), considerando que o narrador ao contar um fato, uma história, ele não revive simplesmente o passado, mas o reconstrói em sua mente. “*Nesse sentido, reconstruímos e não mais resgatamos memórias. É nesse sentido de reinterpretação constante dos fatos de outrora no presente que o narrador e o ouvinte vão tecendo os fios da narrativa como memória compartilhada.*” (COSTA, 2001, p 82).

A utilização da metodologia da história oral tem permitido a inclusão dos vários sujeitos sociais e suas experiências, além de valorizar o sujeito e enriquecer a pesquisa. Ela tem sido fundamental no sentido de romper com os estereótipos, ou seja, de mostrar que a história é sempre representação, ressaltando, portanto a distinção entre passado e história.

Atentei-me ao uso dessa metodologia, uma vez que, trabalhar com a memória requer cuidados e atenção, pois cada memória tem sua peculiaridade individual, de acordo com cada experiência vivida, pois já se compreende que a memória não é linear, ela possuiu sua dinamicidade, pois é a visão de alguém sobre determinado fato. É preciso ressaltar ainda que, o ato de lembrar pode ser moldado pelo meio social e nesse sentido, não há neutralidade.

As representações, a forma como o indivíduo percebe a si mesmo e à sociedade, o que è e como ele representa para esta sociedade, são inerentes ao ato de lembrar. Como atenta Bosi: “*A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora a nossa disposição no conjunto das representações que povoam nossa consciência atua*” (BOSI, 2001, p.10).

É relevante dizer que não pretendo abordar “toda História” desses negros, mas lançar alguns olhares sobre eles, suas narrativas, experiências, vivência, cotidiano, em forma de

memórias compartilhadas nesse sertão de Minas.³⁵ Ao tecer os fios da narrativa acerca dos remanescentes de quilombo de Santana da Caatinga, como assim se definiram, procurei trabalhar com vestígios, imagens feitas a partir das pegadas deixadas no passado e pelas memórias das testemunhas vivas desse tempo.

Santana da Caatinga localiza-se geograficamente na confluência de dois rios importantes do município de João Pinheiro, o rio Caatinga e o Paracatu. De acordo com a memória dos moradores mais velhos do lugar, a região noroeste, região na qual Santana da Caatinga está inserida, passou por um relativo isolamento geográfico e com uma população rala, principalmente em decorrência da falta de estradas e pelas muitas fronteiras naturais, tais como serras e rios. Neste contexto, um dos meios de transporte mais usados até a primeira metade do século XX era via fluvial, através de barcos e vapores que navegavam pelo rio São Francisco e o seu afluente, o rio Paracatu³⁶.

A cidade que se destacou historicamente nessa região foi Paracatu do Príncipe³⁷, em decorrência da mineração, principalmente no leito do Córrego do Rico, utilizando-se fundamentalmente da mão-de-obra escrava. Por causa da mineração, Paracatu ganha importância no cenário mineiro e suas terras abarcavam toda a região noroeste do estado de Minas Gerais. Em

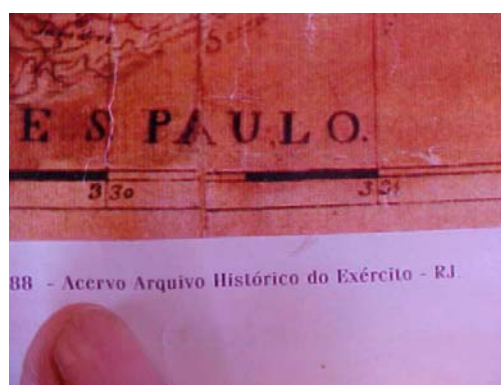
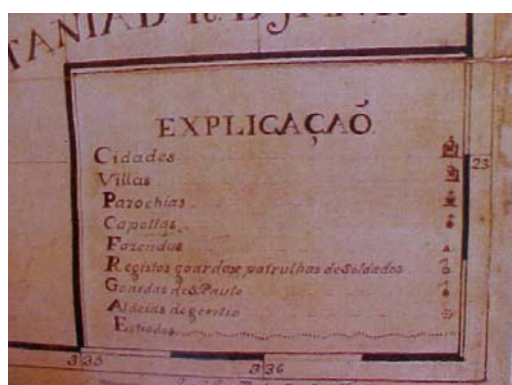
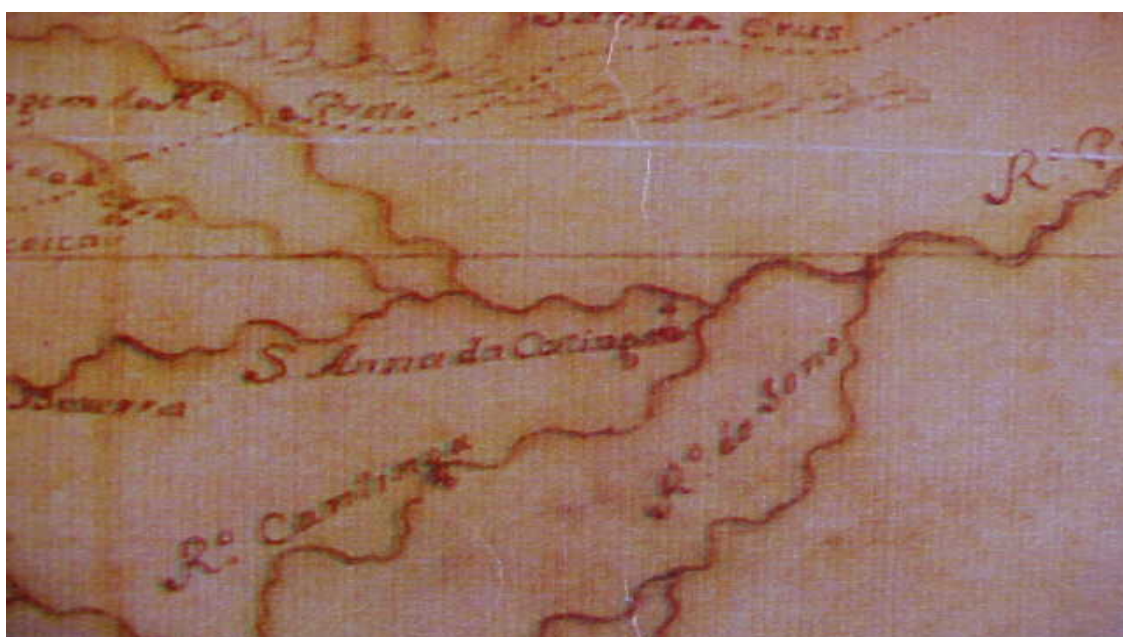
³⁵ As terras do sertão mineiro ficam na região noroeste do estado de Minas Gerais. Ao leste faz fronteira com a Serra do Espinhaço, ao sul com a barragem de Três Marias, ao norte emenda com a Bahia e Goiás. O rio São Francisco é sua espinha dorsal. Essas terras fazem parte do planalto central brasileiro, seu relevo é composto de grandes extensões planas de onde se erguem chapadas, tabuleiros e serras formadas por cerrados, o segundo maior bioma do Brasil onde banha. A ocupação do sertão remonta aos anos 1700. Nessa época, duas correntes distintas de entrada ocuparam o planalto central brasileiro. Quando descobriram ouro em Minas Gerais, muitas cidades nasceram da expansão das minas em direção a Goiás. Outra ocupação vinha do litoral, ocupando o sertão mineiro pelo norte em volta as margens do rio São Francisco.

³⁶ O Rio São Francisco, nascido na Serra da Canastra, banha o sertão mineiro, tornando-se um rio de grande importância na história do desenvolvimento da região. Consiste em uma das grandes riquezas do estado, entre um de seus afluentes de importância, está o rio Paracatu. Este rio, por volta da região do pontal, já recebeu vários outros rios de importância local, tais como o rio da Prata e o Paracatuzinho, Rio Escuro, Santa Catarina e toma rumo para a região noroeste sendo que foi navegável até os anos de 1950, desde a sua barra, no rio São Francisco até o porto Buriti, algumas léguas abaixo do porto da Caatinga, em Santana da Caatinga, sendo este um dos principais caminhos que permitia o acesso à região, quando as estradas eram poucas e os carros ainda não existiam por ali. Suas águas, atualmente são utilizadas para irrigação de lavouras cultivadas no cerrado. Cf: MELLO, 2002.

³⁷ Em 1744, quando já estava oficialmente reconhecida a descoberta dos metais preciosos, Paracatu desenvolve sua economia baseada principalmente na extração desses metais. No entanto, no sertão mineiro, a produção do ouro se consorciou a atividades agro-pastoris, baseando-se fundamentalmente na mão-de-obra escrava. Essas atividades conseguiram sobreviver ao declínio da produção aurífera, garantindo que Paracatu permanecesse como área escravista e mesmo conhecesse um significativo aumento da população livre. Em 1798, tornou-se a primeira vila do noroeste da capitania. O gado foi sem dúvida, um fator de importância no povoamento da região. Cf, (Idem).

1870, teve sua extensão territorial ampliada com a incorporação das freguesias do Alegre e de Sant' Anna da Caatinga.

As informações sobre os primórdios de Santana da Caatinga são poucas. Sabe-se que em meados do século XVIII, Santana da Caatinga já existia na província de Minas Gerais, conforme se pode observar na cartografia de 1788.



Fotografias Nº 4, 5, 6: Retratam Santana da Caatinga registrada no mapa da Província de Minas Gerais datado de 1788, pertencente ao acervo do Arquivo Histórico do Exército - RJ. Fonte: Foto do mapa pertencente ao remanescente Sr. Erasmo que reside em Santana da Caatinga, disponível no site da ALAVANCA.

Outros documentos registram dados sobre esta localidade no século XIX. De acordo com o Mappa dos Engenhos, Lojas e Vendas do Distrito de S. Anna da Caatinga dado de 30 de agosto

de 1836³⁸ não existiam neste distrito engenhos que fabricasse aguardente. Havia 03 lojas de fazendas (tecidos) e molhados. As vendas que vendiam aguardente totalizavam 05 estabelecimentos sendo seus proprietários (José Jacob Eanes, Liandro José da R^a, Joanna da S^a. Joaquim Tinoco, Tereza M^a de Jesus). *Pequena povoação cõ o número de 26 fogos.*³⁹

Santana da Caatinga foi “*elevada à freguesia pelo art. 1º da Lei 909 de 08 de julho de 1.858, mas tendo o Bispado de Pernambuco negado seo concurso a criação desta freguezia esta ella sem poder produzir seus effeitos legais*” Em 1865 contava o povoado de Santana da Caatinga com 36 casas.”⁴⁰. A lei nº 1993 de 13 de novembro de 1873 eleva à categoria de vila o Arraial dos Alegres e suprime a freguesia de Sant’ Anna da Caatinga. Diz essa lei em seu Artigo 2º: “*Fica suprimida a freguesia de Sant’Anna da Caatinga, e seu território incorporado à freguesia dos Alegres*”, sendo estes incorporados a Paracatu. O arraial dos Alegres passou a ser chamado de Santana dos Alegres e por fim mudou sua nomenclatura para João Pinheiro, emancipando-se politicamente através da Lei nº. 556 de 30 de agosto de 1911⁴¹. Através desta Lei, João Pinheiro emancipou-se e Santana da Caatinga passou a ser um dos quatro Distritos que ficaram anexados ao território recém-emancipado. Esse distrito englobava uma área grande de terras, sendo a pequena cidade de Santana de Caatinga a sede do Distrito com o mesmo nome. A área urbana está localizada na confluência de dois rios importantes da região. Eclesiasticamente, fora subordinada à Diocese de Paracatu, permanecendo assim ainda hoje.

CAATINGA-nome do rio local. Etimologia *caa*, mato, tinga, branco alvacentos; ou ainda *caá-t-enga*, Foi elevada á Paróquia pela lei n 909 de 08/06/1. 958. Paróquia de Santana foi suprimida pela lei número 1993 de 13 de janeiro de 1873, território incorporado a Paróquia dos Alegres. Incorporado ao município de João Pinheiro (ex Alegres) Por lei 556 de agosto de 1911. (COSTA, 1976, p. 180).

³⁸ Fonte: Arquivo Público Mineiro- Secção Provincial -Presidência da Província (SP PP1 / 6 cx. 06)

³⁹ Os dados mencionados neste parágrafo foram transcritos na íntegra de documentos pertencentes ao Sr. Erasmo, remanescente de Santana da Caatinga, cuja cópia foi extraída de um documento do Arquivo Público Mineiro. Fonte: Arquivo Público Mineiro- Secção Provincial -Presidência da Província (SP PP1 / 6 cx. 06)

⁴⁰ Conf: Almanaque Administrativo, Civil e Industrial da Província de Minas Geraes, ano de 1865. Organizado e redigido porá. (De Assis Martins e J. Marques de Oliveira) Ouro Preto: Typographia de Minas Geraes, 1865, p. 246)

⁴¹ Esta divisão político-administrativa era desdobramento de questões políticas, sendo que esta lei de 1.911 emancipa vários pequenos municípios no estado de Minas Gerais nesta época, entre eles, João Pinheiro

Os moradores mais velhos do local relatam que seus antepassados vieram da Bahia e de Januária (MG), chegando até a localidade via transporte fluvial, sendo que, até a primeira década do século XX não havia moradores brancos na pequena localidade.

Santana da Caatinga pertenceram à Joaquina do Pompéu, figura histórica dona da região. Acredita-se que os negros tenham ali chegado vindos da Bahia e do Norte de Minas em embarcações rústicas através dos rios São Francisco e Paracatu, ali se instalando e construindo suas famílias. Era local de difícil acesso e de fácil sobrevivência, porque circundada por dois rios - O Paracatu e o Caatinga-, o que garantia a abundância de pesca e o solo propício ao plantio de mantimentos.⁴²

Com base no recenseamento de 1920, quando fizeram o levantamento da população dos municípios, por *districtos*, segundo o sexo, estado civil e nacionalidade. A população total do distrito era de 1073 habitantes, sendo 564 homens, 509 mulheres; destes 770 eram solteiros, 239 casados e 64 viúvos. Entre os habitantes, havia 02 de nacionalidade estrangeira⁴³.

Parte do território definido como Santana da Caatinga desmembrou-se dele em 1991, tornando-se o distrito, o qual se emancipou politicamente em 1995⁴⁴. Este foi crescendo,

⁴² Breve histórico da comunidade anexado ao pedido de reconhecimento da Comunidade como Remanescentes de Quilombo, destinado à Fundação Cultural Palmares no ano de 2004.

⁴³ Fonte: Minas segundo o recenseamento de 1.920, Estado de Minas Geraes - Secretaria de agricultura, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1.924.

⁴⁴ Brasilândia de Minas localiza-se na margem oposta do Rio Paracatu, aproximadamente 20 km da localidade de Santana da Caatinga. Afora os índios, os primeiros habitantes de Brasilândia de Minas foram os escravos da Joaquina do Pompéu, possuidora das Fazendas de Gado Bravo, Novilha Brava, Barra e Cotovelo. Eram todas de criar gado. As terras foram provenientes de sesmarias herdadas pelo capitão Inácio de Oliveira Campos de seu pai. Segundo relatos de moradores mais idosos, com a morte da proprietária, a fazenda passou a pertencer a seus herdeiros que a vendeu. Em 1908, o coronel Rodolfo Garcia Adjuto vendeu suas terras a ingleses, os proprietários da Companhia Brazil Land, dedicando esta grande propriedade rural as atividades agropastoris. Essa cidade, cujas terras estavam inseridas no Distrito de Caatinga, surgiu onde era a sede administrativa um pequeno povoado pertencente Brazil Land Company. De acordo com os livros de registro existentes no Arquivo Público Genésio José Ribeiro da cidade de João Pinheiro, nesta propriedade que se estendia por quase todo o Distrito de Santana da Caatinga, pagavam-se impostos por 2000 cabeças de gado, sendo a maior propriedade em relação ao número de cabeças de gado no município. Em 1945, o governo Getúlio Vargas que a desapropriou, ficando sob a responsabilidade da Comissão do Vale do São Francisco. (por ser esta, localizada as margens do Rio Paracatu, maior afluente do São Francisco) que a transformou em Colônia Agropecuária de Paracatu, aos 22 de maio de 1952, quando a instalou. Uma vez de posse da fazenda a Comissão a dividiu em grandes glebas de terra, denominadas de lotes, e vendidas com um prazo estipulado de vinte anos para pagamento. A partir da instalação, onde se estabeleceu a “Sede”, ou seja, o núcleo administrativo desta Colônia. Ao pé da Serra e nas proximidades do rio Paracatu, foi surgindo e desenvolvendo o povoado de Brasilândia, ao lado dessa sede administrativa. No porto à margem do rio, onde se colocou uma balsa para passagem de pessoas e carros, havia um povoado, sendo que, a sua grande maioria eram negros. Essa localidade conhecida como Porto foi catalogada pelo CIGA e CEDEFES como “Porto Antônia”, uma comunidade de Remanescentes de Quilombo. No entanto, pouco se sabe acerca da “história” desses negros residentes nesse bairro negro, carecendo de estudos e olhares problematizadores. Os moradores do Porto foram somente catalogados, ainda não foram reconhecidos como remanescentes, nem buscaram essa titularização como o fez seus vizinhos da margem oposta do

prosperando, e Santana da Caatinga, distrito do qual Brasilândia desmembrou-se, foi ocorrendo o inversamente proporcional, talvez como permaneça na memória dos testemunhos desse tempo, a profecia do Sr. Manoel Neto⁴⁵ : *“Caatinga irá crescer como rabo de cavalo, sempre pra baixo.”* O senhor Claro, um dos narradores desta pesquisa assim refletiu: *“é como se Caatinga fosse à mãe e Brasilândia a filha. A filha tá nova, forte e viçosa e a mãe tá veia, cansada e decadente.”*

Permanece na memória dos catinguenses que estas terras foram doadas por certa latifundiária mineira do tempo do Império, Maria Joaquina do Pompéu⁴⁶. Proprietária de uma grande extensão de terras nesta região, ela era devota de Senhora Sant’Ana e doou para esta santa as terras onde se situa a localidade de Santana da Caatinga, bem como aquelas existentes nas proximidades, auxiliando também na construção da igreja batizada com o nome de “Senhora Sant’Ana.” Segundo os moradores locais, realizam anualmente desde esse tempo, festas, ritos e procissões em louvor a esta santidade, vista no imaginário popular como a padroeira da localidade, costume herdado dos seus ancestrais e que estes remanescentes vem preservando a tradição do culto e devoção a ela.

rio a poucos quilômetros abaixo, os moradores de Santana da Caatinga. Brasilândia foi crescendo no decorrer desse meio século de existência e Santana da Caatinga, decrescendo. Isto pode ser observado no índice demográfico de Santana da Caatinga hoje com 202 habitantes, entre homens, mulheres e crianças e os habitantes de Brasilândia que englobam na área urbana um total de 9210 moradores de acordo com o recenseamento de 2.000. Foi criado o Distrito pela Lei 397, de 30-07-1991 subordinado ao município de João Pinheiro. Em divisão territorial data de 01-16-1995. Foi elevada a categoria de município pela Lei Estadual nº12030, de 21-12-95, desmembrando de João Pinheiro Conf: IBGE, CIGA, CEDEFES, MELO (2.005).

⁴⁵-O Senhor Manoel Lopes Cançado, conhecido como Manoel Neto, filiado no decorrer da história aos partidos da ARENA, PDS e PFL, governou o município de João Pinheiro por três mandatos, entre a década de 70 a 90 do século XX. Segundo os moradores locais, este durante os seus governos excluía Santana da Caatinga do seu planejamento de trabalho em decorrência de rivalidades e questões políticas, por ser essa localidade reduto da UDN, MDB e PMDB, sendo portanto, rivais políticos.

⁴⁶ Maria Joaquina casou-se com um neto de Antônio Rodrigues Velho. Este era figura legendária, conhecido também pelo nome de "Velho da Taipa", foi um dos primeiros bandeirantes a chegarem a Pitangui, depois dos primeiros sucessos da luta dos "emboabas". Tornou-se capitão-mor de Pitangui e, na 1ª Câmara da Vila, fez-se eleger juiz ordinário, Um neto desse Velho da Taipa, chamado Inácio Oliveira Campos, casou-se com Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco, filha de um advogado português instalado em Pitangui e parente do Conde de Valadares. Joaquina Bernarda, que se tornou célebre matriarca, ficou conhecida sendo pessoa de prestígio na corte. D. Joaquina, devido à paralisia de seu marido, assumiu a gerência dos negócios e se celebrou, sendo por todos chamados de “D. Joaquina do Pompeu”. Tomando conta da fazenda, transformou-se numa autêntica matriarca que enviava gado para o Rio de Janeiro, a fim de auxiliar as tropas de Pedro I no combate pela Independência do Brasil, que distribuía dinheiro para os pobres e que entre lendas fantásticas a seu respeito, foi à origem da maior parte das famílias tradicionais de Minas e dos grandes políticos que fazem à fama do mineiro. Assim, Maria Joaquina do Pompeu é conhecida por muitos mineiros como uma figura folclórica e que faz parte da história mineira. Esta figura está presente na maioria dos causos contados por aqui sobre o início da povoação desta região. Conf: geocities.com/novaeramg/pompeu.

Trata-se de uma comunidade formada em sua maioria de pessoas de pele negra. Dentre os moradores locais, pouquíssimos são os de pele clara, sendo que estes não possuem lá seus ancestrais. Não sabem falar com exatidão sobre as raízes da comunidade e contar a história dos primeiros moradores. Sabem pouco sobre a origem do local, sendo as lembranças mais frequentes na memória dos moradores mais idosos, as embarcações que aportavam no rio Paracatu, o desembarque de pessoas e mercadorias, e as tropas e carros - de - boi que vinham em comboio para trazer e buscar mercadorias. Do tempo dos escravos, praticamente não chegaram histórias, a não ser aquelas contadas por algumas pessoas mais velhas do lugar, que lá era um quilombo, bem como as algemas ostentadas pelo Senhor Sandó⁴⁷ que ele guarda “a sete chaves”, como relíquia.

No povoado de Santana da Caatinga, anteriormente as porções de terra que cabiam a cada morador eram maiores e as casas construídas com toda simplicidade representavam o poder aquisitivo daqueles negros que buscavam no seu cotidiano viver da melhor forma possível, apesar das limitações materiais e financeiras. “*Nas memórias de vida, podemos acompanhar as transformações do espaço urbano.*” (BOSI, 2003, p.73) Nesse sentido, é perceptível como o Sr. José Mendes⁴⁸ se perde em suas lembranças, reconstituindo a Santana da Caatinga da sua infância nas primeiras décadas do século XX, permitindo que possamos, através de suas narrativas, imaginar o povoado de outrora, onde não havia ruas, calçadas, “ranchos” de turistas, casas de alvenaria.

A casa mais antiga da Caatinga é do Senhor Guilherme. Depois a do Sr. Erasmo e da Dona Balbina. A da Dona Balbina foi construída pelo seu esposo que era alfaiate. A do Seu Erasmo foi feita pelo senhor Eustáquio, esposo de Dona Maria Francisca, irmã de Dona Balbina, era criador de gado e proprietário de uma área na barra dos rios. Ainda existe o mourão da porteira no curral, perto do bar do Eugênio. Os materiais usados na construção eram madeiras roliças, levemente lavradas com machado. Para os esteios,

⁴⁷ O senhor Sandó é um dos negros que possuem propriedades na Caatinga, é agricultor e pecuarista. Neto do senhor Bertoldo e irmão de Dona Neusa, presidente da Casa da Cultura. Recebeu suas terras de herança por ocasião do falecimento do pai Senhor Romuldo Mendes, filho de Senhor Bertoldo Mendes que era proprietário de muitas glebas de terra as quais foram divididas entre os filhos e aos netos, os quais são hoje ainda os proprietários das mesmas.

⁴⁸ O senhor José Mendes é um negro nascido em Caatinga em 1912. Lá viveu grande parte da sua vida, hoje reside em Brasília. É um dos catinguenses que decidiu procurar um novo caminho visando dar escola e trabalho para os filhos. Concedeu essa entrevista a Dona Neusa, presidente do Conselho Comunitário de Caatinga. O senhor José Mendes é filho do Senhor Bertoldo Mendes Rodrigues e dona Ana Fernandes, moradores da Caatinga desde o século XIX. O senhor José Mendes teve mais quatro irmãos, Romualdo, Jordi, Joana e Maria Mercês, já falecidos. É casado com Dona Maria das Dores, filha do senhor Canuto Pereira Soares, proprietário do Cartório de Registros que havia na localidade. Possui 12 filhos, 42 netos, 22 bisnetos Seu avô, Romualdo, era barqueiro e veio de Januária. Essa entrevista esta registrada no Jornal “*O Catinguense*”-Ano 2 - Nº. 1- Pagina 1º trimestre 2007.

usavam a aroeira que tinham em abundância na época. Os caibros de pau-pereira e peroba, ripas feitas de vara de taboca. As paredes feitas de vara de pau-a-pique, amarradas com couro de animais ou cordas de imbé, eram cheias com barro amassadas no pé. A cobertura era de palha de côco de buriti e as telhas feitas a próprio punho, utilizando barro amassado no pé.

Nas reminiscências do Sr. José Mendes é perceptível as mudanças pelas quais foram passando o espaço urbano de Santana da Caatinga, como tudo tem uma história e se transforma. Nesse sentido, reflete sabiamente Bosi, “*As casas crescem no chão e vão mudando: canteiros, cercas, muros, escadas, cores novas, a terra vermelha e depois, o verde umbroso... Arbustos e depois árvores...*” (Idem, p.74). No entanto, mesmo com as mudanças, permanece um sentimento de familiaridade, conhecimento, que possibilita ler uma relação de pertencimento e identidade.

Abaixo, a casa do Sr. Erasmo, construída de adobe e coberta com telhas curvas feitas na própria localidade de forma artesanal. A casa ganhou pintura nova, o piso que foi por décadas de terra batida, hoje passou por uma reforma e se tornou de cimento. Pelo relato do mesmo Senhor José Mendes, é possível observar as dificuldades encontradas pelos moradores de Santana da Caatinga em diversos aspectos da vivência cotidiana.



Foto nº7: Uma das casas mais velhas do povoado. Residência do Sr. Erasmo e família. Foto do acervo pessoal, registrada em uma das visitas a Santana da Caatinga..

Refletir sobre essas casas é importante porque elas retratam um tempo, o modo de vida desses remanescentes, pessoas simples, mas que na faina cotidiana conseguiram e conseguem

driblar as muitas dificuldades encontradas, estabelecendo uma relação com os seus e com o lugar que constituem no patrimônio material e imaterial desses catinguenses.

Historicamente é possível observar o cotidiano e a luta pela sobrevivência dos moradores de Santana da Caatinga sob duas vertentes. A primeira vertente, a lida com a natureza para dela extrair os produtos de que necessitavam, a policultura com gêneros alimentícios de primeira necessidade, como o arroz, milho, feijão, mandioca, a cana de onde se extraíam a garapa para a produção de rapaduras, o trabalho com a terra, muitas vezes como meeiros, a criação de alguns animais, tais como: avicultura, suinocultura e a pesca. Há também aqueles catinguenses que conseguiram adquirir posse de terra através da compra com recursos oriundos da criação e comercialização de gado.

Em outra vertente, lanço olhares nos tempos de outrora, quando Santana da Caatinga foi o principal porto de entrada e saída de mercadorias do município de João Pinheiro, importante para o fluxo comercial e abastecimento da região. Nessa perspectiva, é preciso mencionar a relevância do rio para os moradores locais e como ele vai fazendo parte da trajetória desses remanescentes, ressignificando no decorrer desse tempo.

Segundo os moradores mais antigos, foi pelo rio Paracatu que chegaram os primeiros moradores da localidade, protegidos pela Santa Senhora Sant'Anna, ali se estabelecendo, sendo o rio um dos principais recursos de onde extraíam o alimento e garantiam a sua sobrevivência. Estes rios, principalmente o Paracatu, consistiram em uma rica fonte de abastecimento de peixes dos quais os moradores beneficiavam o seu cardápio, sendo este um costume antigo, como nos diz o narrador, Sr. Erasmo, em uma de nossas entrevistas. *“Aqui as coisas era muito difícil. Tinha muito peixe, a gente pescava muito, num tinha gelo pra pô nus peixe, então a gente vendia ou trocava os peixe, pra num perder o resto, nós salgava e ia comendo. Aqui tinha muito peixe”*.⁴⁹

Sendo o sertão do noroeste mineiro um local de difícil acesso naquele tempo, o transporte fluvial, ganha grande importância para toda a região. Um deserto na visão de muitos brasileiros, o sertão vai ser beneficiado no início da República pela construção da Ferrovia Central do Brasil,

⁴⁹ O senhor Erasmo é um dos narradores que participa desta pesquisa. Aposentado e proprietário de um poucos estabelecimentos comerciais do local. Morador da comunidade desde que nasceu e exerce um papel importante na localidade por ser um dos moradores mais idosos, sendo compadre de muitos dos moradores. É de certa forma um dos guardiões da História local. Entrevista concedida a esta pesquisadora em Santana da Caatinga, no segundo semestre de 2006.

ligando Belo Horizonte a Pirapora⁵⁰ nas margens do Rio São Francisco. Pirapora torna-se um entreposto comercial sumamente importante para toda essa região, pois ali era o ponto final do trem de ferro da companhia Central do Brasil, que vinha de Belo Horizonte trazendo passageiros e produtos manufaturados da capital que eram então, redistribuídos via vapores e embarcações menores para a região do sertão. Nas cidades ribeirinhas a passagem dessas embarcações consistia sempre em um acontecimento importante, vindo quebrar com a monotonia cotidiana desses lugarejos, trazendo e levando passageiros e cargas. Essas embarcações simbolizavam o acesso ao desenvolvimento e às cidades mais desenvolvidas. Na memória das testemunhas desse tempo, uma das embarcações que mais navegavam pelas águas do rio Paracatu era a embarcação de nome “Paracatuzinho”, muito embora existissem outras de menor porte.

As mercadorias que não eram produzidas no município tais como: querosene, sal, arame, pregos, tecidos, objetos industrializados, eram trazidos para a cidade de Pirapora. No porto de Caatinga eram descarregadas das barcas e vapores e transportadas pelos moradores dessa comunidade que desempenhavam o trabalho braçal. Os produtos eram levados para um galpão-depósito localizado pouco acima da margem do rio Paracatu ou já iam carregando os carros - de - boi que transportavam essas mercadorias para diferentes pontos do município. Da mesma forma que na Santana da Caatinga, descarregavam mercadorias vindas de outras localidades, também faziam carregamentos daquelas mercadorias produzidas no município, fossem pelos catinguenses ou não, as quais eram levadas e vendidas em Pirapora, transportadas via fluvial como arroz, rapadura, milho, couro, carne, toucinho, algodão.

Os proprietários dos dois maiores estabelecimentos comerciais⁵¹ do lugarejo não eram negros⁵², muito embora, alguns negros possuíssem estabelecimentos comerciais, porém de menor tamanho. Relembra o Sr. José Mendes na entrevista ao jornal “*O catinguense*”

⁵⁰ Pirapora está localizada no sertão mineiro, às margens do rio São Francisco, sendo um importante entreposto comercial. Esta cidade foi importante na história de muitas povoações ribeirinhas, pois com a construção da estrada de ferro que a ligava a Belo Horizonte, facilitou em muito a escoação dos produtos oriundos do vale do rio São Francisco e do sertão do noroeste mineiro. Era também ponto de desembarque de mercadorias que vinham da capital para serem distribuídas via transporte fluvial até as comunidades ribeirinhas.

⁵¹ Estes eram estabelecimentos, conhecidos como “secos e molhados,” ofereciam uma variedade de produtos, entre eles, tecidos, arreios, arame, sal, açúcar, alimento, vasilhas, alguns tipos de remédio, dentre outros itens. Procuravam dentre as suas dificuldades e limitações atender da melhor forma o cliente. “*A primeira vez que eu bebi cerveja, foi na caatinga. Eles gelavam cerveja na areia e no sal.*”, assim, diz o Senhor Bilim, de 80 anos, que buscava mercadoria na Caatinga.

Comércio era o Sô Firmino e Francisco Braga, (Chico Braga). Vendiam tecidos, bebidas, vindas da Bahia. Já em 1922 veio o turco Hussen Abdalla fazer comércio na casa onde é do finado Vandé. Depois veio o Rafi, o Álvaro Silveira, o João Veloso, o Canuto e o Niguito. Aqui em Caatinga tinha muitos barqueiros que mantinham o comércio.

De acordo com a narrativa do Sr. José Mendes eram vários os estabelecimentos comerciais existentes na comunidade de Santana da Caatinga. A diversidade nessa oferta de produtos possibilitava o atendimento aos clientes do sertão mineiro, isolados de outras localidades em decorrência da falta de estradas, carência de transporte, distância dos grandes centros e as muitas fronteiras naturais comuns nessa região, como cerrado, serras, rios. Isso não é de se estranhar, até mesmo no período da escravidão, foram muitos os quilombos que se dedicaram às relações comerciais. Mesmo que estes não estivessem diretamente ligados aos estabelecimentos comerciais, não eram isentos à influência do comércio e seu fluxo.

O rio torna-se importante pelas possibilidades que oferecia e ainda oferece à comunidade. Proporcionando trabalho, forma de adquirir o sustento, viabilizando a comunicação com outras regiões, permitia visibilidade aos catinguenses beneficiados pela sua localização estratégica, o que possibilitava o acesso a muitos tipos de pessoas, fossem eles moradores do município ou não, “ampliando” de certa forma os “limites” dessa comunidade, que em contato com o “outro”, vai criando/recriando cotidianamente seu viver.

Neste cenário, o lugarejo de Santana da Caatinga assume um papel importante no processo histórico local, possibilitando aos moradores dessa região o acesso a outras cidades via transporte fluvial. No entanto, com o passar do tempo, abertura de estradas, construção de pontes, aumento do fluxo de automóveis, disputas políticas locais, falta de investimento e apoio dos governantes locais, a elevação da cidade de João Pinheiro à categoria de sede do município na década de XX, desloca o eixo das movimentações de outrora, perdendo Santana da Caatinga a importância no contexto municipal. Esses fatores vão de certa forma influenciar na experiência e na história daquele povo.

Uma das grandes conquistas presentes na memória dos catinguenses é a presença do Cartório de Registro de Notas, Casamentos e Nascimentos em Santana da Caatinga, o que de

⁵² Os dois maiores comerciantes locais foram Hussem Abdalla e Alli Abdalla, que para lá se dirigiram objetivando explorar o comércio local. De acordo com dados obtidos em livros de pagamentos de impostos, na década de 30 do século passado, eram proprietários dos maiores armazéns do município, com muitas mercadorias em estoque. Mudaram-se da comunidade com o declínio da navegação fluvial na região em meados do século XX. Em decorrência da mudança de transporte, Santana da Caatinga vai perdendo a importância que exercia no município.

certa forma, concedia importância jurídica à localidade, porém por questões políticas, o cartório foi “tomado” de Caatinga e levado para Brasilândia em 1960. O sentimento de perda e mágoa em relação à falta do cartório é unânime na fala dos narradores mais velhos ao relatar a história local. Isso permite perceber que a transferência do cartório, bem como o papel exercido por Santana da Caatinga, permanece na memória coletiva, trazendo um pouco de ressentimento em relação aos moradores de Brasilândia. É um sentimento repassado das gerações mais velhas para as gerações mais novas. Assim reflete o Senhor Mauri, um dos narradores desta pesquisa:

Uma das coisas que o povo de Caatinga num gosta de Brasilândia é por causa do cartório. No governo do senhor Dozinho, ele, por politicagem com o povo da Caatinga, levou o cartório prá Brasilândia. Tomou o cartório do Canuto... Hoje, nenhuma dessas pessoas tá viva mais. Mais os herdeiros dela tão. A história conta...

Além das questões políticas que acabavam influenciando na vivência cotidiana dos catinguenses, como no caso da transferência do cartório, havia a falta de visibilidade dos administradores do município para as questões ligadas a esse distrito. Muitas foram às dificuldades encontradas por esses remanescentes no decorrer dos tempos, acarretando certo declínio no decorrer da história desse povo, fazendo com que muitos catinguenses migrassem para outras cidades, abandonando a sua terra natal. Aliado às dificuldades e desafios oriundos da vivência no sertão, a falta de trabalho e escola para os filhos estão entre as principais queixas desses remanescentes no decorrer de sua história.

Os catinguenses trabalhavam carregando e descarregando mercadorias das embarcações, “pegavam” empreito nas propriedades próximas, batiam pasto, faziam cerca, eram vaqueiros, dentre uma variedade de trabalhos braçais. Muitos foram meeiros ou agregados nas fazendas próximas, sendo esta uma forma de garantir o sustento da família. Quase todas as casas tinham uma área de terreno maior que a atual, isso permitia a plantação de um quintal maior, com variedades de árvores frutíferas, plantavam hortas e criavam animais para ajudar nas despesas. “A caça e a pesca era para sobrevivência.”⁵³ “*Relembra* o Sr. José Mendes na citada entrevista.

A solidariedade entre os “irmãos de cor” era presente nas atitudes cotidianas pelas quais procuravam ajudar-se mutuamente, diante das dificuldades da vida. Auxiliar compadres que eram também parentes entre si, no trabalho cotidiano consistia em uma forma de garantir para si

⁵³ Além da pesca costumavam caçar no cerrado próximo à localidade, em uma época que essa vegetação era abundante na região. A caça de animais como paca, caititu, tatu, dentre outros, constituía-se em um complemento no cardápio das famílias que eram numerosas.

auxílio quando dele necessitasse, pois muitas vezes pagavam trabalho com trabalho, ou seja, quando alguém necessitava de ajuda, os outros auxiliavam na execução das tarefas e quando o “outro” precisava, reuniam-se e iam auxiliar aquele que estava necessitando. Um auxiliando o outro. É possível perceber essas práticas no cotidiano ao analisar a entrevista do já citado Sr. José Mendes ao jornal “O Catinguense”.⁵⁴

Aqui em Caatinga quase todos os moradores trabalhavam para si próprios, eram criadores de algumas cabeças de gado, cavalo, porcos, cabritos. Fazia mutirão, naquele tempo chamava **traição**⁵⁵, para realizar serviços e trocavam dias de serviço por rapadura e toucinho. As mulheres fiavam, teciam e faziam renda para vestir suas famílias. O povo era mais honesto. Criavam gado solto. Plantavam roças e, de três em três anos, mudavam de lugar, porque a terra ficava fraca.

As coisas eram adquiridas com muita dificuldade, os recursos financeiros eram “curtos” e o acesso aos bens industrializados eram difíceis. Continua refletindo o Sr. José Mendes na mesma reportagem acima mencionada: *Eram usados potes e panelas de barro. Também utilizavam cabaça para armazenar a água. Delas fazia cuias, cumbuca, servia de pratos e copos e o cuité que era mais resistente que a cabaça. As camas eram de giral.*

Os filhos começavam no trabalho logo cedo, na labuta diária para ajudar a família, não frequentando escola. A maioria dos pais dos nossos narradores mais velhos não via importância em colocar os filhos na escola, levando em consideração a cultura do trabalho e a exclusão desses pais do meio escolar, pois segundo esses idosos, os seus pais não sabiam ler ou escrever. “*Tanto vive quem estuda, quanto vive quem não estuda*”. Rememora seu Bilau o discurso produzido por seu pai no início da década de 30 do século passado, quando o levava para o trabalho e defendia que o homem precisava aprender a trabalhar para sustentar a família quando a fosse constituir, sendo costume nessa época, o homem se casar cedo, assumindo a responsabilidade de arcar com as despesas do novo lar. É possível entender assim, que o estudo não era concebido e valorizado como nos dias atuais. Apesar de se dedicarem ao trabalho, em detrimento da escola, ficando na maioria das vezes excluídos da mesma, é possível perceber pelas narrativas destes narradores que

⁵⁴ Jornal “O Catinguense”-Ano 2 - Nº. 1- Pagina 1º trimestre 2007.

⁵⁵ Traição; nome dado aos mutirões de ajuda mútua, era feito de surpresa a pessoa que iria receber a ação. Geralmente esse trabalho era realizado na limpeza e colheita das roças.

viam o aprendizado escolar como uma forma de elevar o nível de vida, pois analisa o mesmo senhor Bilau: “*quem sabia contar até dez comprava boi e boiada*”⁵⁶.

Diante das dificuldades no acesso ao mundo da escola, a linguagem oral constitui-se como um importante veículo de transmissão e manutenção dos saberes e fazeres, através dos contos, da arte de dar conselhos e vai culturalmente pelo viés emissor/receptor transmitindo os ensinamentos de uma geração para outra. As histórias transmitidas sejam elas de experiências, valores, ensinamentos ou fatos passados, são descrições da cultura desse povo, pois mesmo que feitos individualmente, mantêm traços do coletivo, do estilo de vida da sociedade em que vive.

Ao analisar a questão dos negros hoje, pode-se dizer que entre as principais dificuldades sofridas por eles na sociedade, estão o preconceito e as limitações no acesso e permanência ao ensino, constituindo-se como um dos fatores que contribuem para a permanência da exclusão sofrida pelos negros. Pode-se perceber isso, observando o índice de escolaridade dos negros no Brasil⁵⁷. Historicamente não foi preocupação das elites governantes possibilitarem aos negros o direito e condições de igualdade no campo da formação educacional, tanto no que diz respeito ao acesso como permanência na escola.

No aspecto legal, uma postura ativa e permissiva diante da discriminação e do racismo que atinge a população afro-descendente brasileira até hoje. O Decreto nº. 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, estabelecia que nas escolas públicas do país não seriam admitidos escravos, e a previsão de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores. O decreto nº 7.031 - A, de 6 de setembro de 1878, estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno e diversas estratégias foram montadas no sentido de impedir o acesso pleno dessa população aos bancos escolares. (Tarso Genro-Ministro da Educação, p. 05.).

Após a abolição, alguns negros da região de Vassouras, cientes de que a educação era uma das formas de inclusão dos negros nessa sociedade excludente e desigual, preocupados com o

⁵⁶ Assim analisou o senhor Bilau ao refletir sobre a importância que tinha o saber escolar naquela época e como estes ficavam excluídos desse acesso em função do trabalho e até mesmo da falta de estabelecimentos de ensino na localidade. O senhor Bilau relatou que aprendeu a ler e escrever com os programas de alfabetização de adultos quando ele mudou-se com a sua família de Santana da Caatinga para a cidade de João Pinheiro em busca de trabalho e escola para os filhos, sendo ele, pai de uma família. Estas informações foram obtidas em entrevista concedida no segundo semestre de 2006 em sua residência.

⁵⁷ Pessoas negras têm menor número de estudos que as pessoas brancas (4,2 anos para negros e 6,2 anos para brancos); na faixa etária de 14 a 15 anos, o índice de pessoas negras não alfabetizadas é de 12% maior do que as pessoas brancas na mesma situação; cerca de 15 % das crianças brancas entre 10 e 14 anos encontram-se no mercado de trabalho, enquanto 40,5% das crianças negras na mesma faixa etária, vivem essa situação. Cf: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2005.

futuro e a instrução dos filhos, endereçaram a Rui Barbosa uma correspondência, solicitando que os filhos dos libertos tivessem acesso a instrução pública.

Para fugir do perigo que corremos por falta de instrução, vimos pedi-la para nossos filhos e para que eles não ergam a mão assassina para abater aqueles que querem a República, que é a liberdade, igualdade e fraternidade. Nenhum plano educacional foi elaborado tendo em vista a inclusão social dos filhos de ex-escravos. Importante observar que essas aspirações ainda são reivindicadas pelo povo negro no Brasil Republicano. (ALBUQUERQUE, Op Cit, p. 9).

A consciência de que a educação era uma das alternativas de minimizar o quadro de exclusão e desigualdade racial e social fez com que muitos negros apesar das dificuldades encontradas, procurassem encontrar na aprendizagem escolar uma forma de mudança social. Surgem reivindicações e debates acerca da necessidade de direitos educacionais para negros. Afirmava o jornal *O Quilombo* (...) citado por Santos “*era necessário lutar para que, enquanto não for gratuito o ensino em todos os graus, sejam admitidos estudantes negros, como pensionistas do Estado, e em todos os estabelecimentos particulares e oficiais de ensino secundário e superior do país, inclusive nos estabelecimentos militares*”. (SANTOS, 2005, p. 22)

A busca pela educação formal foi um passo importante para os negros no Brasil, mas não significou na realidade o fim do preconceito, da desigualdade social ou mesmo, ascensão social. *Os negros compreenderam que sem educação formal dificilmente poderiam ascender socialmente, ou seja, adquirir mobilidade vertical individualmente ou coletivamente.* (Ibdem)

No interior, o acesso à educação era ainda mais difícil. Isso é perceptível ao analisar o índice de pessoas analfabetas no município de João Pinheiro que alcançava a 90%. Em Santana da Caatinga, pouquíssimos eram os que sabiam ler, escrever e resolver as quatro operações.

A educação era vista de certa forma como uma maneira de se conseguir status. No início do século XX, aprender a ler e escrever consistia em um privilégio. Professoras formadas eram raras. As professoras vinham de Januária - MG e lecionavam nas residências. Reflete em sua entrevista o senhor José Mendes: *Dona Ursulina lecionava para os meninos e Dona Francisca lecionava para as meninas. Era separado por sexo. Eu e meu irmão Romualdo estudamos cinco meses e aprendemos a ler e escrever e fazer as quatro operações matemáticas.*

A escola pública criada no perímetro urbano de Santana da Caatinga data da primeira metade do século XX. A princípio era pequena, somente com uma sala de aula, não tinha merenda ou transporte escolar. Havia uma só professora que trabalhava com todas as séries. Com o passar do tempo, essa escola que era mantida pelo Estado, teve o seu número professoras

ampliado para atender a demanda de alunos, porém, continuavam a oferecer na escola da localidade somente as quatro primeiras séries do ensino fundamental. Foi construída na segunda metade do século XX uma escola maior, porém continuou a ofertar somente os quatro anos iniciais da vida escolar.

Com a falta de uma educação que excedesse esses quatro anos de escolaridade e como muitas das crianças em idade escolar moravam nas fazendas do entorno, sendo os pais pequenos proprietários ou agregados. Muitos desses catinguenses não possuíam recursos financeiros ou locais para deixar os filhos no povoado de Santana da Caatinga, ou mesmo, enviá-los diariamente à escola. Partindo dessa realidade, muitas vezes se viam obrigados a mudar ou deixar os filhos sem escola. Isso acontecia muito em decorrência dos pais necessitarem dos filhos no trabalho, na lida em casa, na roça ou com o gado. Aqueles que colocavam os filhos para estudar, em sua maioria não ultrapassavam a 4ª série. Como a presença da escola na localidade de Santana da Caatinga é uma conquista de 60 anos para cá, verificamos que as pessoas mais velhas da localidade são em sua maioria analfabetos ou semi-analfabetos.



Fotografia nº. 8: Casa Escolar de Santana da Caatinga. A professora com sua classe nos anos 50 do século XX. Pode-se observar que dentre os 33 alunos, somente 3 são de pele clara, a maioria deles são de pele negra, retratados na imagem um lado do outro, num tom sugestivo de disciplina. A disparidade no tamanho sugere que sejam alunos de séries diferentes englobados em uma mesma turma. A escola pequena ostenta a Bandeira do Brasil hasteada a porta, simbolizando a preocupação com a identidade nacional. Esta foto original está exposta no acervo de imagens da Casa da Cultura de Santana da Caatinga.

Na segunda metade do século XX, alguns negros por meio de recursos obtidos através da venda de seus produtos ou da renda de suas terras, procuravam minimizar as dificuldades do acesso à escola e enviavam os filhos a João Pinheiro ou Brasilândia para estudar, ficando na maioria das vezes morando nas casas de parentes. Visavam proporcionar um melhor posicionamento para os seus filhos em relação às estruturas de poder, mais oportunidades na vida. Assim, muitos estudavam e regressavam, outros tantos, permaneciam na cidade para onde foram estudar habituados à nova vida. Dona Neusa, filha de um proprietário de terras a alguns quilômetros da sede do povoado, teve que ir ficar em casa de parentes nas cidades vizinhas para estudar. Ela narra sua experiência.⁵⁸

Eu fiquei aqui até os sete anos, depois saí pra estudar. Aqui num tinha escola com mais séries. Tinha de 1ª a 4ª, mas era longe lá de casa e meu pai num deixava a gente aqui sozinho para estudar. Então eu fiquei em Brasilândia e João Pinheiro até terminar. Vim pra cá de volta em 70 para trabalhar, dar aula. Aqui tinha muito aluno. Tinha de 1ª a 4ª, aí com o passar do tempo, foi diminuindo o número de professores e de alunos, até que ficou multi-seriada. Hoje tem pouco aluno. Os meninos da 5ª série em diante vão para Brasilândia estudar lá, por que aqui não oferece.

A escolaridade para os filhos consiste ainda um dos grandes desafios para esses negros. É no campo educacional que podemos perceber com maior força a exclusão negra e juntamente com ela, a desigualdade nas oportunidades. Nos primeiros anos de escolaridade, essa disparidade não é tão gritante devido ao fato de ser mais fácil o acesso, mas na proporção que aumenta o índice de escolaridade, amplia a distância⁵⁹. O acesso a uma educação de qualidade, as condições de se fazer um curso superior ou cursos técnicos que possibilitem uma profissionalização, não é privilégio de todos. Torna-se muitas vezes um sonho para a maioria dos brasileiros pobres, principalmente para os remanescentes, que ficaram excluídos duplamente, por serem pobres e negros. Essa exclusão no campo educacional é um dos agravantes para a exclusão em outros

⁵⁸ Dona Neusa Mendes Rodrigues é uma das narradoras desta pesquisa, em entrevista concedida no segundo semestre de 2006. Negra, de família tradicional no lugar, seu pai era proprietário de glebas na Fazenda Buriti e lá morava, distando cerca de dezesseis quilômetros do povoado. Aos sete anos saiu para estudar em João Pinheiro e Brasilândia porque o pai não tinha condições de mantê-la em Santana da Caatinga. Ao concluir o curso ginásial, voltou para casa e começou a lecionar na escola local, aposentando-se como professora após 25 anos de trabalho. É a presidente da Casa da Cultura de Santana da Caatinga, sendo uma grande incentivadora da sua cultura e história.

⁵⁹ No ensino superior no Brasil, são 1665.982 estudantes, sendo que 78,6% são brancos, 17,4% pardos, e apenas 1,4% são pretos. Além da disparidade dessa situação, o que obviamente compromete as chances dos negros no mercado de trabalho, o preconceito se encarrega de acentuar a desigualdade. Ou seja, mesmo que tenham a mesma escolaridade, os negros têm menos oportunidade de emprego, remuneração e ascensão social. Independente da política de governo, uma das medidas que está sendo adotada por um número crescente de Universidades públicas brasileiras são as cotas sociais e raciais: Cf. (ALBUQUERQUE, op. cit).

aspectos da vivência desses negros. O acesso à educação e trabalho, assim como os espaços políticos são essenciais para a conquista da cidadania.

Após a promulgação da constituição de 1988, o Brasil busca efetivar a condição de um Estado democrático de direito com ênfase na cidadania e na dignidade da pessoa humana, contudo, ainda possui uma realidade marcada por posturas subjetivas e objetivas de preconceito, racismo e discriminação aos afro-descendentes, que, historicamente, enfrentam dificuldades para o acesso e a permanência nas escolas. (Tarso Genro-Ministro da Educação, p. 05).

Apesar das mudanças que vem ocorrendo no campo educacional, à escola de Santana da Caatinga continua a ofertar somente as quatro séries iniciais e se os pais da região quiserem proporcionar aos filhos o acesso aos demais anos de escolaridade, precisam mandá-los cotidianamente para Brasilândia, distando aproximadamente 20 quilômetros da localidade através do transporte escolar ou deixá-las sem estudo.

A falta de investimentos na educação local é uma realidade que precisa ser superada, principalmente uma educação que leve em consideração a realidade local, a cultura e a história afro-brasileira *“em virtude da falta de oportunidade de estudo e trabalho nas terras ancestrais, os jovens partem para outras cidades, onde muitas vezes vêm descaracterizada a sua essência”* (ANJOS, op.cit, p. 149). Nesse sentido, recorro às palavras da ALAVANCA: *“Caatinga vem sofrendo forte exclusão social e econômica em relação ao êxodo de seus filhos para os centros urbanos mais próximos”*.

Em Santana da Caatinga, ainda há muitos analfabetos e semi-analfabetos, levando-se em consideração os mais idosos. Os mais jovens são alfabetizados, apesar de serem poucos os anos de escolaridade que possuem. Dentre os moradores locais, somente duas catinguenses estão cursando o terceiro grau em uma Faculdade particular localizada a 120 km de sua casa. Levando em consideração as dificuldades encontradas no campo educacional, aqueles que querem dar uma formação profissional aos filhos ainda precisam enviá-los para estudar fora, principalmente para as cidades vizinhas, em decorrência da falta de escolas que forneçam um grau mais elevado de instrução ou da dificuldade na permanência nelas.

Com limitadas condições de acesso educacional, o destino de grande parte de nossa juventude encontra-se pré-determinado. Sem condições de progresso educacional, com escassas oportunidades no mercado de trabalho, engrossa o exército de jovens sem atividade, socialmente definidas, muitos deles enveredando pelos poucos caminhos que a vida lhe oferece. (Unesco, apud LIMA, op.cit, p. 73).

A falta de escolas que forneçam um nível de ensino mais elevado e a preocupação com um ensino de qualidade são fatores que ainda provocam o êxodo dos catinguenses para outras cidades, principalmente os jovens em idade escolar. Partindo desse prisma, ressalto a relevância da oralidade na história, cultura e repasse de saberes na localidade.

Tenho ciência que o conhecimento da língua escrita possibilita aquisição de poder, não sendo mero acaso que no Brasil, o ensino chegou primeiro às classes mais abastadas e só depois foi deixando de ser regalia das elites, estendendo-se a pobres e aos moradores do meio rural.

A educação é uma das formas de romper com estigmas e preconceitos historicamente construídos, consistindo esta, aliada à saúde, entre as necessidades básicas dos catinguenses.

1.4-A Questão do território

Permanece na memória dos moradores idosos da comunidade que essas terras pertenciam a Dona Maria Joaquina do Pompéu⁶⁰, latifundiária mineira que doou para Senhora Sant'Ana⁶¹ as terras onde se situa Santana da Caatinga e aquelas existentes nas proximidades.

As terras de Santana da Caatinga pertenceram á Joaquina do Pompéu, figura histórica dona da região. Acredita-se que os negros tenham ali chegado vindos da Bahia e do Norte de Minas em embarcações rústicas através dos rios são Francisco e Paracatu, ali se instalando e construindo suas famílias. Era local de difícil acesso e de fácil

⁶⁰ Joaquina Bernarda da Silva, conhecida por Dona Joaquina do Pompéu, casada com o Alferes Pacífico José da Cunha figura histórica, presente na memória desses remanescentes como grande proprietária de terras, incluindo Santana da Caatinga. Conta-se nas narrativas orais que era uma pessoa de personalidade forte, dominadora, decidida. Possuía segundo eles, uma casa grande situada dentro destas terras divididas geograficamente, hoje, como distrito de Santana da Caatinga.

⁶¹ Santa Ana ou Sant'Ana (lattim Anna, e este do hebraico Hhannah *Graça*) foi mãe da Virgem Maria e avó de Jesus Cristo. A Igreja comemora no dia 26 de julho o dia de Santa Ana, muito embora, em Santana da Caatinga, as festividades ocupem toda essa semana. Diz-nos a Tradição que Joaquim e Ana não tinham filhos. Eram, por isso, vistos como não agraciados por Deus. Joaquim não podia oferecer sacrifícios no Templo; Ana, por sua vez, sofria silenciosamente a exclusão que a sociedade lhe impunha por não poder dar continuidade à raça eleita de Israel. Joaquim era pastor e retirou-se para o deserto enquanto Ana ficou em sua casa. Tempos depois voltaram, pois sentiam em seus corações que Deus cumpriria sua promessa e lhes daria um filho. Esta criança foi Maria, nascida porque "os laços da esterilidade de Ana foram soltos por Deus" que ouviu seus clamores. A Menina escolhida pelo Eterno para ser a Mãe do Filho de Deus é do Oriente. Lá viveu toda sua vida e por isso é compreensível que o amor e a devoção dedicados a ela tenham saído dali por primeiro em relação ao Ocidente. Foi no Oriente que, desde muito cedo, Maria foi piedosamente honrada pelos fiéis com devoção e entusiasmo. A introdução ou o desenvolvimento das festas marianas na Igreja do Ocidente muito se deve a São Sérgio I, de família Síria, oriunda de Antioquia, nascido em Palermo, Bispo e Papa de Roma em 687.

sobrevivência, porque circundada por dois rios - O Paracatu e o Caatinga, o que garantia a abundância de pesca e o solo propício ao plantio de mantimentos.⁶²

Na comunidade, o alimento, assim como a saúde era uma inquietação fundamental para a sobrevivência dos catinguenses. Nos quintais havia sempre o espaço para o plantio de fruticultura, horticultura e uma grande variedade de plantas medicinais que serviam às famílias na busca da sobrevivência diária. No entorno da comunidade, plantavam roças, adotando a policultura como forma de organizar a economia e manter a subsistência. Cultivava-se principalmente o arroz, feijão, milho, mandioca, amendoim, dentre outros produtos. Alguns plantavam cana-de-açúcar para a fabricação de rapadura objetivando o consumo familiar. Muito embora pudessem desfrutar e cultivar a terra, ninguém tinha documentação das mesmas, sendo estas, de acordo com a lembrança dos mais idosos, de uso dos quilombolas de Santana da Caatinga em decorrência da doação verbal da latifundiária Maria Joaquina para Senhora Santana. Esta versão permanece na memória dos remanescentes idosos que ainda vivem na comunidade.

De acordo com a narrativa destes idosos, passaram-se os anos e nas primeiras décadas do século XX, quando se emancipou do município de João Pinheiro, este começou a organizar-se administrativamente. As terras das proximidades do povoado foram levadas a leilão em Hasta Pública na cidade de João Pinheiro, sendo parte delas arrematadas pelo Sr. Bertoldo⁶³, e após a compra, permitiu que os catinguenses, seus conterrâneos, continuassem a cultivar as terras, plantando suas rocinhas como antes o faziam. Todavia, com a morte do senhor Bertoldo, seus herdeiros começaram a cobrar o pelo seu uso. Dessa forma, os moradores de Santana da Caatinga que quiseram continuar com o cultivo da terra tornaram-se meeiros⁶⁴. Podemos perceber esses acontecimentos presentes na narrativa de um dos narradores desta pesquisa, o Sr. Bilau⁶⁵.

⁶² Breve histórico da comunidade anexado ao pedido de reconhecimento de Remanescentes de Quilombo, destinado à Fundação Cultural Palmares.

⁶³ O Senhor Bertoldo é um negro de Santana da Caatinga e de acordo com seus herdeiros dedicou-se ao trabalho de criar gado e vender boiada, comprando algumas glebas de terra, adquirindo assim, melhor poder aquisitivo que seus “irmãos de cor” que lá residiam. Morou em Santana da Caatinga até sua morte e seus descendentes ainda residem nestas terras, mantendo a tradição herdada do pai e avó, sendo ainda criadores de gado.

⁶⁴ Termo do regionalismo brasileiro usado para definir aquele que planta a meias com o dono do terreno, a quem tem que dar parte do rendimento da plantação. De acordo com o costume local, o proprietário concede a terra para ser cultivada, e o agricultor faz todo o trabalho de cultivo e colheita do produto, dividindo pela metade a produção. No sertão esse costume foi muito usado, principalmente em decorrência da histórica desigualdade na distribuição da renda, muitos sertanejos pobres retiravam dessa forma seu sustento e de suas famílias, sendo esta prática ainda utilizada.

Essa terra era de Dona Joaquina, então ela deu essas terra para a Santa, mais quando João Pinheiro virou cidade, eles foram fazer o levantamento prá pagar os impostos, que a santa num pagava os imposto. Por isso, as terras foi levada prá leilão e o Bertoldo comprou e falou que era prá num deixar a terra que eles tava acostumado passar pra mão de outros. Enquanto o Bertoldo tava vivo, as pessoa plantava do mesmo jeito, mais depois que ele morreu, os filhos dele deixou continuar a plantar as roça, mais tinha que ser a meia.

Observando a fala do Sr. Bilau e os processos de arrolamento de terras, podemos notar que o Senhor Bertoldo foi um grande proprietário de terras em Caatinga no início do século XX, sendo também, de acordo com os livros de pagamentos de impostos, proprietário de muito gado. Após seu falecimento, as terras foram repassadas aos seus condôminos, dos quais muitos ainda são proprietários de glebas nas proximidades do povoado de Santana da Caatinga.

Em Santana da Caatinga, o direito a terra está ligado ao parentesco, sob dois aspectos: em relação ao pertencimento ao grupo de negros que moravam na localidade e construíram sua casinha estabelecendo ali sua moradia no decorrer do tempo. Assim, Santana da Caatinga engloba um grupo de negros que coletivamente se vêem como ocupantes e donos de uma área coletiva. A segunda forma está relacionada aos direitos mais particulares de dentro do próprio grupo. Individualmente sentem-se proprietários do espaço de terra onde construíram suas casa, cercaram e estabeleceram ali suas propriedades, plantando seus quintais, criando seus animais e vivendo com suas famílias. Assim, essas pequenas propriedades em forma de lotes de terras são transmitidas por herança de parentes, ou seja, por laços de consangüinidade.

A terra é para muitos remanescentes uma questão importante e simbólica. É a questão da territorialidade, a ligação com seus ancestrais e sua história. Muitas famílias que residiam em Santana da Caatinga migraram para outras cidades em busca de melhores condições de vida, emprego, estudo para os filhos, porém, mantêm lá a casinha onde foram criados e residiram os pais e avós. A manutenção dessa propriedade representa a ligação com o lugar, com suas raízes e história. Muitos deles não conseguem reformar as casas, construídas ainda de adobe⁶⁶, simbolizando o tempo e a falta de recursos para mantê-la em bom estado de conservação. Mesmo com a falta de recursos para a reforma das casas, muitos não desfazem das mesmas,

⁶⁵ O Senhor Bilau é um dos narradores desta pesquisa, natural de Santana da Caatinga, hoje com 86 anos de idade. Concedeu esta entrevista no segundo semestre de 2006.

⁶⁶ Tijolo grande do tipo argila, seco ou cozido ao sol, às vezes acrescido de palha ou capim, para torná-lo mais resistente. Anteriormente as construções em Santana da Caatinga eram todas feitas com esse tipo de tijolo, muitas delas ainda estão lá, testemunhas desse trabalho e dessa forma de fazer.

representando à ligação com o passado e a história, constituindo-se em patrimônio material que possibilita manterem vivas as lembranças dos tempos que lá viveram. “*Os lugares vividos são como presenças de ausências.*” (CERTEAU, op. cit, p 189).

Nesse sentido, é possível perceber como o Sr. José Mendes se perde em suas lembranças, reconstituindo a Caatinga da sua infância e dos atores sociais que lá viviam. E muitas dessas famílias que ele traz em sua memória, seus descendentes ainda mantêm lá suas casas.



Foto nº. 9: Imagem da casa dos descendentes do Sr. Sebastião. Esse catinguense nela morou até sua morte. É uma das casas mais antigas de Santana da Caatinga, atualmente desabitada. Depois da morte do seu proprietário, a casa ficou vazia, seus filhos moram em João Pinheiro, mas não dispõem da casa, embora não possuam poder aquisitivo que lhes permitam reformá-la e mantê-la em bom estado.

A preocupação com relação à documentação de sua propriedade é perceptível nas entrevistas realizadas com os moradores de Santana da Caatinga. Isso é sentido no silêncio que se estabelece quando se menciona ou pergunta sobre o assunto, esquivando-se da resposta, como se vissem no “outro” uma ameaça à sua propriedade. Fazem do silêncio uma arma, uma forma de resistência. Assim, analisa o Padre Geraldo: “*O silêncio é a arma do fraco. Contar é você dar armas a quem tem o poder de destruir*”.

Conseguiram o reconhecimento da localidade como remanescentes de quilombo, mas ainda não conseguiram usufruir o direito constitucional em relação à demarcação das propriedades e escrituração de suas casas, sendo este um dos desafios a ser transposto. Porém pode-se observar que alguns remanescentes titubeiam ao falar em demarcação das terras. Temem que com isso tenham que abrir mão dos turistas que lá possuem ranchos e com isso percam o emprego e renda que a turistificação proporciona. De acordo com as colocações do Dr. Prof. Victor Hugo no momento de defesa deste estudo, estas questões assemelham em muito com a questão dos indígenas no Brasil.

O artigo 68 significou uma importante conquista das comunidades quilombolas ao direito às suas terras ancestrais, englobando os espaços onde se encontram suas casas, roças e quintais. Entretanto, a autodefinição das comunidades não foi suficiente para a imediata restauração da terra. O Estado passou a determinar Relatórios Técnicos de Identificação que regularizasse a experiência dessas comunidades e legitimasse a posse da terra, possibilitado via encaminhamento de pedido pelas comunidades remanescentes ao INCRA⁶⁷ e a realização do Relatório Técnico de identificação. Ao refletir sobre estas questões, é perceptível que a questão remanescente é tão econômica quanto identitária e cultural. É uma questão política, mas também, econômica. Envolve questões de terra e interesses diferentes.

Após o reconhecimento como remanescentes, os catinguenses deram entrada no INCRA para que fosse feita a demarcação das terras ancestrais, o que ainda não ocorreu, sendo que não passaram ainda pela realização do laudo antropológico ou pelas outras etapas do processo de construção do relatório técnico de identificação.

A identificação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos consiste na caracterização espacial da área ocupada pela comunidade e será realizada mediante relatório técnico de identificação, elaborado pela superintendência regional, a partir da indicação feita pela própria comunidade, além de estudos técnicos e científicos já existentes, encaminhados ao INCRA com anuência da comunidade. (Artigo nono da instrução normativa n 16 apud SOGAME & SCARIM, 2005, p. 02).

⁶⁷ O INCRA é um órgão federal cujo trabalho de reconhecimento baseia-se na legislação que rege a questão quilombola. As comunidades interessadas em usufruir o direito à titularização das suas terras é que devem recorrer a este órgão federal com sede em Brasília para que se proceda à realização dos trabalhos. “Antes mesmo da expressa atribuição da competência para a implementação do artigo 68 do ADCT a um órgão federal, já se realizava uma atuação, por parte do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Incra nesse sentido. O Incra editou em 22 de novembro de 1995, a portaria nº. 307, voltada especificamente a disciplinar à demarcação e a titularização das terras dos Remanescentes das Comunidades dos quilombos”.

O Professor Anjos reflete sobre essa questão da terra entre os quilombolas, analisando as dificuldades dos remanescentes em se conquistar e usufruir o direito previsto na Constituição Brasileira.

Em 2003, o Governo Federal deu ao Instituto Nacional de Reforma agrária (INCRA) a condução oficial dos processos de demarcação e titularização dos territórios quilombolas, mas apesar desta ação e das disposições constitucionais é possível constatar que as comunidades descendentes dos quilombos no Brasil têm recebido tratamento fragmentário, o que compromete a definição de uma política para o equacionamento dos seus problemas fundamentais, ou seja, seu reconhecimento no sistema brasileiro e a demarcação e titularização dos territórios ocupados. (ANJOS, op. cit, p.62)

Ao lançarmos um olhar, podemos perceber uma cidade pequena, humilde, com aproximadamente 200 pessoas, as poucas ruas de terra batida, outras com paralelepípedos, tão sonhadas, inacabadas. Fruto do descaso político dos governantes. Várias casas do início do século XX, abandonadas, destruídas pela ação do tempo. Na margem do rio de águas caudalosas, a figura dos “ranchos” dos turistas que lá compraram e construíram suas casas, onde vão gozar da tranquilidade e beleza natural do lugar em fins de semana, feriado, férias. Desta forma, Santana da Caatinga está se tornando refúgio de pessoas que possuem um poder aquisitivo bom e investem no ecoturismo. Neste cenário, como ficam os negros? Refiro-me aos negros que se agruparam outrora naquele lugar buscando uma alternativa de vida diferente, hoje representam a mão-de-obra para o outro que chega, tornando-se agora, as cozinheiras, lavadeiras, caseiros, diaristas, barqueiros... Em função do outro que chega. Esse é o fruto de um olhar de alguém que vê de fora, mas, como esses catinguenses vêem e percebem esta realidade?

Ao falar em grupo não se deve pensar em unidade, pois não se considera identidade como um bloco homogêneo e invariável. Mesmo entre um mesmo grupo, pode-se perceber que há divergências e interesses conflitantes, pois para alguns o turismo tornou-se importante porque gera emprego, renda. É possível observar o estímulo ao turismo local principalmente com o apoio da ALAVANCA, onde se pode ler na sua página da Internet como chegar à Santana da Caatinga e o que fazer no lugar, valorizando a cultura e a paisagem local.

Passeie nos Rios, visite os projetos da ALAVANCA, prove os doces do cerrado feitos pela associação Du Quilombo. visite as cachoeiras do Mucambo, do cercado e do tronco (é bom contratar um guia para não se perder), visite a Casa da Cultura (se estiver fechada peça para Adriana da casa ao lado abrir), visite a Fazenda Raizes onde se extrai óleos essenciais com plantações agroecológicas. Leve seus filhos para brincar no parque infantil, assista uma aula de capoeira, compre lembrancinhas de artesanato em barro

feita pelos quilombolas, vá ao culto no domingo as 09h00min da manhã, converse com os mais velhos da região, tome uma cervejinha e seja feliz no seu passeio.

Muitos desses remanescentes vêem o turismo de forma positiva, pelos benefícios oriundos dessa prática, principalmente aqueles que são de alguma maneira beneficiados. Outros, dentro do próprio grupo, pois o outro não é somente o de fora, vêem com ressalvas a chegada do turista na comunidade. Esses eixos de interesse divergentes podem ser percebidos nas narrativas, quando alguns defendem o interesse na demarcação e titularização das terras e outros têm medo dessa demarcação temendo com isso ter que retirar os turistas que possuem lá os seus ranchos e que representam emprego para alguns.⁶⁸ Assim reflete um remanescente narrador desta pesquisa:

A gente caça jeito de ser amigo deles, porque é uma pessoa que chega na comunidade e acaba ajudando a comunidade. A gente é dono dessas terras, então nós aceitamos nela quem a gente quiser. Então, se eles fossem pessoas ruins pra nossa comunidade, num trazia emprego pra nós, com certeza ia ser diferente. Nós ia até ter direito de tirar eles daqui, Mas como eles ajudam e traz benefício para a comunidade, nós aceita.

Esses remanescentes procuram receber bem as pessoas, mas ao mesmo tempo alguns se fecham ao falar de sua história e algumas práticas culturais, tais como as benzeduras, crenças e rituais religiosos. Usam o silêncio como tática, visando preservar aquilo que consideram como seu. O outro pode se aproximar, todavia, até certo ponto, como se houvessem limites imaginários entre o que se pode e o que não pode ser partilhado com quem não é do grupo.

O local, hoje, recebe pequeno fluxo de turistas, em função da piscosidade do rio Paracatu. A atividade de caseiro nos “ranchos” de pescadores, insuficiente para cobrir toda a demanda por trabalho, é quase que a única alternativa de renda para quem não faz parte do time de aposentados da Previdência Social. (ALAVANCA, 2005)

Nos fins de semana e feriado, pessoas que não são remanescentes se dirigem para o local, quebrando a rotina do lugar, sempre calmo. Alguns são visitantes ausentes, pois muitos desses “pescadores”, como assim os designam os moradores de Santana da Caatinga, ficam a maior parte do tempo no rio pescando. Alguns deles se integram na comunidade, procuram conhecer os moradores, sentam-se às suas portas, tornam-se amigos. Outros, não procuram saber quem são aqueles remanescentes, seus problemas e sua história.

⁶⁸ No processo de demarcação e titularização das terras que é feito pelo INCRA, há uma etapa em que é realizado o cadastramento dos quilombolas e dos não quilombolas. O direito a terra é exclusivamente dos quilombolas e os que não são quilombolas, posteriormente são indenizados e devem sair das terras. Essas informações foram obtidas através de colóquio gravado pelo pesquisador Vandeir José da Silva, com um antropólogo do INCRA.

Existem hoje em média 45 ranchos de pescadores na localidade, sendo estes localizados mais às margens dos dois rios. O número de ranchos equivale quase à metade das casas lá existentes. Pode-se perceber assim, os riscos da turistificação para a conservação da sua cultura e identidade negra, porque o turista não partilha dos mesmos valores e crenças.



Foto nº10: Casa de pescadores construída no barranco do rio, pertence a vários sócios, sendo que estes se revezam para dividirem a estadia no rancho. São várias casas como esta no barranco do rio. Foto: Acervo pessoal da pesquisadora.

Vale ressaltar que os turistas da Santana da Caatinga não são aqueles que vão lá para conhecer e não voltam mais, mas são pescadores que vão ocasionalmente, tanto que esses ranchos são de vários proprietários e o valor da propriedade dividido em cotas e a cada fim de semana vão sócios diferentes. Como muitas atividades, o turismo tem seus pontos positivos e negativos, como nos disse um remanescente de Santana da Caatinga em conversa informal.

Assim, o desenvolvimento do turismo local diferencia-se do turismo convencional por proporcionar uma preocupação com o meio ambiente e valorizar o rural como um ambiente natural que pode proporcionar momentos de paz, tranquilidade. Assim, investir na natureza pode proporcionar também empregabilidade e renda, possibilitando uma melhor qualidade de vida para os moradores do lugar.

No próximo item, lanço olhares sobre a identidade quilombola no cenário local, na ambiência cotidiana, sempre apoiada no solo da história cultural, pois ela constitui-se em um

“espaço privilegiado para análise dos imbricados processos de sedimentação das identidades sociais, dos sentimentos de pertencimento e dos vínculos afetivos que agregam homens, mulheres e crianças na partilha de valores comuns, gosto de se sentirem ligados a um grupo.” (REZNIK, 2005, p. 05).

1.5 - A Identidade Quilombola

É decerto o pluralismo, não a unidade a força geradora de todo o processo histórico. Da dinâmica conflitiva das diferenças provêm os desafios que levam os sujeitos a ultrapassar o previsível e provocar os tempos fortes, as rupturas que aceleram a mudança de estados (SODRÉ, 1999, p. 204).

Os remanescentes de Santana da Caatinga já haviam ouvido, através das histórias contadas por seus ancestrais, que ali havia sido um quilombo, como nos diz o Senhor Erasmo⁶⁹, um dos narradores: *“as pessoa mais véia é que falava que aqui tinha sido quilombo.”* No entanto, muito dessa história foi se perdendo com o passar do tempo, os mais novos em sua maioria nem sabiam ou demonstravam interesse em saber do assunto. As pessoas de João Pinheiro não se interessavam pelo fato, embora essa comunidade tenha sido importante na história do município.

No ano 1999, um trabalho realizado pelo sociólogo Ricardo Ferreira Ribeiro⁷⁰ por ocasião da sua pesquisa sobre o cerrado no sertão mineiro, constatou através de estudos que Santana da Caatinga tratava-se de uma comunidade de remanescentes de quilombo, cujo resultado foi compartilhado com a comunidade, influenciando de certa forma a identidade desses negros. As pessoas mais velhas da comunidade falavam muito vagamente acerca do fato de ser aquele local um espaço de um antigo quilombo. No entanto, esta história não era repassada, de modo que, entre os moradores locais, pouquíssimos haviam ouvido falar sobre o assunto, ou seja, não se viam como descendentes de quilombolas.

⁶⁹ O senhor Erasmo é um dos moradores mais velhos da Santana da Caatinga, tem 87 anos, vive na comunidade desde o seu nascimento. É um dos guardiões da História do lugar. Aprecia falar da história local e do seu povo. É um dos membros da ALAVANCA e um dos remanescentes mais participantes e defensores da Identidade Quilombola.

⁷⁰ Pesquisador que realizou um estudo sobre a comunidade de Santana da Caatinga - MG. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1993), doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2002) Atualmente é Professor Adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Rural.

O grupo Fala Negra⁷¹ com sede em Paracatu, conforme já mencionado, realizou uma pesquisa em parceria com a Fundação Cultural Palmares de catalogação das comunidades remanescentes da região. Esse trabalho realizado via aplicação de questionários, contou também com registro iconográfico e análise dos indícios de cada comunidade acerca de sua história e cultura. A partir dessa pesquisa realizada pelo Fala Negra, somando com o estudo realizado anteriormente pelo pesquisador Ribeiro, foram subsídios necessários para entrarem com o pedido de auto-reconhecimento como remanescentes de quilombo na Fundação Cultural Palmares. Relata Valter, um dos remanescentes que exerce um papel de liderança na comunidade.

A gente ficou sabendo por causa das pesquisas desse Ricardo, que aqui era quilombo, por causa daqueles documentos que ele trouxe, mais ficou por isso, ninguém fez nada. Ai depois, chegou aqui na Caatinga, um pesquisador em nome do grupo “*Fala Negra*” de Paracatu. Fez mais pesquisas e depois, o próprio Dario Alegria veio aqui, pesquisou e chamou as pessoas do Conselho, conversou com elas, depois foi embora. Depois veio já com o documento de auto-reconhecimento para nós assinar e levar para a Fundação Cultural Palmares. Ai, veio depois o convite para ir a Belo Horizonte já pra receber o título de auto-reconhecimento... Lá conhecemos a Bernadete e o Ubiratan. Quem foi receber o título foi eu e o Senhor Erasmo.

Estes dados vindos de pessoas solidárias à comunidade tornam-se, de certa forma um vetor na história desta comunidade. Através do comunicado da pesquisa realizada pelo Dr. Ribeiro, do contato dele com a comunidade, aliado ao trabalho do grupo *Fala Negra*, que há uma retomada identitária nessa comunidade. Uma releitura que eles vão realizar sobre si mesmos. Retomam a velha história contada pelos avós acerca de suas raízes e esta vai adquirindo uma outra conotação

Á partir destes vetores externos à comunidade, houve transformações na vivência, na forma de se verem e se representarem. Buscaram conhecer mais sobre a história dos ancestrais, se autodefiniram como remanescentes e buscaram o reconhecimento e a titularização como

⁷¹ Instituto de Cultura Negra E Afro-Descendente - Fala Negra é uma organização não governamental que tem como atividade básica a defesa e o resgate da cultura negra e afro descendente. A Fala Negra é caracterizada como sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, sem vinculação político-partidária, nem distinção de credo, raça, etnia, classe, orientação sexual e gênero. Os principais objetivos institucionais da Fala Negra são: - Promover a defesa de bens e direitos sociais, coletivos e difusos, relativos ao patrimônio cultural, resgatando e fortalecendo todos os grupos de manifestação popular, como a Tapuiada, Congada, Careta, Capoeira, Caxinguelê e escolas de samba, entre outros, bem como apoiando grupos de teatro, cinema, música e esporte, como manifestação popular cultural; Promover a educação no sentido de consciência, em todos os níveis. Promover e executar cursos de valorização e qualificação profissional, treinamentos e aperfeiçoamento, voltados para o desenvolvimento de recursos humanos. - Promover o intercâmbio com outras organizações e entidades nacionais e internacionais para o fortalecimento do patrimônio cultural.

remanescentes de quilombo. Assim reflete o narrador Reginaldo⁷², em uma entrevista concedida a esta pesquisadora. *“Foi com o estudo desse moço, com as histórias que ele descobriu que veio essa vontade assim, de... buscar fortalecer nosso lugar. Unir. Conhecer... que a gente só via os mais véio falá.. Cê vê né? Veio de pessoa que num tinha nada a ver, uma pessoa que num era da comunidade nè? É possível perceber nesta fala do Sr. Reginaldo como um vetor externo pode influenciar na configuração identitária de um povo.*

Outro aspecto importante nessa história do reconhecimento e posterior a ele, é a presença de Dona Ruth e sua família⁷³ que assumem papéis importantes nessa luta em favor da comunidade e dos direitos desses remanescentes. A partir da contribuição de Dona Ruth, do grupo Fala Negra, e da própria liderança comunitária, organizaram a OSCIP, buscaram o reconhecimento e o título como remanescentes de quilombo, bem como os direitos adquiridos com o artigo 68 da Constituição, começaram a se organizar, retomar a história dos ancestrais.

Os catinguenses foram instruídos, alertados sobre os seus direitos por pessoas solidárias a eles. A chegada das pesquisas possibilitou o pontapé inicial para a busca do título de remanescentes, buscando o fortalecimento da cidadania e do exercício dos seus direitos. Estes são pontos de inflexão importantes na questão identitária..

Ao refletir sobre questões como sentimento de pertencimento a uma história, a um povo e um lugar significa falar em identidade. *“Enquanto representação social, a identidade é uma*

⁷² Reginaldo Mendes é um catinguense de 38 anos aproximadamente, morador da comunidade, cuja família sempre esteve presente na História da Comunidade. O avô era o proprietário do cartório de registros da localidade. Entrevista realizada no segundo no semestre do ano de 2006.

⁷³ Dona Ruth é filha de um antigo comerciante e proprietário de terras em Santana da Caatinga. Seu Niguito, pai de dona Ruth mudou-se para aquela localidade interessado em abrir um estabelecimento comercial, quando lá era movimentado por ser um porto de embarque e desembarque de mercadorias e balsa para transportar pessoas de um lado do rio para o outro. Este comerciante não era negro, mas morou em Caatinga por vários anos. Possuía um comércio do tipo secos e molhados, onde vendia diversos tipos de produtos. Lá, o seu Niguito criou a família. Dona Ruth, uma das filhas de seu Niguito. Lá ela viveu sua infância, brincando por aquelas ruas. Casou-se com Seu Afonso, mudou-se para Brasília onde estudou e constituiu família. Muitos anos depois, retorna a Santana da Caatinga a passeio e resolve adquirir novamente uma propriedade no entorno da comunidade, exercendo um papel de liderança junto aos moradores locais e auxiliando na busca dos direitos e na luta pelas melhorias em prol da comunidade. Dona Ruth e seu Afonso continuam residindo em Brasília, porém, adquiriram terras na localidade de Caatinga e para lá se dirigem quase todos os fins de semana. Devido ao fato de serem pessoas com terceiro grau, pela experiência no campo do trabalho e estudo na capital federal, são pessoas bem informadas, politizadas, auxiliando os remanescentes na busca dos seus direitos, incentivando-os a buscar a valorização da sua história, da sua cultura, intermediando os projetos, as parcerias, a criação da OSCIP, por meio da qual, muitas conquistas tem sido realizadas na localidade.

construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da idéia de pertencimento". (PESAVENTO, op.cit, p. 89)

Ao se pensar em identidade, é imprescindível que se fale em história, pois identidade é estreitamente relacionada à história. Hall "*diz que a identidade é construída historicamente, não biologicamente* (HALL, 2000, p.13)". Ela é aberta a mudanças. A identidade quilombola torna-se interessante para o grupo, pois a partir dela pode-se adquirir os direitos para o local e seu povo.

A identidade é estreitamente relacionada à história. A história é a maneira pela qual as pessoas criam as identidades. É construção, sendo construída/reconstruída a cada momento no decorrer do tempo. Hall reflete que "*como num processo, a identificação opera por meio da diferença, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de 'efeitos de fronteiras'*". (idem)

Através de um vetor externo à comunidade, como no caso, o estudo do pesquisador Ribeiro e do grupo Fala Negra, há uma retomada na busca de suas raízes e na valorização da identidade de remanescente por parte dos moradores de Santana da Caatinga. A evidência desta afirmação está na mudança de postura adotada pela comunidade. Desde então, há uma releitura desses remanescentes acerca de si mesmos, de sua cultura, da identidade, do que querem e como querem ser vistos. A concepção de um "nós", uma coletividade remanescente de quilombos.

Busquei direcionar esta pesquisa entre os quilombolas procurando compreender as diferentes leituras feitas pelos membros dessa comunidade sobre o seu grau de pertencimento e de ressignificação cultural e identitária a partir do momento em que definiram como remanescentes. O cotidiano desses negros construído/reconstruído por relações sociais, práticas culturais, religiosas, as crenças, os saberes e fazeres, laços afetivos entre conterrâneos ligados por laços consanguíneos ou de compadrio, o sentimento de pertencimento ao grupo e a uma etnia, mantêm viva a identidade, sendo "*a identidade é um significado - cultural e socialmente construído*" (SILVA, 2000, p. 89).

A identidade tem se destacado como uma questão central nas discursões contemporâneas, no contexto das reconstruções globais das identidades nacionais e étnicas e da emergência dos 'novos movimentos sociais', os quais estão preocupados com a reafirmação das identidades pessoais e culturais. (WOODWARD, 2000, p. 67)

Mesmo entre um único grupo, não se pode pensar em homogeneidade. Refletir sobre identidade, significa pensar fundamentalmente na diferença, pois elas são interdependentes. "*A identidade existe a partir da diferença. Eu e outro. Afirmar a identidade significa demarcar*

fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora.” (SILVA, op. cit, p 82).

As identidades são múltiplas, estamos constantemente mudando, transformando nossa forma de ser, pensar e agir, identificar. Talvez essa seja a grande beleza. Essa movência da identidade. O fato de não estarmos prontos. A possibilidade de podermos mudar. Recorro à professora Tereza Negrão analisando cenas do próprio cotidiano quando diz que: *“Em menos de duas semanas cá estava eu instalada, uns poucos móveis, os inseparáveis discos, começando de novo, agora como membro de uma comunidade das 205 Sul”* (MELLO, 1998, p.43). Compreende-se analisando as palavras da historiadora ao realizar uma pesquisa da quadra onde ela mora, interrogando os atores sociais que a cercam, a reconstrução da própria identidade, permitindo-nos perceber como a partir do contato com o outro, reelaboramos a nossa identidade.

A identidade constitui-se a partir da visão que temos de nós mesmos e pela forma que o outro nos vê. Esta leitura torna-se mais perceptível, por exemplo, a partir do momento em que os catinguenses sentem necessidade de se auto-definirem como quilombolas, unindo-se em busca do reconhecimento, bem como, a forma como passaram a serem vistos pós-reconhecimento.

A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e diferença passam a existir. (SILVA, op.cit, p. 91).

Sendo a cultura uma produção humana e o homem ser fundamentalmente diferente, precisamos pensar na questão das semelhanças, mas também da diferença, pois cada povo, em seu tempo e lugar tem sua própria maneira de se relacionar e classificar o mundo. *“Cada cultura tem suas próprias distintas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados.”* (WOODWARD, op. cit, p. 41).

Interessante pensar nessas semelhanças e diferenças, ao perceber que alguns moradores não sabem exatamente o que é ser “remanescente”, ou seja, não trazem na sua memória traços do passado que indique ser ali um antigo quilombo; outros, já definem essa condição e buscam seus direitos. Nesse aspecto, é importante ressaltar a importância das lideranças desses grupos na construção de uma teia de significados que possibilitem aos membros da comunidade se perceberem enquanto parte de um grupo, trabalhando principalmente a ancestralidade, a história e

o passado, pois a identidade só se constrói a partir do passado. A partir do reconhecimento da história do seu povo, do seu lugar, da sua família, possibilitando a identificação.

Silva reflete que “*identidade e a diferença não são nunca inocentes*” (SILVA, op. cit, p. 81). Nesse sentido, observa-se que percebendo nexos entre lugar e identidade, poderiam redimensionar seu papel, usufruir dos direitos constitucionais concedidos aos remanescentes, modificando a forma como são vistos dentro do município, rompendo de certa forma com a imagem negativa de antes, construída historicamente a partir do estereótipo de “feiticeiros”. Ganham uma nova configuração, tornando positiva uma imagem negativa. “*Assumir uma identidade implica encontrar gratificação com o endosso.*” (PESAVENTO, op.cit, p. 91). Criaram o Conselho Comunitário e uniram-se para a constituição da OSCIP⁷⁴ “ALAVANCA”, bem como, para a aquisição do Título de Remanescentes. A criação da ALAVANCA foi um dos fatores que mais contribuiu para o fortalecimento do grupo e por meio dele, algumas conquistas para a localidade⁷⁵, o que tem produzido melhoria na qualidade de vida destes remanescentes, dando a eles visibilidade, influenciando na maneira de se organizarem, verem e serem vistos.

Não concebo a identidade como algo pronto e acabado, imutável, mas um corpus sempre em transformação, sendo construído/reconstruído cotidianamente no decorrer de todo o tempo.

⁷⁴ OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público. Esta OSCIP, a ALAVANCA, foi criada em abril de 2003, devidamente registrada em Cartório, com CNPJ na Receita Federal, certificada pelo Ministério da Justiça como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – é cadastrada no Conselho Municipal da Criança e do Adolescente e no Conselho de Desenvolvimento Social de João Pinheiro – MG, município onde atua. Tem por finalidade a promoção do Desenvolvimento Sustentável de comunidades, por meio de:

I – Promoção da cultura, desenvolvimento das artes, defesa e conservação do patrimônio histórico;

II - Defesa e preservação do meio ambiente;

III - Promoção do desenvolvimento econômico e social;

IV - Desenvolvimento do pleno exercício da cidadania.

A ALAVANCA centra sua atuação no distrito de Sant’Ana do Caatinga, mais conhecida como Caatinga, município de João Pinheiro, Minas Gerais.

⁷⁵ Os remanescentes conseguiram através da Alavanca e do Conselho Comunitário, parceria para a realização dos seus projetos, sendo que muitos deles já foram concretizados, outros estão em andamento. Através da Embaixada da Suíça no Brasil, subsídio para o curso de artesanato em barro, com criação de oficinas artesanais de cerâmica com objetos utilitários e decorativos produzidos a base de argila e destinados ao comércio e geração de renda. A Embaixada da Suíça financiou o projeto do parque infantil. GEF/PNUD/ ISPN no projeto baru, transformação do baru, castanha abundante na região, em farinha e doces, visando à utilização sustentável de recurso nativo. Criação de uma associação de pescadores para liderar a pesca na localidade. As aulas de capoeira são também utilizadas como uma forma de fortalecer a identidade negra, ensinando a arte à praticamente quase toda a criança e juventude do quilombo. O Ministério da Integração Nacional contribuiu com a sala de Informática da Casa da Cultura. Nos projetos de educação Ambiental a empresa “Raizando” óleos Essenciais contribui de forma significativa. Recuperação de telhados de casas antigas, curso de monitoria ambiental, visando o desenvolvimento sustentável da região.

Na obra do mineiro Guimarães Rosa, *Grande Sertão Veredas*, o sertanejo Riobaldo reflete em sua sabedoria, adquirida através da vida.

O senhor... Mire e veja: o importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou [...], que a coisa mais linda é que o homem nunca está terminado. (ROSA, 2006, p. 19)

As pessoas não mudam aleatoriamente, elas se transformam na relação com o meio, com o outro, na vivência cotidiana. Falar em identidade significa falar em história, mas também falar em projetos futuros, pois, identidade não é somente aquilo que o indivíduo foi, mas compreende também aquilo que ele é, bem como aquilo que ele aspira, que ele enquanto indivíduo é e enquanto grupo deseja ser.

Os catinguenses procuram estabelecer lideranças dentro dessa comunidade, unindo-se, elegendo um vereador para que tivessem representatividade na Câmara Legislativa de João Pinheiro. No ano de 2003, se organizaram criando a Associação dos Moradores de Santana da Caatinga. Encaminharam via Poder Legislativo um projeto de Reconhecimento a nível de município. Em 2004, há o pedido de Reconhecimento expedido pela Associação de moradores de Santana da Caatinga perante a Fundação Cultural Palmares e a busca da titularização de Remanescente, adquirida em setembro de 2004. Agruparam-se criando a OSCIP, “ALAVANCA”.

Tiveram a iniciativa de realizar a festa do catinguense ausente, visando trazer de volta os conterrâneos ausentes e reintegrar os descendentes dos antigos quilombolas na comunidade. Com a festa, procuraram fortalecer a comunidade, não com a pretensão de que esses regressassem para o local, mas que estivessem compondo este grupo de raízes negras e que apesar de terem seguido caminhos diferentes, não esquecessem de suas raízes regressando à comunidade pelo menos em tempos de festa. Nesse sentido, a primeira edição do jornalzinho local⁷⁶, traz no topo da primeira página as palavras de Zumbi. “*Corte suas correntes e você se libertará; corte suas raízes e você morrerá.*” A valorização das suas raízes é um fator importante na constituição identitária.

Ao pensar nestas questões acerca da identidade, como se vêem, porque se vêem dessa forma e não de outra, durante as entrevistas procurei compreender a leitura que esses remanescentes fazem acerca do “ser quilombola” e o que isso significa para eles. Que

⁷⁶ “*O Catinguense*” é um jornal de circulação local, com conteúdo de interesse da comunidade publicado pela ALAVANCA. Editado bimestralmente desde julho de 2006.

representações eles emitem acerca dessa identidade quilombola? *É por meio da representação que a identidade e a diferença adquirem sentido...* “*É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir.*” (SILVA, op. cit, p. 91) Pensando nessas representações que constroem acerca do grupo, busquei no jornal “O Catinguense” o que significa ser uma comunidade remanescente de quilombo na voz da ALAVANCA.

Comunidade remanescente de quilombo é aquela comunidade que descende de antigos habitantes de um quilombo. Os quilombos eram locais onde os escravos que fugiam da escravidão se reuniam, construíam suas casa, plantavam suas roças e viviam em sociedades, livres dos senhores, fazendeiros. Minas Gerais teve centenas de quilombos, ou povoações de gente pobre que, rebeldes ao governo, foram assim qualificadas pelas autoridades coloniais. Os negros que conseguiam viver em quilombos eram sempre os mais fortes e mais esclarecidos, capazes de fugir e de se manter escondidos. Caatinga é uma comunidade de Remanescente de Quilombo e é por isso que sua gente é forte, inteligente e guerreira... Essas qualidades vêm dos ancestrais.⁷⁷

O sentido construído no discurso do jornal de circulação local expressa a idéia de quilombo divulgada pelas lideranças da OSCIP que editam o jornal. A definição veiculada via imprensa, acaba por influenciar a visão das pessoas. SILVA diz que “*quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade, por isso, a representação ocupa um lugar central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados a identidade*”. (SILVA, 2000, p.91) Visando perceber de que forma os discursos produzidos por poderes instituídos influenciam na visão das pessoas e refletindo nas palavras de Foucault, como os poderes são diluídos na sociedade, busquei analisar de que forma a definição do termo quilombo divulgado pelo jornal “O Catinguense” influenciou na concepção das pessoas na localidade acerca do que é ser remanescente quilombola. Teria essa definição divulgada pelo jornal local, influenciado de algum modo na forma de se verem? Com base nesse questionamento, busquei perceber através das narrativas desses negros, o que significa para eles serem remanescentes de quilombo e negro, pois assumir a identidade quilombola significa pertencer a uma etnia.

O senhor Paulo⁷⁸, ao ser indagado sobre o que era para ele ser remanescente, disse em tom decidido: *Se a senhora que é estudada num sabe, eu é que vou saber? Eles falam ai que é a gente ser herdeiro duma história. De um povo.* Percebi que este narrador conhece sua história

⁷⁷ Fragmento do texto do jornal o “O CATINGUENSE”, Ano 1 - Nº.1, p.3. Julho de 2.006.

⁷⁸ Paulo é um pseudônimo adotado por um senhor idoso que não quis se identificar. A utilização desse nome fictício é uma forma de resguardar o anonimato do narrador que concedeu esta entrevista no primeiro semestre de 2007.

pela experiência vivida, porém, o termo remanescente para ele é algo que foi incorporado através da fala do outro. Ele tem dificuldade em definir por não saber precisamente o que é ser remanescente, então reproduz aquilo que ouve.

O remanescente Vagner⁷⁹ cursa o ensino fundamental, e, como todos os adolescentes de Santana da Caatinga, precisa deslocar-se todos os dias para estudar em Brasilândia, cidade vizinha. Ele reflete sobre o preconceito do qual é vítima na escola, rememorando o estigma de “*preto da Caatinga*” ou “*catingueiro*”. É perceptível que o negro em sua trajetória pelo sistema de ensino também passa muitas vezes por situações de discriminação em seu cotidiano escolar. “*Desde muito cedo, a criança negra está sujeita aos mecanismos de discriminação presentes no interior da escola que atentam contra a sua auto-estima comprometendo a construção de uma imagem positiva de si mesma.*” (QUEIRÓS, 2004, p. 50) Estas situações de discriminação provocam reações diferentes de acordo com a pessoa que a recebe, conforme é possível observar na fala de Vagner que diz ficar calado e sair de perto da pessoa, mesmo assim, afirma positivamente: “*Eu sinto orgulhoso de ser remanescente, de ser negro! Porque negro é forte. Não fica velho ,tem sangue forte! Fico orgulhoso de conhecer a história dos negros, porque eles foram escravizados e resistiu. Ser remanescente para mim significa pertencer a um povo que unido,venceu.*”

Apesar do preconceito dos colegas com quem estuda, há neste adolescente uma valorização positiva da identidade negra. Ele possui um sentimento de pertencimento a um povo e a uma história e se orgulha dela. Isso tem sido repassado para ele no seio da família e da comunidade remanescente. Assim ele busca na força da resistência e do seu povo, uma forma de resistir aos insultos do “outro”. Faz do silêncio uma forma de resistência, quando diz que silencia diante das ofensas, mas faz disso uma tática de resistência porque isso não afeta seu sentimento de pertencimento a sua terra e seu povo, muito pelo contrário.

Para o Senhor Mauri. “*Quilombo é lugar de negros foragidos. Onde eles ficaram... As pessoas que estão lá desde o início. Quilombo hoje, é o significado do passado. As origens do*

⁷⁹ Vagner é um dos narradores nesta pesquisa, neto de Dona Joanita, uma das raizeiras da localidade. É um menino esperto e demonstra pelas suas palavras conhecer sua história. Fala da história da escravidão e resistência com orgulho, ressaltando a “*força do negro.*” Estudou até a 4ª série na escola da localidade e desde então passou a estudar em Brasilândia, cursando hoje, com 12 anos apenas a 8ª série, o que mostra a preocupação dos pais desta comunidade em proporcionar aos filhos o acesso ao mundo das letras. Dona Gessilde, mãe de Vagner, ressaltou em sua narrativa nesta pesquisa que a educação é a única coisa a qual pode deixar para os filhos, uma vez que não possuem bens, mas, preocupa-se em ajudá-lo a entender que somente através do conhecimento e do estudo e poderá mudar sua condição de vida.

passado... Isso que é ser remanescente quilombola para mim". Podemos observar nesta definição do Sr. Mauri, que quilombo é visto como resistência numa visão histórica. Como fator de união entre os negros, como se fossem elos de uma corrente que estaria mais forte, possibilitando alavancar-se em direção ao rompimento com as injustiças do passado e os preconceitos sociais. Ser remanescente nesse caso representa fortalecimento, retomada às origens, valorização do passado, busca de seus direitos e exercício da cidadania. Estabelece de seu presente, um vínculo com o passado, visando o futuro.

Ser remanescente significa na visão de alguns, uma forma de resistência, não aquela mesma resistência do período escravocrata, mas diferente. Ela traz algo de lá, mas que não é exatamente aquilo que existiu lá. Aquilo que é e ao mesmo tempo não é, porque se transformou e ganhou outro significado..

As lideranças da comunidade conclamam a participação dos remanescentes em busca do exercício da sua cidadania, que estes busquem participar, ajudar na transformação e fortalecimento dessa comunidade. Assim, não estão propondo um caminho novo, mas uma forma diferente de caminhar. Isso é perceptível neste chamado do jornal "*o Quilombo*" conclamando os seus a "fazer parte".

Participar é fazer parte, é estar junto. Você participa de uma comunidade quando vive as alegrias, divide os problemas que são comuns e luta por uma vida melhor para todos. Ficar no seu canto, na comodidade da sua casa, enquanto outros brigam pelo que é bom pra maioria das pessoas não é participar. Quem participa se dá valor, sabe que é importante para formar o conjunto da comunidade. Quem participa é solidário, sabe que sempre tem alguma coisa que ele pode fazer pelo bem de todos. E aqui tem muita gente que participa! Gente que cuida da sua casa, da sua família, do seu trabalho, dos seus estudos, da igreja, mas que também vai às reuniões de interesse da comunidade, gente que faz capoeira, gente que produz artesanato, gente que produz doces e salgados de baru, gente que tem sempre uma palavra boa pro vizinho, pro parente, pro amigo. E tem gente que não participa. E essas pessoas estão fazendo falta. Há lugar pra todos participarem. Imagine a satisfação de poder dizer: Eu ajudei a conquistar isso! Cada um de nós é muito importante e ninguém é dispensável.⁸⁰

Essa busca do exercício da cidadania é uma das preocupações das lideranças locais, interligada à questão identitária, pois, ao se falar em cidadania é imprescindível que se fale em

⁸⁰ Jornal "O Catinguense". -Outubro - Novembro - Dezembro de 2.006 - Ano I - nº. 3.

identidade. Ao reivindicarmos nossos direitos, é importante que tenhamos em mente, o que nós queremos, quem somos e quais são nossos anseios. A jovem Cláudia⁸¹ considera:

Ser quilombola é como ser herdeira de uma história que não se foi totalmente. Nós estamos aqui. Nossos antepassados resistiram, sonharam com algo diferente e com todas as dificuldades eles buscaram melhoria. Mas muita coisa precisa mudar como o preconceito e igualdade de condições no trabalho e na vida. Ser remanescente para mim é reconhecer que eu pertencço a uma raça e uma raça forte.

Pode-se perceber certo entendimento da noção de remanescente quilombola. Agora já informados acerca dos desafios e possibilidades desse auto-reconhecimento, percebem que através dele poderiam redimensionar seu papel social, usufruir dos direitos concedidos pela Constituição Brasileira aos remanescentes, transformando também a forma como são vistos dentro do próprio município. É uma questão política, econômica e social.

Ser remanescente quilombola hoje não significa o “perigo ou desvio” representado pelo quilombo do período escravista, isso ocorre principalmente em decorrência da reeleitura realizada acerca dos negros e o papel exercido por eles na história do Brasil. A História fez durante séculos tabula rasa dos negros, não se preocupando com o passado e o futuro deles. Assim, a crise de paradigmas pela qual passou a História, contribuiu também para que desde o final do século passado, ocorresse na historiografia uma ampliação dos estudos feitos em relação a estes grupos étnicos, possibilitando uma releitura sobre os mesmos, sua contribuição e sua cultura.

A identidade desses grupos remanescentes, por causa das pressões dos movimentos sociais, torna-se um fator de preocupação por parte das autoridades, de alguns pesquisadores e às vezes deles mesmos, pois muitas comunidades negras ainda não tiveram o início do seu processo de reconhecimento, ficando presos muitas vezes na auto-identificação. O Sr. Mauri reflete sobre as vantagens e desafios da identificação quilombola.

Ser quilombola hoje é ao mesmo tempo preocupante e interessante. Eu vejo as duas coisas. Preocupante porque acho que ainda tem discriminação, nos salários, no reconhecimento, na vida, na questão das oportunidades e também pela acomodação. O próprio ser quilombola ele é de certa forma, acomodado. Eu vejo como interessante por outro lado, porque com esse reconhecimento, a gente passa a ficar mais unido, tem os direitos que, se tiver união, agente pode conseguir alcançar. Como essas coisas que Caatinga já conseguiu depois do título. E muito mais ainda, aquilo que a gente pode conseguir ainda.

⁸¹ Cláudia é um pseudônimo utilizado para definir esta jovem de Santana da Caatinga que pediu para não mencionar seu nome. Concedeu esta entrevista no 1º semestre de 2007.

O reconhecimento como remanescente quilombola tem a configuração de reelaboração, a partir da questão da identidade. “*A assunção do rótulo de quilombo, hoje estaria relacionada não ao que o grupo foi no passado, mas a sua capacidade de mobilização para negar um estigma e reivindicar cidadania*” (ARRUTI, 2002, p. 57).

Identidade não é cristalizada, algo pronto e acabado, imutável. Ela é construída / reconstruída cotidianamente. “*Definida historicamente de modo que o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. As identidades não são unificadas ao redor de um eu coerente*” (Hall, 2.001, p. 13).

Falar em identidade significa também falar em projetos futuros, pois identidade não é simplesmente aquilo que o indivíduo foi, mas compreende também aquilo que ele é bem como aquilo que ele aspira. “*Nós temos sede de valorização*”, diz o Sr. Mauri, narrador já mencionado.

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não com as questões ‘quem somos nós’ ou ‘de onde viemos’ mas muito mais com as questões, ‘quem podemos nos tornar’, como ‘nós temos sido representados e como essa representação afeta a forma como ‘nós podemos representar a nós próprios.’ (HALL, 2.000, p. 108-109)

Vislumbrando as reflexões de Hall sobre o papel da identidade na leitura de si mesmos e do mundo, reflito sobre as representações destes negros sobre eles mesmos e sobre o mundo que os rodeia. Quem são eles? Como querem ser vistos? Lembrando-me da Professora Tereza Negrão, recorrendo a Pedro M. em colóquio gravado durante as orientações: “*identidade não é apenas aquilo que se foi tão pouco aquilo que se é, ademais, aquilo que se deseja ser.*” Constituindo-se em uma relação, presente, passado e futuro.

As identidades não são estáticas, são inacabadas, mudam de acordo com os interesses. Elas influenciam e são influenciadas pelo meio, pelas transformações externas e internas, encontrando-se sempre em sucessiva relação dialética com o meio. Reflito isso ao pensar na estrutura das casas de Santana da Caatinga. Segundo o Senhor Erasmo, “*Caatinga há vinte anos atrás era muito diferente... As casas eram quase todas de palha, num tinha luz elétrica, água encanada, as ruas era só de terra, num tinha a praça... Hoje, derrubaram as casas de palha quase todas. Construíram outras no lugar de tijolo e telha*”.

O fato de terem buscado o reconhecimento como remanescentes não quer dizer que tenham que retornar ao passado e serem eternamente aquele quilombo do período de outrora, ou tenham que estagnar no tempo e ficarem desprovidos dos benefícios da modernidade, não reformando suas casas, só para não “descaracterizar” o quilombo. Ao contrário, querem ser quilombolas, preservar suas raízes, mas aspiram como todo brasileiro às vantagens que puderem usufruir com a modernidade, à semelhança dos povos indígenas. *“Tudo faz parte do fortalecimento da identidade. Deixar o índio ser índio... Deixar o quilombola ser quilombola.”* Refletiu sabiamente o professor Victor Hugo durante a qualificação desta pesquisa 2007.

Os idosos, guardiões da história, ainda gostam das festas tradicionais, uma sanfona e um bom forró. Apreciam contar causos, ouvir música caipira, fogão a lenha e muitas outras práticas culturais que herdaram, viveram, e levam consigo como tesouros, mas simultaneamente, há também os quilombolas que usam celulares, gostam de TV, apreciam música sertaneja. Seus jovens gostam de músicas badaladas, rock, como todo jovem e nem por isso, deixam de ser quilombolas. Valorizam seu passado, mas sonham com um futuro diferente em que possam dar escolas para os filhos, apesar de não possuírem muitas vezes o domínio sobre o mundo das letras. Eles querem casas de alvenaria, venezianas, telhas, cerâmica, pias dentro de casa, aparelhos eletrônicos, mas não desprezam as casas de adobe, palha, panela preta, forno e fogão a lenha. Relegá-los ao atraso tecnológico em nome da preservação do acervo é, no mínimo, prendê-los a um passado que muitas vezes querem guardar na lembrança, na história, mas desejam um futuro diferente.

Percebo a beleza existente nessa diversidade, na pluralidade de interesses, projetos futuros, projetos de identidade, formas de se verem e ao grupo no qual estão inseridos. Existem recortes, horizontes e posturas diferentes. O outro não é só o branco, ou seja, não é só a cor da pele que define o outro. Há outros dentro do próprio grupo, pois estes não são idênticos.

A identidade constitui-se a partir da visão que temos de nós mesmos e pela forma que o outro nos vê. Esta leitura torna-se mais perceptível, por exemplo, a partir do momento em que os moradores do quilombo sentem a necessidade de se autodefinirem como quilombolas em busca do reconhecimento, bem como a forma como passaram a serem vistos pós-reconhecimento.

As práticas culturais, a história, linguagem, a religiosidade, conjunto de símbolos, as festas, os saberes e fazeres são elementos constitutivos da identidade. A Constituição Brasileira, em seu Artigo 216, reza o seguinte:

Constitui como patrimônio Cultural Brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência a identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: (E C Nº42/2003).

Ao discutir identidade remanescente, trago em questão os benzedores e raizeiros, seus saberes e práticas como elementos sumamente importantes na identidade desses remanescentes. Essas práticas sempre estiveram presentes no cotidiano da comunidade remanescente estudada. Ao definir uma comunidade como remanescentes, os órgãos que destinam a esse trabalho usam como parâmetro sua cultura, religiosidade, formas de se organizarem, sua economia, sua história, a ligação com a terra e a natureza e suas práticas cotidianas. Foi com base nesses dados que se identificou Santana da Caatinga como uma comunidade habitada por remanescentes de quilombos.

Ao pensar nesta pesquisa, há todo um trabalho voltado para a questão identitária e nele recorro a questão dos benzedores e raizeiros, não por acaso, mas por ser a religiosidade e os seus desdobramentos um fator marcante nessa comunidade. “*Diferentes tipos de práticas religiosas fazem parte do universo dos territórios das comunidades quilombolas distribuídos por quase todo o país*”. (ANJOS, Op. Cit, p. 34). O recorte da identidade perpassa por todo esse trabalho, no vai e vem com as práticas culturais e nesses saberes e fazeres, historicamente construídos. Esses raizeiros e benzedores não estão excluídos do conjunto remanescente. A identidade das benzedoras, benzedores e raizeiras estão imbricados no projeto identitário da comunidade.

Desde esse reconhecimento, tem sido redimensionada a visão dos pinheirenses acerca desses negros vistos até então com preconceito pelas pessoas do município, principalmente em decorrência da estreita ligação entre magia e orações atribuídas aos negros e o estereótipo de feiticeiro⁸². Um exemplo disto é o caso do jacaré, presente na memória de muitos moradores do município, acerca dos “poderes” dos catinguenses. Sempre que se falava na Caatinga, falava-se caso do jacaré.⁸³ Esse entre outros casos, possibilitou o surgimento do imaginário em relação aos

⁸² Pairava no imaginário popular de muitos pinheirenses, conterrâneos dos catinguenses, que o pessoal da Caatinga tinha estreita relação com macumbaria e feitiçarias. Muita gente falava “*É preciso ter cuidado com os feiticeiros da Caatinga.*” Esses saberes relacionados à magia influenciava na maneira como eram vistos, principalmente em decorrência da forma preconceituosa de se ver em relação à religiosidade afro e aos negros. Hoje a visão dos moradores do município de João Pinheiro em relação aos moradores de Santana da Caatinga mudou.

⁸³ A história do jacaré repassada através da oralidade está presente na história desses negros desde início do século XX. Relata um amor não correspondido, alimentado por uma das negras da caatinga por um dos barqueiros que

negros. Havia uma relação entre esse imaginário e as rezas praticadas pelos remanescentes, pois o pessoal da Caatinga era conhecido por sua forte religiosidade e os saberes ligados ao poder das orações e rezas. Antes eram “pretos” e feiticeros, hoje são remanescentes de quilombo, mudou o significado. Assim reflete a já citada Dona Neusa:

Prá nós da Caatinga, é muito bom ser remanescente. É importante. Hoje, fala-se “Santana da Caatinga”. Fala da nossa história. Antes, simplesmente falava, vou na Caatinga. Algumas pessoas tinham até vergonha de falar que era da Caatinga. Havia aquela crítica, tinha muita lenda de feiticero. Ai, muita gente ficava sem querer falar que era daqui. Eu não. Eu sempre tive orgulho de morar aqui.

Ao analisar esse orgulho de “morar aqui”, pode-se observar uma ligação com o lugar, com a história, que ilumina vários sentidos possíveis. A partir de uma identidade negativa há uma reelaboração positiva das identidades de “negro” e “remanescente quilombola”. *A identidade de negro ganha equivalência a de quilombola, adquirindo valoração positiva. “Ao mesmo tempo, o futuro é visto como projeto de liberdade”* (CARVALHO, 2006, p. 169). Tornou-se diferente a forma de se verem e serem vistos. Isso porque o termo remanescente trás uma nova significação, uma valorização. Essa afirmação identitária advém de várias formas. Eles estão buscando o reconhecimento e lendo de diversas maneiras a realidade. Observa-se que não é uma coisa de ser negro enquanto questão política, movimento, mas algo relacionado à questão da cidadania.

Esta outra visão está sendo formada principalmente após o auto-reconhecimento, em consequência do trabalho coletivo de divulgação da comunidade, elevando o seu nome, as práticas ali implementadas e a visibilidade dos “outros”, estabelecendo parcerias e incentivando o turismo. O reconhecimento externo ao município, como no caso da Fundação Cultural Palmares, as parcerias e a capacidade de crescer por mérito próprio, estão fazendo com sejam vistos de forma diferente.

Um fator que tem contribuído para essa mudança na forma de vê-los também é resultado da mudança de postura de alguns educadores em decorrência das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino da História e Cultura

trabalhava no transporte fluvial no tempo que Caatinga possuía o porto de embarque e desembarque de mercadorias e passageiros. Certo dia, ela presenteou o rapaz com uma lata de doce, sendo que o mesmo não o comeu no momento, levando-o consigo para o barco, no entanto, antes de comê-lo, foi alertado para que não o comesse. Então, o jovem, desconfiado, jogou o doce no rio Paracatu. Na mesma noite, quando todos dormiam, um jacaré enorme chegou à porta da casa da negra e começou a bater o rabo na porta, arranhando a madeira da mesma com as unhas. Foi necessário que reunissem alguns homens para matar o jacaré que havia se apaixonado pela negra. Ao matar o jacaré e abri-lo, na sua barriga encontrou a vasilha com o doce que o rapaz havia jogado no rio. (em uma variante dessa história contada através das gerações, no lugar do doce havia paçoca, mas em essência, o caso é o mesmo).

Afro-Brasileira. “A *promoção de debates, seminários, atividades culturais e estudos sobre pluralidade e diversidade, dentre elas a racial, já se tornaram mais frequentes em muitas escolas*”. (SOUZA, 2005, p. 118) Porém, essa mudança acontece ainda a passos lentos, pois muitos profissionais não trabalham o conteúdo como deveriam, não cumprindo a exigência curricular. Muitos cursos de licenciatura não possuem ainda na sua grade curricular, um programa que vise capacitar seus graduandos para trabalhar este conteúdo em sala de aula. Essa carência começa no campo acadêmico e se estende muitas vezes no cotidiano da sala de aula. ANJOS reflete “*que entre os principais obstáculos criados pelo sistema ao desempenho da população negra na sociedade brasileira, podemos apontar a inferiorização desta no ensino*”. (ANJOS, 2005, p. 175). Observa ainda o autor que essa segregação presente nos livros didáticos e na forma como muitas vezes são repassados torna-se uma espécie de “*segregadora informal*” (ibdem), Por isso, a mudança no campo educacional é tão importante na formação da identidade negra, na forma de se verem e serem vistos.

A Criação da Lei 10.639⁸⁴ que cria a obrigatoriedade do Ensino da História da África nas escolas do país é uma dessas sementes que visam fazer com que, através da educação, possa combater a desigualdade e o racismo, a valorização e divulgação da cultura e história negra. Os resultados estão começando a surgir, mesmo que a passos lentos.

O governo federal sancionou, em março de 2003, a lei nº10. 639/03-MEC, que altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e estabelece as Diretrizes Curriculares para a implementação da mesma. Institui a obrigatoriedade do ensino de História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Esta decisão resgata historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira. (Ibdem)

Os livros didáticos estão começando a mudar a forma de representar o negro e sua participação na nossa história. A partir da obrigatoriedade da cultura afro-brasileira no conteúdo curricular da educação básica, alguns professores têm buscado trabalhar este tema, incluindo em

⁸⁴ A Lei nº. 10.639, sancionada 9 de janeiro de 2003, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, altera a Lei nº. 9394/96 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estabelecendo a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana. O parecer CNE/CP003/2004 regulamenta esta lei. Essa lei se torna obrigatória, nos estabelecimentos de ensinos, fundamental e médio, oficiais e particulares, o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileiras, contemplando estudos sobre a História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, valorizando a participação do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes a História do Brasil. Cf: Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03 (2005)

seus projetos de trabalho uma visita à comunidade, levando seus alunos, divulgando de forma positiva a história e a cultura desses remanescentes. Isso significa mudança, pois até pouquíssimos anos atrás, nada se falava a respeito de Caatinga nas escolas de João Pinheiro. Temas como igualdade, racismo e preconceito são abordados com maior frequência nas aulas, principalmente de História, muito embora, ainda tenhamos um longo caminho a ser percorrido. Isso é perceptível no artigo do jornal “O Catinguense” quando fala das comemorações do dia da consciência Negra (20/11/2006) na escola da cidade de Brasilândia onde os adolescentes e jovens de Santana da Caatinga cursam o ensino Fundamental e médio, cuja pessoa que recebeu o título de “Beleza negra” foi a jovem Beatriz de Santana da Caatinga. *“No colégio de Brasilândia, a comemoração foi muito alegre, muitos alunos de Caatinga participaram da Capoeira com o professor Babau, do teatro organizado pela turma da escola e a Beatriz foi eleita beleza negra 2006. Além de podermos ter experimentado comidas típicas⁸⁵ .”*

É preciso que haja ações, pois somente a existência das leis não garante sua aplicabilidade, muitas foram as que surgiram no decorrer da história e nada resolveram porque não saíram do papel. Porém, se essas existem, significam conquistas que foram obtidas. Por isso, torna-se necessário que se coloque em prática, transformando-as em um instrumento de combate ao preconceito e pela conquista da igualdade e da cidadania.

A educação é uma arma poderosa, por meio da qual se planta sementes. Através desse trabalho nas instituições de ensino, objetiva-se *“promover a alteração positiva na realidade vivenciada pela população negra e trilhar rumo a uma sociedade democrática, justa e igualitária, revertendo os perversos efeitos de séculos de preconceito, discriminação e racismo”*. (RIBEIRO, 2005, p. 08). A instrução da História afro-brasileira no currículo escolar visa a *“inclusão da história dos quilombos, a começar pelo de Palmares e de remanescentes de quilombos, que tem contribuído para o desenvolvimento das comunidades, bairros, localidades, municípios”*. (Ibdem, p. 21)

Ao refletir sobre essas questões, pode-se perceber como é importante esse trabalho na escola para reduzir o racismo e preconceito no Brasil. Por isso, conhecer a história dos negros é de fundamental importância, não apenas sobre o negro que foi trazido para o Brasil, mas também, sua história antes dessa diáspora. *“Nossa ação como educadores e educadoras, do ensino fundamental a Universidade, é de fundamental importância para a construção de uma sociedade*

⁸⁵ Fonte: Jornal “o Catinguense”. Ano I- nº. 3- Outubro -Novembro - Dezembro de 2.006

mais justa e democrática, que repudie qualquer tipo de discriminação.” (GOMES, 2005, p. 52)

Conhecer sua história, sua cultura, religiosidade, possibilita superar opiniões preconceituosas sobre os mesmos, implementando ações afirmativas contra o racismo. Estas são ações sumamente importantes para que haja mudança.

Configura-se uma necessidade de recuperação e resgate dos fragmentos de informação e referências que possam permitir a construção de um perfil das culturas africanas e do negro brasileiro na estruturação territorial e no desenvolvimento do Brasil. Nesta direção, estabelecer e reconhecer outras perspectivas por uma compreensão do tráfico, da escravidão e da diáspora africana como elementos formadores da configuração do mundo contemporâneo, constitui um pressuposto básico para traçar um contexto mais adequado ao papel das culturas negras na configuração espacial do território e do povo brasileiro preconizamos que estas questões estruturais são fundamentais para se compreender, ter respeito e valorizar as diferenças étnicas e culturais existentes no país. (ANJOS, In: Coleção: educação para todos, 2005, p.167).

Precisamos romper com estigmas e preconceitos historicamente construídos, como bem ressalta o Sr. Mauri, um dos nossos narradores: *“Infelizmente, nós sofremos ainda muito preconceito, somos ainda discriminados e julgados por nossa cor. As pessoas precisam entender que somos gente, como qualquer um, com dificuldades, mas também com capacidades”*. Nesse sentido, reflete Estanislau *“Marcada por fortes desigualdades econômicas a sociedade brasileira carece desatar seus nós.”* (ESTANISLAU, 2006, p. 213). Desatar esses nós não consiste em uma tarefa fácil, pois muitas são as formas de discriminação e preconceito, implícitas e explícitas. Entretanto, esse é um dos grandes desafios.

Neste capítulo, procurei realizar uma reflexão histórica, importante neste estudo. Lancei olhares sobre o cenário histórico da comunidade de remanescentes de quilombo de Santana da Caatinga, verticalizando na questão identitária e do território.

No próximo capítulo procuro desenhar a comunidade de Santana da Caatinga, lançando olhares sobre o cotidiano e as diversas modalizações. Afinal, o cotidiano se faz de modalizações. As práticas culturais, a religiosidade, a lida com a terra, o trabalho, o emprego do tempo, as festas e diversões são modalizações interligadas e de fundamental importância na identidade.

CAPÍTULO 2

PRÁTICAS CULTURAIS, COTIDIANO E RELIGIOSIDADE.

No presente capítulo, conforme anuncio no título, lanço um olhar sobre a encenação cotidiana de Santana da Caatinga, levando-se em consideração que é na ambiência cotidiana que afloram as representações.

Chartier aponta os estudos das *representações sociais*, como um caminho que leva ao entendimento, e conseqüentemente a elaboração de sentidos que ajudam a construir a realidade, criando “práticas” que dão legitimidade às identidades sociais, pela institucionalização de algumas delas. Neste sentido também escreveu Pesavento:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotada de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (PESAVENTO, op cit, p.39)

As representações são tudo aquilo que “fica entre o vivido e o concebido”. A forma como representamos aquilo que vivemos, experimentamos, pensamos, sonhamos, cremos... É a representação de nós mesmos e do mundo. “*Tudo passa pela representação: é a placa giratória entre o passado e o presente, entre vigília e sonho. Assim, embora a percepção do real se oponha às visões imaginárias, a representação é o constitutivo idêntico e radical do real e do imaginário*”. (MORIN, 1986, p. 105-106)

A maneira como as pessoas organizam a realidade dentro de si e as representam, em palavras, ações, formas de ver o mundo e o modo como os conhecimentos e as práticas penetram e se transformam na sociedade são elementos fundamentais na sua cultura e identidade. Enfim, representação “*não é uma Cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele*”. (PESAVENTO, op.cit, p. 40)

A história de um povo é constituída por um intrigante enredo tecido por condições materiais tangíveis e por um arsenal de representações elaboradas sobre o que você vê o que se sente e o que se imagina que exista no outro extremo do que não se pode

experimentar, testar ou dominar. A realidade se materializa como manifestação de diversas formas de perceber e vivenciar o familiar e o conhecido. (KUYUMJIAN, 2.001, p. 207)

As comunidades quilombolas tiveram um reconhecimento legal do direito à manutenção da sua cultura, seus saberes e fazeres, determinando que o Estado proteja as manifestações culturais. O artigo 215 da constituição brasileira reza que: “*O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional*”. O artigo 216 refere-se à proteção pelo poder público dos bens de natureza imaterial, tais como o jeito de ser, expressar, criar, fazer, viver, dos diferentes grupos que formam a sociedade brasileira, entre eles, as comunidades negras. Ficando também “*tombados todos os documentos e sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos*”.

Essa visibilidade constitucional leva em consideração a cultura, saberes e fazeres destes povos. A sociedade e as relações sociais constituem-se uma malha tecida por múltiplas mãos, onde cada qual, à sua maneira, com toques diferentes e próprios, vem dando seu nó na tessitura do tecido social e cultural, sendo importante perceber cultura como um produto histórico, múltiplo, dinâmico e flexível, fruto de experiências vividas e vidas partilhadas. Nesse caso, recorro a Chartier:

Trata antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os que os sentidos conferidos às palavras, às coisas e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto, já é um significado e uma apreciação valorativa. (CHARTIER, Op. Cit, p.)

O cotidiano dessa comunidade é aparentemente tranqüilo, sem a correria cotidiana dos grandes centros, os moradores pessoas modestas, humildes, mas muito hospitaleiras. Nas portas de quase todas as casas, há um banquinho para sentar e “bater papo” ao fim da tarde. Todos se conhecem, sendo em sua maioria parentes entre si, compadres e comadres. Relacionam-se bem. “Ninguém mexe no alheio”, diz o Sr. Guilherme.

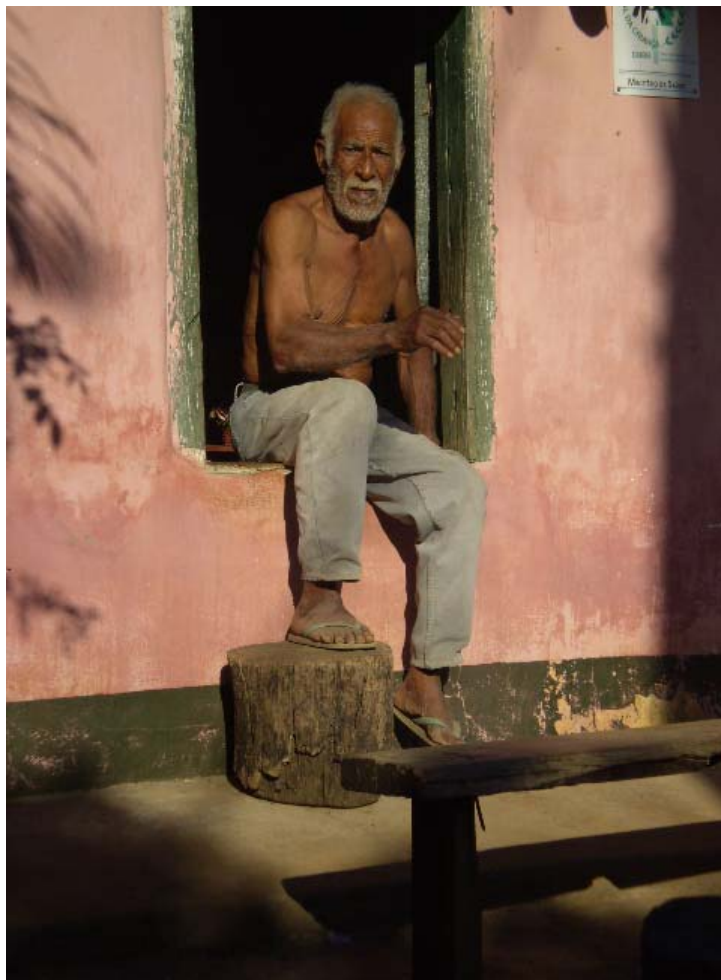


Foto nº11. O Sr. Guilherme, morador de Caatinga, sentado na janela de sua casa conversando com os vizinhos, prática constante de seu cotidiano ao final das tardes.

As conversas de fim de tarde nas portas dos vizinhos é um elemento cultural riquíssimo na transmissão de valores, compartilham experiências, partilham dificuldades e anseios. O estar junto é perpassado por experiências diferentes, leituras de mundo diferentes que, entrecruzadas, ganham um novo sentido. Falam de coisas cotidianas, contam causos e narram histórias. Nesse sentido percebo na importância dessas conversas que a um primeiro olhar pode parecer trivial, mas que são relevantes por tratarem de experiências cotidianas, partilharem histórias, sendo esta uma das maneiras pelas quais as pessoas criam suas identidades.

Os catinguenses têm princípios morais, valores, costumes e normas de conduta partilhados entre si, os quais são transmitidos através da educação informal e repassados de

geração em geração, mesmo que ressignificados a partir dessa transmissão. Essa educação informal envolve as ações de transferência de valores, representações correspondentes a aprendizados adquiridos na vivência, na família, no dia-a-dia, nas festas tradicionais. Entre esses valores destaco o respeito e valorização dos laços familiares e de parentesco, a educação dos filhos, a religiosidade, a importância de crer em um Deus, obediência, honestidade, generosidade, a valorização da história, da terra e do lugar. Valores repassados através de conselhos, das histórias, ensinamentos de pai para filho e nas ministrações religiosas. Essa educação informal é importante na constituição da comunidade, na transmissão das tradições do grupo, tradições estas que são reinventadas, recriadas cotidianamente. Não destaco aqui, a importância desses valores, mas o significado deles para o grupo.

Os moradores desta comunidade têm passado por transformações na forma de se verem e organizarem a vida pós-reconhecimento: Vivenciaram muitos projetos, parcerias e realizações e criaram a Casa da Cultura para guardar e divulgar sua história, percebendo a força desta na questão identitária. Neste espaço de preservação da memória local, pode-se perceber o novo e o velho coexistindo, como por exemplo, exposição de objetos antigos da cultura local e objetos mais novos como computadores. Exposição de fotos de pessoas importantes na história local, sendo eles, patriarcas e também mulheres que assumiram papel de fibra, como Dona Balbina e tantas outras, ancestrais dos remanescentes que lá residem. Objetos antigos, relíquias de família, reunidos hoje neste ambiente de materialização da história.



Foto nº12: painel de fotos de momentos e pessoas importantes da localidade na sala de entrada da Casa da Cultura. Na foto nº13: procurei registrar uma prateleira onde colocaram expostos vários objetos utilizados no cotidiano. Fonte: Arquivo pessoa, organizado durante a pesquisa.

Na mesma casa, biblioteca há uma biblioteca, uma sala de vídeo e também uma sala digital com vários computadores à disposição da população, principalmente dos jovens. Pode-se perceber a preocupação de preservar o passado, sem perder de vista o futuro.

Os catinguenses são herdeiros de um patrimônio cultural construído ao longo da história na localidade, bem como da convivência com o cerrado e tudo aquilo que ele oferece, sendo este espaço sumamente importante na manutenção dos costumes. “*O espaço molda coercitivamente os hábitos e os costumes do dia-a-dia.*” (MAFFESOLI, op.cit, p. 62). O homem em contato com o meio, cria um modo de vida próprio.

Na busca de sentidos e na vivência diária, o homem “*inventa o cotidiano*”, diz Certeau (1994), graças à “*artes do fazer*”. Assim, herdeiros de uma história, homens e mulheres diante das dificuldades da vida vão inventando seu cotidiano e buscando encontrar “*maneiras de fazer*”, alternativa para melhorar a sua qualidade de vida. Pessoas simples, aparentemente sossegadas, são capazes de “*colocar em uso uma arte de viver que passa pela improvisação e negociação. É a inventividade do ‘mais fraco’ em ação.*” (DEL PRIORE, 1997, p. 273) Assim, pode-se observar que mesmo com as dificuldades, esses remanescentes alimentados pelos sonhos, estão buscando encontrar novos rumos, embora os “*projetos sejam muitos, os recursos nem tanto*”. (ALAVANCA) Eles procuram continuar trilhando, sem contudo, perder de vista as questões identitárias e históricas.

Só gente boa no mutirão da reviravolta, somando esforços em busca dos objetivos traçados pela comunidade. Reunião e mais reuniões. E mãos a obra. O resultado não poderia ser outro. Como conta na história bíblica da multiplicação dos pães, as realizações, de vários naipes, se multiplicaram: construção do espaço cultural OICINARTES com três lindos ranchos para capoeira, artesanato e outras manifestações culturais; curso de artesanato em barro, curso de doces e salgados, de frutos de cerrado, aulas de capoeira, reforma de telhado de casas antigas, construção dos suportes de lixeiras, entre outros. Só quem participou sabe quanto sacrifício foi despendido, em cada dia de trabalho, com muito suor e amor. E não foi fácil e do que antes não se via, agora, até o pior cego não pode deixar de ver. Muita coisa boa acontecendo... Já se produzem obras de arte em caatinga. Doces, salgados e biscoitos já se vendem por aqui. O som do berimbau e as batidas do atabaque, cadência que marca o gingado dos nossos capoeiristas, ecoam em caatinga e resgatam lembranças históricas para essa gente guerreira, remanescente de quilombo... E os produtos DU QUILOMBO nascem com tudo pra dar certo: a dosagem exata da paciência, a técnica e o capricho dos artesãos nas suas criações; a mistura perfeita dos segredos, ciência e arte das cozinheiras, na lida com os temperos e sabores inconfundíveis dos frutos do cerrado, tudo numa temperatura ideal para que se possa sentir a força, a garra e o valor dessa gente de fibra.⁸⁶

⁸⁶ Jornal: O catinguense. Ano 1 nº3 P. 01

Essa afirmação e valorização advêm de várias maneiras. Estão buscando, lendo de diversas maneiras os acontecimentos e seus desdobramentos. Na narrativa da ALAVANCA, expressa no jornal “O Catinguense,” pode-se perceber a valorização da cultura e a reinvenção na arte do fazer, passando pelo presente, passado e projetos em relação ao porvir que os levam a delinear a sua história, orgulhando-se dela.

No próximo item, lanço olhares sobre as modalizações do cotidiano procurando fazer uma leitura sobre as mesmas.

2.1 - Modalizações do Cotidiano: A lida com a terra, trabalho, festas, religiosidade.

A forma de organizar a economia, transformando a natureza para dela retirar o seu sustento, gerando saberes múltiplos e inventando um modo de vida é antiga. Linhares salienta que “*foi agricultura a atividade que congregou homens e mulheres, constituindo-se na principal fonte de vida e de trabalho*”. (LINHARES, 1.997, p. 165) Segundo esta autora, o homem “*na faina cotidiana transforma a natureza ao criar meios de subsistência e técnicas*”, (idem) são saberes e práticas que constituem a imensa teia da cultura. Porém, pensar na preservação desses aspectos não significa concebê-los em um mundo fechado em si mesmo, que não se transforme ou recrie.

O primeiro aspecto a destacar é a importância da agricultura para as populações constituídas [...], pois dessa atividade retiram grande parte de sua alimentação. A policultura é sua característica básica e compreendem, além de roças com vários produtos, o cultivo de hortaliças e frutíferas, principalmente próximas às moradias. Em termos ambientais, tanto a casa como esse conjunto de atividades desenvolvidas em suas proximidades, incluindo também a criação de pequenos animais (principalmente suínos e aves) estão situados nas chamadas ‘terras de cultura’. (RIBEIRO, 1998, p. 261)

A agricultura ocupa no decorrer de toda história desses remanescentes um fator de suma importância. Percebi através das narrativas dos remanescentes que em Santana da Caatinga que alguns aspectos da organização da sua economia são semelhantes à de seus ancestrais. Muitos dizem que aprenderam com os pais o saber e a lida com a terra e as plantas. É perceptível a ligação com a natureza e aquilo que ela oferece, sendo esta uma forma de manter o seu sustento e

da família. Os moradores que fazem suas roças ainda fazem uso de práticas antigas na agricultura. Todo o trabalho de preparo da terra, como semear, capinar e colher os alimentos é feito artesanalmente⁸⁷. Alguns deles são analfabetos no mundo das letras, mas possuem muita sabedoria ao fazer a leitura de mundo, das fases da lua, da época de plantio e colheita, como usar adequadamente os instrumentos de trabalho, o tipo de solo apropriado para o plantio de cada espécie, a época das chuvas.... Enfim, saberes importantes na lida cotidiana, sobrevivência e na preservação da cultura.

Alguns plantam roças em terrenos do entorno, de propriedade de terceiros, dedicando à policultura, muito embora essa produção seja pequena⁸⁸. No cultivo da terra, todo o trabalho é realizado pela própria pessoa, produzindo alimentos somente para consumo familiar. *“Antigamente eu plantava muito e vendia na cidade, agora eu tô velho, as sementes tá muito cara... Hoje eu planto só pra casa mesmo. Plantio mandioca, abóbora, feijão, quiabo, milho, melancia, batata, de tudo, de cada coisa, eu planto um pouco”*. Assim reflete o senhor Erasmo que outrora plantava vários tipos de produtos e vendia na cidade de João Pinheiro, hoje, cultiva somente para o sustento familiar.

Muitas são as dificuldades encontradas no cultivo do terreno. Pode-se observar que alguns estão desmotivados com o plantio dessas roças, como é o caso do Sr. Guilherme, que precisa remar três quilômetros pelo rio Paracatu até chegar a sua rocinha. Em sua narrativa ele expressa os problemas que encontra no cultivo da roça:

Eu tô desanimadinho com roça. Acho que nem vou plantar mais. Os bichos comem tudo. Capivara, veado, vem e come tudo. Acaba com as roça da gente. Eu nem planto mais milho. Cê planta um saco de milho e elas vêm e come tudo. Mas num pode matar, Se ocê mata um bicho desses, a florestal vem em cima da gente, é pior do que matar uma pessoa.

Hoje, com as leis ambientais, a caça deixou de ser praticada e os seres humanos com a destruição do cerrado, desmatamento e carvoarias destroem o habitat natural desses animais que

⁸⁷ Ainda utilizam como instrumentos fundamentais no trabalho e cultivo da terra, a foice, o machado, enxadão, enxada, facão, cambão ou vara (instrumento de madeira utilizado para bater o feijão), matraca (instrumento utilizado para a semeadura das sementes) cutelo (utilizado para colheita de arroz), dentre outros. Somente aqueles fazendeiros de maior poder aquisitivo que possuem terras no entorno da comunidade, os quais na sua maioria não são remanescentes de quilombo, prepararam a terra através da utilização de tratores e máquinas agrícolas.

⁸⁸ O fato de cultivarem as roças no terreno de terceiros é porque a maior parte dos remanescentes de Santana da Caatinga só possui as terras do quintal, sendo estas insuficientes para o plantio de roças, por isso, para que continuem a cultivar suas roças, precisam fazer uso das terras dos remanescentes que além das

se vêm sem alimentos e procuram as roças para se alimentar, constituindo-se em um problema para alguns.

O cultivo e transformação da mandioca em produtos de consumo no cotidiano da comunidade são antigos. Cultivada nas roças ou no quintal, essa raiz é parte da cultura das famílias do local. A utilização desta raiz na culinária no Brasil é um fator relevante, pois a variedade de formas com que esta é utilizada possibilitou a sobrevivência de muitas famílias.

Desde o início da colonização, a mandioca viria a representar um importante papel também para o escravo africano, tornou-se base de sua alimentação, regulamentada em lei desde os tempos do Conselho Ultramarino, que obrigava os grandes canaviais a manterem cultura de subsistência, normalmente mandioca, para a alimentação de escravos e agregado. A mandioca pode ser considerada a maior contribuição indígena para a diáspora negra. (ANJOS, op. cit, p. 71)

Dentre as suas utilidades, a transformação da mandioca em farinha e polvilho é uma prática antiga. Esse trabalho ainda é uma prática rudimentar realizada por poucas pessoas na comunidade catinguense, caracterizando-se em um trabalho domiciliar. Através de uma parceria, conseguiram construir e equipar uma fábrica de farinha para modernizar e fomentar a produção, objetivando a comercialização. No entanto, essa fábrica inaugurada em março de 2006 ainda não está sendo utilizada.

A questão do cultivo da terra não está atrelada apenas às roças, praticamente em todas as casas, possuem quintais onde procuram “*ter um pouco de tudo*”, como nos disse uma de nossas narradoras. Cultivam árvores frutíferas, plantas medicinais e uma horta.

Em termos de exploração de espécies, o quintal é o local mais representativo, por ser o espaço privilegiado pelas famílias: é o lugar da sociabilidade, da afirmação das relações intergeracionais, das brincadeiras, da aprendizagem do cuidado com as plantas e da demonstração de habilidades. Os cuidados com o quintal redundam em recursos múltiplos usados na alimentação, na saúde e no trabalho artesanal. (MARIM, 2.004, p. 90)

As hortas existentes em quase todos os quintais se diversificam em tamanho e espécies de verduras cultivadas. A finalidade da mesma é o consumo doméstico. Neste espaço da horta há também as plantinhas medicinais, muitas delas próximas umas das outras, contendo uma variedade de espécies. Geralmente são cercadas por telas, pois criam galinhas soltas no quintal. Dessa criação de aves, resultam o ovo e a carne. Alguns criam porcos. Toda produção é destinada ao consumo doméstico.



Foto nº12. Nas hortas, pode-se observar o cultivo de alface, cebola, salsa, jiló, pimenta, beterraba. A horta cultivada mais próxima à porta da casa é um espaço importante para o cardápio familiar. Pode-se observar o quintal mais ao fundo com diversos tipos de árvores frutíferas

Poucos são os catinguenses que possuem e criam algumas cabeças de gado, somente àqueles que além da casa na cidadezinha, possuem fazenda ou sítio no entorno. Poucos são os moradores que possuem outra propriedade além da casa onde mora, no entanto, no decorrer da história, em Santana da Caatinga havia negros que eram proprietários de terras, fazendeiros com muitas cabeças de gado. Muitos viviam de criar boi e vender boiada, pois o gado foi o maior fator de ocupação do sertão mineiro⁸⁹. Alguns dos moradores do local são herdeiros destes antigos proprietários e ainda possuem terras dedicadas à pecuária.⁹⁰

⁸⁹ Um fator impulsionador da pecuária no cerrado, conforme RIBEIRO foi à disponibilidade de terras, possibilitando a criação extensiva, com muitas cabeças de gado.

⁹⁰ RIBEIRO relata que nesta região do sertão, vivendo dentro das fazendas, trabalhando como parceiros e até como vaqueiros, em uma relação de subordinação e de reciprocidade passada de ambos os lados, de pai para filho, alguns conseguiam, por doação ou por compra, adquirir a sua própria terra. Os vaqueiros podiam formar um pequeno rebanho. Conf: RIBEIRO, Ricardo Ribeiro. *O Eldorado no Brasil central: história ambiental e convivência sustentável com o cerrado*.



Foto nº13: pode-se perceber uma das formas tradicionais de sobrevivência na comunidade de Remanescentes. O remanescente desta imagem registrada por mim em uma das muitas idas e vindas à comunidade possui mais de 80 anos e cultiva uma roça do outro lado do rio. O trabalho para ele é fundamental. Ele diz que é pra não enferrujar. Fonte: Acervo pessoal. 2.006

O rio é muito importante para a comunidade que é ligada à questão da pesca. Os moradores pescam para consumo particular. É comum ao fim da tarde vê-los dirigir-se para o barranco do rio com a varinha de pescar sobre os ombros. Não há aquela preocupação em pescar para vender o peixe, mesmo porque o turismo local acontece em função da pescaria.

Embora a agricultura e pescaria sejam relevantes pilares de produção desses catinguenses, são complementares de várias maneiras. A alimentação é composta pela pesca, criação de animais, coleta de alguns frutos do cerrado e aquilo que não possuem no local, compram nos armazéns da cidade de João Pinheiro ou Brasilândia.

Possuem uma cultura pautada na generosidade e hospitalidade, é comum ofertarem produtos que possuem em casa, tais como frutos do quintal aos parentes ou amigos que vão visitá-los. Preocupam-se em servir sempre um bom café, uma refeição, tudo com simplicidade, mas ofertam o que possuem de melhor, recebendo bem às pessoas.

O trabalho é fundamental na vivência humana, pois o ser humano desde o início dos tempos tem a necessidade de transformar o meio em que vive para garantir a sua sobrevivência e

de sua família, sendo também um fator cultural, historicamente construído. “*O trabalho em suas formas variadas é fundamental para a construção do vínculo social, a formação da identidade e da cultura do grupo, a comunicação entre gerações, entre sexos e entre famílias extensas*” (MARIM e CASTRO 2004, p.101).

O trabalho está presente na vida da comunidade. Os moradores cuidam da casa, do quintal, alguns são trabalhadores braçais, trabalham por dia, sem vínculos empregatícios, batendo pasto, cortando lenha e capinando. Muitos deles trocam dia de serviço, ou seja, quando um está necessitando os outros ajudam e o pagamento vem em forma de dia de trabalho, sendo esta uma forma de se ajudarem mutuamente. Com o turismo, surge a função de caseiro, cozinheira e arrumadeira dos ranchos cujos proprietários vêm nos fins de semana para pescar, necessitando de pessoas que executem estas tarefas. O turismo torna-se relevante na comunidade como uma forma de gerar emprego e renda..

Muitos dos moradores de Santana da Caatinga são pessoas idosas que já recebem o benefício de prestação continuada (aposentadoria), por isso dedicam-se ao cultivo do quintal, à pesca, à hortinha, comprando o restante do que necessitam. Vivem de forma simples, mas não passam necessidade.



Foto nº14. O Sr. Antonio Ferreira no quintal de sua casa entre os pés de mandioca. Ele tem 77 anos e ainda trabalha com o quintal e a horta. Na sua casa não tem água encanada, pode-se observar ao fundo, a cisterna de onde retira com balde a água necessária para suprir as necessidades da casa e molhar as plantas do quintal e da horta.. Fonte: A cervo pessoal.

É interessante como algumas pessoas idosas trabalham na roça e cuidam do quintal. Assim reflete o Sr. Guilherme: *A gente planta roça, cuida, uma é que a gente precisa, outra é que é prá gente num enferrujar, num deixar os músculos entrevar.* Pode-se observar então, a concepção do trabalho também como manutenção da saúde e das atividades físicas.

Entre os benzedores e raizeiros citados nesta pesquisa, um deles executa trabalhos em forma de empreito ou por dia, os outros são pessoas mais idosas e aposentadas, muito embora executem os afazeres da casa, do quintal e os homens ainda pescam.

Atividades diferentes podem ser resultantes da divisão de trabalho entre as famílias dos remanescentes. Algumas se diferenciam em decorrência da idade e sexo. As mulheres dedicam-se ao trabalho com a moradia, aos filhos, ao quintal, e algumas se delas complementam também com a confecção de peças em argila. Ainda que, ao observador de fora pareça haver uma igualdade nas atividades realizadas pelas pessoas da localidade, ao lançar um olhar mais detalhado, verá que o mesmo é feito de forma diferente. Alguns delas complementam mais a um tipo de trabalho, possuem um jeito de fazer, outros possuem maneiras diferentes de realizar às vezes o mesmo tipo de atividade, influenciadas pela forma que aprenderam a fazer, pela condição financeira, habilidades individuais e forma que optam para ganhar a vida. É a constante aprendizagem adquirida no dia-a-dia, que é sempre o mesmo e sempre outro.

Aqui o cotidiano se confunde de alguma forma com o aprendizado... É a escola da vida. [...] A ordem cotidiana do trabalho toma assim, uma singular importância: é a caminhada até o campo [...] a preparação dos instrumentos de trabalho, o encerramento da faina diária, à volta para a casa, etc. (DEL PRIORE, op. cit, p. 267).

Esse conhecimento informal, adquirido cotidianamente muitas vezes não é valorizado. Hoje, valoriza-se em demasia a descoberta, a tecnologia, não percebendo assim, o outro constante em cada dia, a complexidade e riqueza contida no saber tradicional e cotidiano, ciência essa que se renova, se recria e permanece. *“Esquecemos - nos que somos, antes de tudo, uma seqüência de gestos laboriosamente aprendidos, nas circunstâncias mais diversas [...] seqüência de gestos que compõem o cotidiano”.* (DEL PRIORE, idem, p. 259).

O conhecimento e a relação que alguns estabelecem com a natureza fazem parte do saber local aprendido com os mais velhos. O cerrado, possuidor de muitas riquezas com vários tipos de árvores, das quais podem extrair remédios e frutos comestíveis utilizados pelos catinguenses ⁹¹:



Foto nº15: O baruzal é uma árvore frondosa comum no cerrado. Sua castanha sempre foi apreciada, no entanto, é a primeira vez que fazem uso dessa castanha para a produção de doces destinados à venda, fabricação esta estimulada pelo turismo e pela busca de um desenvolvimento auto-sustentável.

Na imagem nº16. O interior da unidade de processamento de produtos do cerrado, com as castanhas de baru dentro do forno onde são torradas para transformar em doce, pé de moleque e tira-gosto. Fonte: Acervo pessoal, fotos de 2.007.

Com o projeto de desenvolvimento sustentável, as lideranças da comunidade de Santana da Caatinga e a Alavanca colocaram em execução o projeto baru⁹² e a inauguração da unidade de

⁹¹ Várias são as árvores frutíferas encontradas no cerrado, cujos frutos são comestíveis, tais como a mangaba, araçá, araticum, murici, baru, pequi, coco de várias espécies, principalmente do buriti, comum nas regiões de veredas, conhecidas como oásis do sertão.

⁹² Numa parceria ALAVANCA - EMATER, foi realizada, em Caatinga, Curso de Preparação de Alimentos a partir do Baru, com ANALICE e ÉLBIO, técnicos da EMATER-MG, como parte das atividades do Projeto Baru – Utilização Sustentável de Recurso Nativo. Este é um projeto selecionado em 2005 pelo PPP - Ecos do ISPN e

processamento de frutos do cerrado, com fabricação de doces da castanha do baru, buriti, cagaita, além de frutos do quintal, como a manga e acerola. Atualmente a fábrica está passando por ampliação da sua estrutura física, visando o aumento da produção. Esta iniciativa está provocando uma outra lógica, pois alguns fazendeiros do entorno estão começando a plantar o baruzal para fornecer à fábrica suas castanhas, significando uma visão a longo prazo.

A relação dos catinguenses com a natureza é uma lógica de preservação do cerrado⁹³, porém a lógica capitalista que impera na contemporaneidade tem provocado a destruição do meio ambiente. As fazendas do entorno da comunidade destinam-se principalmente à criação de gado, como acontece desde o início da ocupação dessa região. Em algumas delas o cerrado é derrubado e transformado em carvão vegetal, objetivando também a formação das pastagens no lugar. O desmatamento pode ser observado na imagem abaixo, comum na região do cerrado.



Fotos nº17 e nº18 retratam uma paisagem que tem sido comum na região do cerrado, que consiste na destruição da vegetação nativa para a formação de pastagens. Nesta primeira foto temos uma fazenda próxima à comunidade de Santana da Caatinga. Na segunda, procurei registrar uma carvoaria um pouco adiante do desmatamento, para onde seria levada a lenhas. Fonte: Arquivo pessoal.

realizado com financiamento GEF/PNUD. Quem participou afirma que valeu a pena... Os alimentos produzidos na unidade de processamento artesanal de baru de Caatinga vêm com a marca Delícias do Cerrado e a logomarca genérica DuQuilombo. DUQUILOMBO é a Associação dos Artesãos e Produtores de Alimentos de Caatinga Já é possível encontrar esses quitutes no comércio local e também na Banca de Caatinga e na Feira de Brasilândia de Minas. Conf: Alavanca: nossas ações.

⁹³ Curso de Monitoria Ambiental para jovens protagonistas de um desenvolvimento sustentável da região é uma das ações da Alavanca para estimular os jovens á preservação do meio ambiente. Por vários locais da comunidade estão espalhadas placas de conscientização em relação á preservação da natureza e com relação à questão do lixo. Por vários locais de Santana da Caatinga, estão espalhadas casinha feitas de madeira onde são depositados os lixos produzidos e colhidos em cada residência, estimulando a coleta seletiva do lixo. A Raizando Óleos medicinais coordena trabalhos de educação ambiental.

Este desmatamento muitas vezes é feito de forma inadequada e ilegal porque não preservam espécies importantes na natureza, as chamadas *madeiras de lei*, cortando também muitas espécies com propriedades medicinais. Este desmatamento tem de certa maneira, influenciado na prática de utilização de raízes com produtos do cerrado, pois muitas espécies não estão sendo mais encontradas. “*Quando, com nossas ações, promovemos a extinção de alguma espécie, estamos enfraquecendo um dos fios da “rede da vida” que existe no planeta e nessa rede nós humanos somos apenas mais um desses fios*”. (SANT’ANNA, 2007, p. 7)

Apesar do desmatamento, percebi entre os moradores de Santana da Caatinga uma preocupação com a preservação da natureza, assim diz Walter: “*A comunidade de Sant’Ana do Caatinga, luta [...] protegendo a natureza que temos. Confiemos em Deus e incentivemos a comunidade e fazendeiros para que não destruam a natureza jogando lixo, desmatando, fazendo queimadas*”. Pode-se observar que a preservação do meio ambiente tem sido uma das preocupações das lideranças desta comunidade e da ALAVANCA que tem buscado apoio para a implantação de projetos voltados para as questões ambientais e para a preservação da vida, seja ela vegetal ou animal. Observe as palavras expressas nas páginas do Jornal local:⁹⁴.

É um privilégio poder sentir o cheiro da terra molhada, apreciar uma brisa leve em uma sombra de gameleira, ver um tucano - aquela explosão de cores vivas – voando e ouvir um livre casal de canarinhos cantando por perto. É uma alegria saber que uma criança teve o presente de ver um veado correndo. E é uma sorte ainda poder encontrar uma sussuarana, animal raríssimo e precioso para o Cerrado, para outros ambientes naturais e para nós. Deveríamos lembrar que Deus está presente nessa natureza. Somente mãos divinas poderiam compor tal paisagem. É uma pena que este sagrado ambiente - o Cerrado - esteja desaparecendo pelo seu mau uso. É gente que caça. É gente que desmata sem cuidado. É gente que joga lixo, polui o solo e a água. Ora, tudo na natureza está ligado. A onça precisa de alimento do Cerrado. Se o homem caça e acaba com os animais que deveriam ser o seu alimento, não lhe dá outra alternativa que não seja a de comer bezerros de algum rebanho. Vamos dar um tempo para o Cerrado. Vamos aprender a aproveitar seus recursos. Nós não vamos levar o mundo conosco. Será que os nossos filhos e netos vão se lembrar de nós como os responsáveis pelo fim das belezas naturais? Pensemos nisso e ajamos como pessoas responsáveis, não só pela nossa vida, mas também pela qualidade de vida das gerações futuras.

O trabalho desenvolvido pela ALAVANCA estimulando a preservação ambiental tem sido relevante para a preservação do meio ambiente, principalmente por causa do turismo. Preservar é importante para a manutenção da vida e do bem-estar dos moradores e visitantes

⁹⁴ Jornal “O CATINGUENSE”, agosto e setembro de 2.006, p.04.

Entre as práticas cotidianas e manifestações artísticas, pode-se mencionar a utilização da argila para a fabricação de cerâmicas. Segundo relatos de idosos do local, anteriormente havia pessoas que fabricavam artesanalmente objetos de barro, como telhas, panelas, potes e moringas para armazenar água. Com o tempo, a prática foi deixando de ser realizada na localidade. Após o reconhecimento, as lideranças da comunidade através de parcerias, procuraram trazer cursos de confecção de peças em argila e criaram oficinas artesanais para a modelagem e comercialização das peças⁹⁵.



Foto nº19 e nº20: Amostra dos trabalhos realizados pelos remanescentes, principalmente as mulheres. As artesãs expõem orgulhosas suas obras de arte. Acervo pessoal. Na foto 21, pode-se observar como as mãos embaladas por um espírito criativo dão forma à argila criando variados e belos objetos decorativos e utilitários. Foto: Alavanca-disponível no site da ALAVANCA:

⁹⁵ O curso de confecção de peças em argila foi composto de duas fases: a 1ª. de modelagem, feita à mão, com a professora Anita, do Vale do Jequitinhonha e a 2ª., de Torno, com o professor Edson e seu auxiliar professor Wesley, de Brasília. O curso foi uma parceria ALAVANCA/Embaxada da Suíça. As peças de cerâmica dos artesãos já estão à venda no Trem da Roça, na BR-040, Rural Minas, na Oficinas, em Caatinga e na Feira de Brasilândia de Minas.

A fabricação desses objetos tornou-se uma fonte de renda, possibilitando minimizar as dificuldades encontradas no dia-a-dia, muito embora essa produção seja ainda pouco expressiva a nível regional. Uma das dificuldades encontradas por eles é com relação à venda desses produtos, sendo esta realizada em pequenas quantidades aos turistas que se interessa por esta arte.

O artesanato dos povos quilombolas no país ainda não tem expressão nacional a altura de sua qualidade e relevância. Na perspectiva de sustentabilidade econômica desses territórios, por meio das potencialidades locais, o artesanato é uma pista concreta para alteração do quadro das dificuldades de sobrevivência das comunidades. (ANJOS, op cit, p. 72).

De acordo com este autor, o trabalho com a argila é uma prática comum entre as comunidades remanescentes de quilombo. Pode-se observar que todas essas questões estão imbricadas na tradição, não numa tradição imutável, mas que se renova. A presença do torno elétrico, novos tipos de objetos e formas diferentes de peças. O maior número de obras criadas hoje são principalmente objetos decorativos.

As diversões em Santana da Caatinga são as festas religiosas, a prática de esportes como o jogo de futebol e a capoeira, as conversas nas portas das casas, nos bares locais e o parque de diversões para as crianças. O esporte mais praticado é o futebol de campo. A ALAVANCA apóia e incentiva o esporte na comunidade. Este estímulo é uma forma de fortalecer a prática de esportes que os catinguenses já praticam há muito tempo. O incentivo de crianças, jovens e adultos vem em forma de doações de bolas, rede, jogos de camisas e outros materiais;



Foto nº22 e nº. 23 Imagens do time de futebol de Santana da Caatinga na versão adulto e entre as crianças. O futebol é uma das diversões mais praticadas no lugar. Fonte: ALAVANCA



Foto nº. 24 o parquinho de diversões em pleno funcionamento, construído na comunidade através de recursos oriundos da Embaixada do Canadá. Na foto nº. 25: Momento de contação de histórias para as crianças da localidade. Fonte: ALAVANCA

2.2 - Manifestações religiosas dos moradores da Santana da Caatinga

Os moradores de Santana da Caatinga são pessoas religiosas, costume esse transmitido de geração em geração. A fé em Senhora Santana é antiga. Os mantenedores da fé e da religiosidade de um povo em uma região dependem sempre de lideranças que mantêm viva a religiosidade e a crença das pessoas.



Fig.nº26: A imagem de Senhora Santana, Padroeira de Santana da Caatinga. Sua imagem fica exposta na frente do altar da igreja local. Foto do cervo pessoal da pesquisadora..

Desde a antiguidade, tomando como parâmetro, as sagradas escrituras, pode-se perceber que o direcionamento das comunidades dependeu sempre de lideranças, de alguém que estivesse à frente liderando o trabalho. Pode-se destacar então, a presença dos profetas e outras pessoas que exerciam o papel de liderança religiosa, que muitas vezes se estendia ao campo político, como no caso de Davi, Salomão, Josué, dentre outros. Então podemos perceber comparativamente, o papel desempenhado pelos benzedores que exerceram muitas vezes esse papel de liderança na sua comunidade, não uma liderança institucionalizada, como uma representante da Igreja na localidade, mas uma liderança de fato, através do exemplo e das práticas cotidianas pautadas no respeito e no dom que receberam de Deus para ajudar os irmãos.

O papel desempenhado pelas lideranças religiosas locais, assume maior relevância em lugares mais distantes, onde não havia a presença constante da igreja institucionalizada, com a presença do padre. Existiam as igrejas, mas eram as pessoas do local, que não eram formadas por uma entidade ou instituição religiosa que dirigiam os cultos e exerciam lideranças, tornando-se muitas vezes misturada e vinculada a outras entidades. Então pela influência histórica, receberam influência das religiões afro que também deixaram marcas, formando o sincretismo religioso.

Essas lideranças tornaram-se importantes na manutenção da fé das pessoas na localidade, pois elas falavam e falam de Deus e dos seus ensinamentos. Nos lugares não chegava a bíblia, a maior parte das pessoas não sabiam ler, por isso, os saberes tradicionais repassados pela via da oralidade, foram e são relevantes para manter a crença. *“Essas lideranças foram e são necessárias, porque o povo precisa de uma referência, de alguém que diga como fazer, o que fazer, por onde caminhar.”*⁹⁶ Esse papel era exercido muitas vezes pelas benzedoras. Essas pessoas ensinam os mais novos, os filhos, e os vizinhos a rezar, passam as tradições religiosas que receberam dos seus ancestrais, que mudam a forma, mas permanece o sentido. Um corpus em construção, porque está sempre mudando.

Anteriormente, a presença do padre nessas regiões mais distantes era rara. Normalmente, essas visitas eram chamadas de desobriga e aconteciam uma vez por ano⁹⁷.

⁹⁶ Narrativa do Padre Ivan, pároco do município de João Pinheiro. Entrevista concedida no segundo semestre de 2.006.

⁹⁷ Eclesiasticamente, toda essa região do município de João pinheiro, conforme já enunciado no primeiro capítulo, pertencia a Paracatu.

As chamadas desobrigas pelo interior do Brasil, constituíam-se em verdadeiras cruzadas e tinham um papel civilizador. Os padres criavam com as populações vínculos espirituais, estabelecendo relações de compromisso entre a Igreja e as comunidades, as quais muitas vezes não tinham em relação ao Estado. (MONTENEGRO, 2.001, p. 66)

Nestas visitas do padre à localidade, geralmente se realizavam os rituais e sacramentos, como os batismos e casamentos. Era uma ocasião de festas, em que as pessoas vinham do entorno para assistir as celebrações.

Apesar da presença do padre não ser muito freqüente na localidade, sempre procuravam manter os ensinamentos e tradições religiosas, guardando os dias santos e participando das cerimônias e devoções públicas, tais como as procissões e rituais da semana santa, semana das dores, entre outras. Havia aquela preocupação em rezar principalmente ao deitar e dormir, rogando a Deus e aos santos por proteção, bem como ensinando aos mais novos as orações. Essas orações eram aprendidas, decoradas e ensinadas aos filhos desde pequenos. Rezavam terços aos santos de devoção. *“Antes que a alma se ponha a caminho das vias espirituais, justo é que tenha prevenido o seu sustento, com ela se há de alimentar. A oração é um ato de virtude da religião, um trato reverente com Deus, com que a criatura recorre a ele para remédio de suas necessidades.”* (MOTT, 1.997, p.163).

Muitos deles procuravam manter no espaço privado das suas casas as imagens dos seus santos de devoção, fossem elas em forma de esculturas feitas de gesso ou em quadros na parede. Buscavam deixar no espaço da casa sempre um símbolo religioso, imagens ficavam muitas vezes em altares ou em cima de mesinhas. Muitas desses santos eram bentos, ou seja, abençoadas pelo padre nas visitas que realizavam na comunidade, sendo este um costume preservado ainda hoje. Principalmente os benzedeiros que mantêm em suas casas várias dessas imagens a quem rogam no momento da benzeção.

Muito comum também é a devoção à Santa cruz. No meio da comunidade de Santana da Caatinga, há um cruzeiro de aroeira que ninguém sabe a idade, só que ele existe ali há muito tempo. Segundo as narrativas dos idosos dessa pesquisa, o pé deste cruzeiro era regado com freqüência na época das secas, ritual por meio do qual os catinguenses rogavam a Deus por chuva. *“Simbolizando o martírio de Cristo, o cruzeiro era devoção que se expressava, sobretudo nos espaços abertos: praças, morros, encruzilhadas. Mas podia ser trazido também para o*

âmbito devocional doméstico, onde figurava, ao lado dos santos padroeiros da casa.” (Ibdem, p.161) O cruzeiro de Santana da Caatinga não recebe mais as orações dos devotos rogando por chuva, mas ele permanece ali. Nos espaços das casas a presença destes símbolos é importante, representando a presentificação do ausente e a preservação do sagrado no espaço doméstico.

A presença da Igreja Católica começa a se tornar mais efetiva, na segunda metade do século XX, quando começa a haver uma presença maior da instituição igreja, com visitas mais freqüentes dos padres. Na década de 90 do século XX, os catinguenses construíram a igreja nova. Segundo eles, quando foram trocar o telhado da igreja por causa do mau estado de conservação, as paredes da velha igreja que já existia há dois séculos desmoronaram.

O padre ia à comunidade mensalmente, no entanto um dos párocos que deveria dar essa assistência mensal deixou de fazê-lo no ano de 1.988 por um período de nove meses. Mesmo assim, eles estavam construindo coletivamente a igreja sem ajuda do clérigo. Nessa ausência do pároco, o Movimento da Renovação Carismática de João Pinheiro começou a dar assistência religiosa a essa comunidade. Em 1999 assume o padre Ilton que retorna o trabalho, fazendo novamente visitas mensais e procurando dar apoio aos seus moradores, realizando visitas nas residências após a missa e implantando algumas mudanças. Ele conta:

Quando foi feita a Igreja nova, foram realizados vários trabalhos. Colocamos o santíssimo sacramento e Dona Neusa e o Valter foram instituídos ministros da eucaristia. O sacrário foi trazido de Brasilândia. Em 99 implantei o dízimo na comunidade e aí a comunidade passou a participar mais. Eu ia lá uma vez por mês, mas todo domingo, tinham a celebração da Palavra. Teve a questão da eucaristia e a implantação da catequese. Na época da festa tinha mais celebração.

Atualmente, a missa ainda é realizada uma vez no mês. *“Eles querem a missa e a presença amiga do padre”*, pontua o padre Ilton que já não é mais o responsável pela localidade. Percebe-se que a presença do clérigo transmite segurança a eles. Nos domingos e dias santos, geralmente são os ministros da própria comunidade que se investem do poder de levar aos irmãos a palavra de Deus, realizando a celebração dos cultos. Isso é perceptível ao se analisar as comemorações da semana santa na localidade. O padre não foi para a comunidade acompanhar os trabalhos, reuniu-se anteriormente com as lideranças religiosas locais e passou o planejamento do trabalho a ser realizado naquela semana. Essas lideranças realizaram os ritos conforme prescrições recebidas. É possível perceber que estes remanescentes são obedientes à liderança da igreja, pois mesmo contrariando alguns costumes que já vinham realizando há alguns anos, entre

outros, a procissão percorrendo as ruas do povoado, não deixou de obedecer às instruções do pároco. Assim analisa um narrador: “*O padre fala e nós temos que obedecer porque ele é autoridade espiritual. Precisamos ter o princípio da obediência.*”.



Foto nº27: Esta Igreja foi construída no barranco do rio Paracatu no mesmo lugar da antiga. Ao fundo, o cemitério, ligando a vida e morte. Este cemitério existe desde o início da comunidade. Era cercado com achas de aroeira, a qual foi substituída por muro de pré-moldado. Sendo este um constitutivo identitário importante para estes remanescentes, a ligação com os seus que já se foram. Eles sabem onde estão enterrados os pais, avós, tios.... Foto do acervo pessoal da pesquisadora

Pode-se perceber que a igreja, enquanto instituição que exerce liderança no campo espiritual e religioso possui o poder de influenciar na vivência e ações cotidianas. É possível entender a importância que tem a palavra do padre para os membros daquela comunidade, muito embora, não signifique que sejam completamente obedientes. Os membros dessa comunidade apresentam alguma forma de resistência quando as orientações ferem seus valores. Isso é perceptível quando por ocasião da construção da nova igreja⁹⁸, fizeram um abaixo-assinado e foram até o bispo da diocese para reivindicar que a igreja não mudasse de lugar. Outra forma de

⁹⁸ A Igreja de Santana da Caatinga datava do século XIX. Na década de 90, esta estava necessitando de reforma, então, com o início da reforma, ao retirarem o telhado, as paredes caíram sendo necessário construir outra igreja. O padre que liderava o trabalho na ocasião queria que essa igreja fosse construída em outro local que não aquele onde estava a igreja antiga. Os membros não gostaram, mas não foram a princípio, no entanto, resolveram se organizar e reivindicaram a construção da nova igreja no mesmo lugar onde foi edificada a primeira para a Santa.

resistência apresenta-se com relação às benzeções, pois mesmo com o combate do movimento da renovação carismática, não deixaram de existir, ressignificaram sua prática, mesmo não assumindo muitas vezes a identidade de benzedeadas, não deixaram de seguir ao apelo do dom quando são procuradas por alguém que esteja necessitando de suas orações. Assim reflete o já citado padre Ilton: *“as benzeções ali é muito forte também”*.

A presença de outras igrejas em Santana da Caatinga é ainda é muito limitada. Não há nenhum templo evangélico nesta localidade. Atualmente só existem duas famílias que são evangélicas, mas quando estas vão a algum culto religioso é se preciso dirigir as outras cidades. É uma comunidade católica. Assim reflete o mesmo padre Ilton: *“Lá num tem templo evangélico, se surgir qualquer coisa diferente na comunidade, eles contam para a gente. Perguntam: Como é que pode ter crente no terreno da santa? Então eles não permitem”*.



Nas fotos de nº28 e nº29 registramos imagem da chegada da procissão de barco com a Santa Senhora Santana. A procissão e festejos a senhora Santana sempre existiu, porém, anteriormente era realizada pelos fiéis a pé. Desde o ano 2.000 esta passou a ser realizada de barco simbolizando a chegada dos negros na comunidade protegidos por esta divindade. Esta é principal festa local.

As diversões e festas na comunidade sempre estiveram muito ligadas à questão da religiosidade. Ao falar em festas, tenho noção da polissemia de que se reveste o termo, *“Os sentidos que o próprio senso comum atribui a festas são bastante fluídos, negociáveis, contestáveis [...] a própria definição social de festas é, assim, um palco no qual se defrontam*

diferentes interpretações do viver em sociedade.” (GUARINELLO, 2.001, p. 969). Partindo dessa reflexão, percebo as festas como uma extensão do cotidiano.⁹⁹

Com o passar do tempo, os valores vão mudando, neste aspecto, um dos desafios das comunidades remanescentes de quilombo é manter presente suas tradições. Anteriormente o número de festas e comemorações religiosas realizadas no cotidiano da comunidade era maior. As pessoas mais velhas vão morrendo e a falta de incentivo faz com que algumas comemorações antes importantes, vão deixando de existir, se perdendo com o tempo. Tal como nos disse Reginaldo, um de nossos narradores. *“Aqui tinha muita festa. O lundu, gamba, muito forró com sanfona. O povo dançava a noite inteira, diz meu pai... Festa religiosa também tinha muita”*. Os jovens de hoje não têm a mesma preocupação que os mais velhos em manter as tradições e muitas vezes não partilham da mesma visão acerca da religiosidade. Nesse sentido, as festas vão também ganhando outro significado. A capoeira introduzida na comunidade nos últimos anos, proporciona no cotidiano de jovens e adolescentes do lugar, momentos de descontração e alegria. *“É também uma maneira da gente manter a forma,”* diz a jovem catinguense Elaine.

São várias as festas realizadas na comunidade, podendo ser desde a reza de um terço, a um concurso de pescaria, de uma festa de aniversário em casa particular, a uma festa na igreja em comemoração a algum dia santo. Atualmente realizam a Festa á Senhora Santana, natal, Festa de Reis e a Festa Junina com fogueira e quadrilha. Os devotos de Nossa Senhora da Conceição e Santa Luzia realizam o terço nos dias do seu santo de devoção e distribuem comes e bebes para quem vai ajudar na oração. A festa mais importante é a de Senhora Santana, realizada no mês de julho. Esta era tradicional e na primeira metade do século XX constituía-se em um evento grandioso na comunidade. Relembra dona Neusa na reminiscência desse passado.

A festa de Santana... Era a festa da igreja. O povo vinha fazer promessa, procissão... Animação mesmo! Aquela fé! Era boa!Três dias. A gente vinha de carro de boi. Trazia muita coisa, para passar os dias. Ai vinha e ficava acampado aqui. Era uma beleza. Tinha que fazer roupa nova. A gente vinha preparada para a festa! O povo vinha pra devoção mesmo, né?

⁹⁹ GUARINELLO (2.001) define festa como uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos, ou, simplesmente, significativos. A festa é num sentido mais amplo, produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e no espaço sociais. Festa é, portanto sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais, cujo fim é a própria reunião ativa dos seus participantes.

Com o passar do tempo e falta de estímulos, a festa foi perdendo seu brilho, permanecendo somente a missa e as comemorações no dia da santa. No ano de 1.999, os moradores motivados pela construção da nova igreja e as melhorias que vieram com ela, resolveram retornar a festa como era antes, mas com algumas inovações. Introduziram a procissão de barco com a chegada da santa Senhora Santana pelo rio.

A manutenção dos costumes e festas religiosas é fundamental na questão identitária e cultural desses remanescentes, daí a importância do processo contínuo de criação / recriação das suas práticas. *“Na vivência e manifestação religiosa eles conseguem criar forças para resistir a todo processo de discriminação e marginalização a que eles estão sujeitos na sociedade. Eles reagem e contribuem para criar algo novo.”* (MAGNO, 2006, p. 13). A leitura que eles fazem da procissão de barco com a chegada da santa é uma lógica religiosa de proteção aos negros. *“Significa a chegada dos negros na Caatinga protegidos por Nossa Senhora Santana. Ela é nossa protetora, por isso nós temos que manter a tradição. Diz o Senhor Mauri.”*



Foto nº30: Procissão de barco com a chegada da Santa a Santana da Caatinga. São vários barcos que fazem parte da procissão. Nesta imagem temos o Senhor Erasmo, um dos remanescentes mais idosos, responsável pelo transporte da Santa até a Igreja. Foto: Acervo pessoal.

Observa-se então a recriação da tradição. Mudar para não deixar acabar e manter o aspecto vivencial da religião. Separaram-se os ritos da diversão, construíram ranchos separados

da igreja onde realizam as festividades com música e bebidas. Segundo o pároco, “*essa separação é para não misturar o religioso com bebidas, porque a igreja não pode servir bebida alcoólica*”.

A retomada da Festa de Senhora Santana, da forma como era feita na época dos pais e avós, com vistas a movimentar a comunidade, vai fomentando o fluxo de pessoas no local por ocasião da sua realização. Na realidade ela foi recriada / reinventada a partir dos interesses de hoje, ganhando outra configuração. Investem nesta festa com o sentido religioso, mas também procuram fazer dela um momento de encontro, devoção, diversão e confraternização. Resolveram investir no conterrâneo ausente, sendo também a “*festa do catinguense ausente*”, objetivando trazer para a comunidade os conterrâneos que migraram para outras cidades. Nestes dias organizam forrós, cavalgada, entre outras atividades para atrair as pessoas.

Muitas são as formas desses catinguenses lidarem no seu cotidiano com as dificuldades impostas pela vida. São possuidores de um conhecimento fundamental na sua sobrevivência, baseado no saber fazer, transmitido de geração em geração, o contato com a terra, a utilização das plantas ligadas à questão da saúde, a religiosidade ligada às orações. Esses saberes e fazeres tradicionais baseados no conhecimento empírico, divinatório, ligação com o sagrado e o poder das orações constitui-se em um patrimônio cultural, um vetor identitário que se estabelece na afinidade do homem com a natureza, proporcionando alternativas de vida.

Mesmo com as mudanças ocorridas no cotidiano da comunidade, muitas coisas permaneceram outras ganharam outros significados, porém muitos preconceitos conservam-se, principalmente acerca da sua religiosidade, realidade percebida também entre os remanescentes de Santana da Caatinga. “*Apenas os saberes tradicionais se firmam ainda como uma possibilidade de perpetuar o patrimônio religioso, que se dá por meio da imbricação natureza-cultura que mantêm vivas no imaginário cultural dos quilombos as rezadeiras, verdadeiro patrimônio imaterial brasileiro.*” (ANJOS, Op. Cit, p.89).

Procurei neste capítulo fazer um sobrevôo por sobre as práticas cotidianas e representações, as artes do fazer, as modalizações, as reelaborações, as práticas de religiosidade. Por último e não menos importante, anuncio neste capítulo o que será verticalizado no próximo e último capítulo, onde minha pesquisa lança um olhar mais detido à prática da benzeção no

cotidiano dessas pessoas. Este olhar se dá porque estas práticas ocorrem no cotidiano e são suscitadas de embate de poder.

CAPÍTULO 3

BENZEDORES E RAIZEIROS: SABERES E FAZERES PARTILHADOS NA COMUNIDADE DE SANTANA DA CAATINGA

Neste capítulo, busco versar sobre a utilização de raízes e ervas e a prática da benção no cotidiano da comunidade de remanescentes de Quilombo de Santana da Caatinga, plano de observação desta pesquisa. Este olhar aqui lançado tem por objetivo perceber como estes saberes e fazeres foram se institucionalizando no seio social, sendo estes construídos/reconstruídos durante a trajetória histórica. Instiga também a refletir como não há um só caminho de se manter a saúde e afastar os males, pois ao se pensar em saúde não há um único modo de se fazer. Busco perceber assim, quais são as práticas e representações que os benzedores e raizeiros emitem sobre estas práticas e qual o significado disto na vida deles. Procuro perceber como esses atores sociais se vêem diante das interferências externas, entre elas, o combate a essas práticas por movimentos religiosos, como a Renovação Carismática da Igreja Católica, e como os discursos provocados por este movimento influenciaram nesta prática.

3.1- A lida com o par saúde x doença

Com essa pesquisa Não tenho a pretensão de alcançar a “verdade”, mas buscar significados a serem compreendidos que permitam construir caminhos para pensar, por intermédio da benzedura e utilização de raízes e ervas que se tornaram formas alternativas de construção da realidade. Nestas reflexões busco analisar as dificuldades encontradas pelos catinguenses, para a manutenção da saúde através dos fenômenos religiosos e de outros procedimentos que foram se mantendo na prática cotidiana.

Procurei observar, como esses moradores de Santana da Caatinga vêm estas práticas e em que condições elas são executadas, bem como os fatores históricos e sociais que possibilitaram o surgimento e permanência destas práticas no cotidiano.

Podemos perceber uma interligação entre o conhecimento divinatório e o conhecimento empírico como táticas e estratégias para manter a saúde e afastar os males que a afetam, seja fisicamente ou no campo espiritual. Contudo ao pensar nesse par *saúde*¹⁰⁰ X *doença*¹⁰¹, pensar sobre a vida e a morte. Como as pessoas lidam com isso? Partindo do princípio da saúde como completo bem-estar, e a desarmonia significando doença, entram então a questão: os saberes e fazeres humanos como auxiliares na manutenção da saúde, aspiração de todo ser humano.

Um dos possíveis olhares acerca da doença aqui considerado, filia-se ao entendimento da pesquisadora Oliveira.¹⁰² *Invertendo o olhar e lidando não como um estado, mas as doenças como representação social. Somos ainda instados a penetrar num mundo em que os parâmetros não são fixos, suas verdades são contextuais, singulares e não universais.* (OLIVEIRA, 2.006, p. 3)

Pode-se observar o interesse de todos os povos em estudos acerca de recursos e das formas de se acabar com as doenças e também através de investimentos tanto relacionados à prevenção com o surgimento de vacinas, como no tratamento através da fabricação de novos medicamentos, exames e aparelhos modernos que permitem ver o que anteriormente era impensável, como por exemplo, uma ressonância magnética. Observa-se também a ampliação de órgãos responsáveis pela saúde pública, bem como planos de saúde e tratamentos especializados para atender da melhor forma as diversas doenças. No entanto, podemos perceber uma ampliação e variação no número de doenças e agravamento de casos. Doenças que antes não existiam, hoje são responsáveis por inúmeras mortes. Por que apesar dos investimentos e das descobertas as doenças aumentam a cada dia?

¹⁰⁰ A OMS (Organização Mundial de Saúde) define saúde como o completo bem-estar físico, mental e social do indivíduo.

¹⁰¹ O dicionário Aurélio define doença como enfermidade, mal, falta ou perturbação á saúde, antônimo de saúde.

¹⁰² Elda Rizzo de Oliveira pesquisou diversos temas e problemas relacionados ao debate antropológico contemporâneo, sobretudo na construção do modelo biomédico, nas representações sobre doenças e eficácia simbólica de cura, nos processos iniciáticos entre benzedeiros, no amplo espectro de medicinas populares. Neste contexto, suas pesquisas discutem o reino das analogias e o dinamismo de religião das diferenças no campo simbólico da cura.

Numa primeira aproximação com estes conceitos, vamos ver que eles são opostos. A saúde enquanto um estado de bem-estar que deveria ser produzido juntamente com as condições dignas de existência material (moradia, saneamento básico, alimentação, emprego, educação, lazer) deixa de existir para a maioria da população quando a sociedade é desigual: quando existem muitos pobres e poucos ricos. Aí os recursos sociais vão ser usados para satisfazer a uma minoria, isto é, os ricos. A saúde deixa de ser produzida juntamente com estes fatores, quando as pessoas deixam de lutar por estas condições e começam a pensar que saúde deva ser um bem que se compra no mercado, uma mercadoria. Isto é, quando elas acreditam que o único sujeito que possa trazer-lhes a saúde é o médico por outro lado, a doença o paradoxo à saúde, nesta aproximação poderia ser pensada enquanto ausência destas boas condições de vida e de trabalho. Esta ausência traz como consequência o mal, a dor, o sofrimento, a tragédia, que pode expressar no corpo. Como esta distinção é levada em consideração pelos diferentes formuladores de políticas oficiais de saúde, esta é concebida como um bem, uma mercadoria. A doença é a ausência deste bem. Para esta concepção, tudo se compra nada se produz coletivamente. (OLIVEIRA, op. cit, p. 47)

A medicina erudita é produzida nas universidades, a partir da observação, análise, sistematização e utilização do conhecimento científico. A transmissão desse saber é feita principalmente através dos livros e das aulas no meio acadêmico, sendo, portanto, privilégio de uns poucos que têm acesso ao curso de medicina, principalmente a elite. Muito diferente do conhecimento empírico dos benzedores e raizeiros, cujo saber possui na oralidade seu veículo de transmissão mais corrente e seu acesso é possível a quem tem o dom e demonstre interesse em aprender a prática, sendo realizado no próprio cenário de existência. Existem pessoas analfabetas no mundo das letras e que são grandes conhecedores das plantas e dos poderes terapêuticos que as mesmas possuem. Outras possuem o dom de curar diversos males pela força das suas orações.

As práticas voltadas para a saúde são executadas por pessoas desprovidas do conhecimento acadêmico consideram o ser humano em toda sua dimensão, tanto física, quanto espiritual. Nessa perspectiva, a natureza e os seus produtos são fundamentais para a cura das doenças, bem como a utilização das orações trazendo de volta a ordem ao corpo doente.

Benzedores¹⁰³, raizeiros¹⁰⁴, “doutores sem título”, seus saberes e fazeres construídos através dos tempos, permeando a cultura e o cotidiano ainda no limiar deste novo milênio,

¹⁰³ A benzedura é aqui entendida como uma atividade terapêutica, a qual se concretiza através da relação emissor/receptor, quem benze e quem é bento. Nessa relação benzedora ou o benzedor exerce um papel de interligação com divino pela qual se busca a cura. Essa prática tem como parte do seu rito o uso de algum tipo de oração, decoradas e algumas delas orações espontâneas e a utilização de algum tipo de objeto.

¹⁰⁴ São aqui definidos aqueles atores sociais que utilizam a flora medicinal como forma terapêutica para manter a saúde. Utilizam partes das plantas para fazerem chás, garrafadas e outros tipos de remédios. Justificamos o fato de

permanecendo apesar de todas as descobertas e avanços no campo da medicina e da indústria tecnológica e medicamentosa. Nesse sentido, reflete Machado:

Falar da cura pela via espiritual pode parecer um paradoxo em época que a biotecnologia encontra-se tão avançada, em que um exame por ressonância magnética é capaz de vasculhar milímetros do corpo humano, em que a clonagem de animais é realidade e discussão ética. Entretanto, o fenômeno de persistência do curandeirismo pode ser relacionado ao fato de que o homem é um ser complexo - emocional e racional - e, nesse sentido, a doença do corpo não resulta apenas de um fato físico, biológico. Além do que, a sua individualidade dimensiona sintomas e respostas diferenciadas às doenças e aos procedimentos médicos balizados. (MACHADO, 1.988, p. 240)

A cura através dos benzimentos, rituais, símbolos, utilização de raízes e ervas são práticas cotidianas muito comuns na lida diária com o par saúde X doença e seus desdobramentos por constituírem - se ainda em uma alternativa que possui credibilidade por parte das pessoas que as praticam. Assim reflete a citada Oliveira: *“a validade da medicina popular está ligada à eficácia de suas práticas junto à população e as estratégias manipuladas pelos próprios profissionais de cura sobre o seu trabalho”* (OLIVEIRA, op. cit, p. 62). Pode-se observar a permanência destas práticas porque as pessoas que as procuram ainda têm fé nas mesmas, ainda vêem eficácia nas orações e no trabalho dos benzedeiros para a manutenção da saúde.

Deve-se ter presente que esses processos mágico-religiosos se apresentam de maneira diferentes nas terapêuticas populares e nas científicas. Nas primeiras elas ocupam um lugar central tanto nos seus procedimentos terapêuticos como na sua lógica interna, Já nas terapêuticas científicas, os processos mágicos religiosos se apresentam de uma maneira periférica, sendo excluídos do seu discurso. (QUINTANA, 1.999, p. 24)

Pode-se perceber nos hospitais, a existência de capelas, crucifixos e imagens religiosas. É pertinente pensar que a ligação com o divino para a busca da saúde não é uma prática exercida somente pelas pessoas mais pobres ou iletradas. Na realidade, essa concepção ultrapassa muitas vezes os limites das classes sociais. O que vem diferenciar uma da outra é a forma de apresentação e de significação do ato.

estarem sendo vistos sob o mesmo enfoque, pois muitas vezes as duas práticas são feitas pela mesma pessoa, como uma forma de complementação. Benzeduras e utilização de ervas muitas vezes andam juntas.

3.2 - Saberes Partilhados: A Utilização de Raízes e Ervas

A utilização das plantas com fins medicinais é uma prática antiga e faz parte de várias culturas. A persistência dessa prática de utilização de remédios oriundos da flora representa a ligação do homem /natureza, constituindo-se como um patrimônio cultural da humanidade.

Ao se falar sobre as práticas cotidianas, lanço olhares sobre a relevância da utilização das plantas medicinais como uma forma de contribuir para a manutenção da saúde e do bem-estar. É importante refletir sobre essa sabedoria popular, hoje retomada por causa das políticas nacionais e internacionais de valorização da natureza e dos recursos que ela oferece, bem como o reconhecimento de patentes, o conhecimento das ervas, das plantas e dos poderes que elas têm. As práticas de utilização das plantas como recursos terapêuticos estão imbricados em nosso cotidiano, havendo hoje uma (re) valorização do seu uso.

Tomar um chá para acalmar a dor, do estômago, os sinais da gripe ou aplacar insônia é um hábito mais do que antigo, mas a crença de que uma simples planta funcionava para tratar uma doença foi aos poucos sendo substituída pelo forte apelo dos remédios químicos, que atraíam os pacientes com a promessa de uma cura rápida e total.. Esse quadro começa a mudar... A partir da constatação de que a sabedoria popular de fato tem fundamento, muitos pesquisadores deixaram o preconceito de lado e partiram para estudos mais profundos sobre o poder medicinal das plantas. (GULLO & PEREIRA, 1988, p. 72)

Hoje, alguns estudiosos já fazem uma (re) leitura dessas práticas de utilização de plantas com propriedades medicinais, vistas por muito tempo como conhecimento popular.

A pesquisa da rede latino-americana detectou que as comunidades tradicionais são as mais importantes fontes de informação sobre plantas medicinais. Em contrapartida, elas não têm acesso aos resultados dos estudos feitos a partir dos dados que forneceram. Uma das constatações do estudo é a necessidade de um “diálogo de saberes”, construído a partir de conhecimentos populares, tradicionais e científicos. A perspectiva é validar o conhecimento popular por meio de conhecimento científico, com construção de metodologias participativas de pesquisa, aplicando os resultados no desenvolvimento local. (Ibdem, p 72)

Este assunto está na ordem do dia, por isso falar sobre a (re) leitura que tem sido feita acerca da utilização de raízes, ervas, saberes e fazeres historicamente construídos torna-se relevante. Porém, o viés de análise desta pesquisa não é comprovar as propriedades terapêuticas das plantas utilizadas em Santana da Caatinga, mas refletir sobre a importância da utilização

dessas ervas na cultura e no cotidiano da comunidade, bem como conhecer alguns dos saberes e fazeres construídos no decorrer da história em meio a uma sociedade excludente e desigual, em que as dificuldades enfrentadas eram muitas e os recursos disponíveis poucos.

Homens e mulheres curavam suas doenças e seus doentes com fórmulas simples e sabiam identificar as doenças, como por exemplo, dor de estômago, desarranjos intestinais, reumatismos, pneumonia, fraqueza, etc. Estes saberes sobre o corpo eram adquiridos de maneira informal e transmitidos oralmente, fazendo uso de ervas, dos chás, do limão, da quina, apresentando, portanto, várias alternativas de tratamento e de cura pelos remédios caseiros. (CAIXETA, 2.003, p. 70)

Interessa-nos essa análise da autora, pois a utilização de ervas e plantas com finalidade medicinal vai se instituindo na sociedade. Ao refletir sobre essa realidade em Santana da Caatinga, em meio a tantas dificuldades, sua localização no sertão mineiro contribuiu para dificultar o acesso à medicina formal. Na localidade não havia atendimento médico. Além da distância, havia outras dificuldades como a falta de estradas, os meios de transporte precários e falta de recursos financeiros para arcar com custos médicos, levando-se em consideração que estes atendiam somente nas cidades próximas, Paracatu e João Pinheiro. Assim nos conta o Sr. Mauri¹⁰⁵, um dos narradores desta pesquisa, anteriormente mencionado.

Na Caatinga as coisas sempre foi muito difícil! Adoecia um, num tinha médico, farmácia. Nada. Num tinha como tratar. Só mais no final dos anos 80 é que fizeram lá um posto de saúde e colocou uma mulher lá pra medir pressão. Num colocou nenhum médico, remédio. Nada. Agora do Geraldinho¹⁰⁶ pra cá é que começou atender um médico clínico geral uma vez no mês. Mais num faz um exame, num tem um remédio. De nada adianta. O povo tem que ir pra João Pinheiro ou prá outro lugar do mesmo jeito. Meu pai conta que antes, muita gente morria sem ter jeito de saí prá tratar. Quando adoecia um que era coisa grave, escrevia no papel aquilo que ele tava sentindo e ia um prá João Pinheiro ou Paracatu pra buscar remédio. Arriava o cavalo e ia depressa. Se falasse assim: Oh! Pode matar cavalo que era porque a pessoa tava ruim. Ai eles, meu tio era um que saia assim prá busca remédio pros outro, saia na toda.. Eles tinha os ponto, e no meio do caminho tinha as fazenda que eles trocava de cavalo, e deixava o dele descansando, aí quando voltava o cavalo dele já tava descansado. Era o jeito que eles achavam pra ir e voltar depressa. Mais o que eles mais usavam era remédio caseiro.

¹⁰⁵ O senhor Mauri Bilau é um dos narradores desta pesquisa. Elegeu-se como representante desse povo assumindo uma cadeira da Câmara de Vereadores do Município de João Pinheiro. É um dos catinguenses que busca melhorias para a localidade através do contato com o poder público. Saiu da Caatinga para estudar e atualmente possui residência em Santana da Caatinga e João Pinheiro. Entrevista realizada no segundo semestre de 2.006.

¹⁰⁶ Refere-se ao governo municipal que iniciou em 2.000.

Neste cenário, as figuras de atores sociais como benzedores, raizeiros, parteiras, vão ganhando importância. São possuidores de um saber que possibilita a manutenção da vida, estabelecendo uma ligação com a natureza, buscando conhecê-la, extraindo seus produtos terapêuticos. Muitas vezes, as pessoas portadoras deste conhecimento (benzedoras, parteiras e raizeiras) trabalham juntas, quando uma mesma pessoa não possuía estes três saberes simultaneamente.

São práticas baseadas em códigos, valores e significações historicamente compartilhadas, bem diferentes dos novos remédios laboratoriais como ‘as tal de injeção’. Trata-se de um discurso que revela as resistências engendradas, a recusa da população que utiliza a terapêutica da medicina popular, baseada nas propriedades curativas da fauna, da flora e dos minerais para a cura de várias doenças, em relação às novas verdades sobre a doença, o tratamento e a cura. (CAIXETA, Op. Cit, p. 68)

É interessante perceber como muitas vezes há uma interligação destas práticas relacionadas à natureza e ao conhecimento divinatório, sobrenatural. Dependendo do tipo de mal, os benzedores indicam além da oração a utilização de alguns remédios caseiros para completar a cura do mal que a pessoa está acometida. Baseando-se na anamnese¹⁰⁷ do doente e partindo dos indícios percebidos nas queixas de quem os procuram, receitam remédios caseiros, fazem orações ou indicam simpatias. Há uma inter-relação entre esses saberes, existente principalmente a partir da coletividade e necessidade de ajuda mútua.

É importante não perder de vista que ao estudar estas práticas que “*ela é formada por um conjunto de práticas de cura que se modificam historicamente*” (OLIVEIRA, Op. Cit, p. 15) A utilização de remédios caseiros constitui-se em um dos elementos de identificação, baseando-se na cultura das comunidades remanescentes. Exige afinidade e ligação com as plantas e suas propriedades medicinais, para relacionar as doenças àquelas ervas que possuem propriedades que possibilitam a cura. É um conhecimento baseado na experiência, observação e saber fazer.

¹⁰⁷ Essa anamnese aqui entendida é a utilização do relato da pessoa que procura o raizeiro ou benzedor e pede por seus préstimos. Este parte dos relatos do doente, antes e depois que adoeceu para ajudá-lo a entender o que a pessoa está sentindo. Por exemplo: Se a pessoa está com dores de cabeça, pode ser que seja uma dor de cabeça de origem estomacal, em decorrência de algum alimento ingerido, neste caso, aconselha que se tome chá de flor de mamão, marcelão, boldo, entre outras espécies de chá, algumas vezes acompanhadas de bicarbonato de sódio. Em outras ocasiões, de acordo com os relatos do doente, a dor de cabeça pode ser de sol, então se faz uma benzeção para tirar o sol da cabeça. CHAUI (2001, p. 126-127) diz que a ajuda do paciente para a arte médica é a sua memória e que o médico antigo praticava a anamnese do doente, ou seja, a reminiscência. Por meio de perguntas, fazia o paciente lembrar-se de todas as circunstâncias que antecederam o momento em que ficara doente, bem como as circunstâncias em que adoeceu. Essas lembranças auxiliam no diagnóstico e na receita do remédio correspondente à necessidade específica de cada paciente.

Nas comunidades rurais, de um modo ou de outro, as plantas eram classificadas e selecionadas para as doenças e sintomas mais comuns que os lavradores conheciam, como para gripe, dor de barriga, nervoso. Alguns ervateiros e raizeiros preparavam garrafadas, cuidavam de ferimentos, mordedura de cobra e outros animais. Era uma medicina criada para as suas necessidades concretas de doenças e sofrimentos. (idem, p. 22)

No limiar do século XXI, Santana da Caatinga conta apenas com um posto de Saúde com atendimento mensal de um clínico, quase não há medicamentos disponíveis. Assim, as benzedoiras e pessoas que possuem o saber acerca da utilização de plantas para a manutenção da saúde, ainda são procuradas por pessoas de diversas idades e com diferentes problemas, buscando a cura através das orações e das ervas.

A terapêutica vegetal ocupa um papel importante na cultura brasileira, construído historicamente. As plantas, com exceção das venenosas, só trazem benefícios para a saúde, pois nutrem o corpo, purificam o sangue e armam o organismo para combater os males que o afetam.

Sempre que alguém da comunidade está com algum mal, seja físico ou mental e necessita do trabalho realizado pelos benzedores ou de algum remédio, chá, emplasto, ou simpatia procuram o trabalho dessas pessoas que possuem o poder de ajudar no combate a alguns males. A cura para o mal pode ser encontrada através das orações, benzimentos, ou por meio de remédios caseiros feitos com plantas colhidas nos cerrados da redondeza ou cultivadas nas casas, nos quintais, cuja arte foi repassada via oralidade pelas pessoas mais velhas da comunidade.

Os raizeiros possuem um saber sobre as funções terapêuticas das plantas, conhecem as espécies, as suas características, qual parte utilizar de cada uma, seja ela raiz, caule, folha, flor, semente ou erva. Identificam para qual tipo de doença a planta deve ser utilizada, bem como a forma correta de utilização de cada parte com as devidas combinações, pois a aplicação desses remédios da mesma forma que o medicamento da farmácia, também tem as dosagens certas e a forma de preparo adequado. Quem sabe fazer chás sabe que água fervendo é solvente rico que pode retirar das folhas das plantas as suas substâncias curativas importantes na manutenção da saúde.

Em muitos quintais, vários tipos de plantas medicinais são cultivadas. Algumas plantas são cultivadas nas portas das casas, dentro da horta, em cima de giraus, nos jardins da porta da frente. Para se tratar diferentes moléstias são necessários diferentes tipos de ervas e procedimentos diferenciados. Alguns manipulam remédios caseiros, fazem chás de flores, folhas, garrafadas de cascas, raízes e outras partes eficazes no tratamento dos diversos males.



Foto n.º: 31, 32, 33, temos alguns remédios caseiros cultivados em alguns quintais, tais como: a marcelinha, a hortelã-- gorda, o boldo, dentre outros. Fonte: Arquivo Pessoal.
Foto n.º34. Barbatimão¹⁰⁸ Fonte: Luciana Cristo. 2.006

É interessante analisar que além das plantas especificamente medicinais como a arruda, marcelão, balsinho, alfavaca, alfavacão, marcelinha, hortelã-gorda, confrei, hortelãzinha, funcho, quebra-pedra, mastruz, erva-cidreira, boldo, camomila, losna, carqueija, babosa, artimijo, tansage, alecrim, sabugueiro, dentre muitas outras espécies de ervas cultivadas nos quintais, há aquelas que são frutíferas e que são usadas também para remédio, tais como: limãozinho, limão, romã, laranja, abacate, maracujá, goiaba, acerola e várias outras. Algumas hortaliças são também

¹⁰⁸ A utilização do barbatimão é antiga e foi aceita pela medicina oficial. Também conhecido como “casaca do Brasil”, pois é a única parte da árvore que faz uso na medicina, [...] foi divulgado por Jacob de Castro, inclusive em hospitais da Inglaterra. Este médico teve notícias de que as prostitutas no Brasil empregavam o medicamento para reparar a relaxação dos órgãos genitais, e. presumiu que a casca do barbatimão podia ser muito útil em outras enfermidades, [...] comunicou aos médicos dos hospitais de Londres as virtudes deste novo remédio. Os sucessos obtidos foram igualmente felizes e acreditaram tanto na casca do barbatimão que os mesmos médicos compraram depois ao Dr. Sarmiento. Cf: FURTADO, Revista do Arquivo Público Mineiro, ano XLI - Julho-Dezembro de 2005, p.103-103.

usadas com fins medicinais, como a raiz de salsa, a beterraba, a couve, o alho, o espinafre, e muitas outras espécies. “*O maracujá é calmante! Tem muitos remédios na farmácia feitos com o maracujá.*” Diz o Sr. Geraldo.

O cerrado é composto de várias espécies das quais podem se extrair remédios, tais como: sucupira, barbatimão, pau-terra, velame, pára - tudo, cravinho, ipê roxo, pequi, pé-de-perdiz, carqueija, pacari, arnica, bugre, douradinha do cerrado, dentre muitos outros. Busquei lançar olhares sobre as plantas do cerrado, objetivando perceber sua aplicabilidade na realidade local.

O cerrado mineiro é uma região muito rica em plantas medicinais e ervas curativas. Dessas plantas se servem, em maior ou menor número todos aqueles que mantêm na memória a tradição terapêutica das mezinhas, dos chás passados de geração a geração. No que diz respeito a problemas mais sérios recorre-se aos conhecimentos dos curadores que, pela experiência, adotam procedimentos específicos no trato com as ervas e com as dosagens utilizadas. (MACHADO, Op.Cit, p.243)

Ser raizeiro parece ser um ofício sem segredos, mas requer um conhecimento amplo, pois não é suficiente saber qual planta é eficaz para curar estes ou aqueles males. É preciso conhecer as dosagens corretas, a forma de utilização dos produtos medicinais, qual a parte da planta a ser usada, se deve ser verde ou seca, bem como as combinações de plantas diferentes a serem empregadas no tratamento. É preciso conhecer bem as plantas para não confundi-las com outras que tenham características parecidas. Verger ao estudar sobre a utilização das plantas aponta alguns cuidados e informações quanto ao tipo de trabalho medicinal que são empregadas.

Suas virtudes e valor medicinal não são fáceis de descobrir, uma vez que raramente uma receita faz uso de apenas uma planta. Em geral cada prescrição comporta de três a seis plantas diferentes. Uma só planta talvez deva ser comparada à letra de uma palavra: sozinha não tem significação, associada a outras contribui para o significado da palavra. (VERGER, 1995, p. 21)

Esta sabedoria popular transmitida através da oralidade e da experiência consiste em um importante mecanismo de manutenção da saúde e da cultura dos catinguenses que aprenderam a encontrar “saída” em meio às agruras e dificuldades impostas pela vida no decorrer de sua história. Saberes adquiridos pela observação, repetição, na vivência cotidiana com quem possui esta sabedoria e muitas vezes por meio da experiência. Justamente por representarem um conhecimento empírico, não carecem de justificativas científicas para sua permanência, a comprovação é baseada nas experiências e sua utilização possui legitimidade no seio social.

Trata-se de acordo com Geerts do “*conhecimento prático dos aspectos da natureza*” (GEERTS, 1.997, p. 249) assim como do saber baseado na empiria do exercício cotidiano que é transmitido através das próprias práticas. O exemplo é um pai exemplar. Observa-se que algumas famílias procuram transmitir aos filhos esse saber de lidar com as plantas, como é o caso de Dona Altina e sua filha Maria, que aprendeu com a mãe a arte de cultivar plantas com fins medicinais. São saberes transmitidos das gerações mais velhas para as gerações mais novas.

Muitas vezes, a utilização dessas ervas preparadas de diversas formas é intercalada com outros remédios, principalmente comprimidos, pois estes se constituem em medicamentos que as pessoas costumam comprar e guardar para alguma eventualidade. Nesse sentido analisou a Dona Joanita¹⁰⁹, sobre a utilização desses saberes e como estes eram transmitidos, principalmente oriundos da vida cotidiana familiar.

A gente sempre usou fazer chá... Remédio do mato... Chá de gervão¹¹⁰. Gervão é muito bom pra gripe. Cê pode tá com uma gripe forte, aí ocê faz aquele chazão, adoça com mel de abelha e toma com doril. É uma beleza! A gente vai aprendendo. Eu lembro que os pais da gente faziam né? Até mexer com parteiragem, tudo isso eu já fiz.

Essa medicina caseira muitas vezes engloba elementos diferentes da natureza, como elementos da fauna e da flora. Um exemplo disso é utilização de chá para gripe utilizando vários tipos folhas, tomado quente e adoçado com mel de abelha, entre várias outras receitas que associam além das ervas, outros tipos de produtos. Uma forma eficaz de preparar o chá é pela infusão, devendo tomá-lo no dia em que foi preparado, pois depois ele entra em fermentação.

De acordo com os relatos de Dona Joanita, várias partes das plantas são utilizadas, dependendo da finalidade e da espécie da planta. Algumas são utilizadas a casca, o caule, outras, a raiz, a folha, a semente, a flor. O suco de couve e espinafre, por exemplo, é excelente para combater a anemia. A folha de arruda é utilizada com vários fins medicinais. A semente da mamona é usada para fazer azeite. A raiz do gengibre é usada tanto para tempero quanto para remédio. Seu chá é excelente para combater a gripe e a raiz seca é eficaz contra a infecção de garganta. Para tosse e dor de garganta usa-se a babosa, hortelã-gorda, limão galego, mastruz. O

¹⁰⁹ Dona Joanita é uma senhora com 70 anos, uma das moradoras mais velhas da Comunidade de Santana da Caatinga. Ela é possuidora da sabedoria de lidar com as plantas e ervas medicinais. Era também parteira

¹¹⁰ O gervão é uma planta utilizada com fins medicinais. A raiz e as folhas possuem propriedades desobstruentes, tônicas, estimulante e útil para combater febres intermitentes.

chá da flor de sabugueiro é excelente para combater a gripe. Para combater as verminoses usa-se a mastruz. O chá de flor de mamão é bom para problemas intestinais, sendo ainda muito eficientes nestes casos o barbatimão, boldo, jibóia, marcelão.

Algumas dessas plantas / ervas são utilizadas sozinhas, outras associadas a diferentes espécies. É preciso saber a hora certa para colher, o procedimento para utilização de cada uma, a combinação das espécies. É um “saber fazer” importante realizado por pessoas que crêem no valor terapêutico das plantas.

Neste aspecto, as ervas curativas podem ser utilizadas de diversas formas, sendo de fundamental importância que a pessoa tenha ciência dos seus modos de aplicação. Segundo os estudos de BALBACH (1976), dependendo da utilidade, usa-se a planta, ou parte dela para fazer chá¹¹¹, xarope¹¹², sucos¹¹³, cataplasmas¹¹⁴, inalações¹¹⁵, azeites¹¹⁶, gargarejos¹¹⁷, banhos¹¹⁸. Podem ser utilizadas secas, outras verdes. Algumas se fazem chá, outras deixam repousar na água sem, no entanto, ferver. Determinadas espécies são transformadas em garrafadas com álcool, vinho ou pinga. Enfim, como fazer, exige experiência, conhecimento, sabedoria, que envolve

¹¹¹ O chá pode ser feito através do cozimento das ervas, como também pela infusão que consiste em despejar a água fervendo sobre as plantas e depois abafar por aproximadamente dez a quinze minutos, dessa forma evita-se a perda de calor e pode medicinal do chá.

¹¹² Usados contra tosse, bronquite, e outras afecções das vias respiratórias. Prepara-se quente ou frio e toma colheradas.

¹¹³ Sucos crus das ervas. Tritura as ervas com o pilão e passa por um coador e toma as gotas. São preparados no próprio momento que se tomam; nunca se espremem com antecedência.

¹¹⁴ Ervas frescas, aplicar diretamente a parte dolorida, inchada ou ferida.. Soca a planta, formando uma papa que se coloca sobre o lugar dolorido, diretamente entre dois panos. Quando não tem ervas frescas, podem-se usar ervas secas. Nesse caso, coloca água fervendo sobre as ervas, numa vasilha para formar a pasta. Podem-se fazer também compressas, usando para este fim panos bem limpo, finos. Cozinha as ervas, cõa-se. No cozimento mergulha o pano, torce-o bem e aplica-se sobre a parte dolorida. Ex: Erva de Santa-Maria ou mastruz.

¹¹⁵ Põem-se ervas medicinais em água, numa vasilha, a ferver. Ao aproveitar fervura, aproveita-se o vapor, aspirando-o por meio de um funil improvisado.

¹¹⁶ No azeite pode misturar folhas, sementes e flores de ervas medicinais - Ex: camomila. Geralmente o óleo é feito de mamona. Tapa-se bem a garrafa que contenha a mistura e expõe-se diretamente ao sol, durante quinze dias. Cõa-se depois. O Óleo assim preparado serve para diversos fins de cura.

¹¹⁷ Prepara-se o chá, colocando as ervas para ferver. Várias vezes por dia, preferivelmente de manhã, ao levantar-se e a noite, antes de deitar. Enxágua bem a garganta gargarejando.

¹¹⁸ As ervas são boas também para fazer banhos para uso externo. Cozem-se as ervas durante 20 a 40 minutos, cõa-se e coloca na água que vai tomar banho. É muito bom acrescentar plantas medicinais, tais como folha de eucáipto, rosa branca, dentre outras.

qualidade, quantidade, combinações diferentes, variedades de espécie, bem como seu valor terapêutico.

Conforme os dados obtidos na pesquisa, a forma de utilização mais comum na comunidade de Santana da Caatinga são os chás, principalmente para questões mais corriqueiras como gripe, resfriado, dor de barriga, calmante, pressão, digestivos. Assim refletiu um de nossos narradores:

Para que as plantas medicinais não percam seu valor curativo, devem ser colhidas quando não estão molhadas de orvalho. Secam-se à sombra, porque os fortes raios solares tiram das plantas, depois de arrancadas, uma parte das substâncias curativas, que evaporam quando expostas ao sol. As raízes devem ser bem lavadas e picadas em pedacinhos, antes de serem postas para secar.

BALBACH (1976) alerta que as frutas e verduras são para o homem, importante fonte de alimento, mas muitas delas possuem valor terapêutico, além do nutritivo. Podemos perceber o uso do valor medicinal das verduras e frutas quando vários narradores disseram utilizar como remédio diversas espécies presentes nos seus quintais e hortas, como o limãozinho, o mamão o espinafre, a carambola, a romã, a goiaba, a laranja, a salsa, entre outras plantas presentes nos quintais.

As plantas estão presentes de várias formas nos diversos espaços de cultivo.

Na concepção de algumas pessoas, algumas espécies são possuidoras de forças que atuam no mundo invisível e na luta do bem contra o mal, atuando positivamente como protetoras da casa, da pessoa ou do corpo. *“A mistura das doenças do espírito constitui uma das principais características da medicina popular. As plantas assumem ao lado do bem combatendo o mal instalado por pessoas, por mal-olhado numa guerra do mundo invisível”*. (OLIVEIRA, 2006, p.39). A rosa branca além das substâncias terapêuticas é vista por eles como um excelente recurso para tomar banho, visando fortalecer o corpo e o espírito, afugentando os “olhos - gordos” e os espíritos ruins que pairam no coração e nos olhos de muitas pessoas.

Pode-se observar a ligação das plantas com as práticas tradicionais das simpatias e rezas.

Da mesma forma que as pessoas concebem que algumas espécies de plantas são boas para proteção, há também uma crença de que algumas pessoas possuem olhos e mãos carregadas de inveja que podem trazer o mal, tanto para as pessoas, como para as plantas.



Foto nº35: É comum ver nos jardins das portas das casas a rosa branca, o comigo-ninguém-pode, o ninguém- pode- comigo e a espada de São Jorge. Plantas consideradas fortes, com poder de afastar o mal-olhado e as coisas ruins que rodeia a pessoa ou a casa.

Não se deve permitir que pessoas estranhas colham folhas das plantas medicinais. Assim pondera Dona Altina¹¹⁹: *“Pessoa estranha não pode pegar os ramos, se deixar, mata a planta. Quem tem a mão ruim, máta. Quem tem olho ruim, mata as planta. Por isso, o pé de alecrim, fica aqui no fundo. Quando um morre, eu planto outro”*.

Enquanto saberes de uma comunidade, a terapêutica vegetal é uma das formas de identificação e reconhecimento da cultura e saber local, que é considerado tradicional, pelo menos de acordo com o campo de estudos de que trata as relações entre o ser humano e a natureza. A forma de transmissão desse saber é muito antiga, baseada na oralidade e nos ensinamentos das pessoas que possuem essa ciência de lidar com as plantas e tudo que elas oferecem. A própria atribuição dessa sabedoria ao sexo feminino também é historicamente construída.

A prática terapêutica de benzedoiras e rezadeiras, mulheres que curam usando ervas e orações das mais diversas é muito antiga e se liga no caso das comunidades quilombolas, a dois fenômenos, o primeiro à transmissão oral dos conhecimentos, saberes particulares transmitidos de geração em geração. O segundo é à força da matriarcalidade. São as mulheres curadoras as cultivadoras ancestrais das ervas e das

¹¹⁹ Dona Altina é uma das moradoras da Comunidade de Santana da Caatinga que possui o saber de cultivar e utilizar as plantas com propriedades medicinais. É uma das narradoras desta pesquisa em entrevista concedida no primeiro semestre de 2.007

rezas que restituem á saúde. Uma resistência fundada na religiosidade e na fé em divindades das mais diversas. (ANJOS, Op Cit, p. 89).

Este saber aprendido na maioria das vezes na escola da vida, possibilita às pessoas simples, ocupar um lugar de destaque diante de seus conterrâneos, que as procuram sempre que necessitam de seus conhecimentos.

Na localidade de Santana da Caatinga, observei a preponderância das mulheres no cultivo e sabedoria ligada às plantas com fins medicinais. São elas em sua maioria que cultivam e zelam dessas plantas no quintal, na horta, no jirau, ou nas portas das casas. Não que os homens não se interessem, mas há uma dedicação maior do sexo feminino para este tipo de cultivo. Afirma o Senhor Guilherme: “A muié é que gosta dessa planta. Eu gosto é de pé de milho, arroz, feijão, abóbora. Planta que dá lucro”.

Pode-se observar nas imagens abaixo como o fato de ser possuidora desta sabedoria de lidar com as plantas despertam sentimentos de orgulho.



Foto n°. 36 e 37. A Dona Altina é uma das moradoras de Santana da Caatinga que possui a sabedoria de lidar com as ervas medicinais. Cultiva várias plantas que utiliza como recurso para manutenção da saúde dos seus e partilha com as pessoas que delas necessitam. Na imagem n°. onde busquei registrar a forma como ela transforma algumas plantas em remédio. Na bandeja, algumas ervas estão secando para serem transformadas em pó para serem utilizadas.

Dona Altina fala orgulhosa como ela prepara os remédios. *”Eu cuido direitinho das plantas de remédio. Ponho prá secar aquelas que precisam. Aqui mesmo eu tenho umas que tá secando. Rosa branca, romã. Eu seco bem e depois ponho nos saquinhos e guardo.”*

Muitas mulheres de Santana da Caatinga cultivam plantas medicinais e conhecem muitas plantas do cerrado, mas nem todas são benzedeiros. Percebi, no entanto que todos os benzedeiros da localidade conhecem e cultivam plantas destinadas à medicina doméstica. *“As plantas, a não ser as venenosas só faz bem prá saúde”*, afirma o remanescente, senhor Geraldo, que além do ofício de benzedor também conhece sobre as plantas e suas propriedades medicinais. Conforme relatou em sua entrevista concedida durante esta pesquisa, ele procura ler obras que tratam do assunto, conversa com as pessoas mais velhas sobre os poderes que as plantas possuem. Pode-se perceber a estreita ligação entre estas duas práticas. *No ato da benzeção, a benzedeira indica banhos, massagens e chás a aqueles clientes que a procuram.* (OLIVEIRA, op. cit, p.08)

A destruição do cerrado conforme já mencionado, de certa maneira interfere na permanência das práticas culturais voltadas para a utilização de plantas que lá originam com fins medicinais, como é possível perceber na fala de Dona Joanita, uma de nossas narradoras: *“Aqui, quando a gente adoecia, eram os remédios caseiros é que a gente mais usava, principalmente do cerrado. Mais hoje, tá difícil. O povo acabou com o cerrado tudo. A gente tem que andar longe para conseguir tirar, carregando enxadão nas costa. É difícil porque a gente já tá vieira.”*

Um dos pontos percebidos como negativo em relação à transmissão desses saberes importantes na cultura e identidade desse povo, é o desinteresse dos mais jovens em aprender sobre as rezas, as plantas e os poderes que elas têm. As pessoas que cultivam essas ervas ou que possuem esse saber são em sua maioria os mais idosos que se tornam os guardiões dessa sabedoria.

Da mesma forma que os saberes se utilizam de elementos da natureza para a manutenção da saúde, os benzimentos são também importantes e marcam a história, constituindo-se em uma alternativa relevante, em um tempo e lugar onde faltavam e ainda faltam muitos recursos, mas principalmente pela sua ligação à vida e à saúde. Nesse sentido, reflete o padre Geraldo: *“A benzeção está ligada à saúde. As plantas estão ligadas à saúde. A vida tá ligada à saúde. A benzeção é o centro entre a vida e tudo aquilo que Deus oferece”*.

3.3 - A arte de benzer

No esforço de buscar compreender as práticas culturais voltadas para a manutenção da saúde entre as pessoas mais pobres, tais como a utilização de raízes e ervas e a procura por benzimentos. É perceptível como estas práticas estão amalgamadas na cultura brasileira. *“É grande o conjunto de pessoas que, em diferentes circunstâncias e com diferentes concepções, opiniões e valores sobre a medicina popular, usam o arsenal de técnicas, conhecimentos e práticas que ela encerra.”* (OLIVEIRA, op.cit, p.07).

Este é um território demarcado por uma outra ordem de relações e de poder. O que realmente conta é de um lado a fé e de outro o dom de curar, a premonição, a intuição e a sensibilidade aflorada, enunciada. É o mundo da magia expresso por códigos de linguagem, pelo ritual em que o simbólico, o gestual reinaugura o contato entre o material e o espiritual. Não existem testemunhos documentais, provas. É preciso antes de tudo experimentar, ver para crer. (MACHADO, op. cit, p. 234)

O sagrado foge ao controle do humano, mas no imaginário popular alguns são intermediários da cura, são canais através dos qual Deus concede a bênção, Pode dar a um superletrado, quanto pode dar a um analfabeto. Padre Geraldo diz *“a bênção não está no benzedor, o efeito positivo dela é a fé do penitente ou do paciente, no Deus que tudo pode. O benzedor no caso é só o mediador, pois quem cura é Deus, a pessoa é só o instrumento usado por ele.”* Sempre à disposição de quem precisa e sem cobrar nada, nossos narradores disseram que *“benzer é um dom gratuito de Deus”* e, portanto, não pode ser cobrado. Uma dádiva divina para servir às pessoas que deles necessitam.

“A recorrência à medicina teológica é uma forma de retomar o próprio equilíbrio emocional, físico, material e de seu grupo”. (CERTEAU apud MACHADO, op cit, p.335) Pode-se observar assim que, procurar um benzedor para ser bento, significa uma atitude de fé, mas também, *“uma prática coletiva de um grupo social do qual faz parte”* (MACHADO, dem, p. 335) Partindo dessa reflexão, pode-se afirmar que estes saberes e crenças fazem parte de um universo cultural do grupo, sendo historicamente construído.

(...) a benzeção é uma fala ao inconsciente coletivo de onde se retira a doença e onde se coloca, pela palavra, a saúde, restaurando-se o equilíbrio. Durante o período de permanência da desarmonia o benzedor mantém a esperança e a calma, detendo, com a palavra e o gesto mágico, o prolongamento do mal. Daí advém o valor social do benzedor, cercado de prestígio pela eficácia do rito por ele exercido. (...) A palavra está

no princípio do mundo (...) a força criadora do Verbo, modeladora de todas as realidades e instrumento por demais conhecido dos deuses. (...) Há pessoas iniciadas, capazes de manipulá-la, adquirindo o status de intermediários entre uma autoridade sagrada e a imediatez do cotidiano, são palavras que registram a totalidade de um tempo e preservam as relações essenciais entre realidades aparentemente díspares. (...) É a palavra que reconstrói a unidade ameaçada desde o dia em que o homem, sentido sua fragilidade diante da natureza, rezou aos céus pedindo proteção. (GOMES E PEREIRA, Op Cit, p. 28 e 72-3).

Essas crenças e práticas estão presentes nas ações cotidianas, pois ainda existem muitas pessoas que benzem e um número significativo daqueles que lançam mão dos conhecimentos e dons das pessoas que sabem benzer para restabelecer a saúde e afastar os males.

No limiar do século XX a benzeção e o curandeirismo ainda são práticas religiosas populares, em plena vigência, mesmo que (re) significadas. É o que tem sido constatado no “Inventário das Práticas Culturais Populares em Minas Gerais”, resultado de pesquisa multidisciplinar realizada na UFU. Ao penetrar no território das doenças religiosas e, por consequência da medicina rústica, desvela-se um mundo de magia, cujos códigos de linguagem e rituais simbólicos permitem o contato entre o material e o espiritual. Nele os dons de curar são astúcias que permitem as praticas culturais de grande parte de sujeitos sociais que, contra as próprias limitações que ocorram sua luta pela sobrevivência, recorrem a este lugar utópico, ao mesmo tempo palpável e real. (MACHADO, 2007, p.01)

Mesmo entre percalços, permanências, reelaborações dessas práticas, elas persistem e atravessam os séculos, pois a fé permanece. Enquanto as pessoas acreditarem em um poder superior para estabelecer a harmonia e a ordem; crerem que através da força divina podem encontrar equilíbrio e paz, estas práticas encontrarão legitimidade no seio social.

3.4 - A arte de benzer em perspectiva histórica.

Desde tempos imemoriais, o homem concebia o par “saúde-doença” como uma dádiva ou castigo das Divindades. Vida e morte... Vontade de Deus... A bíblia diz que “*o salário do pecado é a morte*”, da mesma forma que o primeiro mandamento com promessa foi “*honra teu pai e tua mãe para que se prolonguem teus dias na terra que o senhor teu deus te dá*”. Acreditava-se que a doença era um lembrete de Deus infligindo ao corpo doenças para que os homens se arrependessem de seus pecados. A doença era assim, vista como o castigo divino atribuído aos

homens em decorrência dos seus erros e a saúde era a recompensa por levar uma vida regrada e cuidar da alma.

Muitas vezes o corpo era visto como local de manifestações demoníacas, como no caso de crises epiléticas. Muitos o viam como um espaço de disputa entre Deus e o diabo, principalmente no corpo feminino, onde Deus infligiu dores para dar à luz, em consequência do seu pecado. Deus permitiu ao diabo colocar em Jó doenças que lhe feriram todo o corpo para provar que este era fiel e não renegaria a Deus. A partir desta ligação “da saúde-doença” com o divino / sobrenatural, foi se institucionalizando a cura pelas orações.

A concepção de doença como fruto de uma ação sobrenatural e a visão mágica do corpo as introduzia numa imensa constelação de saberes sobre a utilização das plantas, minerais e animais, com as quais fabricavam remédios que serviam aos cuidados terapêuticos que administravam. Além desses conhecimentos vinham os saberes vindos da África, baseado no emprego de talismãs, amuletos e fetiches, e as cerimônias de curas indígenas, apoiadas na intimidade da flora brasileira. Elas curavam mazelas, e antes do aparecimento de doutores e anatomistas praticavam enfermagem, aborto, davam conselhos sobre enfermidades, eram farmacêuticas, cultivavam ervas medicinais, trocavam fórmulas e faziam partos. Foram, por séculos, doutores sem título (PRIORE, 1997, p. 88 - 94).

Esse saber embebido nas curas divinatórias terapêuticas evidencia um comportamento intimamente ligado à tradição onde o ser humano desde muito cedo aprendeu a buscar na fauna, flora e forças sobrenaturais, respostas concretas nos momentos de aflição e sofrimento. Concebida no seio da sociedade onde vivem, através de práticas cotidianas, essa sabedoria popular de lidar com plantas e orações eram e ainda são praticadas por pessoas simples que buscam resoluções para seus males, pautando-se na solidariedade e no espírito de ajuda mútua. Considera Priore:

São praticadas por pessoas que não passaram pelas universidades, a medicina popular carrega consigo uma definição muito singular. É que encerra uma verdade: a de que não existe um modo único, original e ideal, válido para todas as pessoas e classes sociais, de criar suas estratégias de vida, dentre as de cura (...) A medicina popular só pode ser estudada dentro de uma ótica, quando se considera que ela é parte de um processo histórico comum à sociedade brasileira como um todo. Nela podem ser localizadas as diferentes relações de poder existentes. (Idem, p. 115)

Estas práticas são construídas historicamente, criadas/recriadas no decorrer do tempo, deslizando por todo esse imenso Brasil, representam a busca de alternativas e a capacidade das pessoas pobres, principalmente do meio rural, estabelecerem estratégias de sobrevivência, lançando mão daquilo que dispõem para vencer as dificuldades do cotidiano e do meio no qual

estão inseridas. Não há homogeneidade em relação a estas práticas, variando esta de lugar de lugar para lugar, ressematizando de acordo com o tempo e o espaço.

O fenômeno de persistência pode ser relacionado ao fato de que o homem é um ser complexo emocional e racional e, nesse sentido, a doença do corpo não resulta apenas de um tato físico, biológico. Além do que a sua individualidade dimensiona sintomas e respostas diferenciada às doenças e aos procedimentos médicos balizados. (MACHADO, Op. Cit, p. 245)

As benzeções vêm da tradição popular. Em meio a tantas dificuldades oriundas de muitas privações no contexto histórico, as pessoas criam formas de organizar a vida entre a fé e a sua saúde. Para o povo sempre houve ligação da fé com a saúde.

Priore (1997) reflete como a realidade histórica, social e as condições de vida das pessoas proporcionaram presença e permanência de pessoas que benziavam, das parteiras e daquelas que tinham a sabedoria para lidar com plantas e delas fazer remédios que curavam e também que matavam. Ressalta como fatores que possibilitaram o aparecimento destes atores sociais, o tamanho da colônia, distância das localidades, a falta de clínicos formados e até mesmo a formação acadêmica dos médicos da colônia que obtinham sua formação em Portugal, cujos cursos de medicina sofriam tendências religiosas e dogmáticas.

“A maioria dos profissionais de então revelava uma insuficiente formação escolar e estava alheia aos avanços alcançados pela medicina. Raros eram os dotados pela cultura Humanística.” (PRIORE, op. cit, p.88). Além da formação tendenciosa desses profissionais, pouquíssimos eram os que vinham para o Brasil. As condições financeiras também eram uma agravante, levando-se em consideração o valor das consultas e o acesso aos médicos. *“Foi um mal provocado pela necessidade, um tipo de medicina praticado na base dos conhecimentos vulgarizados, popularizados, adquiridos através do empirismo. Seja na zona rural, nos povoados ou grandes centros.”* (idem). No entanto precisamos considerar as muitas experiências na arte de curar, as relações estabelecidas com a natureza, fruto das culturas diferentes que amalgamaram o saber fazer da cultura ou das culturas no Brasil. Neste cenário, *“noções e práticas familiares aos silvícolas, outras bastante alheias combinaram-se dando origem a medicina dos tempos coloniais, que nada mais é que o conhecimento entre as três culturas.”* (HOLANDA, 1.994, p.10).

Na empreitada de alargamento do nosso território construiu-se uma teia de relações, nas quais as experiências na arte de curar, mais em consonância com nosso ambiente e natureza, foram amalgamadas. A essa farmacopéia rústica, salpicada pelo gosto do maravilhoso, do exótico, herança da ciência medieval, soma-se as práticas indígenas, produzindo no imaginário popular uma mentalidade terapêutica rica e diversificada. As

mezinhas provenientes da flora e da fauna, as orações, amuletos, benzeções e excrementos fazem parte de um rico arsenal curativo. Longe dos socorros médicos, isolados no sertão, marcado pela distância e solidão, as novas experiências curativas puderam aflorar, demarcar presença, frutificar e persistir até os dias atuais. (MACHADO, Op. Cit. 237).

Várias orações sempre foram usadas no cotidiano, pois para a cura de algumas doenças era necessário que se rezasse para conseguir a cura, entre elas, pode se destacar o mal-olhado, o sol na cabeça, a dor de dente, o quebranto, dentre outras.

A utilização das benzeduras e das plantas como recursos divinatórios e naturais na luta contra as doenças são herdadas dos colonizadores portugueses, negros africanos e índios, no entanto é desenvolvida no Brasil com características próprias e peculiares.

Com as transformações ocorridas a nível de mundo, muitos pensaram que com o desenvolvimento da medicina, da tecnologia e da mudança na forma de pensar, estas práticas iriam acabar. No entanto, percebe-se que este fato não ocorre. Estamos em uma realidade histórico-social muito diferente do período colonial e quem ainda possui essa sabedoria popular, ainda faz sucesso.

As orações sagradas repassadas das pessoas mais velhas para as mais novas através da oralidade, foram atravessando os séculos, espalhando-se por todos os rincões deste Brasil. Em Minas Gerais esta prática ocorre em todas as regiões do Estado. Permanece ainda viva e influente. Machado, estudando cultura popular e desenvolvimentismo em Minas Gerais, analisa que:

Destacamos dentre essas crenças o curandeirismo e as “benzeções” por serem práticas culturais que sobrevivem no interior das Gerais. Mesmo considerando a sua progressiva urbanização, a instalação do complexo agropecuário industrial no cerrado, a efetivação da medicina alopática, multiplicadora dos seus produtos por uma ampla rede comercial, a implantação de uma rede de equipamentos e serviços hospitalares prestados às comunidades. Acreditamos ser pertinente afirmar que a busca por curadores e benzedores tem a ver com uma outra ordem de coisas. A mais forte delas, supomos, está intimamente ligada aos fenômenos do imaginário popular e das representações mentais, buscando solucionar problemas de suas vidas através de “forças imponderáveis”. (Idem, p.236)

É pertinente ressaltar a utilização de práticas sagradas da cura através das orações dos benzedores, esses especialistas do sagrado, como uma prática mais voltada para o campo e aos costumes do meio rural, num clima de fé, solidariedade, coletividade, e ajuda mútua em respostas às necessidades sofridas pelas pessoas diante das dificuldades da vida. Este fato deu-se

principalmente em decorrência do processo histórico e condições de vida da população mais carente, moradoras das regiões mais distantes, como no caso de Santana da Caatinga, o que possibilitou a proliferação de práticas culturais voltadas para o sagrado, entre elas, a utilização das rezas como forma de rogar a Deus e aos santos a cura para seus males, pedindo-lhes intervenção para minimizar seu sofrimento. Assim analisou Oliveira:

Na roça benzedores e curadores eram quase todos católicos, viviam num espaço de relações de produção marcado pela afetividade familiar e comunitária (solidariedade entre vizinhos, mutirão, trocas cerimoniais, festas sazonais, lazer). Viviam num espaço geográfico restrito, no qual recriavam um universo de experiências marcado por símbolos sagrados. Paralelamente, elas tinham uma relação muito forte com a natureza e possuíam um saber muito útil sobre a agricultura: produziam uma classificação e uma seleção de plantas, ervas, raízes que eram utilizadas como recursos terapêuticos. Desse conhecimento, contudo, parte poderia ser conhecida e partilhada por toda a comunidade. A outra parte era segredo do ofício, transmitido aos noviços em condições muito particulares. (OLIVEIRA, Op Cit, p. 28).

A representação do ofício do benzedor e raizeiro estão presentes em narrativas de historiadores que analisam os vestígios do passado em relação à saúde e religiosidade

Desde o início da colonização, o negro foi figura primordial no que se refere ao trabalho. No entanto, juntamente com eles era trazida também sua religiosidade, suas crenças que muitas vezes provocavam medo, mas ao mesmo tempo seus saberes tornavam-se benéficos, servindo como uma fonte de cura em uma terra onde as coisas eram muito difíceis.

Muitos valores e crenças míticas eram delas impregnadas em sua própria personalidade e crenças, fazendo parte de um capital que não podia deles ser arrebatado. Despertando insegurança naqueles que os rodeavam, pois seus saberes eram passíveis de despertar simpatias, mas também antipatias.

Pode-se perceber nos discursos dos historiadores a predominância das mulheres no ofício das benzeduras. Estas mulheres desenvolveram funções de grande importância no cenário brasileiro, mas muitas vezes foram alvos de perseguições religiosas católicas, que lançaram o braço da inquisição para alcançá-las e puni-las por seus feitos de cura, interpretadas como magias, fossem elas através das benzeduras, simpatias ou do uso de ervas medicinais. (...) *Adivinhações, curas mágicas, benzedoras procuravam responder as necessidades e atender aos acontecimentos diários, tornando menos dura à vida naqueles tempos difíceis.* (MELO, 1997, p .78).

Essas práticas eram comuns desde o Brasil Colônia, como nos mostra Laura de Melo. Estas personagens faziam e ainda fazem parte quase sempre da realidade pobre de uma sociedade excludente, principalmente, os negros, personagens que foram reduzidos à condição de escravo, mas que trouxeram de suas terras experiências múltiplas que desembocava em território brasileiro, sendo estas práticas criadas e recriadas em solo brasileiro de acordo com a realidade a que eram submetidas.

Priore destaca o papel exercido pelas mulheres nesta prática e a importância que estas ocupavam no Brasil colonial constituindo-se em um universo cultural e simbólico, presentes tanto no cotidiano como no imaginário das pessoas, as quais procuravam encontrar os meios para driblar as dificuldades e levar a vida.

As mulheres e suas doenças moviam-se num território de saberes transmitido oralmente, e o meio vegetal estava cheio de signos das práticas que as ligavam ao quintal, a horta, as plantas. O Cheiro do alecrim era considerado antídoto contra os raios (...) As ervas apanhadas em dia de quinta-feira de Ascensão tinha virtude contra sezões, febres, bruxedos. O funcho, o rosmaninho, o sabugueiro, colhidos na manhã de São João livram a casa de enfermidades. (PRIORE, 1997, p. 94).

A presença das mulheres foi significativa na formação dos quilombos, daí a importância de se conhecer mais sobre a influência que estas exerceram na formação da crença e da medicina popular, praticada dentro dos mocambos, como no caso da comunidade de Remanescentes de quilombo de Santana da Caatinga em João Pinheiro, Minas Gerais.

...e o episódio da doença não consiste somente na expressão de uma linguagem ontológica, temos além da relação causa-efeito, suas dimensões relacionais, que conjugam em tempos distintos, uma concorrência de processos, fenômenos, acontecimentos, experiências e regras sociais. Assim, sob o aparente episódio da doença desentranhamos uma causalidade pluridimensional da experiência humana: com suas qualidades relacionais, analógicas, as polivalências etiológicas, os poderes antropomórficos, cosmomórficos. Eles mobilizam formas de adoecer e de curar. A doença consiste, então, como resultante dos impactos produzidos sobre a corporalidade, que desencadeia processos, relações, princípios e regras de convivência. A eficácia simbólica de cura implica em reintegrar e transcender na experiência do adoecer os campos da comunicação e da metacomunicação. (OLIVEIRA, 2006, p.03)

Do ponto de vista da organização social, essas lideranças representam uma marca muito grande porque se tornam referência naquela sociedade, uma referência a nível de valores, de coresponsabilidade, respeito, assumindo muitas vezes o papel de liderança daquele grupo social. Muitas vezes a benzedeira era conselheira, parteira, raizeira e na união desses papéis, exercia um

papel de madrinha, de respeito por parte de seus conterrâneos. Ainda hoje, em Santana da Caatinga, benzedores e raizeiros são respeitados pela sua sabedoria.

Nestes espaços de mocambos, certamente muitas dificuldades surgiram com relação à preservação da saúde e bem-estar dos quilombolas, pois muitos eram os males e doenças que ceifavam a vida dos indivíduos nessa época ou afetavam sua saúde, por falta de remédios, infraestrutura e cuidados médicos formais. Nesse contexto, os benzedores e raizeiros com estes conhecimentos transmitidos por gerações desempenham papéis fundamentais. As parteiras que anteriormente foram figuras fundamentais neste cenário, hoje praticamente deixaram de existir.

Não foi possível uma datação precisa do início dessas práticas na comunidade de remanescentes de Santana da Caatinga no noroeste de Minas, nem é meu objetivo discutir esta questão nesta pesquisa, pois:

ao reconstruirmos memórias, não podemos nos ater exclusivamente ao olhar seqüencial das datas, ao tempo cronológico, homogêneo e vazio, que ofusca as temporalidades históricas. “Precisamos pacientemente observar o que está submerso, os sentidos do passado expressos nos significados das datas e a coexistência dos tempos expressos nas lembranças (MARTINS, in: COSTA, et alli, 2002, p. 07)”.

No entanto, é possível perceber que a manifestação é antiga, consistindo um costume que vai sendo repassado no cotidiano diante das necessidades da vida. Podemos observar isso na narrativa do Sr.Erasmo concedida em 2006 quando menciona a existência dessas práticas na comunidade e a importância dessa sabedoria em um cenário onde tudo era muito difícil.

Aqui na Caatinga, as coisas sempre foi muito difícil. Num tinha médico, farmácias, tudo era longe, a gente tudo fraco de dinheiro. Então tudo era muito difícil, então quando a gente adoecia a mãe da gente dava era chá, remédio do mato, levava pá benzer... Tinha muito benzedor bão aqui, A dona Balbina mesmo era boa, benzia, era parteira, sabia um monte de remédio. Ai as pessoa mais veia que sabia essas coisas, ia ensinando... Sempre o que nós usô era isso. Eu fui no médico só depois de véio.

Essa forma de combater “as *doenças é revificada porque ela é transformada. Recria-se com o seu mundo, as suas necessidades e seus valores.*” (OLIVEIRA, op. cit, p.64) Percebe-se que com a saída do homem do campo para as cidades estes conhecimentos são também presentes na vida urbana, sendo ali recriados e ressignificados de acordo com a realidade. Podem-se perceber estas práticas tanto no meio rural de Santana da Caatinga quanto no povoado, pois na realidade há uma mistura entre rural e urbano. MACHADO diz que:

A sua recomposição no espaço urbano se enriquece por meio de novos símbolos, se recria, se renova, se atualiza. A clientela se amplia, diversifica, assim como a busca alternativa por curar doenças até então desconhecidas. A sua presença na cidade ainda hoje é uma forma de resistência cultural, não obstante percebemos que mesmo que a demanda pelos seus trabalhos não tenha diminuído, a iniciação neste ofício tem contraditoriamente arrefecido. (MACHADO, Op Cit, p 240).

Geralmente, as benzeduras eram e são feitas por pessoas mais velhas da comunidade, especialmente do sexo feminino, que Gomes e Pereira definiram como “*especialistas do sagrado*”. (Idem, 2002, p.4) Afinal, o que é benzer?

(...) a benzeção é uma fala ao inconsciente coletivo de onde se retira a doença e onde se coloca, pela palavra, a saúde, restaurando-se o equilíbrio. Durante o período de permanência da desarmonia o benzedor mantém a esperança e a calma, detendo, com a palavra e o gesto mágico, o prolongamento do mal. Daí advém o valor social do benzedor, cercado de prestígio pela eficácia do rito por ele exercido (...) A palavra está no princípio do mundo (...) a força criadora do Verbo, modeladora de todas as realidades e instrumento por demais conhecido dos deuses. (...) Há pessoas iniciadas, capazes de manipulá-la, adquirindo o status de intermediários entre uma autoridade sagrada e a imediaticidade do cotidiano, são palavras que registram a totalidade de um tempo e preservam as relações essenciais entre realidades aparentemente díspares. (...) É a palavra que reconstrói a unidade ameaçada desde o dia em que o homem, sentido sua fragilidade diante da natureza, rezou aos céus pedindo proteção.” (GOMES E PEREIRA, p. 28 e 72-3).

Como esses saberes e fazeres foram se tornando parte do cotidiano? São geralmente formas que o homem encontrou para lidar com as dificuldades da vida e vencer os sofrimentos, uma prática ligada a pessoas “mais humildes” como uma maneira própria de organizar a vida entre a fé e a saúde. Na entrevista do Sr. José Mendes ao jornal “O Catinguense, ele relata: “*Os remédios eram feitos com coisas do mato, jalapa, caramelano... Faziam simpatias, rezas e tinham as parteiras (mães de aparição, como diziam).*”.

Em alguns casos quando o mal é físico utilizam-se chás, garrafadas, emplastos e outros tipos de remédios caseiros, às vezes até mesmo de produtos de animais, como gordura de capivara, jacaré, galinha, peixe, mel de abelha, etc. Em outros casos, benzem, usam remédios caseiros, indicam simpatias, banhos. Na realidade estes papéis estão imbricados um no outro. Podemos perceber como estas práticas estão entrelaçadas na prática cotidiana ao refletir nas palavras de Dona Maria¹²⁰, que pratica o ofício de benzedeira na comunidade.

Um outro dia veio uma muié aqui com um menino, ruim, ia até levar prá Pirapora, e pediu pra mim benzer. Ele tava com a espinhela caída. E eu levantei ele e medi primeiro

¹²⁰ Maria é um pseudônimo utilizado para uma de nossas narradoras que não quis se identificar. Pratica o ofício de benzedeira há muitos anos, e reside na comunidade desde menina. Entrevista concedida em 2006.

os dois pé dele, tava sobrano dois dedo, passei a mão nos braço dele e um tava maior do que o outro. Peguei no outro pé... Ai levantei ele na toalha, e benzi. Falei que tinha que trazer ele mais umas três vezes que ele ia miorá. E agora vô ensiná uma simpatia pro cês fazer em casa. Que é pra ele miorá de verdade, cês num precisa sair com ele pra fora, que ele vai sarar se ocês fizer direitinho... Pega o pinico.... Que o pinico, ele serve muito de remédio, a hora que ele der aquela provocadeira, que ele sempre ia provocando né? Vocês chega o pinico na boca dele, deixa ele provocar aquela água. o que tiver dentro do estômago. A hora que ele num tiver provocando mais, pega o pinico com aquilo que ele provocou, leva lá prá fora, põe no terreiro, cavaca ali e despeja aquele trem. Pega a terra, enterra põe ali uns gravetos e põe fogo. “É prá nunca mais”.

No discurso de Dona Maria acerca da benzedura da espinhela caída¹²¹ pode-se perceber a existência de um saber popular que no mundo contemporâneo entra em choque com o saber institucionalizado da medicina científica. Através da experiência, ela trabalha baseando-se em indícios, observando, tirando medidas, analisando as evidências e as descrições de seu “cliente”. É um exercício terapêutico e psico-social. Além das orações, ela receitou uma simpatia que completará o trabalho. *Somando intuição e experiência é possível conhecer os sinais emitidos pelo corpo humano: apalpando o pulso mede-se a temperatura, a pressão; pela cor da tez e do fundo dos olhos reconhece-se a debilidade do organismo; pelo inchaço das partes a falta de circulação do sangue. O processo de cura leva oito dias em média.*

Não pretendo aqui discutir os resultados da benzeção e simpatia, mas podemos observar a presença desse saber quando esta benzedeira percebe a diferença entre os pés da criança e as conseqüências físicas que o mal acarreta. Continua Dona Maria em sua narrativa sobre a prática do benzimento:

Abaixo de Deus, pra nós aqui, quando um ficava doente era com benzeção e com raiz que a gente ajudava e sarava as doenças. Raiz, folha de planta, casca de pau, chá, garrafada.... Abaixo de Deus, era isso que curava! Até hoje, tem doença que num é prá médico curar não... Uma carne quebrada, uma dor de cabeça de sol, uma espinhela caída, um quebranto, um vento virado. O médico num cura vai passando remédio, mas num sara, né? Tem coisa que é pra dotô, ôtas, não.

Na concepção desta benzedeira, as doenças têm causas naturais e sobrenaturais, sendo que aquelas originadas de causas naturais, os médicos conseguem restabelecer a saúde ao seu cliente, no entanto, aquelas originadas de fatores sobrenaturais, não cabem ao médico restituir a ordem ao

¹²¹ Segundo uma de nossos narradores que exerce o ofício de benzedor, a espinhela é um ossinho mole, parecendo um nervo que vem do coração. A espinhela caída é por causa de peso que a pessoa pega, pegar muito peso faz a espinhela cair. A pessoa quando esta com a espinhela caída sente dor nas costas, no estômago e nas pernas e cansaço. A pessoa perde as força e tem dificuldade para comer. Cura tomando a medida da pessoa com uma toalha ou linha de algodão, se tiver desigual é porque a pessoa tá com a espinhela caída, então o benzedor reza a oração .

corpo doente. É necessário que se proceda ao ritual do benzimento para que a saúde do cliente seja restabelecida. Entrelaçam assim no cotidiano os fios da crença neste conhecimento ligado ao divino e sobrenatural à vida prática. Tomando por empréstimo as palavras de Brandão “*Não é porque uma crença é verdadeira que uma comunidade acredita nela; é porque a comunidade acredita coletivamente nela é que ela é verdadeira*”. (BRANDÃO apud QUINTANA, op cit, p.41) Neste aspecto percebe-se a legitimidade social destas práticas.

Observamos pelo relato de Dona Maria que são vários os tipos de benzeções praticados no cotidiano local. Sempre que alguém da comunidade necessita, o benzedor está pronto para desempenhar a sua missão, podendo ser vários os tipos de males. Os benzedores e benzedoras são pessoas especiais que são usados como instrumentos de Deus para minimizar as angústias e sofrimentos das pessoas.

3.5 - Saúde X Doença: Uma modalização do cotidiano em Santana da Caatinga

Essa ação de apelar às curas mágico/terapêuticas demonstra uma conduta intimamente ligada à tradição, por meio da qual as pessoas recorrem à flora e às forças sobrenaturais como respostas concretas nos momentos de angústia e doença. Muitas vezes, a própria pessoa tem em mente os tipos de enfermidades a serem tratados pelos benzedores e raizeiros e os tipos em que devem procurar pelos médicos e cirurgiões. Essa separação também faz parte da tradição, pois para muitos males, a incumbência de seu tratamento quase sempre foi o dessas pessoas que possuem a sabedoria de fazer remédios caseiros ou realizar benzimentos.

Através da coleta dos dados, foi possível perceber que entre as enfermidades que as pessoas mais procuram pelos trabalhos dos benzedores são: mau-olhado, quebranto¹²², espinhela caída, vento-virado¹²³, carne quebrada¹²⁴, dor de dente, cobreiro¹²⁵, impigem¹²⁶, fogo selvagem,¹²⁷ mordida de cobra, dentre outros.

¹²² Acreditam que o quebranto é um tipo de mal causado pelo "excesso de amor" ou "quando alguém é admirado". Os principais alvos de quebranto na visão dos rezadores são as criancinhas. Causa desânimo, abatimento, enfraquecimento.

¹²³ O vento virado é o resultado de sustos ou medos fortes sofridos pela criança.

Ao pensarmos nestas práticas, devemos refletir: Quem faz? Quem procura? O que une as duas coisas? Nesse sentido, o elo de ligação é a representação.

Em Santana da Caatinga, foi possível catalogar, cinco pessoas que ainda praticam o ofício da benzeção. O número de pessoas que possuem o conhecimento de lidar com raízes e ervas é maior, muito embora este registro pareça pequeno, ao analisarmos o tamanho da comunidade, podemos perceber que o número é significativo em proporção à quantidade de moradores.

Para o Padre Geraldo¹²⁸ “*Os benzedores ainda são muito procurados, você não vai numa fonte que num tem água. O povo só busca de beber onde tem água. Fonte seca as pessoas num procuram...*”. Podemos perceber pelas palavras do padre Geraldo, cuja mãe é uma benzeadeira, que a prática desse saber ainda é presente no seio da sociedade, mesmo que seja entre as pessoas mais despossuídas. Porém cabe analisar sob o viés proposto pelo padre, que estas práticas só persistem porque tem eficácia, porque as pessoas têm fé. Caso contrário, se não houvesse significado diante dos olhos de quem benze e quem é bento, se as pessoas não tivessem fé, já teriam desaparecido.

Essas práticas culturais são amalgamadas em um saber fazer construído culturalmente e historicamente, representadas a partir de um código baseado na necessidade e na generosidade. Práticas essas embebidas em rituais, gestos, no poder e domínio das palavras, e no manuseio dos objetos a serem utilizados na hora do ritual, sejam eles, ramo verde, tolha branca, faca, machado, litro com água, etc. Para cada doença, uma oração diferente... Objetos diferentes. Santos

¹²⁴ Carne quebrada é quando a pessoa machuca a carne do corpo e então o benzedor benze, costurando com um novelo de linha fiada em casa. Vai costurando e dizendo: "Carne quebrada, nervo rendido, osso partido. Isso mesmo é que eu benzo". Carne quebrada. Dá sete pontos. Pergunta novamente: O que é que eu benzo? Carne quebrada. O benzedor repete a oração e dá mais sete pontos. Repete as costuras e a oração três vezes, em três dias consecutivos.

¹²⁵ O cobreiro é visto como sendo uma doença que se contrai através do contato direto com roupas por onde tenham passado certos insetos ou animais peçonhentos. Caracterizam-se irritações na pele acompanhadas de dor.

¹²⁶ Impigem é um tipo de micose e se não for tratada ganha o corpo inteiro.

¹²⁷ Fogo selvagem é uma doença caracteriza-se pelo aparecimento de bolhas superficiais, que confluem e rompem-se facilmente, deixando a pele em carne viva formando regiões avermelhadas recobertas por escamas e crostas. As lesões são dolorosas, com sensação de ardência e queimação, que originou o nome Fogo Selvagem.

¹²⁸ O padre Geraldo, conhecido popularmente como padre Preguinho, foi por alguns anos o padre que atendeu espiritualmente a comunidade de Santana da Caatinga. Ele é negro e muito interessado pelas questões relacionadas aos afro-brasileiros, sendo um dos grandes defensores da cultura negra e das manifestações da religiosidade popular no município. A citação acima é um fragmento de uma das suas entrevistas concedidas a mim no segundo semestre do ano de 2.006 em minha residência, sendo que já estão transcritas e arquivadas.

diferentes são aclamados. Todo um universo repleto de símbolos¹²⁹ e gestos, que variam de oração, doença, benzedor, lugar e cultura.

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. (PESAVENTO, Op cit, p. 41).

Os ritos utilizados na hora das benzeduras são também uma forma de representação que de certa forma, vão dando legitimidade à prática. Eles são necessários, é como se fosse o elo de ligação, a presentificação do sobrenatural e do invisível. O fortalecimento da crença está na energia do ritual e, conseqüentemente naquele que o dirige. Os rituais são sumamente importantes nesta prática justamente por se tratar de um costume principalmente da classe popular. É possível perceber que quanto mais simples e iletrada for a pessoa, mais se tem necessidade de ritos. Os ritos são parte integrante das relações sociais e da vivência humana. *“Não é exagero dizer que o ritual é mais para a sociedade do que as palavras são para o pensamento. Pois é bem possível conhecer alguma coisa e então, encontrar palavras para ela, mas é impossível ter relações sociais sem atos simbólicos”*. (DOUGLAS apud ROCHA, 2005, p. 6).

Podemos notar partindo desse pressuposto, que estes ritos e símbolos utilizados na prática da benzedura em uma comunidade onde há muitos iletrados, são sumamente importantes. Basta que se tenha fé nas palavras e obras desenvolvidas pelo mensageiro do dom para que os efeitos possam ser alcançados.

Essa ritualização voltada para a bênção sempre existiu. Podemos dizer isso usando como fundamento a bíblia, que já mostrava o uso do óleo que se colocava quando alguém era escolhido pra qualquer função. Na narrativa bíblica está sempre muito misturado o religioso e o público. Havia muitas vezes uma interligação entre o religioso e o público. Em determinadas épocas, existia o líder que na verdade, abarcava tudo isso. Então todo rei era ungido pelos profetas que davam a unção, a ritualização que confirmava o poder. Quando alguém é ordenado padre passa por um ritual que visa confirmar que ele pode exercer o sacerdócio e realizar todos os rituais desde o batismo, até a unção dos enfermos. Entretanto isso é apenas uma confirmação. *“A eficácia nos rituais de benzimento é apenas a confirmação do dom, porque na realidade, se a*

¹²⁹ Símbolo é aqui entendido como o fez DURAND (1988) como qualquer signo concreto que evoca, através de uma relação natural, algo de ausente ou impossível de ser percebido: Ou então conforme Jung: A melhor figura possível de uma coisa relativamente desconhecida que não se saberia logo designar de modo mais claro ou característico.

pessoa vai ser um bom benzedor, um mensageiro de Deus, ou não ou não, isso depende da sua prática. O povo é que vai falar”. Reflete o Padre Geraldo:

Benzer é um dom. Pode dar a um super-letrado, quanto pode dar a um analfabeto a bênção não está no benzedor, o efeito positivo dela é a fé do penitente ou do paciente, no Deus que tudo pode. O benzedor no caso é só o mediador, pois quem cura é Deus, a pessoa é só o instrumento usado por ele.

A religiosidade popular revela uma concepção de mundo abrangente cuja compreensão e explicação recebe a contribuição das santidades, tanto daquelas canonizadas pela igreja quanto as do povo. Religião e vida estabelecem cumplicidades e dependências que resultam em secularização do religioso e em sacralização do profano. Há uma articulação entre religiosidade e profanidade que constrói o mundo simbólico, que ocupa e enriquece o imaginário popular, integrando a vida prática e a imaginária.

Além desse conhecimento empírico das poções e beberagens, é necessário assinalar que todos os curadores foram unânimes em afirmar que o seu poder de cura está relacionado a entidades espirituais que os acompanham no seu ofício. Muitos confirmam receber a intuição na hora de desenvolver seus trabalhos, quando solicitam a proteção e orientação para aliviar o mal daqueles que o procuram. Talvez daí o sincretismo visível nos altares que, geralmente, instalam no cômodo destinado aos atendimentos. Nele é possível observar o crucifixo, Nossa Senhora Aparecida, Iemanjá, São Jorge, o cabloco das florestas, o terço de madeira entremeado de velas, incensos e jarras com flores (MACHADO, Op Cit, p. 244).

O Imaginário aqui entendido como: *“um sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens em todas as épocas, constituíram para si, dando sentido ao mundo.”* (PESAVENTO, Op cit, p. 43).

Pensando que *“[...] o imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquizada, divide, aponta semelhanças e diferenças no social [...]”* (Ibdem) Há todo um imaginário acerca da utilização das benzeduras cujas práticas são envoltas em símbolos, contendo uma teia de significados e significações, misticismo e objetos significantes. Portanto, podemos entender a importância dos rituais, a disposição do altar, a orientação temporal e espacial dos objetos rituais e simbólicos (velas, faca, novelo, agulha, ramos, toalha branca, santos, imagens, óleos, dentre outros), os movimentos com esses objetos.

O ritual é uma forma de representação visual e exterior dos poderes mágicos legitimando a prática. Sem a encenação há perda do brilho e o contato entre o espiritual e o terreno, o mágico e o concreto não se realiza. O fortalecimento da crença está na força do ritual e, conseqüentemente, naquele que o dirige. Os fenômenos naturais pertencem, nesta ótica, ao mundo mágico. Doença, morte, alegria e tristeza, nascimento e crescimento são produtos de um mesmo poder. Ilusão e realidade se confundem.

Basta que se tenha fé nas palavras e ações empreendidas pelo portador do dom para que os resultados possam ser obtidos. (MACHADO, op cit, p.237).

Para cada mal existe uma oração correspondente. Para cada oração, um santo de devoção, um ritual, um número de vezes que deve ser repetida o benzimento, objetos simbólicos que variam de acordo com a cultura, com a crença e com o espaço geográfico.



Foto Nº38: Pode-se observar o altar da residência de uma das benzedoras da Comunidade de Santana da Caatinga. Este altar é colocado sobre a estante em uma ante-sala, um espaço mais reservado da casa. Todos os santinhos reunidos neste espaço são bentos pelo padre. Segundo ela, todos são de devoção, mas a divindade que ela sempre roga na hora da oração é Senhora Aparecida.

O contato com esses saberes possibilitou perceber a multiplicidade de significados existentes em um gesto ou uma palavra. Aprendemos com os benzedores a importância que deve ser dada à fé nas orações, pois é através dela que se constitui o elo de ligação entre as divindades e os seres humanos. *Para atingir o imaginário de uma sociedade, ou parte determinada dele, é preciso penetrar na rede simbólica que o constitui.* (VARGAS, 1999, p.178),

As benzeções ocorrem em momentos propícios, dessa forma, sua linguagem se apresenta como portadora de significados que dá sentido à sua existência. A compreensão dessa linguagem simbólica é essencial para a compreensão desta prática.

Os instrumentos intermediários usados como coadjuvantes à palavra, devem ser virgens, não-tocados, utilizados apenas nas etapas do processo ritual. Deles podem fazer parte panos, facas, machados, plantas, velas, incensos, novelos, agulhas, entre outros. O simbolismo dos números também está presente nas fórmulas da benzeção: o três, o sete e o nove, têm um poder especial de neutralizar o mal. Os números ímpares se articulam à idéia de virilidade, perfeição, não podem partir-se em dois, daí a sua força. (MACHADO, Op. CIT, p. 242)

As benzedeadas usam os símbolos da cultura, aproveitam aquilo que é vivido por nós e colocam o sentido religioso. Percebemos nas narrativas dos benzedores por exemplo, que para benzer de um machucado conhecido como carne quebrada, utiliza-se um símbolo para unir aquilo que foi quebrado. O novelo e a linha. Em relação ao quebranto, se pega um ramo de arruda ou guiné (tipi) que a própria natureza oferece como sendo plantas medicinais que afugentam qualquer tipo de mal e fazem as orações.

Se a pessoa estiver de mau-olhado ela usa de um ramo verde, faz a oração debaixo de uma árvore, enfim, o símbolo tem relação com a oração a ser feita, sendo eles elementos da própria cultura, podendo sofrer variações de lugar para lugar.

Pedi a uma das benzedeadas para benzer-me. Ela convidou-me para sair para o terreiro, onde estivéssemos longe dos demais e sentasse debaixo de uma árvore. Pedi para desamarrar o cabelo para que não tivesse nada me prendendo, colocasse as duas mãos abertas viradas para cima na altura dos seios para receber as bênçãos. Com um raminho verde, fez as orações em uma tonalidade de voz que eu pudesse ouvir, rogou a Deus para que a fortalecesse e depois realizou as orações próprias para mau-olhado. A mistura de gestos e palavras completou a benzeção. Ao terminar, os raminhos de arruda estavam murchos e ela demonstrava cansaço. Sentou-se, sugeriu que ao chegar em minha casa, tomasse um banho com água de sal ou de pétalas de rosa branca, para completar o ritual. Feito isso, ela retirou-se para fora do seu quintal, virou as costas para o mato, na direção do pôr-do-sol e atirou para trás os ramos murchos, proferindo algumas palavras que não consegui ouvir. Após este ritual, disse que eu estava *muito carregada* e ensinou-me algumas palavras, que segundo ela, deveria pronunciar sempre que saísse de casa: *Onde Deus passa nada embaraça... Onde Deus passou nada embaraçou...*

Partindo dessa experiência aqui narrada, podemos observar que ela instiga muitas leituras e reflexões. Os ritos são repletos de significados, sentidos muitas vezes não compreendidos por quem não partilha do mesmo entendimento ou valores. Há uma preocupação desta senhora em realizar o ritual separado das outras pessoas, em tom de privacidade. As plantas atuando em conjunto para afugentar o mal. A expressão das palavras carregadas de fé e devoção, seguida da

oração do pai nosso e da Ave-Maria. As mãos postas em posição de receber as bênçãos que ela rogava a Deus e aos santos para que eu recebesse e afastasse os espíritos ruins. É instigante pensar nessa sabedoria popular partindo da análise e da observação da expressão de cansaço e das muitas vezes que ela abriu a boca após o ritual. O banho de sal ou de rosas brancas também tem o seu significado, fechar o corpo, “*afastar os olhos ruins e invejosos*”.

Como foi possível perceber na fala de quase todos os benzedores, a inveja é marcada como um dos maiores males existentes nas relações humanas, uma arma dos oponentes (alguns deles declarados, outros não) para retardar a vida das pessoas. Percebemos que todos os benzedores benzem de mal-olhado, e quebranto que perfazem maior procura pelas orações na localidade.

Estes benzedores possuem uma relação de proximidade com a natureza, pois além dos objetos, são portadores de significados os dias, fases da lua e horários para serem realizadas as benzeduras. As benzeduras de pessoas podem acontecer todos os dias, com exceção dos sábados, sendo que quartas e sextas são os dias mais fortes. Para benzer animais com “bicheira” e afugentar cobras e insetos das roças, deve ser no dia de sábado, dia que não benzem pessoas, mas segundo uma de nossas narradoras benzedoras: “*o sábado não é dia de benzer gente, mas se chegar uma pessoa que tiver mesmo precisando, eu benzo assim mesmo, porque a gente tem o dom e num pode recusar se a pessoa precisar*”. A hora do dia também interfere, precisa-se benzer “*enquanto os raios do sol estiverem de fora. De noite num pode benzer*”.

É a integração homem/natureza, base do pensamento místico, que explica o papel decisivo dos elementos naturais nas benzeções. Além da palavra recitada a presença de elementos tais como a água, o fogo, o ar, a terra e a vegetação concorrem para o extermínio do mal. A água, fonte de vida fortalece revifica. O fogo simboliza a iluminação, a purificação, por isso destrói o mal através da queima. O ar, associado ao vento, transfere a força vital das palavras. Nesse sentido, os ramos verdes, as folhas agitadas produzem a aragem que imortaliza através da vida espiritual. A terra em oposição ao céu, por suas características femininas, é mãe, nutriz, protege contra o aniquilamento das forças humanas, é símbolo de fertilidade (MACHADO, 1.988, p. 238).

Nessa articulação entre o natural e o sobrenatural, você previne, antecipa, pela via de iniciativa concreta neste tipo de prática. Uma plantinha na porta da casa, um ramo de arruda no ouvido, o benzer-se ao passar na porta da igreja, o vaso com o comigo-ninguém-pode na sala da casa, a espada de São Jorge no canto da frente da casa, a vela junto à imagem dos santos de devoção, a água benta, objetos simbólicos presentes no cotidiano desses remanescentes. Estes

objetos e benzeções demonstram que a crença e a fé nestas práticas ainda permanecem e são ensinadas e aprendidas no decorrer do tempo, mantendo-se no seio da comunidade.

3.6 - A Arte benzer e o papel dos benzedores

Deus te fez, Deus te gerou,
Deus que vai tirar este mau olho,
Essa inveja e este mau que te entrou.
Pela Bahia sagrada canta galos e galinhas.
E três palavras da boca do nosso senhor
Jesus Cristo:
Pai, Filho e Espírito-Santo.

*Depois reza: (uma Ave Maria, uma Santa Maria e oferece pra senhora do desterro).*¹³⁰

É possível perceber pelos relatos que o benzimento tem eficácia tanto no campo físico como espiritual como no caso rezas contra quebranto e mau-olhado, pelas quais se acredita no poder do olhar, numa força sobrenatural que, capaz tanto de abençoar, como de amaldiçoar. O olho grande, o olho gordo é retratado por Marilena Chauí em *Janela da alma, espelho do mundo* (1988) quando ela fala do poder do olhar, da visão que se faz em nós por fora e simultaneamente se faz de nós para fora. A nossa capacidade de infligir poder aos olhos, atribuindo-lhe magia e força, na qual cremos quando falamos em mau-olhado. Este mau tanto pode ser lançado, como também recebido, dependendo da essência da pessoa que lança o olhar. Chauí chama a atenção para o “*olhar poderoso. Capaz de despir, devorar e matar*”. Partindo desse poder, modo de ver o “*olhar como a janela da alma*” onde ele pode transmitir os sentimentos amor, ódio, esperança, rancor, medo ciúme, admiração, inveja... Dos quais ela está repleta. Refletimos sobre o poder da visão humana, analisando a narrativa de Dona Maria uma de nossas narradoras que sempre vai benzer de mau-olhado: “*Tem gente muito ruim. Transfere para o outro olho que olha a energia negativa que tira a força da outra pessoa*”. O mau-olhado é comum no cotidiano, fruto da

¹³⁰ Narrativa de Dona Maria, oração contra mau-olhado, Este é presente no imaginário popular como mal provocado pelo “olho ruim”, causa na pessoa que o desânimo, sonolência, dores de cabeça, perda da energia e vigor físico. Ela pratica o ofício de benzedora há mais de 50anos-.

vivência e crença de muitas pessoas presentes no nosso cotidiano, que buscam como antídoto as orações feitas pelos que possuem o dom de benzer.

O sentido dessas práticas curativas advém da sua eficácia simbólica que só privilegiam aqueles portadores da fé. Esses agentes religiosos leigos, em contrapartida ao seu poder de cura não podem obter lucro de sua atividade, antes de tudo, compartilham com o outro não só o seu ritual de magia e preces, mas também a certeza de que para curar o corpo é preciso curar a alma. Para tanto, laços de afetividade e solidariedade se estabelecem e as frustrações, as decepções, a dor e os sofrimentos se articulam numa rede de significados, onde o mal pode ser vencido e a esperança se anuncia. Ao inverter o caos, se ordena a sobrevivência, a continuidade da vida e do grupo. (MACHADO, 2007, p.06)

Sempre à disposição de quem precisa e sem cobrar nada, os benzedores costumam dizer que “benzer é um dom gratuito de Deus”. Uma dádiva divina para servir às pessoas que deles necessitam, atrelada à responsabilidade, pois ao benzedor é atribuído o encargo de ajudar a todos que necessitem das suas orações. *“Certo privilégio ao dotar o escolhido de um poder especial, mas também é vivenciado no seu caráter obrigatório de atribuir uma responsabilidade à qual o escolhido não pode fugir”*. (PEREIRA, 1.993, p. 25) Partindo desse prisma, benzer é visto por quem benze como missão, *por isso, são intermediários entre o sagrado e o profano e o seu reconhecimento e sua identidade provêm do grupo social de origem*. (MACHADO, 2007, p.05)

Fazer parte das manifestações populares, pertencer diretamente aos grupos que dão vida atual, requer dedicação, habilidade e principalmente crer no empirismo voltado para o religioso que envolve toda a razão de ser e de se perpetuar das benzeções, como uma força que vem do alto, um sinal de Deus, sendo preciso ouvir o chamado, e crer neles.

O dom obriga. Manda. É um compromisso assumido. Ele representa certo privilégio ao dotar o escolhido de um poder especial, mas também é vivenciado no seu caráter obrigatório de atribuir uma responsabilidade à qual o escolhido não pode fugir. Desta forma, o ofício da benzeira, semelhante ao ofício do médico, mais que uma profissão, é visto como um sacerdócio (QUINTANA, Op cit, p.86).

Dom significa doação, *“gratuidade no atendimento”*. (Ibdem, p.87) Aquele que recebe o dom deve dar-se, doar-se ao trabalho. Servir o outro sempre que procurado, sem, contudo cobrar pelo seu trabalho, levando-se em conta que são somente canais de bênçãos. Todos os benzedores da comunidade não cobram nada pelas suas orações, nem pelos remédios que fazem. O sagrado não é vendido, ou seja, recebem o dom gratuitamente de Deus e não podem receber honorários por uma ação divina.

As imaginações e as crenças são termos que se analisados separadamente podem causar várias compreensões de acordo com a análise proposta ou o ponto de vista de quem analisa, mas dentro do imaginário popular, acreditar é acima de tudo respeitar as tradições como fundamento da verdade que rege o comportamento de quem delas participam. Ser parte integrante de um grupo de benzedores significa crer na benevolência que ajuda e salva, mas é também crer na imprudência que pune, quando se desvia da conduta imposta pela tradição, ou corta laços que unem as partes. Conforme nos disse a Dona Maria, rezadeira da comunidade.

A gente num pode deixar de benzer por causa da falação desse povo não, porque, se vim uma pessoa na porta da gente e a gente num quiser benzer, a gente depois que morre fica ai vagando até encontrar uma pessoa pá benzer daquela mesma coisa que ocê negou quando a pessoa veio na sua porta. Fica vagando ai igual alma penada. Por isso, é que seja quem for à sua porta ocê tem que benzer e num pode recebe dinheiro por causa disso não, por que num é ocê que curou, mais foi Deus. Jesus viveu pelo mundo curando as pessoas. Benzendo e num cobrava nada. Então num pode cobrar. “Agora, Deus ajuda a gente, porque a gente ajuda os outro.”

Percebemos pelas narrativas orais, que ser um escolhido de Deus para ter o dom da cura é ter uma cumplicidade com os fatos, e identificar-se com eles. É uma concepção baseada no sobrenatural da vivência humana, crê e incorpora em si, o mal acarretado no outro. Acreditam ser ponte, ligando o natural ao sobrenatural, material ao espiritual. Transformando dentro de si as energias negativas. São portadoras e canais de bênçãos.

Para dissipar o mal do cliente, numa relação de analogia anatonímica, a benzedora assimilaria esse mal e o reinterpretaria em seu próprio ser. Expressar-se bocejando, chutando, salivando, suspirando, empalidecendo.. Assimilando o mal, oferece-lhe um continente. Uma morada iluminada por onde esse mal permanece, é ressignificado, atenuado e transformado até que possa ser anulado, eliminado pelas forças vibracionais nela atuante; forças suplicadas por meio de rezas, preces, promessas, jejuns. Ações que são materializadas nas suas representações, nas crenças e nos rituais (OLIVEIRA, 2.006, p. 15).

Essa é uma maneira diferente de encarar as dificuldades da vida quando se busca soluções para seus problemas cotidianos, na presença respeitável na comunidade de pessoas que sejam portadoras de conhecimentos capazes de minimizar as dificuldades encontradas na labuta diária. São práticas sociais culturais permeadas de misticismo e religiosidade, advindas de sociedades que provam na sua vivência as dificuldades da vida e a luta do homem para vencer suas barreiras.

(...) a crença no mistério e na magia e sua vivência através de rituais se torna parte das experiências concretas de vida dos que se sentem à margem do progresso e de suas

vicissitudes. Ir ao curandeiro é um ato de fé, mas também é, certamente, uma prática coletiva de um grupo social do qual se faz parte. Participar enquanto crente envolve não só uma situação econômica como também uma postura cultural. Crer se vincula o pertencimento, a tradição, a memória, a história de vida construída socialmente. (Idem, p. 15)

Acreditar nos benzimentos significa partilhar valores e crenças pautadas no sobrenatural e na arte divina de curar, sendo a fé um importante requisito no processo da restauração da saúde por esta via. A sagrada escritura cita que a fé move montanhas. A fé de quem busca ser bento e o dom de curar é fundamental nesta prática secularmente construída. O Padre Geraldo em sua narrativa diz que *“a benzeção é a ligação entre a vida e tudo que Deus oferece. Ela tá ligada à vida”*.

As benzeduras são realizadas em nome de santos católicos e as pessoas que se vêem como canais de bênçãos para a cura de males tanto físicos, como espirituais são pessoas que professam sua fé ao catolicismo, existindo no Brasil desde os tempos da colonização. A religião católica era a única instituição religiosa que tinha respaldo do Estado em todo o Brasil até a Proclamação da República, tornando-se uma marca na cultura, nos saberes e fazeres. Como nos relatou o padre Ivan¹³¹, um dos narradores desta pesquisa, ao falar sobre a importância destas práticas na manutenção da religiosidade católica:

Essas benzedoras são sumamente importantes em um cenário onde muitas vezes a igreja enquanto instituição não tinha condições de fazer um papel efetivo, principalmente em decorrência da falta de material humano. Em regiões mais distantes como na Santana da Caatinga, existiam as igrejas, mas só iam padres lá em campanhas. Então, eram em sua maioria, os benzedores que exerciam na sociedade o poder de certa forma de arrebanhar, manter acesa a chama da religiosidade nestes lugares onde a igreja não conseguia ter uma liderança institucionalizada do próprio clero.

Partindo dessa reflexão, podemos observar a importância desses benzedores, principalmente das benzedoras na manutenção da fé e da religiosidade no seu local de atuação. Todos os benzedores são católicos, professam sua fé aos santos e ensinam os valores e ensinamentos religiosos, através das palavras e dos exemplos.

Podemos perceber que tanto a utilização de benzeduras, como a de ervas medicinais é parte de uma cultura oral. Sendo assim, a oralidade é um importante veículo de transmissão desse

¹³¹ O padre José Ivan é atualmente o pároco da cidade de João Pinheiro, município que integra a comunidade de Santana da Caatinga. O objetivo desta entrevista foi perceber como ele, enquanto liderança da igreja católica percebe e representa o papel exercido pelas benzedoras na comunidade, principalmente, em relação ao combate a essas práticas realizadas pelas lideranças do Movimento da Renovação Carismática desta instituição religiosa. Entrevista realizada em julho/2.006.

saber. A oralidade é sumamente importante na transmissão desses saberes, não só como forma de transmissão/recepção, mas como parte do próprio ritual, ou da prática. VERGER, estudioso da cultura africana, salienta a importância da fala para a cultura negra:

Na cultura africana tradicional, saber o nome de uma pessoa ou coisa significa que elas podem, até certo ponto, serem controladas... Entre os Iorubás a preparação dos remédios e trabalhos mágicos deve ser acompanhada de encantamentos (ofó) com o nome de plantas, sem as quais esses remédios e trabalhos não agiriam. A transmissão oral do conhecimento é considerada o veículo do axé das palavras, que permanecem sem efeito em um texto escrito. Palavras para que possam agir devem ser pronunciadas. (VERGER, Op Cit, p.35).

Não pensamos aqui nessa transmissão dos saberes e fazeres desta comunidade como um decalque da realidade e cultura africana, mas como um fazer cotidiano que vai sendo transformado, recriado, reinventado na labuta e vivência diária desses remanescentes. As práticas medicinais religiosas presentes no seio da comunidade de Santana da Caatinga são heranças culturais dos antepassados negros, que transmitam esse costume através da oralidade e do fazer cotidiano aos seus descendentes. É possível afirmar isso, quando eles afirmam ter aprendido estas práticas com os antigos do lugar e que elas sempre foram utilizadas por suas famílias para a manutenção da saúde, lembrando que afirmaram que até 1920 só havia pessoas negras na comunidade.

O contato com esses saberes possibilitou perceber a multiplicidade de significados existentes em um gesto ou uma palavra. *“Através da cultura, os objetos e ações estão impregnados de sentido”*. (STORT, 1993, p. 22) Aprendi com os benzedores a importância da fé nas orações, pois é através dela que se constitui o elo de ligação entre as divindades e os seres humanos. As benzeções ocorrem em momentos propícios e dessa forma, sua linguagem se apresenta como portadora de significados, que dão sentido à sua existência. A compreensão dessa linguagem simbólica é essencial para a compreensão desta prática.

Portanto os benzedores e raizeiros fazem com que essa prática resista às novas criações humanas, às transformações a nível de mundo, e mesmo com o desenvolvimento da ciência e das tecnologias no campo da saúde, e que prossiga atravessando décadas, cruzando séculos, de memória em memória, conservando resquícios de um passado que nunca envelhece. Porque é criado/recriado todos os dias na mágica aventura humana.

Eles têm o poder de abençoar as pessoas através de suas orações, exercendo pelo seu dom uma posição de poder na localidade, gozando de respeito por seus contemporâneos

conterrâneos, possuindo um valor social em decorrência da eficácia de suas orações, simpatias e remédios caseiros. Pereira¹³², e Gomes (2.002) estudiosos das benzeções refletem: “*A benzeção é uma fala ao inconsciente coletivo de onde se retira a doença e onde se coloca pela palavra a saúde, restaurando-se o equilíbrio. Daí advém o valor social do benzedor, cercado de prestígio pela eficácia do rito por ele exercido*”.

3.7-Experiências e Identidades - Intervenção da Igreja

Um traço marcante que percebi desde o início deste estudo na comunidade, foi uma certa tristeza e ressentimento por parte de algumas benzedoras com relação ao combate da prática das benzeções pelo movimento da Renovação Carismática da Igreja Católica responsável pela liderança religiosa da Comunidade. De acordo com os depoimentos de algumas benzedoras da localidade, em 1988 foi implantado o Movimento da Renovação Carismática na localidade e no discurso das lideranças desse Movimento na Comunidade, a utilização das benzeções consiste em uma prática pecaminosa que deve ser renunciada. Devido a este fato, algumas delas estão deixando de benzer, com ressentimento pelo fato de estarem sendo criticadas, quando acreditam estarem somente praticando o bem. Aquilo que aprenderam na vivência cotidiana como uma prática correta, pautada na generosidade e no dom que acreditam terem recebido de Deus, começa a ser vista e propagada por um Movimento da sua igreja como algo pecaminoso, o que provoca de certa forma, uma crise de identidade nestas benzedoras.

No tempo de Jesus houve um grande questionamento por parte dos apóstolos quando eles recorreram ao mestre dizendo: - Nós encontramos um homem expulsando demônios em seu nome e ele não é do nosso meio. Jesus respondeu: - “Se ele está fazendo o bem em meu nome, ele não é contra mim, mas ele é a favor de mim”. Observa-se dessa forma, com base nas narrativas bíblicas, que quem realiza o bem, age a favor de Deus. Partindo dessa perspectiva, os benzedores são pessoas que agem a favor das causas divinas.

¹³² Edmilson Pereira é mestre em ciência da religião e estudioso das manifestações religiosas e culturas populares afro-brasileiras. Estudou por muitos anos as benzeções em Minas Gerais, juntamente com Núbia GOMES

A presença da crença nessas práticas culturais é historicamente construída, pois a vida cotidiana dos moradores desta comunidade é simples, baseada nos princípios da religiosidade católica presente na região e herdada dos antepassados, conforme já narrado. Valter, ministro da eucaristia na Igreja de Santana da Caatinga mostra a persistência do seu povo na fé católica: *“Mesmo quando num teve padre aqui, nós não deixamos de ir na igreja e fazer nossas orações e celebrações, porque a igreja somos nós”*.

Oficialmente nós temos as instituições que são aceitas pela sociedade, como no caso do Brasil a Igreja Católica e outras igrejas que estão se impondo. Na realidade, podemos perceber que as instituições religiosas querem monopolizar o poder da cura. Em conversa com o já citado Padre Geraldo sobre o tema, ele reflete:

Se você vai a um dos movimentos da Igreja Católica ou de outras igrejas, por exemplo, o movimento pentecostal, ele é um combate ferrenho as benzeções e as tradições do povo, especialmente as que vêm de tradição afro-brasileira. A afirmação deles é que tudo isso é do capeta, tudo isso é do demônio, você tem que se libertar disso, que isso é que esta atrasando a sua vida. Isso é sinal de atraso de vida. Só que eles esquecem que eles fazem à mesma coisa...

Consideração que os carismáticos realizam imposição das mãos e pedem em oração, rogando a Deus a cura de enfermidades, utilizando muitas vezes óleos e água benta. Os evangélicos também fazem imposição das mãos, utilizam óleos santos para ungir e pedem a Deus pela cura das doenças de seus servos. Seria esta uma ressignificação ou apropriação do benzimento, porém com um outro nome e feita de uma outra forma?

Pode-se observar aí a concepção de que a igreja possui legitimidade para dar a benção, a benzedeira ou benzedor, pessoa simples, muitas vezes iletrada, não a possui. No entanto, é preciso refletir, pois muitas igrejas evangélicas são também instituições que fazem uso no cotidiano das orações, realizam imposição das mãos, utilizam objetos como sal, óleo santo, água benta nas suas celebrações e momentos de oração. Algumas realizam rituais para afastar espíritos maus, semelhantes a sessões de descarrego. Por que estas igrejas podem utilizar deste tipo de oração e método de cura e condenam as benzedoras por suas práticas? São em sua maioria instituições religiosas de movimentos pentecostais que trazem embutidas em seu discurso toda uma carga de valores e crenças que não levam em consideração outras realidades ou perspectivas diferentes da sua.

E uma apropriação de práticas historicamente construídas. Seriam esses ritos praticados em igrejas e movimentos pentecostais uma ressignificação, ou reapropriação dessas práticas? Analisa ainda o padre Geraldo: “*Através do fenômeno pentecostal, eles apropriaram no pastor, o dom da cura. Como tem alguns padres da Renovação Carismática. O fenômeno pentecostal é de trazer a cura para aquele que está apto a exercer a função.*” Numa questão mais livre, a benção, a cura, ela vem pelo dom e não pela instituição.

Seria essa uma forma dessas instituições religiosas arrebanharem fiéis e querer minimizar a importância daquilo que não é institucionalizado? Por isso há esse combate e entra os benzedores e outros cultos que tenham uma outra história e uma outra tradição?

Pode-se observar que neste cenário, muda o emissor, mas a prática continua só com nova roupagem. Estão mudando o nome daquela ou daquele benzedor, pelo nome do pastor ou do padre. É uma prática de apropriação. Vêm legitimidade nas suas práticas e ritos por conceberem na sua religião a Instituição da bênção. Continua em suas reflexões o mesmo Padre Geraldo em suas narrativas:

Na verdade, Porque que a Dona Maria num pode continuar benzendo e eu padre, posso benzer? Porque a benção num tem instituição da benção. Num tem ministério de benção, porque a benção, ela é inerente, é Deus que dá. O dom de curar as pessoas é Deus que dá. “Pode dar a um super-letrado, como pode dar a um analfabeto”.

Com base nesta reflexão, é possível perceber que a benção não é inerente a uma instituição, mas parte da concepção de ser abençoado por Deus para ser um intermediário da cura, um mediador. Estas práticas não são vistas muitas vezes com bons olhos por algumas instituições religiosas, lideradas e vistas sob diversos olhares e perspectivas diferentes. A sua forma de “fazer é correta” e deve ser seguida, mas, aquelas práticas de cura ligadas a outras vertentes devem ser renunciadas porque se constituem em pecado. As apropriações e rejeições de algumas práticas, as quais são muitas vezes geradoras de conflitos. Pereira reflete:

Não é raro o fenômeno da migração de devotos de uma de uma prática religiosa para a outra, o que gera cisões e conflitos, mas configura também novos quadros e relacionamentos entre o sagrado e o tradicional e os valores da sociedade contemporânea (PEREIRA, op. cit, p.2).

É importante destacar aqui que os relatos de combate às benzeções são oriundos do Movimento da Renovação Carismática, pois não há Instituições evangélicas no local. Analiso

aqui as muitas visões existentes dentro da própria Igreja Católica. Na realidade, pela diversidade de olhares e práticas, parece haver várias igrejas dentro da mesma instituição. Que negociações há dentro desses múltiplos papéis exercidos pela igreja?

A religiosidade e os novos significados diferenciam-se. As formas diferentes de ver e praticar a religiosidade possibilitou-me fazer uma nova leitura das muitas igrejas presentes dentro da mesma igreja. A Igreja do Padre Geraldo, negro, adepto da causa da negritude e da cultura afro é diferente da igreja do padre Ilton que assumia uma postura de neutralidade diante dessas práticas de benzimentos. Afirma o Padre Ilton *“Eu não incentivo pra pessoa ficar procurando, mas não condeno quem vai. Isso lá na Caatinga é forte, mas não incentivei nem condenei.”* Pode se observar que o significado desta, de certa forma, diferencia-se também na visão do Movimento que implantou a carismática na comunidade e falava em renuncia a essas práticas. Outra igreja, diferente é aquela das benzedoras e benzedores de Santana da Caatinga permeada pelo catolicismo popular, que na prática e vivência cotidiana diferencia-se do catolicismo do vaticano. São leituras e modos diferentes de conceber e praticar a religião. Não é possível falar em homogeneidade ao se referir à igreja católica e a nenhuma outra instituição religiosa.

As práticas de benzeções são vistas como um dom de Deus de abençoar as pessoas. Tem pessoa que põe a mão ali, realiza suas orações e a outra já está curada. Partindo desse parâmetro, a bênção não está no benzedor, pois ele só é um instrumento. O efeito positivo dela é a fé do penitente, do paciente, ou da pessoa que confia no Deus que tudo pode. Padre Geraldo continua em suas reflexões:

A pessoa que benze é só mediadora, ela é o canal. Alguém que possibilita que você encontre aquilo que você sempre procurou. E quando nós falamos que a sua reza é inferior a minha, nós estamos levando em consideração o que? A sua postura na sociedade em relação à postura do outro?

Sábias reflexões do padre Geraldo. Temos a presunção de falarmos de nosso lugar, pensando sermos muitas vezes o dono da verdade. Avaliamos, emitimos juízo de valor e muitas vezes partindo de novos valores e padrões culturais desrespeitando o limite e a existência do outro. A partir de um paradigma de fé, valoriza-se um e desvaloriza outro.

No fazer cotidiano da comunidade, podemos perceber que muitas práticas permanecem em se tratando da vida religiosa, muito embora, haja também rupturas. Analisando a trajetória histórica, é possível observar que muitas transformações ocorreram ao longo do tempo no campo

religioso. Entre elas, o surgimento de movimentos pentecostais¹³³, seja através da adesão de uns poucos membros da comunidade à igreja protestante, seja no interior da própria igreja católica através do movimento da renovação carismática¹³⁴ implantada na comunidade em 1998, quando a igreja da localidade ficou sem assistência religiosa por parte do padre responsável por aquela localidade. Membros que lideraram o trabalho na comunidade combateram alguns aspectos da religiosidade desses remanescentes ligados à religiosidade afro, condenando também a prática das benzeções, considerando-a como sendo uma prática pecaminosa que devia ser renunciada.

Observando a comunidade, é possível inferir que esse movimento atualmente não é forte no local. Foi mais intenso na época de sua implantação, mas com a retomada das visitas mensais do padre, esse movimento não cresceu. No entanto, essas benzedoras são pessoas “sistemáticas” e muito religiosas, ficando muito chateadas com essa postura da Igreja. No entendimento delas, tudo que vem da igreja é sagrado e deve ser seguido, interferindo assim, na identidade delas.

Fatores externos à própria comunidade, acabam por, de certa forma, afetar à crença e a própria prática, influenciando de algum modo a auto-significação da prática do ofício para algumas benzedoras e até para algumas pessoas que buscam a prática da benzedura, levando algumas vezes esses atores sociais a fazerem uma releitura de si mesmos. Principalmente sobre a utilização das orações, com o intuito de ligar o material ao espiritual, numa concepção de vida e saúde ligada a questões sobrenaturais. Assim nos disse uma de nossas narradoras¹³⁵, benzedora e católica, falando com um misto de indignação e tristeza sobre o fato:

Eu benzo tem muito tempo, desde mocinha nova. Eu sei benzer de muita coisa, até de mordida de cobra. Eu já benzi de tudo que foi jeito que nesse lugar. Gente de todo jeito, nova, veia, e de muita coisa diferente. Eu sei benzer de espinhela caída, vento-virado, sol na cabeça, cobreiro, sapinha, dor dente, mal-olhado... Um tanto de coisa. Mas.. Hoje, eu num tô querendo mais não, porque esse padre aí, tá falando que é pecado, que é pra gente renunciar a benzeção... Agora ocê vê? Abaixo de Deus, pra nós aqui, o que

¹³³ Na complexa conjuntura religiosa atual, um dos destaques é o avanço do fenômeno pentecostal, numa grande variedade de movimentos e igrejas. Constata-se também a expansão do movimento carismático no seio das igrejas mais tradicionais do protestantismo ou no interior do catolicismo, com repercussões não apenas religiosas, mas também sociais políticas e econômicas.

¹³⁴ Movimento da Igreja Católica, com características pentecostais. A Igreja Católica Romana no Brasil começa a sofrer influência dos movimentos pentecostais através da Renovação carismática, um movimento originário dos Estados Unidos da América

¹³⁵ Moradora de Santana da Caatinga. Pratica o ofício de benzedora desde a época de sua mocidade e possui um conhecimento grandioso acerca da utilização de plantas para a manutenção da saúde. É filha de pessoas que residiam na localidade muito antes do seu nascimento em 1.930.

curava era isso... É um dom que é dado por Deus. Como é que pode sê pecado? (grifos meus)

Essa mudança ocorre na auto-significação, mas influencia também na forma de serem vistas no seu local de vivência, pois nas celebrações religiosas estão presentes pessoas que fazem uso dessas práticas e de certa forma, as lideranças religiosas ao falar das benzeções como pecado, propaga uma imagem negativa de quem pratica o ofício, pessoas estas que no decorrer da história foram sempre bem vistas no lugar.

Como se situar enquanto possuidoras de um dom que Deus lhes deu e que sempre utilizaram para fazer o bem, mas que de repente, torna-se algo pecaminoso e que deve ser renunciado? Isso provoca muitos conflitos internos causando muitas vezes, crise de identidade.

Mas, em que pese à interferência religiosa, é possível perceber que há algumas permanências destas práticas ainda hoje. A própria existência dos rituais de benzedura, mesmo que sejam estes mais silenciosos, e que os benzedores apresentem um pouco de resistência, alegando muitas vezes nos discurso não mais benzerem. Na realidade, estas práticas continuam a existir, recriando-se, Elas “*transformam seu mundo, suas necessidades e seus valores*” (OLIVEIRA, op. cit, p. 66). Enquanto as pessoas tiverem fé, as orações, as benzeções continuarão a existir.

As práticas culturais estão sendo recriadas e recicladas, mas o fato é que enquanto os homens acreditarem em um poder superior ao seu para estabelecer certo grau de harmonia e ordem em suas vidas cotidianas, enquanto o emocional necessitar do religioso para encontrar equilíbrio e paz, a busca pelos rituais mágicos continuará em uso. (MACHADO, 1998, p 245)

Quando alguém da comunidade necessita, eles oferecem seus préstimos, mantendo viva a concepção de que a benzeção é um dom gratuito de Deus, uma missão. Portanto, devem ajudar a seus semelhantes quando estes necessitarem. Esta postura e o sincretismo que desvela as táticas adotadas e o modo de resistência interessaram a esta pesquisa.

Há benzedores e raizeiros que se orgulham em repassar esta tradição herdada dos antigos, porém em Santana da Caatinga, em sua maioria os benzedores preferem manter o ofício em sigilo diante de pessoas que não são da comunidade, só admitindo que praticam o ritual da benzedura diante das pessoas do seu grupo. Nesse sentido, analisa o padre Geraldo: “*Se você chegar na Caatinga procurando pelas benzedoras de lá você num vai achar nenhuma. Elas não falam que benzem. Mas se você chegar lá com seu filho doente, precisando de uma oração elas benzem. Não falam, mas não negam o dom. Fazem do silêncio uma arma. O silêncio é a arma do fraco.*”

Um olhar sobre a cultura popular do Noroeste mineiro, principalmente na região de Santana da Caatinga, João Pinheiro, área pesquisada, leva-nos a crêr que o processo de manutenção/construção/reconstrução/ressignificação da mesma não é linear, é cheio de idas e vindas, de avanços e retrocessos, do novo e do velho. As religiões e crenças afro-brasileiros são um exemplo de resistência. Podemos perceber que as transformações que ocorrem ao nível de mundo acabam por, de alguma maneira, interferir no cotidiano, nas crenças e religiosidade daquele povo. O visitante que vai à comunidade, os movimentos religiosos, tanto da doutrina católica, quanto a chegada dos primeiros protestantes da localidade, são movimentos externos à comunidade, que acabam de certa forma, afetando à vivência na localidade.

Nessa tradição, podemos lançar olhares sobre a oração dedicada a São Bento, divindade católica, rogando-o para proteger contra picada de cobra, como nos ensinou o Sr. Arnaldo, morador da localidade que pratica o ofício de benzedor desde a época em que era jovem. Tanto ele, como outros membros de sua família sabem benzer e dedicam-se ao uso da flora como um recurso importante para a manutenção da sua saúde e de seus conterrâneos. Afirmou benzer de várias coisas, mas o que mais benze é de cobreiro, mau-olhado e bicheira. Assim ele ensinou:

O que é que eu corto?
Cobreiro brabo
Assim mesmo eu corto;
Corto a cabeça, meio e rabo.
Cobreiro de lagartixa, cobra,
Bicho preguiça, mandruvá, sapo,
E todo bicho peçonhento, eu corto;
A cabeça, meio e rabo.
Na frente vai são Jorge,
Cortando a goela do dragão,
distrais eu vou cortando cobreiro bravo,
corto a cabeça, meio e rabo.
Em nome de Deus eu corto.

Observa-se assim, que a oração aprendida, é concluída em nome de Deus, divindade suprema, capaz de curar todos os malefícios humanos. Se com um benzimento somente não desaparecer os sintomas do cobreiro, o qual pode ser causado por diversos tipos de animais, deve-se proceder ao ritual outras vezes.

Ele ensina também a oração que aprendeu desde menino e realiza todas às vezes que sai de casa, principalmente quando sai para o cerrado.

São bento, água benta.
Jesus cristo no altar
Abri esses caminhos
Que neles quero passar

Esta oração é usada pelo senhor Arnaldo todas as vezes que sai para o mato para fechar o corpo protegendo-se contra os perigos. No entanto, percebi que a mesma é utilizada também por pessoas que não são benzedores. A maior parte dos catinguenses mais velhos com quem conversei se benzem na hora de sair para o mato. O Senhor Guilherme, disse que ao sair para sua roça, na vazante do rio, ele se benze com a oração dedicada a São Bento, pois na sua roça há muita cascavel e afirma que apesar de vê-las com freqüência, nenhuma nunca o picou.

Os benzimentos variam de acordo com o interesse da pessoa que busca a prática, podendo ser de ordem física como retirar um espinho encravado na garganta. Sendo este de caráter preventivo e curativo, como na oração acima em que se busca prevenir contra picada de cobra, como nos disse o Senhor Geraldo, benzedor da comunidade. *“Sempre que eu vou saí pro mato bater um pasto ou prá capoeira, onde tem mato fechado eu rezo prá “fechar” o corpo. A gente pode até ver a cobra mais ela num vai pro lado da gente. Quando eu vou topar com uma, eu sonho com ela de noite, ai é certo, no outro dia eu vejo”*. Na função curativa, realiza-se a oração para trazer o alívio ao ofendido pela cobra e *“essa morre no lugar onde ela tá, só com a força da oração”*, afirma o Senhor Geraldo.

Na realidade são tênues os limites entre religião e magia e essa aproximação já era percebida e sentida desde tempos antigos onde o *“temor a estes curandeiros por vezes advinha do fato que eram tênues as distancias entre o poder de curar e o de causar doenças e mesmo a morte.”* (FURTADO, 2005, p. 99) A diferença consiste mais no plano conceitual, pois na prática, muitas vezes magia e religião se entrelaçam.. Muitos benzedores habituem utilizar “orações fortes” como formas de proteção, para apartar brigas, tirar cobras, lagartos de uma roça, mas também, há aquelas utilizadas como vingança, ou com intuito amoroso visando conquistar alguém desejado, separar casais, e uma imensa gama de desejos. Verger descreve essas oposições, trabalhos e orações benéficas e maléficas:

As diferentes preparações usadas... Cobrem uma imensa gama de receitas medicinais e trabalhos mágicos, podendo ser maléficas ou de proteção. É difícil separar quais dentre elas pertencem ao campo medicinal e quais ao mágico, pois, eles são fundamentalmente interligados (VERGER, Op Cit, p. 69).

Como nesse mundo de religiosidade e tradição, não se penetra por um acaso, às tradições continuam de geração em geração, levando adiante um costume que atravessa os séculos, desafia avanços e mudanças de costumes e perpetuam entre as gerações. Pensamos aqui tradição não como algo pronto e acabado, cristalizado. Mas algo que muda, que se transforma, recria. Estes hábitos vão sofrendo adaptações á seu tempo, para se adequar às transformações do novo mundo, Sobrevive através das heranças que recebe do passado e permanece inserindo em seu contexto novos benzedores e raizeiros, na busca pela sua continuidade: Como nos diz Lucas, filho de uma benzedeira: “*Minha mãe diz que eu tenho o dom, mas que ainda não é hora de me ensinar*”.

Com base nesta narrativa, podemos perceber que na crença popular, benzer é um costume que precisa ser repassado para ter continuidade, mas precisa ter o momento e a pessoa certa. Muitos benzedores acreditam que ao ensinar o ofício, o benzedor está também passando o dom para o outro, o poder da divindade, como se ligassem e desligassem em um nível espiritual e ao ensinar o ofício transmitisse ao outro o poder de curar. A professora Thereza reflete em relação a esse aspecto em colóquio gravado em um de nossos encontros para orientação, quando versa sobre esta questão de preservar a tradição por essa via presente no imaginário popular em relação a várias práticas, tais como a sabedoria popular de preservar o dom e o talento de tocar viola. Em outros casos, a pessoa que vai receber o dom deve obedecer a alguns requisitos.

É possível perceber nas representações das benzedadeiras, o desinteresse dos mais jovens em aprender o ofício. Assim relata dona Conceição¹³⁶. “*As minhas menina ninguém quis aprender. Mais uma pessoa só ensina quando num fô mais benzer porque quando ocê ensina prá outra pessoa mais nova, ocê passa pra ela a sua força. Então ocê só deve ensinar quando ocê num for mais benzer.*”

O Senhor Geraldo nos disse que a benzeção faz parte da tradição deles, do costume do povo local. De que forma estas tradições contribuem para a preservação da identidade deles?

Buscar entender um pouco da identidade desses benzedores é relevante para perceber como estas práticas foram sendo culturalmente construídas, mas é preciso levar em consideração que identidade não pressupõe homogeneização, pois ela é por excelência, diversidade. Os fios que compõe o delicado tecido social são resultantes de uma pluralidade de identidades

¹³⁶ Pseudônimo utilizado para definir uma das benzedadeiras que não quis se identificar. Pratica o ofício há mais de cinquenta anos, moradora da região desde que nasceu, praticava também o ofício de parteira. Entrevista realizada no segundo semestre de 2.006.

compreendidas no presente a partir de um trabalho de reelaboração da experiência do passado, e de forma que este passado contribui para a permanência destas tradições transmitidas oralmente no seio da comunidade.

Falar em identidade desses benzedores significa pensar na sua História, na sua cultura, pois não se constrói uma identidade sem levar em consideração aquilo que houve e também o que não houve na sua história, o que ficou ou não na memória. Até mesmo a imagem que fazemos de nós mesmos foi historicamente construída. Foram vários os elementos que foram se juntando, agregando, consolidando, até construí-la no decorrer do tempo, resignificando e reelaborando-a.

As identidades não estão sendo mais definidas sob o prisma biológico, mas, construídas/reconstruídas historicamente, tornando-se identidades plurais, pois podemos assumir diferentes identidades de acordo com o momento ou com a situação em que estamos vivendo. Na visão de Hall o homem:

Assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identidades estão continuamente deslocadas. (Hall, 2001, p. 13)

Vivemos hoje um mundo de incertezas, de mudanças de valores... Até nós mesmos estamos constantemente mudando, por causa de fatores internos e externos. Hall nos diz *que uma identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.* (HALL, 2001, p. 4) Por isso, quando alguém afirma: “*sou assim e não mudo, este é meu jeito de ser*” não deixa de ser uma concepção unificada de identidade e de resistência às mudanças. No entanto, mesmo sem perceber, esta pessoa vai mudando sua forma de pensar no decorrer do tempo. A identidade não é mais vista como algo estático, fixa, cristalizada e indiferente ao mundo e às transformações que nele ocorrem. Portanto, a forma como esses benzedores se vêem, diversifica-se de um para o outro, alguns falam da prática com naturalidade, outros mudam de assunto ao se mencionar as benzeções. Entretanto, percebi no primeiro contato, que todos eles, refletiram por alguns minutos antes de se reconhecerem como benzedores diante de mim.

Silva diz que “*identidade é simplesmente aquilo que se é*”. No entanto, ele alerta que a identidade assim vista, *ela “é ‘independente e autônoma e tem como referência a si própria.’*” (SILVA, 2003, p. 73-74) Se pensarmos que a identidade é apenas aquilo que se é, corremos o risco de não percebermos a diferença, o outro. A identidade não pode ser vista só desta forma.

Este autor continua a nos alertar que: “A diferença também é concebida como uma entidade independente... A diferença tal como a identidade, simplesmente existe, a diferença é aquilo que o outro é” (idem, p.74), seguindo sua linha de raciocínio, ele nos alerta para a tênue distância que existe entre elas: “Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis.” (ibidem, p.75) Podemos concluir desta forma, que a identidade é interdependente da diferença. De certa maneira, aquilo que eu sou é o que me diferencia do outro, mas é a partir da união da identidade e da diferença que está a formação da identidade e não da oposição do eu e do outro. É importante lembrar que a identidade e a diferença são culturalmente e socialmente construídas, ou seja, são criações imaginárias construídas no contexto social e cultural.

Em entrevista com os benzedores e raizeiros da comunidade de Remanescentes de Quilombo de Santana da Caatinga, alguns deles foram claros ao afirmar que eram benzedores do bem, que não faziam mal a ninguém com suas orações, diferente daqueles benzedores que faziam uso de orações fortes para prejudicar os outros. Assim nos conta o Sr. Geraldo¹³⁷,

Eu benzo, mas só pra fazer o bem. Reza braba eu num sei não. Benzo de dor de dente, espinhela caída, pra tirar lagarta de roça, mordida de cobra... Mas eu num benzo pra matar a cobra não, só pra sarar a pessoa que tá ofendida. Benzo pra fechar o corpo contra mordida de cobra a hora que vou sair pra trabalhar, bater pasto. Eu limpo cada capoeira suja, num encontro com uma cobra... Só rezo pra coisa boa, pra fazer o mal, não. Tem gente que faz oração pra pôr dor de dente nas pessoas. Pra mandar cobra, lagarta, pra roça dos outros. Eu só benzo prá tirar das roças. [...] A gente reza em três cantos da fazenda e deixa um que é para as cobras, insetos, seja lá o que for que a gente tiver benzendo, sair da roça. Ai a gente manda eles pra um lugar que num tem gente, onde num vai fazer mal pros outros. Eu procuro fazer minhas orações só pra ajudar os outros.

Desta forma, percebo que estes se reconhecem como pessoas que tem o dom da cura através das suas orações, reafirmam sua identidade social como benzedores, mas se diferenciam dentro desse grupo, ressaltando que, utilizam suas preces e orações somente para fazerem o bem, permitindo ler que há dentro deste grupo identificado como benzedores, pessoas que utilizam orações e preces para prejudicar ou fazer mal às pessoas. Na entrevista com os benzedores e raizeiros da comunidade, mesmo aqueles os quais não mencionaram nada com relação às rezas “bravas”, fizeram questão de frisar que só benzem para fazer o bem. Desta forma, mesmo que

¹³⁷ É um senhor de 51 anos, residente na comunidade desde seu nascimento, trabalhador rural e exerce também o ofício de benzedor. Entrevista concedida no segundo semestre de 2.006.

não tenham se referido aos outros ao afirmarem que são benzedores do bem, já destacaram sua diferença com aqueles benzedores que se utilizam das rezas para prejudicar os outros, dizendo implicitamente “eu não sou do mal”. Estabelecendo assim, sua posição e a do “outro”.

Assim sendo, identidade não pode ser definida somente de uma única forma, ela é relacional, construída e percebida a partir da relação com o outro, em relação ao outro. Mesmo que essa relação seja às vezes, conflituosa. Relacionar-me com o outro que é diferente de mim, com expectativas e valores diferentes, resulta em relação nem sempre harmônica, podendo haver certa tensão, pois identidade também é uma relação de poder.

Caminhar pelos caminhos das crenças religiosas, principalmente no que diz respeito às benzeções e a medicina popular apresentam-se como instigante, mas ao mesmo tempo difícil, pois, lida com a fé e a crença das pessoas. Machado diz que:

Este é um território demarcado por uma ordem de relações e de poder. O que realmente conta é de um lado a fé e do outro, o dom de curar, a premonição, a intuição e a sensibilidade aflorada, enunciada É o mundo da magia, expresso por códigos de linguagem, pelo ritual em que o símbolo, o gestual, reinaugura o contato entre o material e o espiritual. (MACHADO, Op. Cit, p.234).

Quem benze acredita que este é um dom que recebeu de Deus, que não há uma explicação científica para esses processos de cura, apenas percebem a sua eficácia com a cura daquele que veio pedir sua oração. Quem benze tem o poder de pedir pelo bem ou mal daqueles que se submetem às suas orações. Da mesma forma, quem procura as benzeções tem também o poder de facilitar ou não a sua melhoria através da oração do benzedor, pois sua melhoria depende também do seu poder de crer ou não, na eficácia da oração feita por quem está benzendo. Nas sagradas escrituras, diz que a fé move montanhas (Mc 11: 23). Partilho nesse momento, uma experiência de vida quando era ainda adolescente. Estava eu acometida por uma infecção na raiz de um dente e sofria dores fortes. Meu avô, na sua sabedoria de homem simples e conhecedor do ofício da benzedura, disse: _Se você tiver fé, eu posso benzer seu dente e ele vai sarar. Após algumas orações feitas por ele em sussurro, a dor foi aliviando e nunca mais doeu. Como se explica cientificamente esse fato, uma vez que o dente estava completamente infeccionado e nenhuma intervenção medicamentosa foi feita?? A fé ou o poder da oração? Por que duvidar que ocorra com os outros se ocorreu comigo?

Eles têm o poder de abençoar as pessoas através de suas orações, exercendo pelo seu dom uma posição de poder na localidade, gozando de respeito por seus conterrâneos, possuindo um valor social em decorrência da eficácia de suas orações, simpatias e remédios caseiros. Pereira¹³⁸, e Gomes (2.002) estudiosos das benzeções refletem: “*A benzeção é uma fala ao inconsciente coletivo de onde se retira a doença e onde se coloca pela palavra a saúde, restaurando-se o equilíbrio. Daí advém o valor social do benzedor, cercado de prestígio pela eficácia do rito por ele exercido*”. Esses benzedores são vistos na comunidade com bons olhos por seus conterrâneos e até pelos turistas que vão à Santana da Caatinga, pela eficácia das suas orações e pelos préstimos às pessoas que os procuram quando deles necessitam, práticas estas que os define diante da comunidade numa relação de poder.

Não são os profissionais populares de cura que definem ou afirmam politicamente, na sociedade, o que eles mesmos são e o que eles fazem. Aliás, não estão preocupados em fazer isto. Eles produzem o seu ofício. Vivem-no na sua concepção e plenitude. Constroem a sua história no estreito espaço em que podem fazê-lo. A sua identidade é vivida de dentro da sua cultura, e, mais particularmente, da sua categoria profissional, mas é afirmada politicamente de fora (Oliveira, Op cit, p.63).

Ao refletir sobre a questão identitária, é possível perceber como ela está imbricada na forma como o outro a vê. Esse discurso de benzeção como uma prática pecaminosa e ligada à feitiçaria, tem feito com que algumas benzedoras desta localidade estejam se negando à prática da benzeção, por causa de certos estereótipos que são criados em relação a quem benze, interferindo na identidade dessas benzedoras. Assim relatou com muita tristeza e certo rancor, uma de nossas narradoras, com 65 anos, moradora desde menina em Caatinga.

Eu fico com muita raiva desse povo que fala que a gente é feiticeira, só porque a gente benze, fala que nós passa uma mão em cima, outra embaixo, que isso é feitiço. Eu num benzo pra fazer mal prá ninguém. Só faço o bem. Então por causa disso eu num benzo mais. Os outros ficam falando, que a gente é feiticeira... Eu acho que o verdadeiro mal que existe é a inveja. A inveja, este é o maior mal que tem. Ela mata. Destrói. É direto gente querendo. Benzer de mal-olhado. A pessoa vai mufinando.... mufinando... Inveja mata. Esse que é o verdadeiro feitiço

É possível observar a associação feita por algumas pessoas, da figura da benzedora às práticas de feitiçaria, o que causa desconforto a essas personagens, pois é uma ligação que de certa forma, produz uma imagem negativa. Todos os benzedores tiveram a preocupação em se

¹³⁸ Edmilson Pereira é mestre em ciência da religião e estudioso das manifestações religiosas e culturas populares afro-brasileiras. Estudou por muitos anos as benzeções em Minas Gerais, juntamente com Núbia GOMES

identificarem como benzedores que praticam o bem, trazendo uma valorização positiva a sua imagem.

É muito comum estes profissionais não gostarem do rótulo de curandeiros, macumbeiros. Ao pressentirem esses rótulos, eles buscam contrariamente, meios de resgatar o outro lado de sua identidade. aqui, os adjetivos de bons, honestos, eleitos, escolhidos, caridosos e missionários são utilizados com muita frequência. (OLIVEIRA, op. cit, p. 62)

Na realidade, creio que a grande questão não se trata de aceitar ou não as práticas da benzeção e as outras manifestações de fé que vão surgindo, levando-se em conta que a identidade não é fixa, estática, mas móvel. Ela é constantemente construída/reconstruída no decorrer do tempo sofrendo interferências internas e externas. É preciso entender as manifestações religiosas como parte da cultura, das crenças e da própria vivência cotidiana e principalmente, que sejam respeitadas. É importante analisar a cultura dos diversos povos, pois as pessoas têm que ser respeitadas em sua cultura, na sua História e na sua memória.

Este estereótipo com relação a quem benze na comunidade de Santana da Caatinga não é um fato recente, pois era comum no município de João Pinheiro, os catinguenses serem vistos no imaginário popular como feiticeiros, curandeiros, macumbeiros, enfim, pessoas com as quais deveriam ter cuidado, devido a sua ligação com as práticas religiosas “duvidosas”. Talvez seja por isso que os possuidores desta sabedoria procuravam frisar que somente benzem para o bem, se identificarem como tementes a Deus e que era Jesus quem curava.

Nessa relação de diferença, do eu e o outro, pode-se perceber também o estranhamento com relação ao “forasteiro”, pois para as pessoas do lugar se identificam como benzedores e praticam a benzeção, mas diante do diferente, daqueles que não fazem parte da comunidade de Remanescentes, alguns não admitem serem benzedores. Isso foi claramente sentido por mim nos primeiros contatos com o grupo, pois as pessoas que praticavam este ofício se mostravam arredias e negavam exercer o ofício, afirmando não saberem ou que não benzem mais. Uma identidade assumida ou não, de acordo com a circunstância ou da pessoa com a qual estavam identificando. Por ser eu “forasteira” no grupo, muitos desses benzedores não se reconheciam como portadores dessa sabedoria diante de mim. Foi preciso estabelecer laços, fazer amizade e cativar a confiança deles para que se sentissem à vontade para falar sobre o assunto.

Pereira aponta a presença e o papel dos núcleos religiosos e populares no Brasil:

Benzedeiras e benzedores, por serem um sujeito dentre os demais, eles não só exercem a influência sobre o grupo, como também assume a responsabilidade de entender, preservar, e distribuir os sentidos dados palavra sagrada. Se pensarmos especificamente nas benzedeiras e benzedores, esse fato se torna evidente à medida que ambos entendem que são portadores de uma palavra “emprestada por Deus”. (PEREIRA, 2.002, p. 5)

Mesmo com a presença maior da Igreja na comunidade, seja por via direta com as visitas do padre ou de forma indireta com os elos que o mesmo mantém, via liderança no grupo social, a presença das pessoas que possuem o dom da oração e realizam as práticas de benzedura e de recursos naturais com fins medicinais, não perderam a importância..

Foi importante refletir sobre como esta prática vai se institucionalizando na comunidade remanescente, sendo que muitos deles afirmaram terem aprendido a benzer com parentes ou com pessoas mais velhas da localidade. Os benzedores são em sua maioria pessoas idosas, havendo certo desinteresse das pessoas mais jovens da comunidade em aprender o ofício, apesar de sempre procurarem esses benzedores para serem bentas. O que nos permite perceber que o desinteresse maior não está no ritual, mas em ser o protagonista deste, ao aprender o ofício.

Com base nos argumentos norteadores e análise de sentidos à luz de referenciais da História Cultural, foi possível perceber indícios de que, as dificuldades encontradas no dia-a dia desses remanescentes de quilombo, tais como a distância em relação às cidades maiores da região, carência de investimento em educação, falta de recursos médicos, farmácias, remédios, hospitais, recursos tecnológicos, dentre outros, possibilitaram o fortalecimento de crenças fincadas na solidariedade, reciprocidade e ajuda mutua, podendo fortalecer elos identitários e de sociabilidade, oferecendo respostas concretas para minimizar problemas cotidianos advindos da lida com o par saúde-doença, em um cenário onde a memória tem um papel primordial.

CONCLUSÃO

Não tenho a pretensão de tecer uma conclusão definitiva sobre o tema, sendo este estudo fruto de um olhar, lembro que outros olhares podem ser lançados a este mesmo objeto e outras respostas poderão ser encontradas. São estas considerações tecidas a partir das perguntas feitas a este objeto, de acordo com os propósitos desta pesquisa, dos diálogos estabelecidos com autores que partilham do solo da História Cultural e das incursões feitas com base no diálogo com outras áreas do saber, tais como a geografia, antropologia, sociologia e psicologia. “*Nenhum texto aparece saturado de sentido, transparente, e exige sempre uma decifração contínua.*” (REIS, 2.002, p. 20).

O cotidiano é feito de modalizações e práticas que atravessam o fazer humano. Temos uma modalização que é a prática da religiosidade e a lida com o par saúde X doença. Se ao historiador cabe contar uma história, a idéia principal deste trabalho consistiu em contar esta história, entrecruzando temporalidades, pois não utilizei material apenas do presente, incursionei em outras épocas quando foi necessário. Neste cenário do cotidiano, lancei um olhar mais detido sobre os benzedeiros e raizeiros, mas não abstrai a cearização como um todo, pois procurei narrar uma história, as práticas cotidianas deles, sublinhadamente as rezas, os benzimentos e a utilização das ervas medicinais.

Mesmo com a presença maior da Igreja Católica na comunidade, seja por via direta com as visitas do padre ou de forma indireta com os elos que o mesmo mantém, via liderança no grupo social, a presença das pessoas que possuem o dom da oração e realizam as práticas de benzedura e o uso de recursos da natureza com fins medicinais, não perderam a importância.

Retomando as inquietações deste trabalho e os diálogos com os referenciais, foi possível perceber um cotidiano pleno de permanências, reelaborações, táticas e embates, sobretudo em relação às benzeções e utilização de ervas.

Ao refletir sobre a identidade é importante analisar o papel da memória e da história, por isso foi importante conhecer a trajetória de vida desses homens e mulheres anônimos na História, sendo o passado, a questão básica na construção da identidade, ou seja, é um traço fundamental e constitutivo da mesma. Nós nos identificamos a partir de nossa história, nossa família, nossos costumes, nosso lugar e cultura.

Desconheço estatística que aborde o percentual de pessoas no Brasil, homens e mulheres, que se dedicam à prática das benzeções e ou possuem o conhecimento sobre as ervas medicinais, bem como daquelas que delas que fazem uso. Mas é possível inferir que apesar de ter sua origem no meio rural, esta prática tem se estendido pelas cidades e mesmo com o crescimento urbano, além das muitas outras tendências religiosas oriundas deste mundo globalizado, os benzedeiros e raizeiros continuam presentes no seio de nossa sociedade. Isso nos leva a refletir que se eles permanecem, é porque são procurados e porque ainda existem pessoas que crêem na eficácia dessas orações e na utilização de recursos oriundos da fauna e da flora. Portanto, a existência desses atores sociais, sinaliza que apesar das muitas rupturas, ainda há permanências, mesmo sendo ressignificadas e recriadas no contexto histórico. Estas práticas permanecem porque as pessoas ainda crêem que são eficazes, ainda tem fé. A fé é um requisito importantíssimo, tanto a fé em Deus que tudo pode, quanto no benzedor ou benzedeira que é um instrumento de Deus para intermediar a cura. A utilização de raízes e ervas constitui-se também como um elemento importante na tradição desses remanescentes. A lida com as ervas, o conhecimento, as orações fazem parte de uma sabedoria que está imbricada no cotidiano deles, por isso a realização desta reflexão importante sobre a lida com o par saúde X doença e o papel exercido por esses benzedeiros e raizeiros.

Estas permanências constituem-se em um elemento de afirmação cultural, uma forma de resistência. São experiências identitárias. Crer e praticar neste caso significa a noção de pertencimento à cultura, à memória, à história, e à vida. Práticas estas construídas socialmente e historicamente, transformadas e ressignificadas no decorrer do tempo. Estes saberes constituem como parte das tradições desses remanescentes, mas é tradição justamente porque não são cristalizadas, porque mudam, são recriadas e reinventadas. Machado alerta que a *“forma de exercer a profissão e as benzeções se recria, se renova, se atualiza, mantendo, porém, a crença no ato mágico de curar.”* (MACHADO, op. cit, p.237).

Chego ao final deste exercício acadêmico e, imaginariamente, retomo o percurso, as idas e vindas, fosse para o cumprimento das disciplinas ou para as inúmeras visitas a Santana da Caatinga ou, as igualmente importantes lida com os referenciais cujo encontro com o empírico inventariado ensajou na elaboração do texto e na organização dos capítulos.

Neste vai e vem, destaco, ainda uma vez, o diálogo com Sodré. Afinal, a imagem da comunidade é utilizada por este autor como metáfora organizadora e foco gerador de modelos que, em termos empíricos, lhe permite inscrever a comunidade remanescente de quilombo.

De fato, mesmo despojada da tônica do confinamento, percebo que Santana da Caatinga constitui um espaço comunitário que, em meio aos embates, a luta pela preservação de práticas ancestrais, e de vetores identitários aqui, sublinhadamente observados no viés das benzeções e utilização de raízes e ervas medicinais. Neste entendimento, pude adquirir mais clareza sobre o papel da memória e a maneira pela qual repercute e interpela o cotidiano da comunidade.

“Memória, vale acentuar, não designa aqui nenhuma função psicológica, seja coletiva ou individual, mas a invenção, por enunciados presentes, de um passado ou uma ancestralidade politicamente afirmativa” (SODRÉ, op. cit, p.221).

Na esteira do raciocínio de Sodré, cristalino e pertinente, permito-me pensar que a prática das benzeduras e a lida com as plantas medicinais configuram-se num “enunciado presente”. Permito-me pensar ainda que estas práticas e representações que elas subjazem operam, mesmo entre percalços e reelaborações, como inestimável vetor identitário, nutrido por uma experiência ancestral, que não deixa de ser também, um gesto de afirmação política. Gesto que encontra, no modesto espaço deste estudo, um lugar de solidariedade e sintonia.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ACEVEDO, Rosa. *Negros de Trombetas: No caminho das pedras do Abacatal* - Belém: NAEA/UFGA, 2ª ed.1.999.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de, Walter Fraga Filho. - *Salvador: Centro de Estudos Afro - Orientais*; Brasília, Fundação Cultural Palmares, 2.006.

ALVES, Antônio Frederico de Castro. *Obra completa*. 3ª reimpressão. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aquillar, 1997.

Almanaque Administrativo, Civil e Industrial da Província de Minas Geraes para o anno de 1.865. Redigido por A.de Assis Martins e J. Marques de Oliveira. Ouro Preto. Typographia de Minas Geraes, 1.865 (p. 246).

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. *Quilombolas: Tradições e cultura da resistência*. São Paulo: Aori Comunicação, 2.006.

_____, *A África, a educação brasileira e a geografia*. In: Educação Anti-Racista: Caminhos Abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

ANDRADE, Tânia, PEREIRA, Carlos Alberto Claro, ANDRADE, Márcia Regina de Oliveira. *Negros do Ribeira: Reconhecimento étnico e conquista do território*. 2. ed. São Paulo: ITESP: Páginas e letras, 2.000.

_____. *Quilombos em São Paulo: Tradições, Direitos e lutas*. São Paulo. IMESP, 1.997

ARRUTI, José Maurício Paiva Andion. *Etnias federais. O processo de identificação de Remanescentes de Indígenas e quilombolas no Alto São Francisco*. Museu Nacional. UFRJ, Tese de Doutorado. 2.002.

BALBACH, Alfons. *A fora nacional na medicina doméstica*. São Paulo. Edições “A edificação do lar”. 1.976. 17ª ed.

_____, *As Frutas na Medicina Doméstica*. Ed. EDEL, São Paulo, 1976.

_____, *As Hortaliças na medicina doméstica*. Ed. EDEL, São Paulo, 1976.

BASTIDE, Roger. 1.971 BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas No Brasil*. Primeiro Volume. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. *O Tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRAND, John Brand, apud THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1.998.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Promulgada em 05 de outubro de 1988. São Paulo. Saraiva, 2000.

BRITO Eleonora. *Sobre o acontecimento discursivo*. In *História no plural*. Brasília Editora Unb. 1.994.

CAIXETA, Vera Lúcia. *Parteira em Minas Gerais no século XIX: Poderes e Saberes Compartilhados (1.832-1.850)*. Brasília - Dissertação de Mestrado - UnB. 2.003

CARVALHO, Maria Celina Pereira de. *Bairros negros no Vale do Ribeira: Do escravo ao “quilombo”*-Campinas-, SP, 2.006 - Tese de Doutorado- Universidade Estadual de Campinas, Instituto de filosofia e ciências humanas.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano – Artes do Fazer*. Petrópolis: RJ Vozes, 1.994.

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*, Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 1.990.

CHAUÍ, Marilena. *Janela da alma, espelho do mundo*. In: NOVAES, Adauto (org). *O Olhar*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. P. 33

_____ *Convite à filosofia*. São Paulo. Editora Ática, 2001.

COSTA, Cléria Botelho da. et. al. (orgs). *Contar História, fazer História: história, cultura e memória*. Brasília: Paralelo 15, 2001.

COSTA, Joaquim Ribeiro da. *Toponímia de Minas Gerais*. Imprensa Oficial. Belo Horizonte. 1.976.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*. São Paulo. Livraria Editora Ciências Humanas LTDA.1.979-2ª edição.

DARNTON. Robert. *O Grande Massacre de Gatos E Outros Episódios da História Cultural Francesa* 2º Rio de Janeiro Graal 1986;

DARNTON, Robert. In PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *As muitas faces da História*. Nove entrevistas. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

DURAND, Gilbert. *A imaginação Simbólica* - São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1998.

DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. – São Paulo: Contexto, 1.997.

_____, *Magia e Medicina na Colônia, o corpo feminino*. In *História das Mulheres no Brasil* - São Paulo: Contexto, 1997.

_____, *História do cotidiano e da vida privada*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org). *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro. -Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DUBY, George. *A História continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.UFRJ, 1993.

ESTANISLAU, Lídia Avelar. *Feminino Plural: Negras no Brasil*. In: Fonseca, Maria Nazareth Soares. -2. Ed., 1. reimp. -Belo Horizonte: Autentica 2.006.

FERREIA, Gullar, apud Vieira, Maria do Pilar Peixoto. Et alii, *A pesquisa em História*. São Paulo, Atica, 1.989.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 46ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 7ª. Ed. Rio de Janeiro, Graal, 1.988, p12.

FUNES, AEurípedes. *Nasci nas matas, nunca tive senhor - História e memória dos mocambos do baixo Amazonas*. In: REIS e GOMES (org). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil* – São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Barbeiros, Cirurgiões e Médicos na Minas Colonial*. In: Revista do Arquivo público Mineiro Ano XLI. Julho - dezembro de 2005.

GUIMARÃES, Carlos Magno. *Mineração, quilombos em Minas Gerais no século XVIII*. In: REIS. João José. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil* – São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Trad. Vera Mello Joscelyne. Petrópolis. RJ. Vozes-1997

GINZBURG, Carlo. *“Sinais: raízes de um paradigma indiciário”*. In: *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.166.

GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos presentes no debates sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão*. In: *Educação anti-racista: Caminhos abertos pela Lei Federal nº10. 639/03 /Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Coleção Educação para todos*

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães e PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Assim se benze em Minas Gerais*. (2.002).

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Festa, Trabalho e Cotidiano*. In: *Festa Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa, Vol. II*. Ed. Hucitec.

GULLO, Carla. PEREIRA, Cilene. *A cura no Jardim*, In: Revista, ISTO É / 1513-30/09/98.

HALL, Stuart. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*/ In Tomaz Tadeu da Silva (org): *Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2.000

_____. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro. DP&A 2.001

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2.006.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6ª ed. - São Paulo: Brasiliense, 1994.

HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

JESUS, Regina de Fátima de. *História Oral-da prática da pesquisa á prática docente: Uma opção epistemológica*. In: Garcia, Regina Leite. *Método: Pesquisa com o cotidiano*. DP&A, 2.003.

KUYUMJIAN, Márcia de Melo Martins. *Elaboração idílica do garimpeiro construindo sujeitos sociais*. In COSTA, Cléria B. (org) *História cultura e memória*. Brasília Paralelo15-2.001

LE GOFF, Jacques. *Prefácio*. In: BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O ofício do Historiador*. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.

LIMA, Maria Nazaré Mota de. *Sobressaltos na flor da idade - Expectativas sobre a inserção de jovens negras e negras no mercado de trabalho em Salvador (BA)* In Braga, Maria LÚCIA Santana de, SOUZA, Edileuza Penha de PINTO, Ana Flávia Magalhães (org). *Dimensões da inclusão no Ensino Médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade, 2006. Coleção Educação para todos.

LIMA, Roney Carlos. *Tradições e Território no Fio da Espada: Os Bernardos de Santana do Tabuleiro - MG. (1970-2005)* Dissertação apresentada ao curso de História de pós-graduação em História, Instituto de Brasília - UnB, 2.005.

LINHARES, Luiz Fernando do rosário. *“Terras de preto”. Formas de territorialidades específicas*. Vitória: Anais Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. 2004.

LINHARES, Maria Yeda. *História agrária*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org). *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro. -Rio de Janeiro: Campus, 1997.

LUCILENE, Reginaldo. *Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades: africanas na Bahia setecentista* - Tese de doutorado apresentada a Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo 2005.

MACHADO, Maria Clara T. *Culturas Populares e Desenvolvimentismo no interior das Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo* (1950-1985). Tese de doutorado. São Paulo: USP. 1997

_____. Associação Nacional de História - XXIV - Simpósio Nacional de História- 2007

MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAGALHÃES, Nancy Aléssio e Marta Litwinczik Sinoti. *Memória e direitos: Moradias e abrigos em Brasília:* - NECOIM, 2.001.

MAGALHÃES, Nancy Aléssio. *Narradores: Vozes e poderes de diferentes pensadores* In: COSTA, Cléria Botelho et al. *Contar História, Fazer História - História Cultura e Memória*. Brasília: Paralelo 15

MARIM, Rosa Elizabeth, acevedo, CASTRO, Edna Maria Ramos de. *No caminho de Pedras de Abacatal: Experiência social de grupos negros no Pará*. Belém: NAEA/UFPA, 2ª. Ed.2.004

MATOS, Olgária. *A Narrativa: Metáfora e liberdade*. COSTA, Cléria Botelho e MAGALHÃES, Nancy Aléssio et alii, Brasília, Paralelo 15, 2.001.

MELO Laura de. *O diabo e a terra de Santa Cruz; Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MELLO, Maria T. Negrão Ferraz de. "Se esta quadra fosse minha". In MEDINA, Cremilda, (org) *Narrativas a céu aberto: Modos de ver e viver em Brasília*-Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1.998.

_____. *Clio, A musa da história e sua presença entre nós*. In: COSTA, Cléria Botelho et alii, - Brasília: Paralelo 15, 2.002.

_____. *Santa Maria, Pinta e Nina: A redescoberta dos Caribes em espaços discursivos brasileiros*. In ALMEIDA, Jaime de et alii. *Cenários Caribenhos*, Brasília: Paralelo 15, 2.003.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *Memórias vivas de um tempo. Padres e Artesãos: Narradores itinerantes*. In: COSTA, Cléria Botelho da. et. al. (orgs). *Contar História, fazer História: história, cultura e memória*. Brasília: Paralelo 15, 2001.

MORIM, Edgar. O método III. *O conhecimento do conhecimento* / Lisboa, Europa-América, 1.986, p.105.

_____. *A religião dos saberes. O desafio do século XXI*. 4ª ed. Rio de Janeiro-Bertrand Brasil, 2.004.

MOTT, Luiz R B. *Cotidiano e vivência religiosa: Entre a capela e o Calundu*. In Laura de Mello e Souza (org). *História da vida privada no Brasil: Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1.997.

MOURA, Clóvis. *Os quilombos e a rebelião negra*. Coleção: Tudo é História. São Paulo. Editora Brasiliense1. 981

_____. *Quilombos: Resistência ao Escravismo*. Editora Ática. São Paulo. 1.993

_____. *Formas de resistência do negro escravizado e do afro-descendente*. In:

_____. *Sociologia do Negro brasileiro*. São Paulo: Editora Ática S/ A, 1988.

MUNANGA, Kabengele (Org.) *O negro na sociedade brasileira: resistência, participação, contribuição*. Brasília: Ed.. Fundação Cultural Palmares, 2.004.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. *O que é Benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Eficácia Simbólica de cura e razão analógica*. 2.006.

_____. *O que é medicina popular*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos: 31)

OLIVEIRA, Edna dos SANTOS. *Da tradição oral a escritura: História contada no Quilombo Curiaú*. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas. Instituto da Linguagem - Campinas. São Paulo. 2.006.

OLIVEIRA MELLO, Antônio de. *As minas reveladas (Paracatu no tempo)*. Ed. da Prefeitura Municipal de Paracatu, 2.002. 2ª ed. revista, m ampliada, atualizada. 2.002.

O NEGRO NO MERCADO DE TRABALHO - Seminários e Oficinas. Realização: Ministério da Cultura, Fundação Cultural Palmares, Ministério do Trabalho e Emprego.

PAIVA. Eduardo França. *História e Imagens*. Autêntica. Belo Horizonte 2002;

PALLARES-Burke, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da História. Nove entrevistas*. -São Paulo: Editora UNESP, 2.000.

PEIXOTO et alii HAAL, Stuart. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ In: Identidade e diferença*. Tomaz Tadeu da Silva (org). -Petrópolis, RJ: Vozes. 2.000

PEREIRA, Lusia Ribeiro. VIEIRA, Marta Lourenço. *Fazer Pesquisa é um problema?* Belo Horizonte: Editora, 1999.

PESAVENTO, Sandra. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. *Memória e História: As marcas da violência*. In: Revista Fênix. Julho/agosto/setembro/2.006. Vol. 3. Ano III. Nº. 3. Uberlândia: www.revistafenix.pro.br

PROGRAMA BRASIL QUILOMBOLA. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), Brasília-DF

PIMENTEL, Helen Ulhôa. *Universo Mágico Colonial Feiticeiros e inquisidores nos dois primeiros séculos da colonização do Brasil*. Tese de doutorado apresentada a Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História; Brasília, 2005

QUINTANA, Alberto M. *A ciência da benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. -Bauru, S P: EDUSC, 1999.

RAMOS, in: REIS. João José. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil* – São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

REZNIK, Luiz. Qual é o lugar da história local?Disponível em: www.uerj.br. Acesso em 20/02/2006

REIS, João José. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil* – São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil. De Varnhagem a FHC.. 5 ed.* - Rio de Janeiro. Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002.

RIBEIRO, Darci. *O Processo Civilizatório: etapas da evolução sócio-cultural*. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1999.

RIBEIRO, Luzia Pereira e VIEIRA, Marta Lourenço. *Fazer Pesquisa é um problema?* Belo Horizonte 1998.

RIBEIRO, Matilde. *Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-Raciais e para o ensino de História da Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília. DF, 2.005.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. O Eldorado no Brasil Central: História Ambiental e convivência sustentável com o Cerrado. In: Héctor Alimonda. (Org). *Ecologia Política - Natureza, sociedad y utopia*. Buenos Aires: CACLASO - Consejo latinoamericano de Ciencias Sociales.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Edição Comemorativa. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2.006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* - Petrópolis, R J: Vozes, 2.000.

SANT'ANNA, Eliana. *O sistema terra*. In: Revista Semeando: Edição Anual-Ano 2 - Ano 2007.

SANTOS SILVA, Valdélino. *Rio das Rãs a luz da noção de Quilombo*. Revista Afro - Ásia. Nº. 23, 2.000.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: Identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 1.999.

_____. *A verdade seduzida por um conceito de cultura no Brasil*-Rio de Janeiro: DP&A, 2.005. 3. ed.

SOGAME, Maurício. SCARIM, Paulo César. *Territórios quilombolas do norte capixaba. Expropriação e resistência*. III Simpósio Nacional de Geografia Agrária - II Simpósio Nacional de Geografia Agrária. Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira-Presidente Prudente, 11 a 15 de novembro de 2.005.

SOUZA, Francisca Maria do Nascimento. *Linguagens escolares e produção do preconceito*. In: *Educação anti-racista: Caminhos abertos pela Lei Federal nº10. 639/03 /Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Coleção Educação para todos*

STORT, Eliana V.R. *Cultura, imaginação e conhecimento: a educação e a formalização da experiência*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP,1993.

SUNDFELD, Carlos Ari (Org.). *Comunidades Quilombolas: Direito a Terra*. Brasília: Fundação Cultural Palmares/Min C/ Editorial Abaré. 2002

VAINFAS, Ronaldo, *Dicionário do Brasil Colonial*. Objetiva LTDA. Rio de Janeiro. 2000.

VERGER, Pierre Fatumbi. *EWE-Use das plantas na sociedade IORUBÁ* São Paulo. Companhia das Letras. 2.004

Woodward, Kathryn. *A identidade e a diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org)*. -Petrópolis, R J: Vozes. 2.000

ZACCUR, Edwiger. *Metodologias abertas a itêrâncias, interações e errâncias cotidianas*. In: *Método: Pesquisa com cotidiano/ Garcia, Regina Leite - DP& A, 2.003.*

5.2 - Bibliografia visitada

BREU, M; SOIHET, R. (orgs.). *História, conceitos, temática e metodologia*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003.

ANDRADE, Tânia (org). *Quilombos em São Paulo. Tradições, direitos e lutas*. São Paulo. IMESP, 1.997.

AZEVEDO, Cecília. *Identidades Compartilhadas – a identidade nacional em questão*. In:

BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 4ª ed., São Paulo/ Brasília: Hucitec/UNB, 1999.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre Literatura e história da Cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *O Narrador*, in *Obras escolhidas*, Vol1, São Paulo, Brasiliense, 1.987.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.

BRANDÃO, Carlos R. *Os deuses do Povo: um estudo sobre religião popular*. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1986.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

_____. *Variedades de história cultural*. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2.000.

_____. *História como memória social*. In: *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. *As Culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Cortez, 2001.

CASCUDO, Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Ediouro, Coleção Terra Brasilis, 2000.

CÂMARA. Luis Cascudo da. *Literatura Oral no Brasil* 3ª Belo Horizonte Itatiaia São Paulo 1984.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 2ªed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2.002.

CHAGAS, Mirian de Fátima Chagas. *A política do reconhecimento dos remanescentes das comunidades dos quilombos*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - IFCH - UFRGS -Revista Horizontes- Rio Grande do Sul. 2007

DUBY, Georges e LARDREAU, G PAIVA. Eduardo França. *História e Imagens*. Autêntica. Belo Horizonte 2002. *Diálogos sobre a Nova História*. Lisboa, 1.989-

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.

GUINSBURG, Carlo. *O queijo e os Vermes*. Trad. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

HOBBSAWM, Eric. *A invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra/História, 1984.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

KATRIB, Cairo Mohamad I. *Nos mistérios do Rosário: as múltiplas vivências da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário* – Catalão (GO) (1936-2003). Uberlândia, UFU, dissertação de Mestrado (Mimeo), 2004.

LEACH, Edmund. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996.

LE GOFF, Jaques. *Monumento/Documento*. In *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Casa da Moeda/Imprensa Nacional, 1.985. v 1

_____. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura Popular – em busca de um referencial conceitual*. In: Cadernos de História. Uberlândia: Edufu, n°. 05, 1994.

_____. *Religiosidade no Cotidiano popular Mineiro: Crenças e Festas como Linguagens Subversivas*. In: História & Perspectiva. Uberlândia, n°. 22, jan./jun., 2000.

_____. *Cultura Popular: um contínuo refazer de práticas e representações*. In: História e Cultura – Espaços Plurais. Uberlândia: Aspectus, 2002.

MELLO, Maria T. Negrão Ferraz. *Cultura e Representação no Repertório de Xangai*. In: COSTA e MACHADO (orgs) *Imaginário e História*. Brasília: DF. Paralelo 15.1.999.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: Investigações em psicologia social* - Petrópolis. RJ: Vozes, 2.003

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PESAVENTO, Sandra J. *Indagações sobre História Cultural*. In: Revista Artcultura. Uberlândia: NEHAC/UFU. N°. 03, 2001.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento e Silêncio*. In: *Estudos Históricos: Memória*. São Paulo: Vértice, 1989.

RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo 1. Tradução de Constança Marcondes César. São Paulo: Papirus, 1994.

SLENES, Robert W. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil sudeste século XIX* - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

THORNTON, John. *A África e os africanos na Formação do Mundo atlântico, 1400-1800*. Campus, 2004.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Foucault revoluciona a História. Brasília: UNB, 1982.